

Nem o tempo e a distância podem separá-los

61 DIAS EM

London



HELLEN PIMENTEL

Autora de "Natasha" e "Além do Céu e Mais Um Dia"



61 DIAS EM

londres

prólogo



Tudo está do mesmo jeito. Por um segundo, se eu fechar os olhos, consigo fantasiar que nada mudou. Consigo fazer o relógio voltar oito anos atrás, quando esse quarto ainda era cheio de vida e energia e gargalhadas, e não somente um cômodo totalmente esquecido da casa. Tudo tem o mesmo cheiro – cheiro *dela* – e nada saiu do lugar desde a noite trágica de sexta-feira.

A luz pisca quando aperto o interruptor, enfim estabilizando sua luz branca no cômodo grande e que um dia foi arejado. Tudo o que vejo é sua cama que continua perfeitamente arrumada, seus livros meticulosamente alinhados na estante empoeirada, o antigo computador na bancada, desligado...

É como se Julia ainda estivesse aqui.

Como se nunca tivesse partido.

Não ponho os pés nesse quarto desde que a encontrei, e jurei que *nunca mais* na minha vida faria isso.

Mas cá estou eu.

Não sei de onde tirei coragem, depois de anos passando pelo corredor e ignorando-o como se nunca estivesse aqui. Acho incrível a capacidade que a minha família criou de fingir demência para o fato de que existem três quartos nesse apartamento, e não somente dois.

Também acho incrível a capacidade que criaram de esquecer que tiveram duas filhas, e uma delas continua viva, mesmo a outra não estando mais aqui.

O trovão que anuncia as chuvas de inverno me dão um arrepio na espinha, que nada tem a ver com o frio, e esfrego os braços na esperança de afastar a sensação de estar sendo observada, lembrando de quando Julia deixava que eu dormisse com ela quando essas tempestades aconteciam.

— Você é uma pentelha. — Ela dizia com um sorriso na voz, sempre abrindo espaço na cama para mim. — Mas eu te entendo. Também

odiava tempestades na sua idade. – Ela encarava a grande janela do quarto, vendo a chuva torrencial cair do lado de fora. — Depois de um tempo a gente passa a se identificar com elas.

Se eu pudesse entendê-la na época... Se soubesse o que seu olhar vazio significava, se pudesse antecipar seus atos, talvez tudo fosse diferente agora. Se eu não a visse só como minha irmã mais velha, invencível, super heroína que me protegia dos trovões de uma chuva idiota, que lia histórias para me acalmar, que me irritava no café da manhã, que estava ali quando precisava... Se eu soubesse, nos meus míseros doze anos, que Julia era a pessoa mais triste da face da Terra, talvez pudesse ajudá-la.

Antes que perceba, estou caindo. Caindo lentamente em frente a sua cama, onde a encontrei, e encaro seu estúpido bixinho de pelúcia de infância, caído ao meu lado, que deveria estar sobre o travesseiro. Encaro-o, e pela primeira vez em anos, eu choro, não sentindo raiva como costumava sentir. Não penso *“eu te odeio, Julia. Te odeio por ter me deixado. Te odeio por ter destruído nossa família, te odeio por não ter contado pra mim o que estava acontecendo...”*. Choro, e fico sentada no chão do quarto de um fantasma do que um dia foi minha irmã, permanecendo nessa posição o tempo necessário para perceber que não quero ficar aqui. Me viro, estico a mão e pego o ursinho encardido, sentindo o peito se apertar com o choro intensificado, como se de repente Julia estivesse no quarto comigo, sentada ao meu lado, esperando que eu dissesse algo.

— Me desculpe por tê-la desapontado – digo, engasgando com o nó gigante na garganta. — Me desculpe por não ter percebido o que realmente estava acontecendo com você quando perguntava se estava tudo bem.

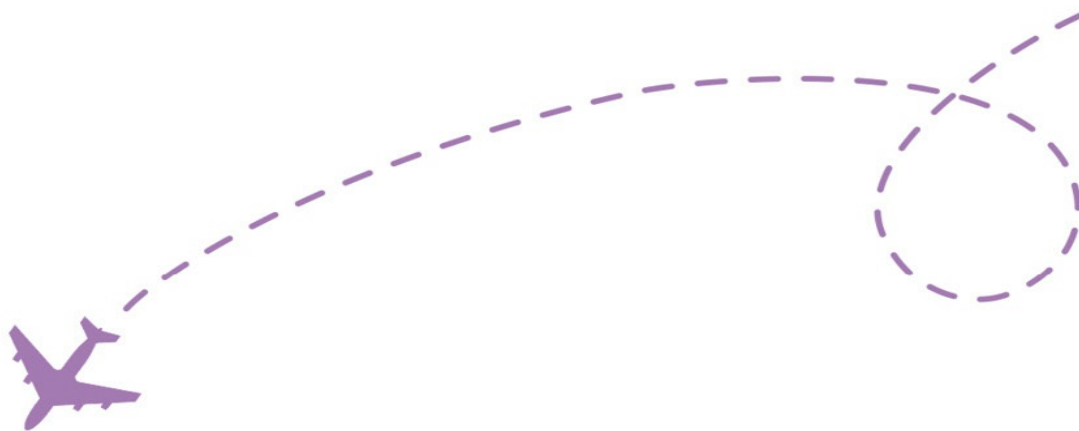
Fungo mais uma vez, seco o rosto, empurro meu corpo para cima e consigo ficar de pé, dando os dois passos necessários para colocar o ursinho em cima do seu travesseiro, de onde não deveria ter saído.

— Eu não te odeio, Julia. – O sentimento ameaça me destruir, mas é de alívio, enfim. — Eu te perdoo. Você teve seus motivos, e eu te perdoo. Mas também espero que me perdoe, de onde quer que esteja. Me perdoe, pois não posso mais viver minha vida escondida atrás do

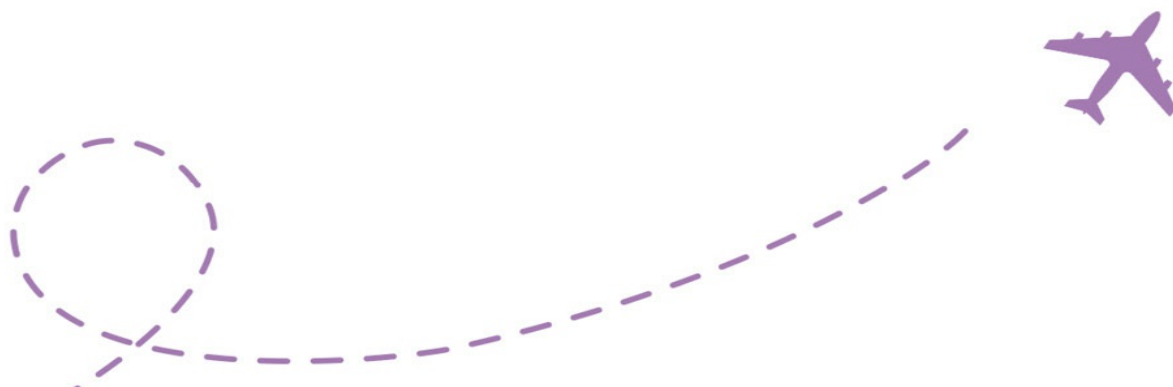
seu fantasma.

Olho em volta pela última vez, tentando guardar cada centímetro desse lugar, na esperança de tê-lo comigo não mais como um espaço assombrado, e sim com as lembranças mais calorosas que posso ter de Julia com seu sorriso grande e branco e sua presença chamativa. Caminho até a porta, dando um suspiro pesado com a mão na maçaneta, pensando com pesar que eu tenho a mesma idade que ela tinha quando fez a coisa mais idiota – ou mais corajosa – de toda sua vida.

Que ironia, penso. Estou prestes a fazer o mesmo.



Junho
2012





Observo a cidade passar como um borrão pela janela do taxi, encarando tudo sem realmente prestar atenção. O céu está nublado, pesado, e temo que isso traga qualquer complicação no voo que me aguarda. Todos os últimos cinco anos da minha vida parecem se resumir nesse momento em que estou a caminho de enfrentar mais de um dia inteiro entre aviões e aeroportos, somente para pousar na cidade dos meus sonhos.

Olhando para trás, percebo que todo o esforço valeu a pena – pelo menos é disso que quero lembrar quando meus dois meses acabarem e eu ter de voltar para o Rio – entre estudar pela manhã e trabalhar na cafeteria até a noite por três anos, economizar todo centavo e planejar cada segundo dessa viagem, não há nada que eu tenha sonhado mais na vida. A lembrança da rotina corrida, cansativa e de todas as vezes que derrubei café enquanto estudava para o vestibular nos pequenos intervalos só me fazem suspirar com satisfação ao pensar que o pior já passou. Em saber que estou fazendo isso por *mim*, através dos meus próprios méritos.

Reviro os olhos para o nada quando lembro com sarcasmo a falta de surpresa e emoção dos meus pais quando dei a notícia de que havia fechado o pacote de intercâmbio em outro país. Sua filha mais nova passaria dois meses fora, e o máximo que consegui tirar deles, foi *“se precisar de dinheiro, fale com a gente”*.

Como se uma lembrança estivesse ligada diretamente a outra, sou arrastada involuntariamente para o dia em que tudo mudou. Do momento em que tudo ao meu redor sofreu uma transformação inacreditável. Tenho somente doze anos e estou entrando em seu quarto de novo, depois de ter chegado da escola. Como todas as outras sextas, espero vê-la sentada em sua bancada ou jogada no tapete felpudo, lendo mais um de seus livros, mas o que vejo é Julia deitada na cama, imóvel. Assustadoramente me encarando com olhos cinzas, como uma piada de mau gosto.

Minha primeira reação é rir e esperar que ela pisque, se divertindo com a pegadinha escrota, pois é uma coisa nossa, sabe. Passamos horas planejando o próximo susto e brincadeira que vamos pregar na outra, mas o frio que sinto na espinha não tem nada a ver com o medo de Julia levantar de repente e correr para me pegar.

E eu espero conseguir voltar a respirar. Espero conseguir me mexer, e quando o faço, é para andar até ela e sacudir seus ombros.

Ela não se mexe, e avaliando a cena que me assombraria pelo resto da vida, lembro de sentir sua pele fria. Lembro de sentir meu coração ser arrancado do peito. Lembro do horror e do medo e da confusão de tentar entender o que estava acontecendo.

Como minha irmã mais velha, de vinte anos, poderia simplesmente estar morta? Pessoas novas não morrem assim do nada, não caem duras da noite para o dia.

Mas então eu senti. No momento em que dei um passo para trás, pronta para correr e chamar meus pais, meu pé encontrou algo além do tapete, e vi o frasco parcialmente esmagado.

Vazio.

Depois desse dia minha família se tornou um fantasma. Suicídios poderiam acontecer o tempo todo, mas nunca era conversado tão abertamente como é hoje na internet. Esse tipo de coisa acontecia com

terceiros, quartos, mas nunca tão próximo de nós.

Nunca com alguém do nosso lado.

Me senti frustrada a maior parte da adolescência por não ter a atenção necessária dos únicos familiares diretos que eu tinha, fosse para me impedir de sair com meus amigos, fosse para pegar no meu pé para estudar. O silêncio deles sempre foi ensurdecedor, e não necessariamente fiz tudo o que uma pessoa na minha idade deveria ter feito. Enquanto meus amigos de 17 anos fugiam na madrugada para ficarem bêbados e fazerem coisas idiotas, eu permanecia em casa na esperança de ser notada.

Depois do que aconteceu, foi como se eu tivesse desaparecido completamente de suas vidas, e o fato de eu ter 20 anos, fracassado duas vezes no vestibular e por último ter caído na lista de espera, não os deixaram tão decepcionados quanto realmente deveriam ter ficado. Tento não lembrar que Julia passou para a faculdade de primeira, quando ainda estava no último ano do ensino médio, e com a minha idade, já estava na metade do curso de direito.

Bem, Julia desistiu de tudo bem antes de você. Pelo menos agora você está dando um passo gigante e fazendo algo para si.

Esse é um bom jeito de me incentivar a ter coragem de viver os melhores dias de minha vida.

Por mim.

Por Julia.

Eu sabia que a viagem seria longa e muito provavelmente cansativa, mas nada me preparou para esse pesadelo que se desenrola a minha frente. Passo catorze horas do Rio de Janeiro a Miami, onde ocorre a primeira escala, e tenho vontade de chorar quando penso que terei no mínimo mais catorze horas de Miami a Londres.

Quando enfim pousamos, levo longos minutos para sentir a circulação das pernas voltarem ao normal, com dores em lugares do corpo que nem sabia ser possível doer.

Levei comigo entretenimento o suficiente para não morrer de tédio, mesmo ciente de que os voos internacionais estão preparados para todo tipo de necessidade que tivermos, mas a espera ainda é agonizante. Parece que tem um monstro sentado no meu diafragma

que além de me impedir de respirar direito, tem poderes mágicos que retardam o funcionamento do relógio.

Ansiosa e inquieta, ando por toda área de embarque enquanto o voo não é chamado, e só me dou conta de que estou horrível quando vou ao banheiro. O cabelo que normalmente tem belos cachos cor de mel, está todo desgrenhado, cheio e sem forma. Passo longos minutos tentando ajeitá-lo, simplesmente grata por ter achado algo útil para fazer, mas quando me dou por vencida e sei que não sou capaz de fazer milagres, prendo-o em um rabo de cavalo alto da melhor forma que posso.

Quando saio, decido que é melhor chegar em Londres prevenida, por isso aproveito a oportunidade para comprar um *chip* internacional, já com pacote de dados.

O voo de Miami a Londres só sai às 21h30, e sei que tenho sorte, pois normalmente essas conexões atrasam para caramba. Faço as contas mentalmente antes de embarcar e envio uma mensagem para a agência de intercâmbio, avisando a hora aproximada que devo pousar.

E lá vamos nós para mais catorze horas dentro de uma lata que voa.

Nunca tive medo de voar, mas também nunca fiquei tanto tempo dentro de um avião. Decido que é melhor tomar um calmante para que durma pelas próximas dez horas, e quando acordo todo esse tempo depois, percebo que não foi uma boa ideia. Meu corpo, olhos e cabeça estão pesados, cansados demais para ter vontade de fazer qualquer coisa. Abro a portinhola da janela e vejo que começa a amanhecer, mas ainda estamos em algum lugar acima do oceano. Com um ímpeto de coragem e em completo silêncio, pego minha nécessaire e vou para o banheiro, pensando que talvez esse tenha sido o maior período que fiquei sem falar com nenhum ser humano, sem ser “*bom dia*”, “*boa noite*” e “*um pouco de água, por favor*”.

No espaço minúsculo e sufocante escovo os dentes e molho um pouco o cabelo para tentar dar vida aos cachos depois de amassá-los bastante. Passo uma maquiagem leve no rosto na esperança de disfarçar as olheiras de cansaço e saio para dar lugar a uma senhora rabugenta que esteve batendo na porta nos últimos cinco minutos.

Volto ao meu assento bem a tempo de a equipe de bordo começar a servir o café da manhã. E é nessa hora que meu estômago começa a revirar. A sensação assustadora nada tem a ver com a fraca turbulência que nos sacode no lugar.

Logo em seguida o piloto nos dá bom dia.

— Bom dia a todos. Obrigado por voarem conosco. São 11h30 da manhã em Londres, temperatura de 10°C. Aterrisagem prevista para 13h30. O dia está parcialmente nublado, sem previsão de chuva.

A ficha cai como uma bigorna de 50kg no estômago, fazendo com que eu segure os braços da poltrona com mais força. Ao entender que em menos de três horas vou viver o que sonhei durante anos, sinto a respiração mudar, como se a quantidade de oxigênio disponível no avião tivesse sido reduzida a nada.

E mesmo assim, estou sorrindo sozinha.

Dou play em qualquer filme para passar o tempo, e quando menos percebo, o sinal de afivelar os cintos é acionado e a equipe de comissários se preparam para o pouso.

Não vomite agora, por favor, não vomite agora.

Sou incapaz de tirar os olhos da janela, o coração batendo com tudo junto ao peito. Um misto de emoções e sentimentos me pegam em cheio enquanto o avião vai perdendo altitude, saindo das densas nuvens escuras, somente para dar lugar à visão perfeita da cidade se aproximando de nós. Penso em como lutei por isso, em como venci meus medos, como encarei a verdade e superei a difícil tarefa que tive de encarar a adolescência com a perda tão trágica, como fui contra todos os indícios de fracasso, em tudo que me trouxe para esse exato momento em que vejo com detalhes o Big Ben, London Eye, London Bridge e todos os marcos e lugares históricos que tanto conheço.

Por isso respiro fundo para controlar as lágrimas que aquecem meu rosto, fecho os olhos e agradeço. Agradeço a mim, acima de tudo, por ser teimosa o suficiente para não desistir nunca.

Poucos minutos depois estamos pousando no London City Airport, e é nesse ponto que prometo a mim que farei de tudo para ter os melhores dois meses da minha vida. Aqui não sou a Nina com uma família complicada, não sou a Nina que tem uma irmã morta, não sou

a Nina que foi esquecida pelo tempo. Aqui posso ser quem eu quiser, criar histórias, traçar meu destino, fazer o que quiser fazer.

Em Londres eu sou livre.

Trinta minutos depois estou na sala de desembarque. Trouxe duas malas comigo, tirando a de mão e minha bolsa, e empurro o carrinho de bagagens enquanto saio. Varro os olhos pela pequena multidão que está atrás da contenção, tendo um pequeno ataque de pânico ao pensar que fui totalmente esquecida pela agência, e que não terá ninguém aqui para me receber.

Eu que não tenho nem 10£ no bolso, ainda.

Como um aviso para deixar de ser idiota, vejo meu sobrenome impresso em um papel com a logo da agência de intercâmbio logo em cima. O homem que a segura é alto, pálido e parece tão perdido quanto eu estava há três segundos.

— Marques? — Ele pergunta quando me vê encarando demais. — Nina Marques?

— Sou eu — sorrio timidamente e aceito seu aperto de mão firme.

Ele guarda o papel no bolso logo em seguida, pegando meu carrinho em um gesto gentil.

— Como foi o voo? Ah, desculpa. Me chamo Jeff. Você estava tratando tudo com a Alice, certo?

Acompanho seus passos largos pelo lugar lotado, tentando prestar atenção em tudo a minha volta e manter uma conversa simultânea com ele.

— Isso. Tratei tudo com Marcos do Brasil e Alice, daqui.

Jeff assente, desviando com agilidade das pessoas, considerando que empurra um carrinho pesado. Parece fazer isso com muita frequência.

— Certo. Ela deve ter avisado que eu iria te buscar. Trabalho na sede da agência e faço esse primeiro contato com os alunos. Mas me diz: animada com a viagem?

Estou completamente fascinada pelo seu sotaque carregado, e me pego rezando baixinho para que saia daqui do mesmo jeito, senão pior.

— Ah, sim. Com certeza. Planejei e sonhei com esse intercâmbio por

anos. Estou sendo coerente à base de calmantes. Caso contrário, estaria surtando bem agora.

Jeff ri, pelo menos tendo o senso de humor de entender uma boa piada.

— Tenho certeza de que vai amar a cidade. E veio em uma época boa. O verão começa em poucas semanas. Hoje ainda está nublado, mas ontem o sol saiu. É a época em que as pessoas estão mais felizes e simpáticas. Sem contar os dias longos.

Dou de ombros.

— É sempre calor de onde venho, então não vou me incomodar nem um pouco de pegar umas temperaturas baixas.

Jeff me explica o itinerário, que será em me deixar na república do intercâmbio que fica em Betahnal Green, localizado menos de vinte minutos de metrô do centro de Londres. Lá terei hospedagem por trinta dias. Diz que vou ter que assinar algumas coisas e pegar informações finais para o início das aulas que irão começar na segunda-feira.

— É um bairro bem agitado, cheio de estudantes e muito movimentado. Sem contar que você vai estar a menos de vinte minutos do centro. É uma localização muito boa.

Quando saímos do estacionamento com as janelas parcialmente abertas, confesso que está realmente frio, mas sei que é frio só para mim. Dezoito graus para esse povo não é nada, e quando a temperatura atingir sua normalidade de 22°C, todos estarão comemorando o verão, mesmo isso sendo o meu inverno. O céu está parcialmente nublado, com um sol tímido tentando dar as caras depois de tantos meses escondidos pela capa nublada praticamente impenetrável que cobre a Inglaterra. O tempo cinza nem mesmo me desanima. Sempre gostei da melancolia que ele me passa, e depois de um tempo passei a associar esse sentimento com o de Julia sobre as tempestades. Hoje entendo o que ela queria dizer com *“Depois de um tempo a gente passa a se identificar com elas”*.

Me pego novamente sem conseguir tirar os olhos da janela do carro, mas agora meus pensamentos são totalmente diferentes. A animação e ansiedade ameaçam me quebrar ao meio, por isso fecho a mão em

punhos e tento não parecer totalmente louca na presença de Jeff, que joga conversa fora.

Observo as ruas incríveis, as construções magníficas, montando um cenário contemporâneo com uma pitada de clássico. A mistura do velho e do novo, da história e atualidade, antiguidade e tecnologia. Percebo que estou sorrindo de canto a canto, com o coração como tambores aos meus ouvidos.

Sou trazida para a realidade quando Jeff diz que chegamos e para o carro em frente a um prédio horizontal de três andares, com a fachada de tijolos vermelhos e grandes janelas quadradas. É idêntico às fotos que a agência me mostrou, sem tirar ou pôr nenhum detalhe.

Passamos pelas portas duplas juntos, cada um carregando duas malas; eu a de mão e a bolsa tiracolo atravessada no peito e Jeff com as maiores. Olho em volta com pura admiração, me dando conta que tudo faz jus ao nome. Student House. É literalmente uma casa. A recepção é o primeiro cômodo que vejo, mas pelos portais largos que se estendem a minha direita e esquerda, vejo espaços comuns como de qualquer outra casa, mas em proporções maiores.

— Está entregue. — Jeff me traz de volta para a realidade. — A partir de agora Gil vai te atender e passar as informações.

Gil deve ser a menina que está atrás do balcão de madeira envernizada e sorri para mim de modo atencioso. Não deve ter mais de 25 anos, com cabelos curtos e modernos, dando um ar de descolado que cai muito bem nela.

— Obrigada, Jeff! Te vejo ainda hoje? — Ela pergunta enquanto pego minha pasta de documentos na bolsa, me preparando para toda a burocracia que vem a seguir.

— Tenho mais três para trazer. — Jeff diz e se despede de nós. — Foi um prazer, Nina. Bem-vinda a Londres.

— Obrigada, Jeff!

— Você deve ser Nina Marques, certo? — Gil pergunta enfim.

— Isso! Eu mesma — aperto sua mão, sentindo borboletas idiotas no estômago.

— Sou Gil, uma das recepcionistas. Você sempre vai me ver por aqui. Senão eu, a Letha, mas ela fica mais na parte da noite. Vou te dar

alguns papeis e você preenche para mim? É coisa rápida. Enquanto isso dou baixa na sua chegada e então te levo para conhecer o lugar.

— Tudo bem. Vamos lá.

Um formulário é de coisas básicas, como informações pessoais. Outro é um pequeno formulário de avaliação sobre o meu traslado, e o terceiro é só um documento afirmando que dei entrada naquele dia e horário.

— Tudo pronto aí? Porque eu acabei aqui! – digo cinco minutos depois.

Gil sai de trás do balcão e pega as folhas que estendo para ela, só para pedir que eu a acompanhe.

— A minha parte preferida: o *tour*.

Ela me leva para conhecer todo o primeiro andar, que é composto basicamente de salas de estar com grandes televisões, salas de leitura e a cozinha, que é gigante.

— Temos duas cozinhas. Uma em cada extremidade da casa. Aqui você pode ficar à vontade para comprar suas coisas e cozinhar o que quiser. A maioria dos alunos optam por isso, já que a economia é enorme.

Essa é uma boa notícia, até porque Londres não é a cidade mais barata do mundo para se viver, ainda mais levando em consideração que meu dinheiro não é lá grandes coisas e que ainda vou ter que me virar com quatro semanas de estadia, já que o intercâmbio só me dá as quatro primeiras.

— Então vamos subir.

Refazemos o caminho e voltamos para a recepção, onde Gil me indica a escada larga de madeira em L que passa por cima do balcão em que estive pouco tempo atrás. Dou de cara com um corredor igualmente largo com o chão de madeira corrida que range sob nossos passos. As paredes têm decoração rústica até a metade, com tinta branca e marfim do meio para cima. Vários quadros com cores vivas e chamativas decoram o caminho.

— Não tem bem uma regra ou ordem que seguimos, mas há quartos só para meninos e quarto só para meninas. O quarto que você vai ficar, obviamente, é só para meninas, mas ele já pode ter sido só de

meninos. Entende? – Ela vira para trás para se certificar que concordo.
– Cada quarto acolhe quatro estudantes, e cada um deles tem um banheiro. O seu é esse aqui. – Gil para no meio do corredor e aponta para a porta da esquerda.

Entro com receio e vejo dois beliches, um de cada lado do quarto. Não é gigante, mas também não é tão pequeno quanto achei que seria. Há dois armários, uma escrivaninha com cadeira e várias outras coisas úteis.

– A sua cama é essa, de cima. – Gil aponta para a beliche da direita.
– Há um espaço no armário para você. Dentro deles temos um tipo de baú com cadeado. Nunca aconteceu de sermos roubados, mas como é uma república e quartos divididos, é sempre bom haver precauções. Pode começar a se instalar que Janet já vai trazer suas roupas de cama. Qualquer dúvida pode se direcionar a nós lá embaixo. Aqui está seu mapa. Nele estão as coordenadas de como chegar na escola segunda-feira. O metrô não fica a nem duas quadras daqui. É muito bem localizado. Alguma pergunta?

Estou um pouco apática por tantas informações, então levo cinco segundos para processar tudo.

– Ah, não. Na verdade, não. Obrigada, Gil.

– Disponha. Fique à vontade. – Ela se vira para sair, mas a impeço antes disso.

– Na verdade, onde estão minhas colegas de quarto?

Gil se vira e me lança um sorriso sarcástico.

– É sábado à tarde. Onde você acha que elas estarão?

– Claro...

Me sento na cadeira da escrivaninha e olho em volta. É simplesmente surpreendente. Já faz mais de uma hora que estou na terra da Rainha e ainda não caiu a ficha. Quando que isso irá acontecer? Não faço a menor ideia...

Começo o processo de instalação poucos minutos depois, e já estou com uma mala aberta no meio do quarto quando uma mulher bate à porta que ainda está aberta. Ela traz nos braços uma grande pilha de cobertas.

– Senhorita Marques? – pergunta, ainda sem entrar. – Vim deixar

suas roupas de cama.

— Janet, certo? — pergunto ao me levantar. — Gil disse que você viria. Muito obrigada — pego as cobertas e vejo-a assentir, agradecida.

— Tenha um bom dia.

— Você também.

Tenho que admitir que adoro a educação desse povo. Sei que isso não vem de todos e que na maioria das vezes eles são fechados e introvertidos, e talvez eu não esteja nem um pouco acostumada com isso, mas se tem algo ao qual eu queira ser lembrada aqui, será pelo bom humor, carisma e alegria do meu país. Afinal, pelo menos isso temos de bom.

Deixo uma mensagem para minha mãe falando que cheguei, não que ela vá realmente se importar. Acabo de arrumar algumas coisas no baú e fecho com o cadeado que tinha na tranca, guardando a chave na bolsa. Já são cerca de 17h30 e não faz menção nenhuma de escurecer lá fora. Por ser verão, o sol se põe em torno das 21h, e mesmo estando exausta pela viagem cansativa, vejo que ainda tenho tempo de sobra caso queira fazer alguma coisa.

A ideia de poder tomar um banho me arranca da cadeira com mais entusiasmo e fico aliviada por ter um banheiro em nosso quarto, mesmo sendo pequeno. Não consigo imaginar o caos que seria dividir um banheiro só com todas as meninas do andar.

Me permito um banho relaxante de dez minutos depois de enfim conseguir ajustar a água quente, sentindo os nós de tensão dos dedos dos pés e dos ombros se desfazerem; um por estar dentro de uma bota por mais de vinte e quatro horas e outro por ter passado todo esse tempo em uma posição desconfortável na poltrona do avião.

Quando saio, visto um jeans novo, uma blusa preta de manga longa e meu casaco vermelho preferido. Passo mais um pouco de maquiagem no rosto só para me sentir melhor com o que vejo no espelho, e pego o celular, acessando o mapa e dando uma olhada ao redor, na intenção de ter o mínimo de noção do que fazer ou onde ir. Para minha satisfação, vejo que tem uma rua de pubs a apenas duas quadras daqui e, mesmo cansada, decido que é uma boa ideia dar uma volta por lá.

O andar de baixo está bem mais movimentado do que quando cheguei e perco poucos segundos olhando as duas salas grandes que se estendem ao meu lado, vendo jovens de todas as idades, tamanhos e gêneros amontoarem os sofás, completamente vestidos para sair e curtir a noite de sábado. Me pego desejando baixinho que faça boas amizades para no próximo sábado ser eu a estar arrumada nessa sala, aguardando os outros chegarem para sair

Saio para a rua com o termômetro do meu celular marcando 14°C. O sol começa a se aproximar do horizonte, mas ainda tenho chances de ver os detalhes com atenção enquanto sigo pela rua, simplesmente fascinada. Parece que não só estou em outro país, mas em outro planeta, e amo essa liberdade que corre por minhas veias.

Chega ser assustador o tamanho da minha animação.

Caminho as duas quadras com a confiança reforçando meus ossos, e ao chegar no final da segunda rua viro à direita, dando de cara com o que procurava. Há vários pubs, um colado no outro, com gente bebendo cerveja nas calçadas, fumando, conversando, rindo. Entendo se tratar de um polo de encontro em massa, já que está tudo lotado. Penso ouvir ao longe um jogo rolando, mas estou focada demais tentando achar um caixa eletrônico para sacar algum dinheiro. Quando acho, me preparo psicologicamente para usar pela primeira vez o *Visa Travel Money*. Aquele nervosismo que antecede uma transição me toma em cheio, como se de repente todo o dinheiro fosse sumir e eu ficasse completamente dura no meio de Londres. Claro que isso não acontece, então pego minhas 40 libras totalmente aliviada e volto para os pubs.

Caminho pela calçada abarrotada tentando encontrar algum que chame minha atenção, mas são todos muito parecidos. Só o que muda são as organizações das portas e janelas. Sei que no final teria dado no mesmo, pois todos estão lotados, tanto dentro quanto fora. Sabendo disso, me esgueiro pedindo licença entre as pessoas que se amontoam na calçada, empurrando a porta de madeira pesada, somente para ser recebida por um ambiente aquecido e aconchegante.

Sei que é proibido fumar em locais fechados, mas tudo fede a cerveja, álcool e cigarro. O lugar não é tão grande como pensei que

seria, o que justifica a quantidade de pessoas do lado de fora. Há mesas arrumadas e lotadas dos dois lados, o que deixa um pequeno corredor da entrada até o bar no final do estabelecimento. E é para lá que eu vou.

Me pego rezando baixinho para que o que ouvi a vida inteira sobre parecer ser mais velha do que realmente sou, seja verdade. Tenho vinte anos, e sei que aqui a maioridade para consumir bebidas alcoólicas é de vinte e um. Se pedirem minha identidade, posso usar o benefício da idiotice e dizer que não sabia, afinal, a maioridade no meu país é de dezoito anos.

Espero que isso não seja necessário, então aprumo a postura e caminho com confiança até o bar largo, alto e de madeira envernizada. Atrás do balcão há uma estante repleta de bebidas que nunca nem ouvi falar, quanto menos bebi. Se não agir como se estivesse fazendo algo errado, talvez saia ilesa.

Não tenho muita opção de escolha quando me aproximo, vendo somente um lugar vago no banco alto entre uma mulher que está entretida em sua conversa com outro rapaz, e um homem sozinho que assiste com atenção o jogo – de basquete, agora sei – que passa na televisão gigante que é possível ser vista de todo pub. Estou nervosa demais em passar mico logo no meu primeiro dia em um bar que nem noto quando ele me olha com atenção por três segundos enquanto me sento.

Meu coração ameaça sair pela boca quando vejo o barman se aproximar, mas para minha surpresa – e alívio – ele não desgruda os olhos do jogo por tempo o suficiente para me avaliar.

— Vai beber alguma coisa?

Engulo em seco e não faço ideia do que pedir. Conheço muito pouco as cervejas do Brasil, e quando planejei essa viagem do início ao fim, aparentemente esqueci de pesquisar sobre as cervejas locais. Por isso olho disfarçadamente para o lado e tento ler o nome da cerveja que o rapaz bebe. Forço um pouco a vista até conseguir decifrar a escrita elaborada e repito o pedido. O barman volta dois segundos depois com a garrafa aberta, voltando rapidamente sua atenção para o jogo, o qual agora chego a conclusão ser de grande importância para o

dia.

Dou uma golada tímida no gargalho e aprecio o sabor – da cerveja e da vitória de não ter sido pega – antes de poder engolir. O gosto é mais intenso do que as que já bebi; mais consistente, presente... Confesso que gosto. Continuo a beber e aproveitar o momento incrível de estar em um pub, em Londres, bebendo uma cerveja diferente com minha ilustre companhia. Quando menos percebo, estou tão entretida no jogo como quase todos nesse bar.

— Não, não, não! Merda! – O cara do meu lado grita e bate no balcão com força, fazendo com que tudo trema e eu dê um pulo no banco. — O que é que esse cara tá fazendo aí? *Bastardo desgraçado!*

Encaro o nada com as sobranceiras erguidas, pensando com ironia que todos os torcedores são iguais: cheios de testosterona e esquentadinhos. Descubro também para qual time o esquentadinho está torcendo. Não conheço bulhufas de basquete, mas conheço o jogo por conta da educação física da escola. E levando em consideração que seu time acabou de perder a bola e ainda levou uma cesta de três pontos, não é um bom dia para ser um torcedor.

— Isso foi uma pena – digo baixinho para que só eu ouça, e uso um pouco de ironia, pois estava torcendo para o outro time sem perceber. Para o meu completo azar e horror, o cara parece ter ouvido, e ele se vira para mim em seu banco.

Gelo, pois não é minha intenção arrumar briga em um bar por causa de esportes, logo algo que tanto desprezo, mas para a minha surpresa, ao contrário de dois segundos atrás, ele não está puto da vida.

— Perdão? – pergunta.

Naturalmente olho para o outro lado para saber se está falando comigo. Talvez o cara esteja falando com uma pessoa atrás de mim, mas além do casal que ainda conversa completamente entretido ao meu lado, não tem ninguém perto o suficiente do bar, então ele deve estar *mesmo* falando comigo.

Me dou como vencida e olho para ele pela primeira vez, vendo-o sorrir para mim e, *puta que pariu*. Estou envergonhada o suficiente para já estar corando, e ao contrário dele, não posso ignorar seu comentário feito diretamente para mim, nem ignorar esse sorriso que

lança em minha direção.

— Perdão, estava falando comigo mesma – engulo em seco. — Disse que é uma pena eles terem perdido essa jogada. Foi uma boa tentativa – tento parecer simpática, parte levando em consideração que se ele não quisesse puxar assunto, poderia simplesmente ter ignorado meu comentário, tendo sido direcionado a ele ou não, e parte por ser, com toda certeza, *muito atraente*.

Saído diretamente do catálogo da nova coleção de roupas de verão, o rapaz tem um tom singular de azul-esverdeado nos olhos, e é a terceira coisa a se destacar nele. A segunda é seu sorriso – que não se desfaz nem um pouco e que acho que gosto bastante – e a primeira – claro, universo, tire sarro de mim da melhor forma – é seu cabelo ruivo que está um pouco grande demais, o que faz pequenos cachos bagunçados caírem sobre sua testa. Não que eu esteja julgando, pois o meu ainda está secando depois do banho e não faço ideia da bagunça que esteja.

Sua confiança também é atraente – assim como tudo nele – e espero que eu não esteja fazendo cara de idiota para esse homem incrível que com certeza está entre seus 25 e 30 anos.

— Então você entende de basquete? – Agora ele parece interessado.

— Entendo o jogo, mas não os times.

Flertar não estava nem perto nos meus planos para a primeira noite em Londres. Na minha mente eu só andaria por aí, acabaria em um pub, beberia uma cerveja e voltaria para o albergue para dormir o máximo possível, mas já que a oportunidade caiu em meu colo, decido aproveitá-la. Não é todo dia que um londrino ruivo cai do céu e puxa assunto, certo? Por isso sorrio de volta, recobrando a confiança.

— Posso te pagar outra cerveja? – ele pergunta, e há mais educação em sua voz do que realmente um flerte. Sem saber se há real interesse de sua parte ou se estou fazendo papel de palhaça, mando meu estômago se acalmar e só assinto, agradecida.

— Eu iria adorar. Obrigada – sorrio e agradeço ao barmen que nos serve de novo a mesma cerveja.

— Daniel. – Ele diz quando brindamos com a boca as garrafas. — Prazer em te conhecer.

— Nina. Prazer.

Volto a olhar para o jogo na intenção de disfarçar meu rosto que insiste em corar e dedurar minha vergonha e nervosismo, mordendo a parte interna das bochechas para impedir o sorriso que ameaça me rasgar ao meio.

— Eu normalmente não acompanho os jogos, mas como você pode ver, essa é a final, e ninguém perde uma final.

O jogo se arrasta para o fim agora, e noto que se seu time fizer mais uma cesta, ganha. Não que eu seja vira-casaca nem nada, mas de repente me pego torcendo para o time que fui contra mais cedo.

— Vamos lá. Só mais uma cesta... – digo baixinho novamente, e de repente todo o bar está debaixo de um silêncio surpreendente, onde até conseguimos ouvir a voz do locutor que antes era calada por todas as conversas. Estou prendendo a respiração e não sei bem por que, até que o jogador vai se livrando de seus adversários um por um e vê que não dá mais para ir a lugar nenhum. Nisso ele arremessa a bola para o colega do outro lado extremo da quadra que dá uma enterrada linda na cesta.

E todo mundo está vibrando.

Até mesmo eu.

— AÊ! – Daniel grita ao meu lado e mais rápido que um pensamento estou sendo abraçada pela cintura e erguida do meu lugar em comemoração.

O gesto me surpreende, mas também me faz rir. Não sei bem o que aconteceu até que ele me coloca de volta no chão, estou levemente tonta. Todo mundo ainda está gritando e pulando como se fosse a maior vitória do ano, e preciso me segurar nele – em seus braços fortes que ainda me seguram pela cintura – para pegar apoio, totalmente chocada.

— Desculpe! – Ele diz sem me soltar, e também não o solto. — Desculpe mesmo, não quis fazer isso. Foi por impulso.

— Tudo bem... – quero dizer a ele que pode me pegar de todas as formas que quiser, mas me limito a sorrir. — Parabéns, seja lá qual for seu time.

Ele me solta, infelizmente, voltando a sentar em seu banco com um

sorriso idiota de torcedor no rosto, passando a mão pelo cabelo que volta a cair na testa como se nem tivesse saído do lugar.

— Cacete! Que partida!

Daniel dá um gole em sua cerveja para recuperar o fôlego e me olha quando volto a sentar no banco. Dessa vez, sendo propositalmente ou não, sinto com perfeição o calor do seu corpo ao lado do meu, e sei que se eu chegar um pouco mais para o lado, nos encostamos. Como se pensasse o mesmo, Daniel ajeita sua posição e isso acontece. Não faço ideia do que está acontecendo comigo quando sinto cada parte do meu corpo se derreter e acelerar com o mísero toque do seu braço junto ao meu.

Deus sabe o que aconteceria se o beijo que imagino agora virasse realidade.

— Então, Nina... — ele me chama de volta para a realidade, me empurrando levemente com o cotovelo de modo brincalhão —, está visitando? Seu sotaque não é inglês. Americana?

— Brasileira. — É uma palavra simples, mas a reação de surpresa é sempre a mesma. — Vim conhecer a cidade, estudar. Essas coisas.

Dou de ombros, como se fizesse isso o tempo todo.

— Legal! Seu inglês é muito bom.

Hora de me gabar...

— Ah, obrigada. Sempre tive certa facilidade em aprender línguas. É por isso que falo inglês, espanhol, francês e agora estou aprendendo alemão.

Daniel olha para mim com as sobrancelhas erguidas de um jeito fofo.

— *Uou!* Eu muito mal sei falar o francês que aprendi na escola! Isso é muito maneiro.

Penso em algo inteligente para dizer, e para uma pessoa que sabe falar tantas línguas, me sinto mais idiota ainda quando pergunto:

— E você, é daqui mesmo?

Daniel pousa a cerveja de volta na bancada depois de dar uma golada, assentindo antes de falar.

— Sim. Nascido e criado em Londres. Nunca saí da Europa para fazer nada incrível, tipo estudar.

Sorrio com a alfinetada disfarçada de elogio.

— É a segunda vez que saio do Brasil. Só fui para a Disney quando tinha uns 8 anos com meus pais e minha irmã...

A palavra morre em minha boca antes que perceba, e toda a felicidade e excitação que estava sentindo cai como cimento em meu estômago, de repente me deixando enjoada. Quase consegui passar uma hora inteira sem pensar em Julia, e a lembrança dos nossos quatro dias na Disney mais de doze anos atrás – que facilmente está na lista das melhores lembranças da minha vida – faz com que eu me sinta culpada de estar me divertindo tanto.

Havia tempos que não me sentia culpada por me divertir em um mundo em que minha irmã não faz mais parte, e como exercício de muitos anos de terapia após sua partida, me forço a pensar que Julia *escolheu* não estar mais aqui, que o mundo não parou de girar depois de sua partida e que eu não tenho culpa nenhuma de estar viva e ser capaz de me divertir.

Por isso acordo para a realidade e sorrio, torcendo para que Daniel não tenha notado minha ausência momentânea. Se percebeu, não demonstra, pois continua a falar.

— Ao contrário de muita gente, tenho o mínimo interesse em conhecer os Estados Unidos. Tem tantos outros lugares incríveis para serem visitados!

Estou prontíssima para concordar com ele e começar um monólogo entusiasmado e fantasioso de todos os lugares que quero conhecer, e em como nenhum deles é nos Estados Unidos, na intenção de entrarmos em uma conversa engajada que nos levasse por horas a fio noite adentro, mas vejo meus planos se desfazerem por completo quando ouço seu celular começar a tocar.

Daniel enruga o cenho parecendo tão frustrado quanto eu quando puxa o telefone do bolso. O nome no visor parecer ser importante, pois ele pede desculpa e atende mesmo assim.

Desvio o olhar e termino de beber a cerveja em uma só golada, obrigando meus nervos a se acalmarem. A ligação não dura nem um minuto.

— Desculpe mesmo. Tenho que ir.

Tento esconder a decepção com um sorriso, mas sei que minha expressão dedura tudo o que não digo em palavras. Daniel pede a conta para o barman e puxa a carteira do bolso.

— Desce mais uma para a dama e pode incluir a anterior na conta, também.

Se ele acha que esse é o melhor jeito de pedir desculpas por sair correndo depois de flertar comigo nos últimos dez minutos, está muito enganado.

— Ah, não! Por favor, deixe que eu pague as minhas! – peço, mas ele não me escuta.

— Você paga as próximas. – Ele bate na bancada com o cartão para pagar a conta e me lança uma piscadela, o que faz primeiro meu coração parar, depois voltar a bater estupidamente acelerado. — Desculpe ter que sair assim, mas espero que possamos dar continuidade algum outro dia. Posso ter seu número?

Esse é o melhor jeito de pedir desculpas por sair correndo, e é tão inesperado – ou esperado, não sei – que faz com que eu fique cinco segundos olhando para ele, provavelmente com a maior cara de idiota enquanto vejo pegar seu cartão de volta, vestir o casaco e se preparar para sair. Parece estar com pressa, então ergue as sobrancelhas e tenho certeza de que se pergunta se tem algo de errado comigo.

Acho que meu maior problema no momento é não saber *respirar*.

— Sim! Claro, anota aí.

Dou meu novo número e vejo-o salvar bem na minha frente, dizendo que mandará uma mensagem para que eu salve o seu. E antes que eu possa se quer notar, Daniel já está caminhando entre as pessoas com passos largos e saindo do pub.

E eu fico encarando o lugar em que ele esteve pelos próximos cinco minutos, me perguntando que diabos acabou de acontecer aqui.



A diferença de horário do Brasil para Londres é de +4 horas no verão, ou seja, se aqui são 8h da manhã, lá ainda é 4h, e descubro da pior forma possível que será difícil me acostumar com isso. Não faço ideia de que horas são quando acordo por causa da movimentação do quarto, e todo o meu corpo reclama em protesto.

Ontem cheguei um pouco antes das 21h, depois de ter ficado mais um pouco no pub e ter caminhando por mais alguns minutos, mesmo assim, nenhuma das minhas colegas tinham chegado. Agora quando me viro na cama e descubro a cabeça, vejo pelo menos duas delas se movendo pelo quarto, e mesmo tentando não fazer barulho, conseguiram me acordar.

Parece que não dormi nada, meus olhos estão pesados. Poderia dormir as minhas quatro horas de diferença tranquilamente, mas isso significaria em uma perda de quatro horas no meu dia em Londres, e esse é um luxo que não posso me dar.

Viro de lado e olho para baixo do beliche. A menina que ocupa a cama debaixo de mim ainda está dormindo. Mesmo ela estando de bruços e com a coberta cobrindo parte da cabeça, consigo ver cabelos negros e lisos. Volto a observar as que estão acordadas e vejo que uma tem uma pele escura linda, com cachos presos em um rabo de cavalo alto, e a outra é bem branca com cabelos castanhos claros reluzentes.

Só quando me mexo de novo notam que me acordaram e sorriem sem graça em desculpa.

— Desculpe se te acordamos. — A cacheada diz.

— É que tá um dia lindo lá fora e a gente tem que aproveitar o máximo possível. — A castanha claro completa.

Imediatamente me identifico com elas, pois também deveria estar fora dessa cama e procurando alguma coisa útil para fazer além de dormir no meu segundo dia em Londres.

Por isso sorrio, tranquilizando-as.

— Tudo bem. Provavelmente já está na hora de levantar, mesmo — sento na cama e estico as costas, tentando despertar todos os músculos que insistem em querer voltar a descansar. — Ainda vou demorar um pouco para que me acostume com o fuso-horário. — Minha cara de sono já deve dizer o bastante, pois elas assentem e riem, achando graça.

— Sou Chelsea, e essa é a Akira. — A cacheada se apresenta, depois aponta para a castanha. — Austrália e Finlândia. Também demorei uns dias para me acostumar com o horário.

Imagino, já que Austrália é quase — ou totalmente — do outro lado do mundo em relação ao Brasil, Finlândia ainda é na Europa, mas estremeço só de pensar no frio do lugar.

Aceno para as duas.

— Nina. Brasil.

— *Shit*. — Elas dizem em uníssono. — E eu achando que esse seria o melhor verão da minha vida com possibilidade de 24°C. — Akira diz com humor e sou obrigada a rir. — 24°C é o inverno de vocês, certo?

— Basicamente — rio de novo e empurro as cobertas para o lado, tentando descer da cama sem acordar a colega de baixo, mas meio que isso é desnecessário, pois Chelsea acabou de tacar uma almofada na pobre coitada.

— *Fils de pute!*

— Em inglês, francesa! — Akira brinca dando gargalhadas e acho que estou participando de algum tipo de *bullying* indireto, mas vejo que a menina está rindo quando tira o cabelo da cara e taca a almofada de volta para Chelsea, que pega antes de acertar seu rosto.

— Acorda para conhecer nossa nova colega de quarto! Ela é do Brasil!

A morena estreita os olhos contra o sono e leva alguns segundos me observando, como se esperasse ver algo de brasileiro em mim. Quase consigo ver a decepção em seu rosto quando encontra uma branquela de cabelo cacheado.

— Fleur, Paris. Prazer.

Sorrio, sem graça.

— Nina. É bom conhecer vocês.

Não temos tempo de falar mais nada antes de Akira bater as mãos em entusiasmo e pular no mesmo lugar.

— Mas então! Quem vai querer ir ao Hyde Park?!

Meu maior desejo no momento é dormir mais, mas já que estou de pé e completamente desperta, aceito a ideia de acompanhá-las nesse passeio em grupo.

Não consigo parar de pensar que me dei tão bem com essas meninas em cinco minutos de conversa do que jamais me dei com qualquer menina da minha idade no ensino médio. Não sei a quanto tempo elas se conhecem, mas de certo parecem se dar muito bem. Senão, posso até dizer que são bem amigas. O jeito que conversam e riem e se trocam uma na frente da outra passa uma atmosfera de camaradagem e exclusividade que faz eu me sentir confortável e até mesmo lisonjeada em ser tão bem recebida no grupo.

Me sinto especial.

Fleur, agora menos sonolenta, é a mais extrovertida e fala pelos cotovelos. Tem sempre uma história extraordinária para contar na ponta da língua, o que faz com que caíamos na gargalhada sempre. Chelsea é cheia de atitude e presença de espírito. Sua personalidade chega primeiro em qualquer lugar, chamando atenção de todos ao seu redor, e percebo que amo isso nela. Posso passar despercebida por horas em meio a multidão, o que me faz parecer mais com Akira, que é a quieta do grupo, sem ser nada chata.

São 8h30 quando vamos para a cozinha arrumar alguma coisa para comer, e só então percebo que preciso ir logo a um mercado comprar suprimentos para os dias.

— Se sirva, Nina. — Akira diz quando percebe meu constrangimento. — Pode pegar nossas coisas quando tiver esquecido de ir ao mercado. Não nos importamos

— Contanto que nos deixe assaltar as suas compras quando chegar, não vemos problema nenhum.

Chelsea cai na gargalhada concordando com Fleur, enquanto Akira revira os olhos tentando conter o riso.

Venço minha vergonha e faço duas torradas com os pães da Chelsea, passo a geleia de Akira e me sirvo do café de Fleur, indo com elas para uma das salas de estar que estão lotadas de bocejos, pijamas e canecas de chá.

— Estarão aqui por quanto tempo? — pergunto, querendo conhecer mais do grupo que muito provavelmente será o meu durante todo o tempo de viagem.

É Fleur quem começa a falar.

— Vou fazer só um mês de curso, mesmo. Estou há duas semanas, logo, só tenho mais duas semanas. Mas como estou de férias e Paris fica somente a duas horas daqui, pode ser que eu fique um pouco mais.

— Falando em Paris ficar somente a duas horas daqui, nós bem que poderíamos ir lá em um fim de semana desses. — Akira diz. — Dá para ir na sexta-feira após a aula e voltar no domingo com muita facilidade.

Eu já tinha pensado em fazer isso, mas o pensamento de gastar mais com uma viagem que não esteve em meus planos me faz ficar nervosa. Mesmo assim passamos os próximos minutos planejando uma ida a Paris que nem sei se será possível para mim, só por parecer divertido.

— Essa é minha última semana aqui na república. — Chelsea dá continuidade a minha pergunta quando chegam a um consenso sobre Paris. — Domingo que vem já vou ter que ir para a casa de uma tia passar as outras quatro semanas. Então, volto pra Austrália.

— Só tenho mais duas semanas, também. — Akira responde, notoriamente triste. — E daqui vou para casa. — Ela parece pensativa. — Deus, como passa rápido... Nem acredito que daqui a duas semanas vou voltar para a Finlândia.

Me identifico imediatamente com seu sentimento e meu maior medo: os dias voarem e eu não fazer nada de interessante ou minimamente relevante na viagem.

— Eu cheguei ontem e vocês não têm noção do medo que tenho de o tempo passar rápido e eu não ter feito nada.

— Vai ficar quanto tempo?

— Dois meses.

— Ai, que sortuda. — Akira segura o rosto com a mão e parece realmente triste.

O silêncio fica pesado em seguida.

— Ei, já batemos a cota de *bad* do dia! Vamos focar em aproveitar o tempo que nos resta, Ok?! — Chelsea bate na mesa e faz com que todos pulem.

— Ok! — E nisso já estamos rindo de novo.

Segundo dia em Londres e nunca me senti tão parte de alguma coisa, como me sinto disso aqui.

Acabamos de tomar café da manhã faz muito tempo, mas continuamos a conversar sem parar. Descubro que já não tenho companhia para ir ao Big Ben Tower Bridge, London Eye e todos os principais pontos turísticos, pois elas já foram a todos. Aparentemente terei de visitá-los sozinha.

O dia está estupidamente lindo, e a sensação de estar vivendo isso é mil vezes melhor do que pensei que seria. Noto isso enquanto caminho ao lado das meninas, que estão sempre no meio de uma conversa super aleatória e engraçada. Chelsea está de casaco, pois assim como eu, vem de um país quente, mas Fleur e Akira parecem mais do que confortáveis ao andar de camisa fina e sapatos abertos nos 19°C.

Fazemos o trajeto de Betahnal Green até o Hyde Park de metrô, e levamos cerca de quarenta minutos. Aproveito a oportunidade para comprar meu *Oyster Card*, que é basicamente um cartão de passagem onde economizo bastante, já que terei de pegar o metrô praticamente todos os dias para ir ao curso

Saltamos na Marble Arch Station e damos boas-vindas ao sol que nos recebe. Sou incapaz de me conter dentro do meu corpo, possuída

por animação e realização. Cada célula comemora o segundo em que surgimos no último degrau do metro e piso na rua movimentada. Estou fascinada. Mortificada. Completamente emocionada. Sorrio e sorrio mais um pouco, até parecer impossível sorrir mais. O jeito em que essa cidade me preenche é inexplicável. É como se estivesse ligada a ela por toda a vida, como se eu soubesse que pertenço aqui de alguma forma, e sei que não quero ir embora nunca, nunca mais.

Caminhamos por cerca de cinco minutos pela Bayswater Road até chegarmos no acesso mais próximo ao parque. E então, estamos dentro. Cerca de 2,5km² de puro verde, bem no meio da cidade que Nunca Dorme. Fecho os olhos por alguns segundos e respiro fundo o ar fresco, me entregando por completo a esse momento único.

Sessenta dias incríveis como esse pela frente para serem vividos.

— É grande demais para a gente sequer conseguir andar isso tudo aqui em uma semana, então vamos ao que interessa: eu quero ir ao Speaker's Corner. Adoro ouvir discursos de ódio. — Chelsea brinca, mas parece gostar mesmo da ideia.

— Eu só acho de lei irmos à Winter Wonderland. — Akira diz.

— Acho que essa época do ano está fechado, não? — tenho quase certeza que sim.

— Só abrem no inverno. Até porque faz sentido, né? — Fleur cutuca Akira, que a empurra de brincadeira. — Eu já sou mais cultura, então quero ir às galerias e memoriais. Inclusive aquela fonte da Princesa Diana.

— Hum... — Chelsea olha o mapa que pegou na entrada do parque e vejo com perfeição quando ela ergue as sobrancelhas. — Isso fica do outro lado do parque, Fleur.

Ela bufa.

— Vocês são muito preguiçosas, sabiam? A gente pega um táxi, uma carona, sei lá!

— Tá, mas enquanto isso vamos dar uma caminhada e aproveitar esse sol maravilhoso. Não sei o que é isso quase nunca. — Akira sai andando sem nem mesmo nos esperar, e tem o rosto erguido para o céu, como se admirasse mais do que a mim esse tempo lindo.

Rio ao perceber que ela parece ser o meio termo entre as duas forças

extremas que é Fleur e Chelsea.

Está tudo lotado, e sinceramente, não esperava menos de um domingo de verão em Londres. Se eu vivesse em uma cidade que chove 90% do tempo, também sairia de casa na primeira oportunidade que o sol surgisse, é por isso que os gramados estão abarrotados.

Agradeço por ter sido influenciada pelas meninas a calçar tênis ao invés de bota, pois em somente uma hora já estou com os pés doendo. Achamos um espaço no pequeno gramado para nos sentar, e quando o faço, solto um suspiro de alívio.

Pego o celular no automático e abro no aplicativo de mensagens para ver – mesmo já sabendo a resposta – que o carinha da noite passada não tinha entrado em contato como disse que entraria.

O que eu estava esperando, também? Que ele me mandasse uma mensagem ou ligasse e conversássemos por horas, confirmando tudo o que senti por ele no pub, marcaríamos de sair de novo e teria enfim o beijo que tanto fantasiei durante a noite?

Que idiota. Já deveria ter me acostumado que esse tipo de coisas não acontece comigo.

Mas... foi tão inesperado. Eu poderia ter entrado em qualquer bar, sentado em qualquer lugar, pedido qualquer cerveja; ou pior ainda, ele poderia simplesmente ter ignorado meu comentário aleatório feito quase num sussurro, dito somente para mim.

— Meninas – digo depois de passar a maior parte do tempo calada enquanto elas tagarelam sem fim. — Quando um carinha pega seu número em um bar e diz que vai ligar ou mandar mensagem, mas não faz, o que significa?

Chelsea vira a cabeça para mim tão rápido que posso ter jurado ouvir um estalo. Fleur que estava deitada no gramado se senta em um pulo, e Akira deixa seu celular cair no colo.

Todas estão boquiabertas.

— Significa que ele é um idiota e não deve tirar seu sono por causa disso. — Chelsea diz.

— Não, espera: você chegou ontem e já trocou telefone com um cara no bar?

A ideia parece ser tão surreal assim?

— Sim, foi inesperado, mas aconteceu.

Silêncio.

— Ele disse que ligaria? – Akira pergunta.

— Disse que ia me mandar mensagem para eu salvar o número dele, mas não fez na hora, pois estava de saída depois de ter recebido uma ligação.

Chelsea bufa.

Fleur revira os olhos.

— Ele muito provavelmente é casado ou tem uma namorada.

Minha confusão deve ser notória, pois Fleur trata de explicar.

— Ok, somos três meninas de nacionalidades diferentes, mesmo assim sabemos que existem caras safados em todo lugar. Vocês conversaram, ele recebeu uma ligação, disse que precisava ir e pegou seu número, mas não ligou nem mandou mensagem. Temos duas opções aqui: a ligação foi da mulher ou namorada dele que o esperava em casa, e ele percebeu que não valeria a pena te ligar para arrumar problemas, por isso não ligou. *Ou* ele está seguindo aquela regra ridícula de esperar três dias para fazer a ligação.

Espero que alguém me explique essa regra.

— Não conheço essa regra de três dias.

Elas trocam um olhar entre si.

— Não sei se isso existe no Brasil, mas em alguns lugares os caras têm essa ideia surreal de esperar três dias para ligar para alguém que teve interesse. – Chels explica. — Para criar suspense, expectativa, sabe.

— Sei...

A decepção tem um gosto horrível, e de repente toda atração que senti por Daniel na noite passada parece se desfazer aos poucos. As meninas não estavam lá, não o conheceram de verdade, não sabem o quão maravilhoso e interessante e confiante ele pareceu ser, que sua saída depois da ligação realmente pareceu ser inocente, sem mulher ou namorada por trás da saída nada triunfal. Mas pensar que sua falta de contato pode fazer parte de um jogo ridículo de espera me faz reconsiderar o real interesse que achei ter sentido por ele.

— *Ooooooooo* – Akira quebra o silêncio constrangedor. — Ele anotou

seu número errado, e pode estar nesse exato momento pensando que *você* está ignorando ele.

A possibilidade não é impossível, mas não me ajuda muito. Temos três situações e não faço ideia de qual esperar. Daniel pode:

- | |
|--|
| 1. Ter uma mulher ou namorada e não querer entrar em contato comigo de qualquer jeito; |
| 2. Estar fazendo um joguinho de espera infantil e ridículo ou; |
| 3. Ter anotado meu número errado. |

Na pior das hipóteses eu nunca mais irei vê-lo, o que diminui minha vergonha ao meio. Única coisa que posso me forçar agora, é esquecer o que aconteceu.

— Então, já podemos ir para o outro lado do parque, ou vocês querem fazer mais alguma coisa por aqui?

Mudo de assunto drasticamente e todas entendem que é meu jeito de não querer mais tocar no assunto.

Concordamos em pegar um taxi e visitamos as galerias, os memoriais e enfim, Kensington Palace. Não lembro a última vez que dei tanta risada na vida, se é que já ri tanto assim antes. Me sinto cheia de vida, elétrica, ligada no 220V, por isso nem noto que estou faminta quando já passa das 14h.

Saímos do parque de volta para as ruas movimentadas e achamos uma lanchonete pitoresca, cada um fazendo seu pedido.

— O que vocês fazem quando não estão na escola? – pergunto curiosa enquanto dou um gole no refrigerante que pedi.

Elas se entreolham e percebo que há uma piada interna referente ao assunto, me deixando mais curiosa ainda.

— Bem, no começo só íamos aos pontos turísticos e coisas do tipo, até a Senhorita Fleur aqui começar a nos levar para as festas mais loucas da cidade. – Chels ergue as sobrancelhas, e a tentativa de parecer uma vítima é completamente falha.

— Desde então nós saímos quase todo final de semana. Ontem chegamos mais de 3 horas da manhã por causa disso. – Akira disfarça

um riso colocando o canudo do seu suco na boca.

— Bem, nunca obriguei ninguém a ir às festas comigo, obriguei? — Fleur tenta parecer estar na defensiva, mas está na cara que se sente orgulhosa por ser a responsável festeira do grupo. — Morar aqui do lado faz eu ter minhas vantagens, confesso. Só não vamos a nenhuma festa hoje porque amanhã precisamos acordar cedo para ir para a escola, mas sexta-feira que vem já temos outra em mente. Ficaremos muito felizes que você nos acompanhe.

Raramente, entre meus estudos e trabalho, tive tempo de ir em festas no Rio. Uma ou outra reunião alternativa que ia quando meus amigos conseguiam me arrastar, e pensando bem, ralei tanto para estar aqui que chego à conclusão de que não só vou adorar acompanhar elas nessa festa, mas como também estou ansiosa para chegue logo.



O despertador toca às 7h30 e ele serve para todas. Temos uma hora para nos arrumarmos, tomarmos café e sairmos. As meninas parecem ter um sistema de divisão do banheiro que acho bem interessante e nenhuma se importa de ficar nua na frente da outra. Por isso, enquanto uma está no chuveiro, outra escova os dentes e a terceira usa o sanitário. Fico de fora por cinco minutos, até que o sistema troca e quem saiu do chuveiro vai se vestir, a segunda que escovava os dentes vai para o chuveiro, a que estava no sanitário vai escovar os dentes e

eu enfim posso fazer xixi. E por incrível que pareça, também não me incomodo nem um pouco com isso.

Em menos de trinta minutos estamos na cozinha, e esse é o horário em que vejo mais pessoas nessa república. As salas estão lotadas de bocejos e cheiro de café.

Comemos sem pressa, mas estamos distraídas o suficiente conversando para nos atrasar, e é isso que acontece quando olhamos para o relógio e ele marca 8h40. Tarde demais me lembro de Gil avisando que no primeiro dia eu deveria chegar 30 minutos mais cedo para fazer a prova de nivelamento, e quero morrer por isso. Temos só vinte minutos para chegar na escola e estamos correndo.

Não preciso usar o mapa que Gil me deu, já que elas sabem o caminho de cor. Quando saímos da estação dezoito minutos depois, estamos feitas loucas esbaforidas pelas ruas. Seria cômico se eu não estivesse tão nervosa em perder o primeiro dia de aula por ter sido irresponsável o suficiente para esquecer de chegar mais cedo.

Quando chegamos, mal tenho tempo de observar a construção do século passado imponente que se ergue à minha frente.

— Se informa na recepção! Eles vão te dizer o que fazer! — Chelsea grita para mim sem parar de correr nem por um segundo em direção à sua aula, sumindo as três no prédio principal sem nem sequer olhar para trás.

E cá estou eu, completamente sozinha.

Mexo na bolsa a procura do papel que Gil me deu e caminho com passos apressados em direção ao grande balcão da recepção, tentando acalmar o ritmo acelerado do coração e da respiração ofegante. Mesmo estando relativamente frio, sinto uma camada de suor se formar na testa. Devo estar completamente horrível depois de correr tanto.

Vejo pela visão periférica duas pessoas atrás do balcão, mas não ergo os olhos da minha procura frenética ao papel que tenho *certeza* de que coloquei aqui ontem à noite.

— Bom dia. Estou um pouco atrasada, mas sou aluna nova e não sei bem como proceder. Só pediram para que eu entregasse esse papel a vocês e... *achei!* — puxo o papel de dentro do caderno novo e ergo com

vitória.

E então vejo dois pares de olhos me encarando.

Um está normal, profissional, aguardando que eu prossiga e lhe entregue o papel para que continuemos com a transição, esse vem de um rapaz de mais ou menos 25 anos, baixinho e de cabelo preto que veste uma camisa social branca. Mas o outro olhar é de incredulidade misturado com diversão e comédia.

E esse olhar – reparo e *estou chocada e morta e humilhada* e quero cavar um buraco para me enfiar dentro – vem de *Daniel*.

Isso mesmo. O rapaz do pub. Que tem uma mulher ou namorada ou que não me ligou porque não quis, que passei todo o dia de ontem fazendo um esforço hercúleo para esquecer, *parado bem na minha frente*.

O Daniel que realmente esperava nunca mais ter de ver na vida.

Sinto a cor do meu corpo sumir lentamente em direção aos dedos dos pés, me sentindo nada mais que uma estátua qualquer, plantada no lugar errado, na hora errada.

Não acredito que isso está acontecendo.

Porque eu estou *infartando* aos 20 anos?

Ele está com as sobrancelhas erguidas e um sorriso que não sei descrever nos lábios. Está claramente surpreso, óbvio, mas duvido que esteja tão surpreso quanto eu. Ninguém na face da Terra já se sentiu tão surpreso assim, *nunca*.

Tudo parece uma piada de mal gosto.

Não sei dizer se só nesse momento Daniel se lembrou de que não entrou em contato comigo, ou se está constrangido por me ver ali depois de ter decidido que não era uma boa ideia fazer o mesmo.

Só sei que eu quero *desaparecer*.

– Não te informaram que era para chegar 30 minutos antes? – Ele pergunta e faz uma força enorme para não rir mais.

Ele está achando isso engraçado?

– Sim, mas... Eu... Han, desculpa – abaixo os olhos e tento me concentrar em fazer o sangue no meu corpo circular direito, devolvendo minhas habilidades cognitivas.

Que filho da puta... Quais as chances de o universo tirar sarro da minha cara desse jeito?

Aparentemente, todas.

— Tudo bem. Vem comigo. — Daniel pega a prancheta que aparentemente tinha acabado de dar ao garoto baixinho e sai de trás do balcão. — Deixa isso aberto, Marc. E pode apagar a ausência dela. Daqui a pouco volto com os resultados.

E nisso ele pede para que eu o siga.

No sábado eu tinha percebido o quão alto ele é?

Me sinto a pessoa mais idiota do mundo, e caminho de cabeça baixa ao seu lado.

Aja naturalmente, aja naturalmente, e não surta!

De repente ficou muito, muito quente *mesmo*.

— Estudante, hein. — Ele diz quando estamos longe o suficiente para alguém ouvir. — Quando disse, pensei que fosse faculdade e coisa do tipo, não intercâmbio.

Tento ignorar o tom de decepção em sua voz quando olho em volta, querendo ver qualquer coisa que não seja o sorriso de diversão em sua voz. Estou a um passo de dar um soco nesse rosto adorável que parece estar curtindo horrores com a minha cara.

— Você trabalha *mesmo* aqui?

Ele me olha com a sobrancelha erguida.

— Sim, na área administrativa, por dois anos.

Massageio as têmporas que ameaçam explodir. Daniel ri de novo quando vê meu desconforto, e não faz nenhum esforço para esconder isso. Imediatamente deixo de achar sua confiança sexy e passo a achá-lo petulante.

— O que é isso? Culpa? — Ele me cutuca com o cotovelo.

Paro no meio do corredor e o encaro, o vínculo entre minha testa mostrando minha dúvida entre estar confusa ou incrédula.

— Culpa? Por que diabos eu estaria culpada?

Talvez eu diga isso um pouco alto demais, pois Daniel olha em volta, apreensivo, e dá dois passos para trás até achar a maçaneta de uma das várias portas fechadas nesse corredor enorme. Quando abre, faz um gesto com a cabeça para que eu entre.

Estou furiosa e envergonhada demais para me dar ao luxo de negar, por isso entro, vendo uma sala pequena com várias carteiras

organizadas em fileira como uma sala de aula. No quadro leio as instruções básicas para o teste de nivelamento, então entendo que não estou aqui por acaso.

Volto a focar sua figura alta na minha frente depois que fecho a porta, e é a vez de Daniel parecer confuso, mas ele ainda sorri. Estou começando a me perguntar se ele sorri o tempo todo, pois está começando a me dar nos nervos.

— Você tem motivos para estar culpada depois de ter ignorado minha mensagem no sábado a noite. Aposto que não esperava me encontrar aqui, e confesso que foi uma surpresa para mim também, mas agora está envergonhada o suficiente para nem conseguir me olhar direito e dizer que mudou de ideia sobre pagar uma cerveja para nós em outro momento.

Ele só pode estar de brincadeira com a minha cara, certo?

Bufo e pisco duas vezes, tempo o suficiente para sua frase começar a fazer sentido na minha cabeça.

— Sinto muito em dizer que você está enganado... – leio o nome em seu crachá preso no bolso da blusa social —, Senhor Wolf. Não recebi mensagem nenhuma sua. Estou sim totalmente desconfortável por *você* ter dito que entraria em contato e não o fez.

Daniel enrugou o cenho, sem parecer acreditar. Não acredito que cheguei nesse nível de ter que provar minha inocência para um cara que nem conheço direito, mas pego o celular do bolso da calça e abro no aplicativo, mostrando para ele a lista triste e pobre de mensagens do novo número, e nenhuma com um número internacional.

— Estranho... – diz, agora pegando seu próprio telefone. Quando vira a tela para mim, vejo uma conversa iniciada por ele, com o texto *“Hey, Daniel do pub aqui. Desculpe de novo ter saído daquele jeito. Espero que possamos recompensar e continuarmos a conversa de onde paramos.”*

— Posso ver o número?

Daniel abre no contato e volta a me entregar o celular, e para o meu total horror – e surpresa e *alívio* – encontro meu número de telefone com *um* número errado. Um mísero número errado que me faz respirar de verdade como se estivesse prendendo o ar nos últimos dias.

— Tem um dígito errado – digo quase sorrindo, e edito o contato, colocando o número certo e verificando duas vezes antes de salvar.

Ironicamente, se não tivéssemos nos esbarrado hoje desse modo tão inesperado e surreal, morreríamos achando que um ignorou o outro. De repente não me sinto tão mal assim pelas pegadinhas do universo. Pelo menos conseguimos contornar a situação.

Meu celular toca anunciando uma nova mensagem e estou rindo antes de lê-la.

Desconhecido: Agora que o número está certo, vai ter que arrumar outra desculpa para não me responder.

Ainda me dou ao trabalho de digitar e enviar:

Eu: Agora que o número está certo, já podemos marcar para continuar a conversa de onde paramos.

Daniel sorri quando lê o que mandei, mas guarda o celular de volta no bolso e pega a prancheta que havia colocado em cima da mesa, se lembrando do seu trabalho que deve ser feito.

— Certo, vamos ao que interessa. Preciso te encaixar em uma turma antes que a segunda aula comece.

O cara descontraído e em roupas informais de sábado desaparece por completo quando tenho a chance de olhá-lo com sensatez depois de todo o lance de “fui ignorada” ser resolvido. Daniel passa as folhas pela prancheta lendo com atenção as informações, e temo pela primeira vez o que quer que tenha nessa ficha.

— Nina Benevenuto Marques. – Ele lê em voz alta. – 20 anos?! – Agora me olha com as sobrancelhas erguidas.

Me jogo em uma carteira, cobrindo o rosto com as mãos. Acho mesmo que ele se diverte com o meu constrangimento, e quero matá-lo por isso.

— Dá para parar de ler minha ficha, ou quer que eu cave um buraco e me enfie dentro?

Estou corada até o couro cabeludo.

— Tudo bem, parei. Vou te dar uma prova de nivelamento para saber em qual classe te pôr. Qual seu nível de inglês? – Ele pergunta e se encosta na beira de uma das mesas, de frente para mim.

— Avançado.

— Ok. Então tome essa. Faça de caneta. Pode fazer de lápis primeiro e pôr a resposta definitiva depois. Tem todo material que precisa aí?

— Tenho sim – pego as folhas em sua mão e vejo que é uma prova de três folhas, frente e verso, que varia textos, múltipla escolha e discursiva.

— Não precisa ficar nervosa, ok? É só um nivelamento. Não vamos te dar uma nota por isso. É apenas para termos noção do seu inglês e para onde você vai.

— Tudo bem...

— Pode começar.

Nisso ele se senta numa cadeira de frente para a sala e começa a anotar alguma coisa em seu próprio formulário.

É difícil me concentrar em uma prova tão extensa com sua presença gritante e charmosa e incrivelmente linda na minha frente, mas faço um esforço imenso pelos próximos trinta minutos, conseguindo por muito pouco esquecer completamente que ele está na sala comigo. Foco nos textos e nas respostas, notando com alívio que a prova em si não é difícil, mas é cheia de pegadinhas. No final tenho que escrever 500 palavras sobre quem sou, o que estou fazendo ali e porque escolhi Londres para meu intercâmbio.

— Ufa, acabei – digo enfim, respirando fundo.

— Isso foi rápido. – Dan consulta seu relógio e se levanta da cadeira, somente para pegar a prova da minha mão e olhar as três páginas, verificando se não deixei nada passar. — Vamos lá?

Caminhamos por mais alguns corredores com chão de madeira e paredes em estilo vitoriano, até que chegamos em uma antessala que me lembra uma secretaria escolar. Ele entra por uma porta que tem grandes janelas de vidro, de modo que vejo com perfeição quando entrega a prova para uma mulher de óculos que aceita e começa a corrigir. Vejo também quando ergue os olhos e me pega encarando-o. Normalmente eu desviaria e me repreenderia por ter sido pega, mas agora me obrigo a sustentar o olhar intenso que ele retribui, e estamos sorrindo.

É com o frio na barriga em queda livre, no acelerar do coração, nas mãos suadas de puro nervosismo e as pernas bambas que percebo o

quanto o quero. Por um momento não há nada nesse mundo que me impeça de tê-lo.

Dez minutos depois Dan sai da sala com uma pasta de plástico em mãos e vejo que dentro dela tem quatro livros.

— Parabéns. Você está no avançado! — Ele não parece nem um pouco surpreso ao dizer isso. — Nada surpreendente vindo de alguém que fala inglês, espanhol, francês e está aprendendo alemão!

Pego a pasta de sua mão com uma folha a parte, que percebo ser a grade das minhas aulas.

— Se correremos, conseguimos pegar o segundo tempo.

Parece que o dia de hoje vai se resumir a eu correndo para não me atrasar — mais — para chegar nos lugares, pois subimos dois lances de escadas em um ritmo rápido o suficiente para me deixar ofegante e caminhamos até uma sala no final do corredor, que para o meu alívio, a aula ainda não começou.

— Bem-vinda. — Daniel me lança uma piscadela quase imperceptível antes de sair e fechar a porta, me deixando em uma sala cheia de pessoas que não conheço.

As aulas avançadas consistem em literatura inglesa e gramática de um jeito que nem sequer aprendi no curso de língua meia boca que fiz no Brasil. Das 10h às 11h30 descubro que no período do curso analisaremos dois clássicos, sendo o primeiro *Jane Eyre*, e o segundo, *Admirável Mundo Novo*, e no final teremos de fazer um trabalho que ditará a média que será impressa no certificado. Já li ambos os livros em português e faz muito tempo, por isso coloco na lista de afazeres achar os dois clássicos em algum sebo.

O segundo tempo depois do intervalo, das 12h às 13h30 é de gramática e saio com a cabeça fervendo quando o professor nos libera. Começo a achar que estive errada ao pensar que um cursinho de dois meses seria moleza.

Pego o celular enquanto desço as escadas para o térreo na esperança de perguntar onde as meninas estão para irmos embora juntas, quando vejo uma mensagem no contado salvo de Daniel.

Daniel: Pode me encontrar na recepção?

Pego o caminho oposto da saída do prédio principal e volto para a

recepção olhando em volta em sua procura. Quando não acho, sento em um dos bancos de espera da ampla sala, me sentindo uma adolescente estúpida enquanto aguardo sua resposta depois de enviar uma mensagem dizendo que estou aqui.

Estou pronta para enviar uma mensagem para as meninas me esperarem quando vejo-o sair de uma sala do lado oposto do saguão e esqueço até mesmo qual é meu nome. Olhando-o assim, sentindo meu coração bater estupidamente rápido, percebo como é fácil me sentir atraída por ele. Como é fácil, na verdade, *qualquer* pessoa se sentir atraída por ele. Alto, esguio, com a camisa social por dentro da calça, as mangas apertadas pelos braços desenhados, a cor inebriante do seu cabelo ruivo contra a luz, a pele quase translúcida...

Acho que o que sinto agora é o que as pessoas chamam de *luxúria*, e, por Deus, como amo.

Daniel parece sentir meu olhar sobre si, pois ergue os olhos diretamente em minha direção e vejo um meio sorriso se formar no canto de seus lábios.

Parada cardíaca.

Ele olha em volta como se quisesse se certificar que não tem ninguém observando e faz um movimento com a cabeça para a sala em que acabou de sair, entrando novamente.

Antes que perceba, atravesso o saguão com o coração aos pulos e abro a porta devagar, somente para encontrá-lo do outro lado, agora sorrindo de verdade.

— E aí, o que achou das aulas?

Dou um passo para frente e fecho a porta atrás de mim, assentindo antes de falar.

— Bem... Intensas. Acho que é por isso que chamam de “classe avançada”.

Dan ri e abaixa os olhos, colocando as mãos nos bolsos enquanto encara os sapatos como se de repente eles fossem mais interessantes do que eu. Meu coração que antes batia acelerado de animação, perde o ritmo, tropeça nos próprios pés e cai de cara no chão quando ele ergue os olhos de novo. Tarde demais, desejo nunca ter vindo aqui, pois tudo o que vejo em sua expressão é remorso, medo.

Uma rejeição ensaiada.

— Nina, eu realmente te achei uma pessoa incrível e tive toda as boas intenções em pegar seu número para que pudéssemos marcar algo outro dia. Mas eu não fazia ideia de que você era intercambista, muito menos que é mais nova do que parece ser. Adoraria que pudéssemos sair, mas... – eu sei exatamente o que me espera depois desse “mas” –, mas eu não posso sair com estudantes da instituição. Isso vai contra todos os códigos de ética daqui, não sei nem o que aconteceria comigo se soubessem. Pelo amor de Deus, você tem 20 anos! – Ele ri de novo, dessa vez sem achar graça nenhuma e passa a mão pelo cabelo. Em seus olhos ainda consigo ver o quão desacreditado e decepcionado está com o que sai de seus próprios lábios.

O que ele espera que eu diga?

Meu rosto esquenta de constrangimento junto com o enorme enjoo que ameaça quebrar meus joelhos e me fazer cair diante dos seus pés, totalmente incrédula de que isso realmente esteja acontecendo. Engulo em seco e faço o que sei fazer de melhor; parecer indiferente.

— É uma pena. Pensei que poderíamos nos conhecer melhor, mas entendo. É seu trabalho – dou de ombros, recolhendo forças para me virar e abrir a porta, querendo sair dali o mais rápido possível sem que ele veja que meus olhos estão prestes a transbordar de pura vergonha e embaraço.

Mas sinto sua mão pegar meu cotovelo, e não tenho outra opção senão me virar e ficar de frente para ele. Quando nosso olhar se encontra, ele me olha com os mais lindos olhos de cachorro pidão, cheios de arrependimentos e desculpas, como se uma parte sua estivesse contrariado em me deixar ir embora. Vejo as palavras se formarem em sua boca, e idiota que sou, crio esperanças antes mesmo que ele desista do que ia dizer, calado pelas circunstâncias.

— Boa tarde, Senhor Wolf.

Puxo meu braço de sua mão e saio da sala com uma falsa calma, enquanto meu coração termina de estilhaçar o último pedaço inteiro.

Quem ele pensa que é?

Se soube no momento em que me viu chegar no balcão da recepção que não teríamos nenhuma chance de sairmos, por que diabos levou o assunto para frente? Por que já não disse logo na sala do teste de nivelamento que não seria uma boa ideia sair com uma estudante?

E, pensando bem, que desculpa esfarrapada! Não é como se eu fosse ficar um ano inteiro estudando no mesmo lugar, ou como se fossemos ficar de beijos pelos corredores. Ele tem um trabalho a fazer, eu tenho aulas para assistir, que pecado seria sairmos depois do seu expediente para tomarmos uma cerveja e colocar o assunto em dia? Quem ficaria sabendo?

Me convenço, pela segunda vez em dois dias, que preciso esquecer esse cara. Desde o momento em que apareceu na minha frente só me trouxe dor de cabeça e questionamentos que eu não me fazia há muito tempo. É a minha aparência? Sou tão feia assim? Sou chata, infantil, nova demais para ele? Merda, nem tive a chance de perguntar sua idade. Para me achar nova com 20 anos, deve ser bem velho.

Bufo em frustração e termino de passar as compras no caixa do mercadinho que achei perto do albergue. Consegui despistar as meninas simplesmente por estar em um péssimo humor, e elas não fazem ideia do porquê.

Volto para Betahnal Green com os braços cheios de sacola e separo tudo em sacos transparentes com meu nome escrito em caneta piloto preto. Pelo menos é assim que vejo que todos fazem. Faço questão de deixar tudo perto das coisas das meninas, já que Fleur foi bem clara em sua intenção de assaltar minha comida.

Já passa das três quando acabo e ainda não estou muito no clima de aparecer com cara de quem não está satisfeita com algo perto delas e ser bombardeada de perguntas, por isso volto para a rua no mesmo pé que entrei, sem nem trocar de roupa.

Faço todo o caminho de quarenta minutos de Betahnal Green até o centro de Londres pensativa. Repito para mim que não devo ficar chateada com esse tipo de coisa, que na verdade, já deveria estar acostumada a não ter sorte em relacionamentos. Quando a pessoa está interessada em mim, não me abro o suficiente ou não tenho o mesmo interesse que ela, quando gosto de verdade de alguém, ou ele é um

babaca ou não pode sair comigo por estudar onde ele trabalha, ou qualquer outra desculpa esfarrapada dessa.

Isso é patético.

Acordo a tempo de saltar na Westminster Station e foco todas minhas emoções para esse momento. Ainda não tive a chance de vir aqui desde que cheguei na cidade e esse é o momento em que sonhei diversas vezes durante toda minha adolescência. Por isso respiro fundo, tomo coragem e subo a escada em direção à superfície.

Demoro mais tempo do que o necessário para erguer os olhos, então vejo lentamente o monumento histórico entrar no meu campo de visão. Todas as lágrimas que economizei durante a vida tentando ser durona estão aqui, e são todas para esse momento em que saio na calçada movimentada e vejo o Big Ben na minha frente.

Durante anos observei e admirei esse monumento por fotos e vídeos, sonhei de milhares de formas diferentes como seria esse encontro, mas nada se compara à realidade. Estou bem de frente para ele, com uma avenida de distância, a London Eye bem do outro lado do Tâmesa, na minha esquerda. O lindo dia de verão ilumina tudo, dando um tom de dourado especial à cena dramática. Posso estar parecendo uma louca, na beira do meio-fio, tapando a boca em incredulidade enquanto chora copiosamente olhando uma torre. Mas nesse segundo não tem nada de triste ou trágico em minha vida. Nesse mísero segundo eu sou a menina que sonhou, lutou e realizou.

Nesse segundo eu sou de Londres, e ela é minha.

Quando consigo me recuperar, atravesso a avenida a caminho para a Parliament Square, encontrando a entrada para os jardins. Aprecio o máximo possível, tiro fotos, pego folhetos, me sento em um dos bancos e curto o sol que me abençoa e me aquece nesse dia tão memorável.

A sensação de liberdade é inebriante. Quando decidi fazer o intercâmbio, meu maior medo era me sentir sozinha, não fazer nenhum amigo e me perder com facilidade nos lugares, mas nada disso aconteceu até agora. Pelo contrário, conheci muitas pessoas, fiz boas amigas e não me sinto nem um pouco sozinha em momento nenhum. Minha parte autodepreciativa diz que esse é só meu terceiro

dia e que ainda vou ter mais 58 outros para poder me sentir sozinha e sem companhia, mas o que tenho no momento me basta.

Eu me basto.

Depois de sofrer muito por pensar que preciso da companhia de alguém para não me sentir sozinha, chego à conclusão que a melhor companhia que posso ter é a minha.

Com esse pensamento, passo facilmente o restante do dia andando pela cidade, entrando e saindo de lojas, achando inclusive um sebo incrível e obtendo os dois exemplares que preciso para as aulas de literatura.

Por volta das 17h30 acho uma cafeteria clássica perto do Tâmis e acabo sentada na varanda com uma xícara de chá preto, lendo *Jane Eyre*. Consigo me perder facilmente no tempo, mas como acender de uma lâmpada, eu me lembro.

Ergo os olhos do livro e encaro o nada por longos segundos, tentando me convencer de todas as formas que estou errada. Pego o celular, vejo a data e, claro...

Como pude ter esquecido isso?

Acordo do transe e imediatamente pego meu caderno antigo e surrado que uso como diário a tanto tempo que nem me lembro. Não é bem um diário. Comecei a usá-lo por sugestão da terapeuta que fui abrigada a ir depois que Julia se foi. Não o original de quando eu tinha 12 anos, até porque a ideia da Kali foi bem útil durante meu processo de entendimento na fase difícil que passamos, e esse, para ser mais exata, é meu sexto caderno de coisas que escrevo para Julia.

Hoje, quando coloco a data no topo da folha, sinto minha mão tremer.

04 de Junho de 2012

Julia,

Hoje faz exatamente oito anos que você não está mais aqui. Oito anos que sinto sua falta pra caralho. E não sei nem se estou feliz ou triste em te dizer isso, mas esse ano em específico eu não precisei arrumar uma desculpa para passar o dia inteiro fora de casa. Não precisei ir para a casa da Bianca, não precisei trabalhar até tarde, não precisei fazer nada para não pôr o pé dentro daquela casa e ver mamãe chorando e papai acabando com uma garrafa de

whisky. E sabe por quê? Porque hoje eu estou em Londres.

Nesse momento estou sentada na varanda de uma cafeteria muito charmosa, na beira do Tâmis escrevendo para você. Isso me faz lembrar de onde surgiu o meu amor por esse lugar. Lembra daquele disco dos The Beatles que você ouvia horrores quando eu tinha uns 11 anos? Você o colocava na vitrola que papai te deu de aniversário de 19 anos e cantávamos as músicas juntas. Duas loucas pelo seu quarto. Você me contou a história deles, de onde eram, onde fizeram sucesso, e desde então não parei de pesquisar sobre os The Beatles e Londres. Fiquei fascinada com a história da rainha, toda a monarquia, a bandeira linda, o clima frio que nunca tivemos no Rio de Janeiro, e quando menos percebi estávamos pintando a parede do meu quarto de azul e vermelho. Eu me lembro pois foi no começo do ano terrível em que você decidiu acabar com tudo. Ainda tinha tinta azul manchada no corredor quando fui correr de você por querer pintar minha cara. Mamãe ficou furiosa pela bagunça, mas não se deu ao trabalho de passar uma demão de tinta branca só para cobrir a besteira que fizemos.

Fiquei encarando aquela mancha azul por semanas depois que você se foi, até irmos para a casa em Arraial do Cabo passar uns dias com nossos primos enquanto pintavam a casa toda.

De alguma forma mamãe achou que redecorar tiraria a dor do nosso peito por não te ter mais conosco

É por essas lembranças que eu não consigo entender o motivo de você ter feito o que fez. Quando penso em nós duas pintando meu quarto, só consigo pensar em diversão, risadas, camaradagem. Você era tudo para mim, minha inspiração para tudo o que sou hoje, mas ironicamente decidiu não estar aqui para ver no que eu daria.

Ainda estou indo bem. Tenho vinte anos, ainda não estou em nenhuma faculdade, mas pelo menos estou em Londres.

E nesse momento só queria que você estivesse aqui comigo...

Te amo e sinto sua falta.

N.



Viro na cama mais uma vez, inquieta. Não preciso olhar no relógio para saber que é bem tarde. O quarto está debaixo do mais completo breu, e tudo o que ouço é o som das respirações e farfalhar das cobertas das outras meninas. A única fonte de luz débil que tenho vem da janela que fica entre os dois beliches, coberta por uma cortina fina.

Já é dia cinco de junho, mas ainda tenho a impressão esmagadora do dia que foi ontem, e toda vez que fecho os olhos sou bombardeada com lembranças de Julia e Daniel, juntos, aumentando a angústia inexplicável que tira meu sono com tanta facilidade.

Viro de novo, dessa vez de costas para a parede, e vejo pela visão periférica a luz inconfundível da tela de um celular sendo usado debaixo da coberta. Fleur dorme debaixo de mim, Akira no outro beliche de cima e Chels embaixo dela, e é ela que sei que está acordada agora, por algum motivo, mexendo no celular. Penso que é idiotice, que devo fechar os olhos e me forçar a dormir, mas a vontade de pular daqui e me juntar a ela é maior do que minha mania de achar que estou sempre incomodando as pessoas.

— *Psiu* — sussurro, na esperança de que ela ouça sem que eu precise descer. — Chels, tá me ouvindo?

Vejo a luz se apagar quando ela bloqueia o celular e não se mexe nem um centímetro. Fico imediatamente ofendida, entendendo isso

como um “não estou a fim de falar com ninguém”. Mas para a minha surpresa ouço em seguida:

— Se for algum fantasma, não, não estou ouvindo.

Reviro os olhos e me seguro para não rir.

— Deixa de ser idiota. É a Nina. Vi a luz por baixo da coberta. Também não estou conseguindo dormir.

Ela suspira de alívio.

— Ótimo, pensei que fosse uns demônios vindo me cobrar os favores que estou devendo, ou pior ainda; minha consciência.

Não consigo me segurar e solto um barulho horrível na tentativa de evitar a risada, o que faz ela também rir.

— Você é péssima.

Silêncio.

— Que horas seriam agora no Brasil? – Ela pergunta.

— Não sei. São que horas?

— Três da manhã.

Faço as contas mentalmente.

— Seriam 23h. Eu provavelmente ainda estaria acordada. Deve ser por isso que não consigo dormir.

— Bem, na Austrália já seria 12h, mas estou aqui a três semanas, já era para ter me acostumado.

— Uau. Nove horas de fuso.

— Pois é.

Silêncio.

— Você se importaria se eu fosse aí ficar com você? Ontem foi um dia difícil e não estou gostando da ideia de ficar sozinha essa noite.

— Depende.

Encaro o escuro, confusa.

— Do que?

— Você é lésbica?

Bufo.

— Não. Seria um problema se eu fosse?

— Não, mas gostaria de saber as probabilidades de eu ser apalpada por uma pervertida. O que nos leva para o segundo “depende”.

Reviro os olhos para o nada.

— Que seria?

— Vai me contar o que houve de tão difícil no dia de ontem?

Quer saber, isso foi uma péssima ideia. Estou pronta para dizer para ela deixar para lá, que vou dormir sozinha mesmo, mas uma parte de mim acredita que existe muito mais de Chelsea por trás de sua personalidade forte e presença extravagante. No pouco tempo que temos de convivência, enxergo uma confiança e amizade que demorei para ver em minhas outras amigas. Não faço ideia de como, mas só sei que nela posso confiar.

Por isso eu bufo e digo:

— Tá, eu conto.

Um dos fatos de eu odiar beliches é no quanto eles rangem sobre qualquer movimento que fazemos. O outro, é sua escada vertical que não ajuda em nada na hora de subir ou descer, o que sempre resulta na minha quase queda, e levando em consideração que está escuro pra cacete e eu não quero acordar mais ninguém, a missão de descer em silêncio ou sem morrer no processo é quase impossível.

Prendo a respiração quando iço meu corpo sobre a escada e só preciso achar um degrau para conseguir alcançar o chão. Para minha sorte Fleur tem um sono profundíssimo de dar inveja, e continua roncando baixinho durante os sacolejos involuntários da minha descida.

Só consigo respirar quando estou completamente salva em chão firme e vejo através do breu que Chels mantém sua coberta erguida para que eu entre. Uma cama de solteiro já é pequena para uma pessoa só, quem dirá duas. Por isso nos deitamos de lado, uma de frente para outra, e sinto o conforto de sentir outro corpo humano perto do meu, mesmo sendo de uma pessoa que acabei de conhecer.

— Vamos, desembucha. — Ela sussurra.

— Isso é tão estranho. Parece que estou falando para o nada. Nem consigo te ver direito.

— Ótimo, finja que está falando sozinha, e não me esconda nada.

Rio baixinho e me preparo, decidindo começar pelos males, o menor.

— Se lembra do carinha do bar que eu disse que não me ligou? De

sábado?

— O que tem esse babaca?

— Bem, eu o encontrei ontem e você não vai fazer ideia de como. — Silêncio. — Ele trabalha na instituição. — Chels arqueja. — É o cara que aplica a prova de nivelamento.

— O ruivo gostoso?! — Ela sussurra com ênfase.

— Exatamente.

— *Holy shit*. Então espera, vocês se encontraram em um pub no sábado, conversaram, ele pegou seu número, não ligou e se encontraram ontem de novo no maior acaso? — assinto e sei que ela consegue sentir isso por estarmos dividindo o mesmo travesseiro. — E ele te disse o porquê de não ter ligado?

— Akira esteve certa o tempo todo; ele salvou o número com o dígito errado. Muito provavelmente outra pessoa recebeu a mensagem.

Silêncio.

— Tá, e o que tem de tão trágico nisso? Acertou o número? Vão sair para dar uns beijos quando? Nina, deixa só eu passar a mão nessa sua cabeça santa para ver se consigo a sorte de encontrar um cara gato tão rápido assim, porque meu Deus, que *sorte*.

Meu peito dói com a lembrança da rejeição, e parece que só piora com o tempo.

Chels parece notar meu silêncio constrangedor.

— *Girl*, o que houve?

Suspiro, fechando os olhos por não estar enxergando simplesmente nada, e ser mais estranho ainda dizer essas coisas encarando a escuridão.

— Depois da aula ele pediu para me encontrar na recepção e disse que não poderíamos sair por eu ser estudante e ele trabalhar na instituição.

A mágoa em minha voz diz tudo o que estou sentindo agora, inclusive a vergonha.

— Mas... que filho da puta. Que desculpa mais esfarrapada.

— Foi o que pensei.

— Que cara babaca.

— Sim.

— Posso dar um soco na cara dele?

Rio.

— Não.

— Tem certeza?

— Sim.

— E se eu quebrar o nariz dele só um pouquinho?

Empurro-a com o ombro, tapando a boca para não rir alto e acordar o albergue inteiro. Parte da minha angústia se desfaz por saber que não sou a única a achar a atitude de Daniel idiota. É bom compartilhar esse tipo de coisa com alguém, ainda mais alguém como Chelsea, que está sempre me fazendo rir de alguma forma.

— Você está fazendo um ótimo trabalho como ouvinte ou amiga, mas agressões não serão necessárias. Eu entendo que é o trabalho dele, mas se acha que pode se prejudicar de alguma forma, paciência.

Sinto-a dar de ombros.

— Ou ele é só um babaca, mesmo. Nunca confie em homens brancos.

— Oi? Não sabia que eu era negra.

— Não é. E até onde sei, também não é homem.

Reviro os olhos, rindo mais um pouco.

— Então foi isso que fez seu dia ruim? Ser rejeitada por um branquelo enferrujado?

Não sei se é a proteção que a escuridão me traz, se é o sentimento de estar sendo ouvida com atenção pela primeira vez em tanto tempo ou se é essa estranha confiança que Chels me passa, mas começo a ponderar sobre contar a ela a outra coisa que estragou meu dia.

— Tem mais uma coisa.

Estou prendendo o fôlego.

— O que?

Não pensa, só diga!

— Ontem fez oito anos que minha irmã mais velha morreu.

Não sei quando foi a última vez que disse isso em voz alta. Todas as pessoas que conheço no Brasil sabem disso, porém nenhuma delas toca no assunto. Nunca precisei chegar para ninguém e falar “ah,

esqueci de te dizer uma coisa, mas minha irmã se matou quando tinha 20 anos."

Silêncio.

— Sinto muito, Nina. — Não há mais nenhum tom de brincadeira em sua voz. — Foi algum acidente, ou...?

Engulo em seco.

— Overdose proposital.

Nunca consigo dizer "*suicídio*".

O ar entre nós fica suspenso. Não consigo me mexer. Não consigo abrir os olhos. Não consigo *respirar*.

As cobertas se movem e antes que consiga entender o que está acontecendo, Chels está me abraçando. Um abraço forte, apertado, que deveria me machucar, mas que na verdade alivia a dor que sinto entre os pulmões e comprime meu peito em uma angústia que sufoca.

E eu que odeio chorar na frente das pessoas, me deixo chorar no escuro daquele abraço salva-vidas.

— Seria muito bom se você dissesse algo engraçado agora – consigo dizer, meio rindo meio chorando.

— Eu sei ser bem filha da puta, Nina, mas a graça disso é saber quando parar, a morte da sua irmã não tem graça nenhuma no momento.

Assinto junto ao seu ombro, sabendo que não existe nenhuma piada depreciativa que faça esse momento ser menos deprimente.

Quando me sinto confortável e Chels não afrouxa seu abraço, conto tudo o que aconteceu. Quantos anos eu tinha, como a encontrei, o que aconteceu depois disso. Conto em como ninguém viu os sinais, como minha família se desfez depois disso e como essa viagem é importante para mim. Acho que esse foi o maior período que vi Chelsea ficar calada, o que só confirma minhas suspeitas sobre ela ser a porra de uma grande amiga.

Irônico saber que precisei atravessar continentes para ter esse tipo de relacionamento.

— Eu fico muito feliz que você tenha confiado sua história a mim, Nina. — Há tanta sinceridade em sua voz que tenho vontade de voltar a chorar. — Sinto muito que as coisas tenham sido assim na sua vida,

mas podemos ver de longe o quão forte você é e o futuro incrível que o mundo prepara para você.

Suspiro, secando as lágrimas que insistem em rolar, sentindo meu peito mil vezes mais leve. Sei que se continuar de olhos fechados só mais um pouco, caio no sono profundo que tanto desejo.

— Obrigada, Chels.



São 22h de uma sexta-feira à noite e a tal festa que Fleur nos disse há quase uma semana, está prestes a acontecer. Estive contando as horas para que esse dia chegasse, e agora que está aqui, não sei onde enfiar tanta animação e nervosismo. Não faço ideia de onde é, de quem é ou como vai ser, mas sinceramente, pouco me importo.

Passamos no mínimo as últimas duas horas nos arrumando, divididas entre tomar banho, escolher roupas, trocar peças, se maquiar para somente agora, enfim, nos olharmos no espelho apertado do quarto, nos sentindo satisfeitas com o que vemos no reflexo.

— Puta merda, estou muito a fim de tomar umas decisões erradas hoje. — Chelsea diz virando mais uma dose de tequila que Fleur conseguiu contrabandear para o nosso quarto.

— Não soe tão animada sobre isso — rebato, pois também tomei umas quatro doses desse troço e começo a ficar bêbada antes mesmo de tirarmos nossas bundas do quarto.

Nunca estive tão viva.

— As vadias estão prontas para festejar? – Fleur pergunta aos gritos.

Nós respondemos ao mesmo tempo:

— Sim!

— Sim!

— Não tenho tanta certeza! – grito.

As três me lançam um olhar de *“garota, é melhor você estar brincando”*, e me encolho, totalmente intimidada.

— Calma, gente. Só estou um pouco nervosa. É minha primeira festa na cidade.

Chels revira os olhos e me empurra mais uma dose de tequila.

— Cala a boca e bebe. Você vai ficar bem.

Olho para Akira que parece ser a segunda mais calma do grupo, mas não me surpreendo nada ao ver que é a que mais bebe até agora.

Que Deus tenha piedade de nossas almas hoje.

Descubro que não vamos sozinhas quando encontramos mais um grupo de no mínimo dez pessoas no térreo do albergue. O alvoroço é tão grande que vejo Gil nos expulsar de sua recepção sem nenhum sermão. Eu sempre tive raiva de jovens barulhentos, mas hoje me encontro no meio dessa confusão toda.

É mais engraçado e divertido quando você faz parte do grupo.

Não somos os únicos a estarem saindo para a noite na cidade, pois as ruas estão lotadas. Talvez – quase certeza – o álcool esteja me fazendo mais amigável, pois nada me impede de conversar e me enturmar com as pessoas que antes só conhecia de vista e por trocar pouco mais de “bom dia” e “boa noite”.

Sei que a noite está fria – por mais que a tequila não me faça sentir isso – por isso visto uma bota preta que pega acima do joelho, calça jeans escura, uma blusa fina e dois casacos por debaixo do sobretudo vermelho que está abotoado até em cima e amarrado na cintura, acentuando minhas curvas. Finalizo o look com um cachecol creme – que já estou morrendo de vontade de tirar. E mesmo assim, nada se compara a forma deslumbrante que todos estão vestidos a minha volta.

Minha cabeça já está enuviada o suficiente para notar em qual estação nós descemos, então só foco em seguir o grupo que parece saber exatamente o que estão fazendo. Caminhamos pela avenida principal e movimentada, até entrar em uma rua secundária, repleta de prédios de quatro e cinco andares. A energia da cidade parece nos animar ainda mais, e somos só mais um grupo de jovens andando pela rua à procura de sua noite perfeita.

Daqui já consigo ouvir vários lugares com música, mas vejo um prédio específico em que seu terraço brilha com luzes eletrônicas, e sei que é para lá que estamos indo.

Quem, em plena consciência dá uma festa em um terraço, em Londres? O lugar que está sempre frio? Temos sorte de não estar chovendo e ainda não podemos confiar 100% que isso não vá acontecer! Mas aqui estamos, com nossos 14°C, indo para uma festa no terraço.

Como o álcool tem essa incrível capacidade de nos fazer ligar o “foda-se”, passar frio em um terraço parece ser uma ótima ideia agora.

Fleur, a abelha rainha das festas, nos guia pela rua até o prédio que vimos de longe. Ela é a primeira a entrar pela porta dupla de madeira que está aberta, parando na soleira somente para gritar, “*Celébrons!*” em seu francês perfeito.

Vamos logo atrás, entrando sem cerimônia, como se fôssemos de casa, somente para dar de cara com um ambiente escuro e de música alta. Todos vão para a escada principal e eu só sigo o fluxo, olhando em volta o suficiente para notar que parece mesmo uma casa, tirando o fato que foi tudo modificado para *hostear* uma festa. Não há um cômodo que não esteja ocupado com pessoas bebendo, dançando e se pegando – de formas que eu preferiria não ver.

Parece o tipo de festa que Fleur nos levaria, com certeza.

Não sei quem mora aqui, ou se é até mesmo um prédio residencial, mas tudo indica que sim. Confesso que alguém sabe dar uma boa festa.

Depois de quatro andares, consigo contar, estamos no terraço. Me encolho, parte pelo vento frio que nos recebe, parte pela surpresa de dar de cara com um espaço aberto, com grandes mesas elaboradas

com comidas e bebidas, um DJ num ponto bem avantajado e a música ensurdecidora – porém contagiante – que o acompanha. Preciso de poucos segundos para sair do transe e começar a me mexer no ritmo, notando que Chels faz o mesmo ao meu lado.

— Você veio! – ouço alguém gritar a nossa frente, vejo um cara vestido de acordo com a moda, com para lá de seus 17 anos, notoriamente bem sucedido, que se dirige diretamente a Fleur, com braços abertos para recebê-la.

— Claro que vim! – Ela o abraça de modo carinhoso até demais, olho para Chelsea e Akira com cara de “*acho que temos amigos íntimos aqui*”, e as duas riem, pois sei que estamos pensando a mesma coisa. — E trouxe uns amigos, espero que não se importe!

— Claro que não! A casa é de vocês, fiquem à vontade. – Agora ele se dirige a nós. — Tem todos os tipos de bebidas e a mesa de comidas está sempre sendo repostas. Sintam-se em casa e o mais importante: divirtam-se.

Me sinto lisonjeada e até um pouco incomodada com tanta “mordomia”.

— Tem certeza de que a gente não precisa pagar nada para estar aqui? – pergunto, desconfiada. — Parece bom demais para ser verdade.

— Relaxa, gente. O cara é podre de rico e dá esse tipo de festas o tempo todo. Hoje somos VIP’S! – Ela grita. De novo sinto meu estômago se revirar em excitação e nervosismo.

Vendo minha cara de preocupação dividida com animação, Chelsea espera que todos se espalhem pelo terraço barulhento e se aproxima de mim, passando o braço pelo meu ombro.

— Ei, relaxa. Se solte, divirta-se. Você merece isso.

Desde a madrugada de terça-feira, depois que passamos horas na escuridão do quarto, dividindo a mesma cama e desabafando segredos, temos estado mais próximas do que nunca e com isso parece que Chels ganhou a imensa habilidade de ler minha mente quando se trata de sentimentos conflitantes.

Sorri para ela, aceitando seu conselho para que, obviamente, me divirta essa noite.

Não tem mais nada que eu queira na vida.

Por isso me deixo ser arrastada para o centro da multidão, onde todos dançam juntos com a música eletrizante, e desse momento em diante, confesso que não quero saber de nada, além de fazer essa noite valer a pena.

Há tantas pessoas, tantos corpos, tanta sintonia, que nem sei com quem mais estou dançando. Uma hora é Akira, na outra é Chelsea, então é um garoto que nunca vi na vida. É eletrizante e reconheço que o sentimento que borbulha em meu peito é felicidade.

Bebo cerveja, tequila, vodka e vários outros drinks que nunca nem vi, e uma parte minha sabe que vou me arrepender disso amanhã. As horas passam e já não tenho noção nenhuma de tempo, percebo que pouco me importo. Meu sobretudo já está aberto e não sei onde foi parar o cachecol, mesmo a temperatura ambiente estando frio para mim, consigo suar feito uma louca, parte pela dança incessante, parte pelas bebidas que não paro de pôr para dentro.

Um dos nossos amigos não para de surgir do nada com bandejas e mais bandejas com *shot* e várias bebidas diferentes, as quais nem me preocupo em saber o que é, só bebo. Sempre tem uma cerveja em minha mão, em contrapartida Akira surge vez ou outra com garrafa de água para nós e um pouco de comida.

— Fiquem mesmo sem beber água e comer algo. Vão pifar por aí e eu não vou segurar cabelo de ninguém para vomitarem, muito menos carregar alguém para casa.

Em meio a essa ameaça, aceito a garrafa de água que me oferece e a bebo toda.

Em certa hora da noite o menino do albergue de cabelo platinado – que depois me lembro se chamar Dave – que veio conosco e dança como ninguém, traz uma garrafa de bebida desconhecida em mãos e vai passando pelo grupo, ao mesmo tempo que começa a tocar *Crazy In Love*, então não respondo pelos meus atos. Pego a garrafa quando chega em mim e estou dançando os passos da coreografia tão conhecidos. E o mais impressionante: não estou sozinha. Sou acompanhada por pelo menos mais três pessoas que sabem os passos, assim coloco todos os meus anos de *Just Dance* em prática.

Não estou acostumada a misturar tantas bebidas. Na verdade, não estou acostumada a *beber*, e temo o resultado.

Depois de três performances completas, estou completamente morta e preciso me sentar urgente. O mundo não para de girar a minha volta, e depois de pegar duas garras de água, falo para o pessoal que vou descansar um pouco e caminho para o lado oposto, sentando nos bancos que cercam o terraço. Sinto meu corpo frio e dormiente por conta do álcool, e também percebo que tenho na cabeça um chapéu que não é meu. Rio pela situação – como tenho rido de tudo – e tenho alguns minutos de onda enquanto olho em volta e vejo a festa de fora. Realmente, é uma festa e tanto.

Viro uma garrafa toda de água me convencendo de que preciso ficar um pouco sóbria. Não que seja ruim estar bêbada, mas reparo que esse é meu nível máximo, que se passar disso, terei de ser carregada para casa.

Pego o celular e confiro as mensagens dos grupos, respondendo com dificuldade o que consigo. Não estou em nenhuma condição de responder mensagens, mesmo assim vou rolando para as mais antigas, até achar a conversa com aquele carinha – *lindo ruivo perfeito, babaca?* – do bar. Qual o nome dele, mesmo? Daniel?

Isso.

Abro a conversa sabendo que perdi todo o sentido da palavra “*limites*” e “*vergonha na cara*”. Sei também que vou me arrepender amargamente disso, mas como estou bêbada e chapada, posso colocar a culpa nesses fatores caso qualquer coisa dê errado.

E sei que vai dar errado.

Sinto meu coração acelerar quando começo a digitar.

Eu: O que é que o rapaz está
fazendo numa sexta-feira à noite, à 1h da manhã?

No fundo, uma parte de mim quer que ele não esteja on-line e que não veja a mensagem, mas a outra parte aguarda ansiosa, até que vejo o ícone de “*disponível*” aparecer e minha mensagem ser lida.

Bloqueio o celular enquanto minha parte sóbria – que está muito oprimida no momento – me pergunta que diabos eu fiz. Não basta ter sido rejeitada quatro dias atrás, ainda tenho que me humilhar um

pouco mais?

Vou ser ignorada, basicamente. Mais uma rejeição em menos de uma semana.

Eu sou patética.

Minha boca nunca pareceu tão seca, por isso abro a segunda garrafa de água que peguei e bebo metade dela. Quase infarto quando o celular anuncia mais uma mensagem, o que me faz cuspir comicamente a água para fora, formando uma chuva.

Destravo e leio com o coração aos trancos.

Daniel: Estou em um bar com uns amigos. E você? Aproveitando bem os dias em Londres?

Bem, ele está sendo casual. Ou só educado? Por via das dúvidas, ergo o celular mirando a festa no fundo e tiro uma foto. Não sei por que, só tiro e envio. A Nina pura não faria isso nunca.

Confesso que gosto.

Eu: Da melhor forma possível.

Nina enviou uma foto.

Não faço a menor ideia de como ele responderá a isso, mesmo assim sou pega de surpresa.

Daniel: Para isso você não chama, né? Sacanagem...

Ele só pode estar de brincadeira com a porra da minha cara.

Eu: Ué, se me lembro bem, não foi você quem foi rejeitado por ser um estudante ou por ter só 20 anos, “pelo amor de Deus”. haha Bêbada e chapada, sim. Idiota? Nunca.

Daniel: Verdade. Você está certa.

Falando nisso, você não poderia estar bebendo, sabia? Muito menos fumando. Maioridade aqui é com 21 anos.

Reviro os olhos, como se ele pudesse ver.

Eu: Um grande foda-se para isso. No meu país maioridade é com 18, e ralei muito para estar nesse lugar. Vou me divertir do jeito que me der na telha! Haha

Daniel: Você está certa, de novo!

Esse “foda-se” aplica-se a tudo, ou somente na parte de se divertir?

Ergo a sobrelha, pois sei o que ele quer dizer com isso. Mesmo minha parte sóbria gritando que ele é um babaca e que já me fez

perder o sono duas vezes, sinto meu peito aquecer ao perceber que era exatamente isso que meu eu bêbada queria encontrar.

Eu: Liguei o foda-se para tudo, mesmo. Decidi que preciso me divertir e viver os melhores dias da minha vida enquanto estou aqui para fazer isso. Pena que nem todo mundo pense assim.

Daniel: Sério que ainda existe gente que se apegas às regras? Também não sei mais o que é isso. Tenho agido muito por impulso, ultimamente. Nem te conto o que aconteceu semana passada; eu estava em um bar assistindo a final de jogo de basquete, e quando meu time ganhou, sabe o que eu fiz? Agarrei a menina que estava do meu lado e a tirei do chão em comemoração. Dá para acreditar?

Eu: Sério? E o que ela fez?

Daniel: Por sorte só me olhou como se eu fosse um louco. Por pouco não levei um tapa na cara, o que foi uma boa, pois ela parecia ser uma pessoa muito legal. Peguei o número dela quando tive que ir embora, mas o burro aqui anotou um número errado.

Eu: Isso é uma baita história! Pena que não tenha dado para seguir com ela. Tenho certeza de que a menina também se interessou muito por você.

Daniel: Pois é. Acabou que descobri que ela estuda na escola em que eu trabalho. Fica complicado de sairmos por questões éticas da instituição.

Eu: Mas não foi você quem ficou surpreso por ter pessoas que ainda se apegam às regras? Não entendi haha

Daniel: Analisando agora que estou com um nível de álcool considerável, acho que a instituição é muito grande para notarem que estamos saindo. O que você acha?

Não pode ser.

Eu: Realmente, acho que a probabilidade de serem descobertos é bem pequena.

Daniel: Sem contar que ela vai ficar só por dois meses e já se passou uma semana, né. Acho que vou chamá-la para sair.

Deus, não me deixe infartar agora.

Eu: Ainda bem que estamos no século XXI e as mulheres têm autonomia para fazer isso.

*Você enviou sua localização atual.
Vem logo.*

Digitando...

Digitando...

Digitando...

Daniel: Estou a caminho.

Encaro a tela do celular e releio toda a conversa umas dez vezes. Meu consciente está gritando comigo nesse exato momento, se perguntando o que a parte bêbada fez.

Ele está vindo para cá.

Ele está vindo para cá!

Me levanto em um pulo, descobrindo que nervosismo pode metabolizar o álcool rápido que é uma beleza. Olho em volta com o coração batendo na boca, perguntando o que diabos vou fazer.

Reforços.

Preciso de *reforços*.

Bato em retirada a procura de Chels, Fleur ou até mesmo Akira. Abro caminho com os cotovelos entre a multidão e esforço meus olhos a focarem. Preciso me concentrar, principalmente para não *surtar*. Quase grito de alívio quando acho Chels espremida contra a meia parede do terraço se engolindo com um – *olha que surpresa* – “homem branco”, alto e magro que não faz esforço nenhum para disfarçar a pegação intensa.

Não tenho tempo para admirar a ironia da cena.

– Chels, ei, desculpe atrapalhar. – Basicamente arranco um de cima do outro, por sorte o menino parece estar bêbado o suficiente para não se importar, pois só me olha com uma cara de idiota. – Você está sóbria?

Chels ri, e meio que não preciso de uma resposta só pelo tamanho minúsculo dos seus olhos.

– Estou moderadamente funcional.

– Vou entender isso como um “não”, mas preciso de você mesmo assim.

Pego sua mão como se fossemos salvar minha mãe da forca não dando mais nenhuma explicação enquanto a arrasto terraço afora.

Acho Fleur no meio do caminho e por fim, quando estamos entrando no prédio, vejo Akira na mesa de bebidas.

— Mas que diabos está acontecendo?

Me viro para as três – quatro, pois o cara da Chels por algum motivo nos seguiu – e tento parecer o mais calma possível.

— Preciso ficar sóbria, tipo, *agora*.

Caras confusas.

— Não tem uma mágica para isso. Já está todo mundo bêbado para cacete, não sei se você percebeu, eu estava dando uns amassos com o Alex.

O garoto acena quando ouve seu nome, mas sei que está totalmente fora de si.

— Isso é uma *emergência*! Vocês podem voltar para suas transas depois, mas agora preciso de ajuda, porque Daniel está vindo para cá *nesse momento*.

— Quem é Daniel? – Fleur pergunta.

— O que eu estou perdendo? – Akira não faz ideia do que está acontecendo.

Mas é Chelsea quem surta.

— *Aquele* Daniel? O babaca que te rejeitou está vindo *para cá*?

Olho meu relógio de pulso e sei que não estou conseguindo nada com isso. Queria dar um tabefe na linda cara de cada uma delas, só para ficarem um pouco mais sóbrias e me ajudassem.

— *Merda*. Chels, explica para elas quem é Daniel enquanto eu vou pegar mais água. Alex – o menino retardado ergue os olhos ao ouvir seu nome de novo, e o empurro para a fila do banheiro que está ridiculamente grande –, fica na fila para mim, ok? Seja útil para algo.

Corro para a área de bebidas e consigo pescar mais duas garrafas de água, já bebendo metade de uma quando volto para o prédio a tempo de ver duas expressões de incredulidade me encarar quando me aproximo.

— O ruivo. – Akira diz.

— Gostoso. – Fleur completa.

— E *babaca*.

Reviro os olhos, arrastando-as para a fila onde surpreendentemente

Alex conseguiu ficar.

— Vocês estão muito bêbadas agora e duvido que vão lembrar de algo amanhã. Então só me ajudem, ok?

— Eu não estou bêbada! Você que está embaçada.

— Vá se ferrar, Chels.

Ela não tem tempo de discutir, pois Fleur abre sua bolsa e começa a tirar maquiagens bem úteis que eu não pensaria em levar comigo de jeito nenhum. Enquanto a fila do banheiro anda, uso o espelho minúsculo do seu pó compacto e agradeço aos deuses pelo nosso tom de pele ser tão parecido. Se dependesse de Chels – que é negra – ou Akira – que é basicamente transparente – para salvar o dia, eu estaria ferrada.

Quando enfim chega minha vez, tenho a cara apresentável de novo, ao contrário do meu cabelo que está uma zona. Na pia pequena e com um espelho maior, umedeço os cachos o máximo que consigo e tento modelá-los a algo mais decente do que o mafuá atual. Qualquer coisa é melhor do que isso. Quando saio de novo, as meninas estão de prontidão para ajeitar meu sobretudo e dar uma checada final.

— E aí, como estou?

— Como nova.

— Nervosa?

— Para cacete, acho que não estou sóbria o suficiente para isso – abano as mãos para afastar os tremores e tento sorrir, me sentindo patética.

— Um minuto atrás queria ficar sóbria, agora quer ficar bêbada? Se decida.

Chels toma a frente do grupo e me estende a última garrafa de água, me empurrando de volta para o terraço.

— Só para deixar bem claro – ela sussurra em meu ouvido –, eu ainda quero quebrar a cara dele.

E ela consegue me fazer rir até em um momento desses.

Passo no bar improvisado e pego mais duas cervejas, voltando para o lugar em que estava antes. Fecho o sobretudo e me sento no banco, sentindo o coração bater com tudo no peito. Minhas mãos voltaram a suar, não sei o que fazer quando ele aparecer.

Não faço ideia do que esperar desse encontro.

Vejo as meninas se reunirem ao longe, e é impossível não notar enquanto esperam o desenrolar disso. Acho patético e engraçado ser uma melhor atração do que suas possíveis transas da noite.

Se passam pouquíssimos minutos quando ouço a notificação no telefone e vejo com a tela ainda bloqueada sua mensagem de “cheguei”, quando ergo os olhos, vejo-o se desvencilhar das pessoas que ainda dançam como loucas e olha em volta.

Não sei como é possível uma pessoa morrer e continuar respirando. Como posso infartar e mesmo assim ouvir as batidas do meu coração tão altas que me ensurdecem mais do que a música estupidamente alta que toca a minha volta? E, acima de tudo, babaca ou não, como pode existir um homem tão maravilhoso como esse?

Fora da vestimenta formal que o vi da última vez, Daniel veste um sobretudo preto abotoado até o pescoço, com um cachecol branco em volta dele e está com as mãos nos bolsos enquanto me procura. Parece um deus, com toda certeza, e não estou levando em consideração meu nível de álcool e substâncias duvidosas.

O quero tanto que meu corpo reage, mesmo o vendo só de longe. Não sei nem do que sou capaz de fazer hoje. Morrer com certeza está entre as opções.

Quando enfim seus olhos me encontram, esqueço completamente os motivos que me fez achá-lo um babaca. Então ele caminha em minha direção e só consigo pensar em *eu vou morrer*,

morrer

morrer bem a. go. ra.

Ele se aproxima com passos largos e casuais e se senta ao meu lado sem nenhuma cerimônia, me olhando com atenção, como se estivesse me vendo pela primeira vez.

Espero mesmo que eu esteja no mínimo apresentável.

— Quem é que dá uma festa no terraço, em Londres? – Ele é ótimo em quebrar gelos, pois estou rindo e sinto metade do nervosismo se esvair.

Ele é só um cara.

— Estou me perguntando isso a noite toda.

Agora que estou ficando sóbria, começo a sentir a noite fria de verdade, por isso me encolho, parte para tentar me aquecer melhor, parte por me sentir totalmente despreparada para essa conversa.

Lembro que peguei duas cervejas, então estendo uma para ele e abro a que tem na minha mão.

— Não é bem o pagamento da dívida, mas acho que serve de alguma coisa.

Dan ri em silêncio, concordando enquanto brindamos com as garrafas. Dou um gole tímido por não querer alterar meu estado atual de consciência e viro no banco, cruzando as pernas de frente para ele.

— Então... — tenho tantas coisas em mente que decido começar pela mais óbvia —, o que te fez mudar de ideia sobre me encontrar fora da instituição?

Dan ergue as sobrancelhas e ri com a minha pergunta direta, quando percebo que olha por mais tempo que o necessário para o meu joelho que encosta em sua perna sem querer.

— Bem... Eu tive quatro dias para pensar no assunto, e conversando com meus amigos vi que não havia tanto problema assim. — Ele dá de ombros, olhando para mim. — Não entrei em contato, pois você pareceu bem chateada comigo aquele dia, e com toda a razão. Não sabia como iria reagir.

Absorvo tudo o que ele me diz, sem responder. Quero acreditar muito nisso tudo, mas me pergunto o que aconteceria se meu eu bêbada não mandasse mensagem para ele hoje.

Como se lesse minha mente, Dan estende a mão e tem um meio sorriso fofo nos lábios quando toca meu pulso. Sua mão é fria, mas a sensação é de estar pegando fogo.

— Fico feliz que tenha falado comigo hoje. Estava perdendo o sono ao pensar em um jeito de falar com você de novo.

Bufo e reviro os olhos, simplesmente pela minha parte depreciativa não acreditar nisso.

— Tá, claro.

— Eu estou falando sério.

Ele ri e me empurra de leve pelo ombro, aproveitando a oportunidade para pousar a mão livre na minha perna.

— Acha que podemos nos ver, sem problemas? — dou de ombros. — Não quero arrumar confusão para você.

Dan assente, parecendo ter certeza do que diz.

— Claro. Eu fui um babaca, mesmo.

— Ok, então — digo, querendo mudar de assunto e evitar que ele note que meu corpo inteiro entrou em choque pela sua aproximação.

— Você já deve saber tudo sobre mim por causa da minha ficha na instituição. Me fale de você.

Ele faz uma careta, como se eu estivesse falando besteira.

— Só sei dados vagos sobre você. Não sei nada sobre sua vida — prendo-o com meu olhar fixo, avisando em silêncio para que ele reconheça o papo-furado. — Tá bom, o que quer saber?

Dou de ombros.

— Sua idade, sua família, o que gosta de fazer no tempo livre... Essas coisas.

Dan se ajeita no banco, dando mais um gole na cerveja que tem em mãos e olhando a festa que se desenrola a nossa frente.

— Vou fazer 27 anos mês que vem, moro em Camberwell e sou formado em contabilidade com pós em administração. Trabalho na instituição há dois anos e não procurei nada melhor por comodismo. — Ele olha para o céu, como se tentasse lembrar de algo. — Tenho uma irmã dez anos mais nova que eu, mas mesmo pela diferença gritante de idade, nos damos muito bem. Ela ainda mora com meus pais e está terminando o ensino médio, tentando a faculdade de medicina. — Ele olha para mim de novo. — Acho que é isso.

Assinto, achando sua apresentação razoável.

— Vim fazer esse intercâmbio enquanto espero o resultado da lista de espera da faculdade no Rio. Fiz a prova dois anos seguidos e não passei. No terceiro fui para a lista de espera, e se não for chamada, vou optar pelo ensino particular, mesmo — abaixo os olhos, sentindo a frustração da realidade me acertar. — Queria cursar Produção Editorial, mas esse curso só existe em uma universidade federal, e é qual estou esperando ser chamada.

Meu rosto esquenta de constrangimento, pois a intenção era começar a contar minhas derrotas só depois do terceiro encontro.

Ele leva a mão ao meu rosto e passa o polegar pelo meu queixo.

— Tenho certeza de que você vai ser chamada – sussurra.

A convicção em sua voz é tão forte que até mesmo acredito. Sorrio e fecho os olhos, aproveitando seu toque. Sinto que posso desaparecer bem agora.

— Eu escrevo – abro os olhos, confusa, e encontro um sorriso de diversão. — Você perguntou o que eu gosto de fazer. Eu escrevo.

Pisco duas vezes, vendo-o se recostar na meia parede do terraço e puxar minhas pernas para o seu colo, deixando a mão em meu joelho.

— Poema? Romance? — *como faz meninas como eu morrerem do coração?*

— Um pouco de tudo... Tenho uns livros que nunca consegui finalizar e acho que nem vou, na verdade.

— Tenho certeza de que você vai finalizar algum – digo com um pouco de ironia, usando o mesmo tom de voz que ele usou para dizer que eu passaria na faculdade.

Daniel ri com gosto, e amo ser a razão disso.

O formigamento entre minhas pernas fica mais intenso, tão intenso que chego a pensar que ele sabe o que estou sentindo. E pelo modo desesperado que meu coração está batendo, não duvido que consiga sentir o pulso só de segurar minha mão.

— Mas então, o que pretende fazer nos dois meses que vai ficar aqui?

Ele está glorioso sob essa luz. Não consigo tirar os olhos de seus lábios enquanto fala, sei que ele já percebeu isso, pois dá um meio sorriso toda vez que termina uma frase. Sua mão é quente sobre minha perna, consigo sentir mesmo através dos jeans. Seus olhos, mesmo a noite, têm esse tom azul esverdeado incrível, e não quero que ele nunca mais se afaste de mim.

— Não sei... – respondo, um pouco desconcertada. — Quero conhecer melhor a cidade. Visitar bastante os museus, galerias, parques... Essas coisas. Acho que dois meses são suficientes.

— Um mês é o suficiente. Dois meses são mais do que isso. Tenho certeza de que você vai aproveitar bastante. Já fez muitos amigos?

— Sim! Como pode ver, as meninas da república são as melhores –

faço um gesto com a mão livre para a festa, sem apontar com certa exatidão as três que ainda estão juntas, cochichando enquanto nos olham. Vejo Akira erguer o polegar em aprovação quando olho para elas por um segundo e preciso segurar o riso.

— Estou vendo.

O silêncio cai sobre nós e não sei o que dizer a seguir. Por sorte, ele parece saber.

— Por que Produção Editorial?

— Bem... — arrumo a postura e respiro fundo, tentando pensar no melhor jeito de responder. — Eu sempre gostei de saber como as coisas são feitas, como tudo é criado, montado. Isso combinou com minha paixão pelos livros, e quando fiquei sabendo que existia um curso que juntava tudo isso, fiquei encantada. Produção Editorial tem vários seguimentos, mas definitivamente quero seguir o dos livros. Toda a preparação do material, o design, o texto... — suspiro, sonhadora. — Parece ser maravilhoso ter o poder de produzir coisas tão incríveis como livros.

Olho para o lado a tempo de ver Daniel assentir levemente, mas sua expressão beira a perplexidade. Não sei bem o porquê, e estou perdida no grande vazio que minha mente entra quando ele se aproxima um pouco, levantando o braço para alisar um cacho rebelde que decidiu cair sobre meu olho, afastando-o para trás da orelha. O gesto é tão íntimo, e pouco me importo. Quero é que faça mais coisas do tipo.

Se eu estivesse raciocinando direito, poderia pensar que nunca, em toda minha vida, fui olhada do jeito que ele me olha agora. Como se eu fosse uma completa estranha, como se me conhecesse por completo, como se eu fosse tudo e nada, a resposta e o silêncio para todas as perguntas que se fez e que ainda vai fazer. Como se eu o deixasse fascinado, como se — essa é a palavra certa — eu o *encantasse*.

O sentimento não dito ameaça me quebrar ao meio, e não sei se já senti alguma coisa do tipo. É esse o sentimento que lemos o tempo todo nos livros? É assim que devemos nos sentir antes de um beijo?

Ele se aproxima mais e seus olhos se abaixam para a minha boca, como se ainda estivesse cogitando me beijar. Torço, rezo, suplico para

que faça isso logo. Engulo em seco, pois meu coração está batendo na garganta, e todas essas batidas são para ele.

Sua mão acaricia a minha, sobe pelo braço até estar em meu pescoço e sinto cada terminação nervosa do meu corpo explodir de milhares de formas diferentes. Inclino a cabeça para trás e entreabro os lábios involuntariamente.

Eu poderia morrer, bem agora, para poder estar em todos os lugares em que ele está.

— Eu devo estar louco.

Daniel sussurra e sua boca, enfim, se encontra com a minha. É ao mesmo tempo inesperado e atrasado. E sei que estive certa o tempo todo; é perfeito. Ele é perfeito, e me puxa para mais perto de si quando sua língua desenha meus lábios, fazendo com que eu solte um gemido involuntário, delirante, apaixonado. Eu também devo estar louca, pois quero tanto isso que dou vida aos meus braços moles ao lado do corpo e alcanço seu pescoço, deslizando os dedos através do cachecol até encontrar seus cabelos encaracolados e finos na parte da nuca. A sensação dos seus lábios molhados e do nosso beijo intenso faz com que eu me afogue por completo, e sei que não voltaria à superfície nem se minha vida dependesse disso.

— Meu Deus. — Ele sussurra, agora segurando meu rosto com as duas mãos, mantendo nossas testas juntas, como se não tivéssemos que ir a lugar nenhum. — Sua boca é incrível.

Sorrio. Eu poderia dizer que sua boca também é incrível, mas estou ocupada demais avançando novamente para provar isso com minha língua. Daniel me recebe, mais sedento, me apertando com mais força entre seus braços quentes. E eu sinto tudo ao mesmo tempo. Intenso demais. Presente demais.

Bom demais.

Somos levados para outra dimensão e tudo a nossa volta se cala. Não tem mais música alta, não tem mais gente dançando, não tem mais confusão, somente eu e ele entregues nesse momento que arranca suspiros do mais fundo do meu ser

Nos afastamos juntos para pegar fôlego, emergindo na superfície sedentos por ar. Dan cola sua bochecha na minha, sem nos afastar

nem um centímetro sequer, sua respiração ofegante contra meu ouvido faz cada pelo do meu corpo se arrepiar, e eu fecho os olhos, pois Deus sabe o que eu queria estar fazendo com esse garoto agora.

— Nina. — Ele diz meu nome de forma suplicante. — Eu não costumo fazer esse tipo de coisa... Tenho uma regra bem patética até, de sair com alguém pelo menos duas vezes antes de convidar para minha casa. Não me entenda mal, por Deus; não tivemos nem um encontro decente ainda, mas, já que estou quebrando minhas próprias regras hoje, o que acha de dar o fora daqui?

Ele tropeça nas próprias palavras. Quando me afasto para encarar seu rosto desesperado e totalmente transtornado, tenho vontade de rir.

Estou assentindo antes mesmo de falar.

— Claro, vamos dar o fora daqui.

Ninguém se move por um momento, apenas ficamos encarando um ao outro com cara de expectativa, então nos levantamos como se fôssemos ejetados do banco.

Sei que pode parecer somente impressão, mas sinto que a festa triplicou de gente, sendo muito mais difícil nos desfazermos da multidão para conseguir alcançar a escada. Minha mente se acende como uma lâmpada em um momento de sanidade quando lembro das meninas e que seria muito bom se conseguisse falar com elas, mas antes que termine o pensamento, vejo as três surgirem na nossa frente, como se também corressem por suas vidas.

— Ei, vão aonde?

Paramos de súbito e vejo Daniel confuso por dois segundos, enquanto eu olho para elas de cara feia.

— Vamos sair daqui.

Chels fulmina ele com os olhos, como se o odiasse de verdade. Temo por ele, pois sou sua amiga e quero morrer desse jeito.

— Não vai nos apresentar? — Ela pergunta, quase como um desafio.

Não me lembro de impedir nenhuma delas de sair com seus ficantes, em nenhum dia, então por que estão me torturando esse jeito?

Bufo, claramente incomodada.

— Daniel, essas são minhas amigas. Chelsea, Fleur e Akira – aponto para cada uma. — Meninas, esse é o Daniel, e nós estamos de saída.

Abro caminho com os cotovelos e o puxo atrás de mim, ouvindo por cima do ombro Chelsea gritar:

— Mande sua localização! Não quero ter a polícia no albergue amanhã nos pedindo para reconhecer seu corpo que foi encontrado no fundo do Tâmis!

Finjo que não ouço nada disso, e descemos a escadas como se nossa vida dependesse disso. Não sei em que momento eu pensei que faria algo do tipo, mas acho que a resposta certa é *nunca*. A Nina que eu conheço nunca iria para a casa de um cara sem antes o conhecer melhor, nunca beberia do jeito que bebeu hoje, nunca se entregaria a essa aventura que faz suas veias pulsarem. Porém a Nina de antes não existe mais. Enquanto estamos no meio fio esperando o taxi chegar, Daniel me pergunta:

— Tem certeza de que quer ir? Não quero parecer precipitado nem nada...

Eu digo, com toda a convicção:

— Cala a boca e vamos logo.

Tenho a chance de ver seu sorriso de diversão antes de abrir a porta do carro que parou a nossa frente e entrar, nervosa e ansiosa demais para falar mais qualquer coisa. Dan dá seu endereço e pega minha mão como se fosse o gesto mais comum do mundo, me olhando com atenção e incredulidade.

— O que foi? – pergunto, corando.

Ele sorri um pouco, negando levemente com a cabeça.

— Você é incrível. Eu seria um idiota se te deixasse ir embora sem ter a chance de te conhecer melhor.

Reviro os olhos mesmo quando ele ergue a mão e acaricia meu rosto, se inclinando para me beijar de novo.

— Não se esqueça que quem mandou mensagem para você fui *eu*.

Dan para a milímetros do beijo, tão perto que sinto sua respiração em meu rosto enquanto tento segurar uma risada.

— Acha que eu não falaria com você?

Ergo as sobrancelhas, pensando se vale mesmo a pena ser imparcial

nessa discussão.

— Se passaram quatro dias desde que fui claramente dispensada por você e não tive nenhuma notícia de que sequer esteve vivo durante esse tempo, então, não sei.

— Eu não te *dispensei*. — Me afasto, erguendo mais ainda as sobancelhas para que ele entenda a realidade de suas palavras idiotas. — Tá, eu te dispensei, mas fiz isso com pesar e já disse que fui um idiota. Será que você vai me perdoar algum dia?

Sorrio, achando fofo seu drama, por isso seguro seu rosto entre as mãos e o beijo de novo, agora parecendo mais natural do que nunca.

— Claro que vou — olho em seus olhos. — Só não deixe isso acontecer de novo.

Não tenho a menor dúvida de sua sinceridade quando Dan diz retribuindo o olhar intenso.

— Não vou.

E estamos nos beijando de novo.

Quando o taxi para em frente a uma das casas geminadas de fachadas idênticas, Dan tira uma nota da carteira sem se dar o trabalho de olhar e diz para o taxista ficar com o troco. Pulamos para fora e ele demora alguns segundos a mais para achar as chaves depois que subimos as escadas até chegar à porta principal. Com a porta aberta, entro e vejo um corredor largo com uma escada do lado esquerdo que dá para o segundo andar, no final do corredor uma porta, e é para lá que ele me leva.

— Minha senhoria mora em cima e... — *quem é que quer saber disso?*, me pergunto quando ele abre a porta de seu próprio apartamento e me puxa pra dentro, somente para fechá-la e me jogar contra ela.

Isso doeria se eu não tivesse sob efeito de tanto desejo, mas no momento só faz com que eu gema e agarre seu cabelo entre os dedos enquanto ele desliza as mãos para debaixo das minhas blusas, tentando achar minha pele.

Estamos vestidos demais, e percebemos isso ao mesmo tempo, pois me afasto para tirar meu sobretudo e ele faz o mesmo. Tiro seu casaco de lã e depois sua camisa, tendo a melhor vista que uma garota de 20 anos cheia de fetiches pode ter. Sua pele é extremamente branca,

mesmo no escuro. Tenho vontade de beijar seu peito antes de poder fazer qualquer coisa, mas ainda estou sendo despida por ele. Tiramos todas as minhas blusas e Daniel envolve minhas coxas em um movimento rápido, me erguendo até sua cintura. Nesse momento consigo sentir com perfeição o tamanho de seu desejo por mim, e estou gemendo sem que perceba.

Ele caminha três passos largos, somente para me sentar no que noto ser uma mesa de jantar. Não nos demos ao trabalho de acender nenhuma luz, tudo está parcialmente clareado pela luz dos postes que entra pela janela. Mas consigo ver com perfeição seu rosto quando ele se afasta e desabotoa minha calça. Ele está completamente transformado. Do cara sorridente e brincalhão que conheci no bar, para esse homem tomado pelo prazer e pelo desejo. Quero trazê-lo para mim e fazer com que essa vontade de tê-lo dentro de mim passe logo, mas só consigo apreciá-lo morder os lábios quando some do meu campo de visão e sinto minhas botas serem tiradas. Depois ele volta beijando minha barriga e segura minha calça pelo cós.

— Ergue seu quadril para mim, amor – sussurra, e sei que nesse momento não tem nada que esse homem me peça que eu não faça.

Ergo o quadril e Daniel puxa lentamente as duas últimas peças de roupa que me separa de seus lábios. Após livrar minhas duas pernas do jeans, ele as acaricia com suas mãos grandes e quentes, do tornozelo até o joelho, então minhas coxas, internamente, externamente, traçando caminhos de eletricidade e me deixando completamente louca.

Estou prestes a puxá-lo pelo cabelo de volta para meus lábios quando ele some novamente do meu campo de visão, somente para sentir seus lábios – macios, quentes, presentes – entre minhas pernas.

Engulo um gemido de surpresa misturado com prazer, estou vendo estrelas. Estava totalmente certa por ele saber o que faz. Não só sabe o que faz, como o faz com confiança, com desejo, não só por mim, como uma obrigação. Daniel faz por ele também, e consigo sentir o quanto aprecia o ato, enquanto me sorve e me beija e me possui entre seus lábios.

Sua mão livre serpenteia por minha barriga até alcançar meu

mamilo endurecido, tomando-o com propriedade entre o dedo indicador e polegar, fazendo com que eu veja estrelas por trás das pálpebras. Já não consigo mais segurar os gemidos e contorço o corpo. Agarro seus cabelos entre os dedos e estou prestes a explodir quando Daniel simplesmente se afasta.

— Não sem mim – é só o que diz antes de me puxar pelos braços e me prender de novo em sua cintura.

Quero xingá-lo por ter parado logo quando estava quase chegando lá, mas uma parte de mim sabe que esse é só o começo.

Agora ele caminha um pouco mais e estamos em outro ambiente, que só confirmo ser seu quarto quando sou jogada na cama. Me arrasto de costas para cima até achar a cabeceira, com isso tenho o prazer de vê-lo terminar de se despir na minha frente.

Seus olhos pegam fogo.

Ele engatinha na minha direção, ficando entre minhas pernas e me tomando em seus braços. Estou totalmente pronta para recebê-lo, na verdade estou quase suplicando por isso, mas Daniel sabe brincar. Sabe me levar até o ponto mais alto, somente para parar e depois me levar até lá novamente.

Ele sabe bem o significado da palavra “preliminares” e não tem pressa nenhuma em sair delas.

Quando enfim se debruça sobre mim para abrir a gaveta do criado-mudo e pegar a camisinha, já estou indo à loucura. É uma tortura vê-lo rasgar o pacote com toda calma, arrumá-la e enfim vesti-la. Parece saber com quanta vontade estou, por isso faz de propósito. Porém, uma vez devidamente vestido, não tenho motivos nenhum para não lhe dar uma chave de perna e trazê-lo com tudo para mim.

E então sou preenchida.

Gememos em uníssono e cravo minhas unhas em suas costas. Procuro seus lábios e estou no paraíso.

Daniel se afasta para olhar em meus olhos, nossos corpos em movimentos rítmicos, sentindo tudo o que devemos sentir, e me enxergando de novo, somente daquele jeito que ele sabe fazer, vejo-o ficar momentaneamente desconcertado.

— Eu estou tão ferrado... – é só o que diz antes de voltar a me beijar.

E sei exatamente o que aquela frase significa.

Porque eu também sinto que estou totalmente, completamente ferrada.

Caio ao seu lado, arfando e completamente mortificada por tudo o que fizemos – três vezes –, completamente incapaz de mover mais um músculo sem me desmontar por completo. Sei que amanhã sentirei dor em lugares que nunca pensei que seria possível.

— Santo Deus. — Dan diz ao meu lado, e parece tão acabado quanto eu. — Onde você aprendeu a fazer isso?

Rio, mesmo estando sem força nenhuma.

— Tem coisas que a gente já nasce sabendo.

— Um amém para isso.



Sou arrastada lentamente para a realidade e levo os típicos segundos para me situar de onde estou. Na última semana a ordem foi: *“acordei, não estou no Brasil, estou em Londres, no albergue, na minha cama”*. Hoje as coisas ocorrem um pouco diferentes, e depois de *“estou em Londres”* se ocupa um espaço em branco, que imediatamente é preenchido por um beijo quente na minha têmpora.

Abro os olhos lentamente e tenho que mantê-los em fenda por conta da claridade que ilumina tudo a nossa volta. Associo os fatos aos poucos; lençóis brancos, braços quentes, dor de cabeça, dor no corpo em partes que não deveriam normalmente doer.

— Hum... — resmungo mais para mim mesma do que para a presença inconfundível ao meu lado. — Você é quente.

Me enroscro mais no casulo seguro e confortável da combinação perfeita de cobertas e um abraço gostoso, sentindo o peito de Daniel se sacudir com a risada que falhou em segurar.

— Seu cabelo é cheiroso. — Ele diz.

Me afasto e tento abrir os olhos de novo, agora com maior resistência à luz, tendo a visão gloriosa de cabelos ruivos bagunçados, sardas por todos os lados e um sorriso branco charmoso. A vista me traz uma lembrança vívida de tudo o que fizemos algumas horas atrás, e o sentimento de luxúria misturado com conforto e segurança me aquecem de um jeito diferente.

O paraíso deve parecer com isso, não é?

— Você é ainda mais bonito com cara de sono.

Dan ri de novo, afastando uma mecha do meu cabelo que deve estar um ninho.

— Vamos ficar falando fatos aleatórios um do outro? Tenho material para ficar aqui o dia inteiro — reviro os olhos e sinto os primeiros traços de sangue alcançar meu rosto, me dando o primeiro rubor do dia. — Eu teria feito café da manhã, mas você estava dormindo no meu braço e não tive coragem de te acordar.

Tento esconder a surpresa de estar sendo tratada tão bem desde ontem, levando em consideração que se fosse qualquer outro cara que eu tenha saído anteriormente, não teria se dado ao trabalho nem mesmo de pensar no café da manhã.

Viro de barriga para cima e estico os músculos doloridos, afastando os resquícios de sono. Nisso percebo que ainda estou nua debaixo das cobertas, da mesma forma que ele deve estar. Espero pelo constrangimento, pela vergonha, mas nenhum deles aparecem.

Estou completamente à vontade em sua presença.

— Você está acordado há muito tempo?

— Uns vinte minutos.

— Devia ter me acordado — bocejo.

— E perder a oportunidade de te ver dormindo? Jamais.

Dan se ergue sobre o cotovelo, se debruçando em cima de mim de

novo, pronto para um beijo quente e caloroso, mas para sua surpresa eu o afasto com a mão bem no meio da sua cara.

— Bafo matinal. Você não chega perto dessa boca até que ela veja algum enxaguante bucal.

Me desfaço de seus braços na tentativa de correr para o banheiro, mas mais rápido que um pensamento sinto suas mãos enlaçarem minha cintura e me puxar de volta para a cama.

— Eu não acabei com você, mocinha.

Estou rindo descontroladamente, e ele nem mesmo está fazendo cosquinhas. Dan segura meus pulsos em cima da cabeça, ameaçando me beijar enquanto viro o rosto de um lado para o outro.

— Ok... Eu quero tomar um banho, então você provavelmente deve se juntar a mim. Sabe, para economizar água, essas coisas... E quem sabe eu faça com você lá o que tinha planos de fazer aqui.

Enrubesco da cabeça aos pés, mas não vou mentir ao dizer que amo a ideia. Mordo o interior das bochechas e tento parecer indiferente.

— Parece uma boa ideia.

Seu apartamento é pequeno e minimalista. Arrumado demais para ser apartamento de um homem solteiro de 27 anos, por isso encaro tudo com incredulidade enquanto termino de me vestir no meio da sala, onde todas as nossas roupas ficaram.

Vou até a estante da televisão que é entupida de livros de cima a baixo, e perco facilmente dez minutos lendo os títulos, passando os dedos nas lombadas e pegando um ou outro que tenha parecido interessante.

— Pode pegar emprestado, se quiser.

Dou um pulo como se tivesse sido flagrada fazendo algo errado e levo a mão no coração, me virando para ver um Daniel completamente vestido e com o cabelo úmido penteado para trás. Ele já está no hall vestindo seu casaco e sorri pelo meu susto.

— Talvez outro dia.

Deixo o livro que analisava em seu devido lugar e pego minha bolsa em cima do sofá, sentindo borboletas entusiasmadas baterem asas no meu estômago vazio que anseia por um café da manhã.

Ainda quando estávamos no banho, depois de perder muito mais

tempo do que o necessário no chuveiro, fazendo coisas que deixam minha pele quente e vermelha somente com a menção da lembrança, Dan também reclamou de fome.

— Gostaria de tomar café em um dos meus lugares preferidos? – perguntou, beijando meus lábios molhados.

E não há resposta errada para uma pergunta dessa, por isso estamos passando pela porta, entrando em seu carro e partindo para um sábado ensolarado e de um céu azul impecável que nos espera à frente.

É difícil lembrar de qualquer outro momento em que tenha me sentido tão à vontade com alguém assim. Difícil sequer imaginar que algo do tipo aconteceria com uma pessoa como eu, mas cá estamos nós, conversando, rindo, nos tocando, os gestos tão fáceis como o nascer do sol pela manhã.

As coisas entre nós funcionam com naturalidade. Não parece que nos conhecemos “ontem”. Não parece que transamos a primeira vez há apenas algumas horas. Não parece que sete anos de diferença nos separa, e quando saímos do seu carro após ser estacionado em uma rua secundária mais vazia e caminhamos em direção a um dos seus lugares preferidos, entrelaçamos as mãos com carinho e propriedade, como se fizéssemos isso há anos.

De certa forma, sinto que sim.

E me pego pensando nas possibilidades de isso acontecer. De como nem sequer imaginei encontrar algo assim, tão fácil e fluido, tão diferente de qualquer coisa que já vivi, a um oceano de distância do meu país natal. Como as coisas acontecem sem um real propósito e quando menos esperarmos. Como ele estava naquele bar, naquela noite, naquele banco, assistindo aquele jogo e bebendo aquela cerveja. Penso que se eu tivesse feito qualquer escolha diferente, nada disso teria acontecido.

— É aqui.

Sou acordada do meu devaneio quando Dan para e admira a construção na sua frente. É uma cafeteria tradicional, provavelmente do século passado. Fachada de tijolos vermelhos, flores para todos os lados, mesas tomando a calçada e janelas amplas que dão uma visão

incrível para quem está dentro. Na hora entendo o porquê de ser um de seus lugares preferidos. Poderia ser meu lugar preferido com muita facilidade.

Damos a sorte de um casal desocupar uma das mesas do lado de fora e sentamos antes que alguém pense em fazer isso. Por ser sábado e o dia estar tão lindo, toda a cidade parece viva e animada, pronta para nos dar momentos incríveis.

Depois que fazemos os pedidos, Dan estica a mão sobre a mesa e pega a minha, dando seu leve sorriso de lado. Meu coração descompassa e vacila como se estivesse vendo essa cena pela primeira vez.

— Venho aqui desde que me lembro por gente – diz, olhando em volta. — É bom para escrever. No verão é ótimo se sentar aqui fora, e no inverno sempre tem um lugar perto da lareira com um capuccino quente nos esperando.

— Parece perfeito. Pode ser que eu faça desse um dos meus lugares preferidos enquanto estiver aqui. O que acha?

Dan estreita os olhos, como se estivesse avaliando a possibilidade de me conceder esse privilégio.

— Se vier comigo sempre, não me importo.

Parada cardíaca.

Quando acordei essa manhã, não fazia ideia de como ficaria as coisas entre nós. Seria somente uma transa? Nos veríamos de novo? Era para eu ir embora quando acordasse? Tocariamos no assunto de um segundo encontro? Todas essas perguntas foram sendo respondidas aos poucos com pequenas atitudes dele que me diziam que, não; isso não é somente uma transa; sim, nos veríamos de novo, e seu comentário de vir na cafeteria com ele *sempre* faz com que minha pulsação acelere.

— Temos um trato, então.

Nosso pedido chega e não fazemos cerimônia para acabar com a fome que nos assombra. Pedimos um café da manhã completo, com direito a torradas, pãezinhos, frios, torta, café e chás. O conjunto poderia alimentar quatro pessoas facilmente, mas não damos espaço para sobrar muita coisa.

Encosto na cadeira, respirando fundo, já sentindo a preguiça pós refeição assentar em meus ossos.

— Quando você vai me mostrar algo que tenha escrito? — pergunto.

Vejo suas sobrancelhas ruivas se erguerem por trás da xícara de café, notoriamente surpreso. Dan deixa a xícara na mesa e ri, sem graça.

— Não costumo compartilhar as coisas que escrevo. A maioria é pessoal — engulo em seco, já me repreendendo por ser tão idiota. Claro que é pessoal. Não gostaria que ninguém lesse os cadernos que uso para escrever para Julia. Por que seria diferente para ele? — Mas posso te mostrar algumas coisas, se quiser.

Ergo os olhos, surpresa. Por essa não esperava, e o sorriso que se espalha em meu rosto é de alívio.

— Jura?

Dan dá de ombros.

— Claro. — Ele brinca com um pouco de farelo de pão que caiu na mesa, pensativo. — Ainda é cedo para marcarmos um segundo encontro?

Rio, me controlando para não bater na mesa e comemorar por ele ter tido a coragem de fazer a pergunta que eu mesma estive me fazendo a manhã inteira.

— Não acho que seja cedo. Afinal, é bom nos organizarmos, não é?

Dan assente.

— Amanhã eu prometi ir visitar meus pais e minha irmã, e quando prometo isso normalmente se desenrola uma comoção em casa para me receber, o que me leva o dia todo. E eu estou te devendo um encontro decente, o que nos leva a questão: você está livre na próxima sexta-feira?

Faço a conta em questão de segundos e somente a ideia de passar seis dias sem vê-lo me traz um desconforto parecido com ansiedade e pânico junto ao peito. Me ajeito na cadeira, engulo em seco, tento parecer indiferente, pois não deve ser nada normal ou saudável esse tipo de dependência que criei em tão pouco tempo.

— Provavelmente vou estar livre, sim, mas não precisa se preocupar com esse negócio de “encontro decente” — dou de ombros. — Não ligo

para essas coisas.

Dou um pulo quando Dan taca uma bolinha de massa de pão que fez entre os dedos em mim, chamando minha atenção para seus olhos encolhidos em fendas.

— Mas eu ligo. Estamos fazendo tudo ao contrário. Te disse ontem que não sou o tipo de cara que leva a menina para a minha casa no primeiro encontro, e realmente não sou. E aquilo ontem nem foi um encontro, pelo amor de Deus.

Ele bufa e eu rio, tendo que concordar com sua linha de pensamento. O frio que sinto na barriga ao nos imaginarmos em um encontro “decente” se espalha para minha virilha; uma doce lembrança do que descobrimos fazer tão bem.

— Tudo bem, você venceu – ergo as mãos em rendição. — Sexta-feira, um encontro decente – mordo o lábio inferior, fuzilando-o com os olhos enquanto penso se devo falar o que se passa em minha mente.

— Diga. — Dan me incentiva.

— E se eu quiser te ver antes de sexta-feira?

— Já está sentindo saudades, Senhorita Marques? — é minha vez te tacar um bolinho de massa nele, que nem se dá ao trabalho de desviar enquanto ri do meu rosto vermelho. — Podemos nos ver depois do meu expediente. Afinal, você ainda me deve algumas cervejas.

— E eu pretendo pagar cada uma delas.

Passamos mais umas boas horas juntos e ninguém quer falar, mas sabemos que a hora da despedida se aproxima. Enrolamos o máximo que podemos, ficamos andando sem rumo pelo centro da cidade, até que olhamos um para o outro e sabemos.

— Eu não quero ir – digo, parando debaixo da marquise de uma loja e segurando sua mão.

— Eu também não. — Me surpreendo ao ouvir.

Maaaas...?

— Mas é melhor eu voltar para o albergue. As meninas devem estar preocupadas achando que fui assassinada.

Daniel ri e beija minha testa.

— Tá certo. Te levo lá.

Voltamos todas as quadras com passos lentos, sem pressa de ir a lugar nenhum, tentando estender esse momento o máximo possível. Até mesmo quando já estamos dentro do carro Dan não pisa fundo no acelerador, segurando minha mão sempre que tem a chance de deixá-la livre.

Esses seus pequenos gestos aquecem meu coração, e me dão certeza de que não estou sentindo tudo isso sozinha.

Quando ele para em frente ao albergue e puxa o freio de mão, nos viramos juntos, compartilhando o mesmo olhar. Não quero prorrogar a despedida. Não quero parecer melodramática. Ao contrário da última vez que nos vimos, hoje tenho a certeza de que vamos nos ver de novo. Temos o número certo, poderemos nos falar sempre que pudermos, e algo dentro de mim diz que isso é só o começo.

O primeiro dia incrível com ele, de todos os 52 que me restam.

Por isso me inclino para frente com mais confiança e beijo-o como se me pertencesse. Beijo como se tivéssemos todo tempo do mundo, como se nada mais importasse. Porque bem nesse momento, é tudo o que eu quero.

— Vamos nos falando – digo ao me afastar, abrindo a porta do carro e saindo antes que perca a coragem e volte para os seus braços de novo.

Me inclino na janela, só para vê-lo uma última vez, tentando guardar todos os mínimos detalhes em minha mente.

— Posso te ligar mais tarde? – Dan pergunta, há ansiedade em sua voz.

— Sempre que quiser.

Lhe dou uma piscadela e mando um beijo, me afastando com o coração apertado. Subo as escadas da entrada do albergue e me viro uma última vez, acenando para sua figura que sorri para mim antes de dar partida com o carro, sumindo na rua movimentada.

Daniel esteve certo o tempo todo.

Estamos *mesmo* ferrados.

Passo pela porta principal do albergue com um sorriso idiota no rosto e mal tenho tempo de dar o segundo passo quando braços surgem de todos os lados e me puxam para a sala de estar, me

jogando em um sofá.

— Mas que porra... — reclamo, dando de cara com três pares de olhos me encarando com curiosidade e diversão.

Para quem bebeu tanto ontem a noite, até que elas estão bem, levando em consideração que todas as três estejam de pijama, com o cabelo preso no alto sem ter visto um pente e profundas olheiras de quem esteve – ou está – com uma dor de cabeça filha da puta.

— E então! Como foi? — Akira é a primeira a perguntar, e por mais que tente, o entusiasmo em sua voz não diz respeito a Akira que conheço.

— Vocês estão bem? Estão com uma cara *péssima*.

Elas bufam em unísono, afundando com mais vontade no sofá.

— Ressaca, normal, desembucha. Aquele babaca te tratou bem? — Chels pergunta, ela é a que parece mais atingida pelo efeito tardio do álcool.

Entendo que o foco da conversa sou eu, então dou de ombros e foco na resposta que devo dar, ainda sentindo o frio da barriga e tremores nas pernas.

— Ele não é um babaca. Pelo contrário, é incrível — suspiro como uma adolescente idiota. — Fomos para a casa dele, tivemos uma noite maravilhosa, uma manhã espetacular. Dan me levou na sua cafeteria preferida, comemos, conversamos e já marcamos um segundo encontro.

As três me olham como se esperassem mais detalhes.

— Só isso? — Akira pergunta.

— Sem detalhes sujos? — Fleur parece desapontada.

— Eu ainda acho que ele é um babaca. — Chels comenta, olhando sua unha como se fosse a coisa mais interessante da conversa.

Reviro os olhos, bufando.

— Sem detalhes sujos, e não, ele não é um babaca — sento na ponta do sofá e ergo as sobrancelhas de modo desafiador. — E eu pensei que você fosse a rainha do “*não confie em homens brancos*”. Imagine minha surpresa ao vê-la agarrada com aquele garoto ontem?

Akira e Fleur soltam um “*uuuuuuh*” baixinho, mais por pilha do que por realmente achar um fora.

Chels ergue os olhos da avaliação detalhada de suas unhas e me olha com desprezo.

— Não me arrependo de nada.

— É porque você não lembra do que deveria se arrepender. — Akira diz, e no segundo seguinte uma almofada acerta com tudo o seu rosto.

Fico preocupada disso acarretar uma briga de verdade, mas as duas estão rindo antes que precise intervir. Uma semana e não sei como ainda não me acostumei com o jeito bruto de dizer que estamos brincando ou que nos importamos.

— Eu me lembro de tudo. Ele era legal, aconteceu. Não serei crucificada por isso e não vai acontecer de novo.

Assim que Chels fecha a boca, Gil aparece na porta da sala de estar, sorrindo.

— Chels, esse rapaz está procurando por você.

Não consigo disfarçar a expressão de diversão dividida com choque quando Alex aparece atrás de Gil, sorrindo do mesmo jeito bobalhão e lerdo da noite passada. Por um segundo me pergunto se ele ainda está bêbado ou se esse é seu jeito de ser.

Chels, que tem os cabelos cacheados amarrados de qualquer jeito no topo da cabeça e veste calças de moletom e blusa de dormir, fica dividida entre se encolher de vergonha ou se levantar para expulsá-lo de lá.

— Alex, o que você está fazendo aqui? — acho que ela soa um pouco mais rude do que gostaria.

— Ei, Chels. — O menino dá um passo à frente, e agora estando sóbria, percebo que até que ele é bonitinho. — Passei para ver se você está afim de comer alguma coisa.

Troco olhares com Akira e Fleur, nos perguntando se isso está mesmo acontecendo, e mais ainda com medo da resposta de Chelsea.

Ela olha em volta, passa a mão pelo cabelo e conseguimos ver com perfeição sua indecisão misturada com raiva.

— Vai, Chels — alfineto. — Afinal, ele teve todo o trabalho de vir aqui procurar por você.

Chels sorri para mim com olhos de fera, acho que nunca a vi tão constrangida em toda sua vida. É interessante saber que essa emoção

existe em seu arsenal.

— Tá, parece uma boa ideia. Mas que tal ligar da próxima vez? Telefones existem para isso.

Sua grosseria não parece surtir nenhum efeito em Alex, que dá um grande sorriso de satisfação, aliviado.

— Claro. Vou lembrar disso.

— Vou me trocar, espere aqui. — E ela sai batendo os pés.

Seguimos em fila indiana para fora da sala e escada acima, porém só quando estamos no segundo andar e sei que ele não conseguirá ouvir, começamos a zoação.

— Não vai acontecer mais, hein.

— Acho que há exceções para tudo, né?

— *Uuuuuuh*, Chels tem um namorado.

— Calem a boca e me ajudem a escolher algo! — Ela para enfim na porta do quarto, se virando para nós com olhos de quem pouco se importa, mas bem lá no fundo sei que a Chels que gosta de parecer impenetrável e de poucos amigos realmente achou o menino que a espera no andar de baixo bem legal, e talvez seja orgulhosa demais para confessar isso.



Nem consigo acreditar que já é sexta-feira de novo. Os dias voam; vão embora como pipas perdidas ao vento. Toda manhã quando o despertador toca, faço a conta mental de quantos dias ainda me

restam nessa cidade e hoje acordei com o número 47 na cabeça. Tento me convencer de que é bastante tempo e que tenho ainda muita coisa para fazer, mas do jeito que as semanas têm ido com facilidade, me preocupo ao pensar que só me restam um pouco menos de sete delas.

Sete semanas em Londres.

Sete semanas para passar com Daniel.

É só nele que tenho pensado, o tempo todo. Não consigo ter foco para ler os livros, perco o fio da discussão nas aulas de literatura, tenho dificuldade para entender a gramática avançada, mas nada parece importar, desde que sinta o celular vibrar mais uma vez ao anunciar uma nova mensagem. Vamos dormir tarde trocando mensagens ou em longas ligações, e não resistimos esperar até hoje para nos vermos, por isso demos um jeito de nos encontrar na segunda e na quarta-feira.

Uma parte minha teme estar levando isso a sério demais. Não deve ser uma boa ideia se envolver tão sério assim com alguém sabendo que devo partir em sete semanas, certo? Mas essa é só uma pequena parte, a qual é facilmente esquecida quando recebo mais uma mensagem.

Saio da frente do espelho pequeno do quarto e pego o aparelho em cima da minha cama, lendo.

Daniel: Chego em 20 min.

Sorrio, sentindo o nervosismo correr por minhas veias, sem conseguir pensar no que ele preparou para essa noite.

Das duas vezes que nos encontramos durante a semana, Dan fez questão de ser o mais simples possível – um café no Starbucks, uma caminhada pela cidade, umas fritas na barraquinha do parque – sempre alegando que não deveria ser comparado com o tão temido “primeiro encontro decente”. Por isso, não faço ideia do que esperar.

Eu: Estou pronta

Envio a mensagem e abro a conversa que vivo tendo com Chels, escrevendo:

Eu: Queria que você estivesse aqui para me dar uns tapas na cara e me mandar ficar calma

Não é nem o nosso primeiro encontro mesmo, mas ele fez tanta

questão disso que tô nervosa

Volto a olhar para o espelho, desejando que qualquer uma das meninas estivessem aqui, mas para a minha tristeza, Akira e Fleur saíram há menos de meia hora para curtirem juntas o último final de semana das duas na cidade.

E a Chelsea infelizmente não está mais conosco. Depois que suas quatro semanas de estadia no albergue acabaram, ela teve que ir para a casa da tia que desde o início ofereceu estadia para ela. Por isso passei o domingo inteiro da semana passada ajudando-a a se instalar no quarto de hóspedes em uma casa imensa na parte rica da cidade.

Enquanto tirávamos suas roupas da mala e arrumávamos no guarda-roupa, me preparei para perguntar o que estava me incomodando desde o dia anterior.

— E aí, como foi o almoço com o Alex?

Chels não se deu ao trabalho de erguer os olhos para me responder e aceitei isso como um dos seus jeitos de não demonstrar o que realmente sente.

— Foi legal. Ele é um panaca, meio bobão, mas até que é legal. Sempre está querendo me agradar de alguma forma – pude ver um sorriso idiota em seu rosto por apenas dois segundos, antes de ouvir.

— E tem uma bunda linda. E, Nina, as coisas que ele sabe fazer com a boca...

— Ah, meu Deus! Muita informação! – gritei, tacando uma blusa nela, dividida entre rir e ficar mortificada.

— Ei, nem vem. Foi você quem me ensinou que compartilhar é se importar.

Quando conseguimos sair da crise de riso infinita, já sem fôlego e com lágrimas nos olhos pelo esforço excessivo, Chels me contou com carinho sobre o menino. Foi aí que descobri que Alex tem 25 anos, trabalha em contabilidade e assim como Daniel, nasceu e cresceu em Londres, sem menção de ir a lugar nenhum nas próximas semanas, ao contrário de nós duas.

— Não é nada sério. – Ela enfatizou, como se lesse minha mente. — É só uma transa de verão com prazo de validade.

E é nessa sua frase que penso enquanto ajeito minha blusa de lã

larga com listras preta e branca de manga comprida que cai perfeitamente com o jeans *skinny* e a bota preta de cano alto. Era nisso que eu deveria estar pensando, certo? Que eu e Daniel somos a mesma coisa: uma transa de verão com prazo de validade.

Deveria estar me preocupando com a queda, e não no quão alto esse romance pode me levar.

Acordo para a vida quando recebo a resposta de Chelsea.

Chels: Eu adoraria estar aí para te dar um tapa na cara, mas posso dizer que vai ficar tudo bem por mensagem

Não deixa de avisar àquele babaca que se ele machucar minha amiga eu acabo com a raça dele

Estou com o Alex agora, provavelmente estarei muito ocupada fazendo outras coisas para responder suas mensagens

Use camisinha, pelo amor de Deus

E ele é um babaca

Reviro os olhos para o seu ranço de Daniel e me pergunto se há algum fundo de verdade nisso enquanto desço para o térreo.

Não preciso esperar muito na sala de estar lotada de jovens da minha idade, barulhentos e ansiosos demais para sair para mais uma noite agitada. Logo recebo uma outra mensagem, e essa é de Daniel dizendo que chegou.

Respiro fundo, repito que ele é somente um cara e saio para a noite fresca, vendo-o parado junto ao meio fio. Só noto em como minhas mãos estão frias quando abro a porta do carro e entro, sendo recebida pelo sorriso que tem sido motivo das minhas taquicardias.

— Boa noite. — Ele diz, se inclinando para me dar um beijo. — Você está linda.

Posso dizer o mesmo dele, com certeza. Tenho a visão de um blazer azul petróleo que cai perfeitamente em seus ombros largos, por cima da camisa branca. Seu cabelo ruivo está mais escuro por ainda estar úmido, dando um tom de cobre, extremamente sexy.

Me pergunto se ele sabe como é lindo.

— Você também está ótimo. Muito elegante — olho para a rua a nossa frente enquanto partimos, tamborilando os dedos na perna, ansiosa. — Alguma dica de onde estamos indo?

— Você vai ver. Fica a vinte minutos daqui. Eu nunca fui, mas tive boas indicações dos meus amigos.

O percurso até o restaurante não me acalma nem um pouco. Dan dirige com agilidade pelas ruas movimentadas, tocando minha perna ou pegando minha mão sempre que tem chance. Percebo que é um gesto inconsciente, o que o torna mais fofo, mas falei sério quando disse que não ligo para essas coisas de encontro decente. Odeio estar despreparada para as coisas.

Enfim, ele estaciona o carro em uma rua principal ladeada por fachadas de lojas e restaurantes. Quando saio do carro, noto mais uma vez como as luzes da cidade são lindas a noite.

— É aqui? – pergunto, sem saber onde exatamente é “aqui”.

— Por aqui – tomo um susto com sua aproximação, e sorrio sem graça quando Dan pega minha mão e me puxa para mais junto do seu corpo – tão quente, tão... aconchegante – beijando minha têmpora. — É impressão minha ou você está nervosa?

Minha risada sem graça diz por si só.

— Um pouco. Você fez um ótimo trabalho ao aumentar minhas expectativas sobre esse dia.

Caminhamos pela calçada por alguns metros até pararmos em frente a um restaurante de fachada preta com janelas enormes e de aparência industrial.

— Se serve de consolo – ouço-o sussurrar perto do meu ouvido, traçando uma onda de calor diretamente para minha virilha. — eu também estou um pouco nervoso, afinal, não conheço o lugar. Mas tenho um plano em mente até o final da noite.

— É claro que tem – sussurro ao passarmos pela porta do restaurante.

Sou pega de surpresa, admitindo não ser nada daquilo que eu imaginava. Paredes altas de tijolos vermelhos antigos, mesas de madeira, sombriamente atmosférico, e percebo que leva esse tom graças à luz de velas votivas e toques decorativos excêntricos.

É magnífico.

E já está bem cheio.

Um garçom sorri ao se aproximar de nós e logo somos levados para

uma das poucas mesas de dois lugares vagos. Quando faço menção de me sentar, Daniel se adianta e me olha com falsa carranca, fazendo questão de puxar a cadeira.

— Não dificulte minha tentativa de oferecer à senhorita um encontro decente, Nina Marques.

— Desculpe, não estou fazendo de propósito – ajeito a cadeira e pego o cardápio oferecido pelo garçom, tendo certeza que não saberei pedir nada. — Só não estou acostumada a esse tipo de coisa.

Daniel se senta à minha frente, também pegando o cardápio, dando uma olhada por cima. Não me dou ao trabalho de fazer o mesmo, deixando-o em cima da mesa, nervosa demais para focar em qualquer outra coisa que não seja esse cara incrível na minha frente.

— Não está acostumada com o que? Encontros decentes?

— Mais ou menos – dou de ombros. — Não é como se o cavalheirismo ou romantismo estivesse em alta ultimamente.

Dan enrugando o cenho, pensativo.

— Parando para pensar, faz sentido. E é meio triste, até. — Ele suspira. — Mas pode ficar despreocupada, Senhorita Marques, que não meço esforços para impressionar uma garota.

Quero dizer a ele que já me impressionou quando foi me encontrar na festa, quando me tocou como se fosse sua, como me beijou e me fez sentir que nada mais no mundo existia. Quero contar a ele que seu rosto e seu cheiro e seu jeito de me fazer rir é tudo o que penso nos últimos dias. Quero dizer, acima de tudo, que estou completamente aterrorizada com esse sentimento arrebatador e tão bom e tão vívido, mas que ao mesmo tempo faz acender uma sirene de alerta na minha cabeça, gritando que tudo o que é lindo é capaz de me destruir da mesma forma que é capaz de me fazer sonhar. Como uma droga, a qual muito provavelmente já estou viciada, e que quando acabar – porque sabemos que vai acabar – não serei capaz de funcionar novamente sem mais uma dose.

Mas ao invés disso, eu digo:

— Bem, você fez um ótimo trabalho no pub quando nos conhecemos, depois um péssimo trabalho na instituição, então um ótimo trabalho de novo sexta-feira passada e desde então não tem

vacilado. Por isso, acredito em seus esforços.

Dan ri, negando levemente com a cabeça.

— Você não vai me deixar esquecer esse lance da instituição, né?

— Vou, só não ainda.

— *Touché*. — Ele dá de ombros, culpado. — Esse é o preço que pago por ser babaca uma vez na vida. — Dan aponta com o queixo o cardápio intocado na minha frente. — Não vai escolher nada?

— Estava na esperança de você fazer isso para nós dois.

Apoio os cotovelos na mesa e o queixo na mão, vendo com deleite pela primeira vez o seu desconforto ao soltar um assovio baixo, ainda olhando as opções do cardápio.

— Isso vai ser difícil. Não sei o que você gosta de comer.

— Como de tudo, e estou sempre aberta a novas opções — sorrio, sendo impossível de não me divertir. — E isso é um “encontro decente”, certo? Estamos aqui para nos conhecermos melhor, inclusive sobre o que gostamos ou não de comer.

Como se fosse conjurado, o garçom que nos recebeu aparece ao nosso lado.

— Gostariam de pedir agora?

Dan parece um pouco desesperado quando olha do cardápio para o homem, sem saber o que fazer.

— Han... Teria alguma sugestão?

— O menu de degustação do Chef é sempre uma boa pedida. Todos os pratos vêm com vinhos cuidadosamente selecionados para uma harmonização perfeita.

Olho para Dan e ele para mim.

— Parece ótimo. Vamos querer esse.

— Perfeito — disse o garçom, retirando os cardápios com cuidado. — Já trago o vinho de entrada.

E ele desaparece do mesmo jeito que veio.

Me recosto na cadeira, erguendo uma sobrancelha, de repente bem mais confortável do que antes.

— Então. Primeiro encontro — provoco. — O que preciso saber de você?

— Não sei. O que você quer saber?

Não foi uma pergunta bem pensada, por isso não sei o que responder quando recebo essa deixa. O que eu gostaria de saber de um cara num primeiro encontro?

— Você tem alguma religião?

Argh, horrível. *Melhore, Nina.*

— Minha família inteira é anglicana, mas nunca fui chegado a nenhuma religião. — Ele diz. — E você?

— O mesmo, só que com catolicismo. Não sei nem porque fiz essa pergunta, na verdade. É irrelevante.

Termino de dizer a tempo do garçom trazer uma garrafa de vinho tinto e encher um pouco nossas taças. Erguemos as duas em sincronia e brindamos, marcando o início oficial dessa noite maravilhosa ao darmos um gole da bebida.

O vinho explode em minha boca, mandando mil sensações para cada parte diferente do meu corpo. Acho que fez o mesmo efeito em Daniel, pois ele fecha os olhos por alguns segundos, entregue ao deleite.

— Então, minha vez de fazer uma pergunta? — Ele pergunta.

— Pode ser. Manda lá. O que quer saber?

— O que você mais odeia em um encontro? Me diga para que eu possa evitar todos eles!

Pouso a taça na mesa, rindo.

— Odeio ter que escolher o que tenho que comer. Sou péssima para tomar decisões sob pressão, mas isso já foi resolvido hoje, claramente — olho para cima, tentando pensar em mais alguma coisa. — Odeio que a pessoa não saia do celular, que não preste atenção no que estou falando, que não interaja na conversa, esse tipo de coisa.

Ele suspira alto.

— Até agora, estou indo bem.

— Ok, minha vez — tomo mais um gole do vinho, começando a sentir o calor da bebida se espalhar pelo estômago e corar minha face. — Quem foi sua maior influência na vida?

— Meu pai. — Ele não precisa nem pensar duas vezes antes de responder. — Ele é um veterano de guerra. Esteve no Afeganistão mais vezes do que posso contar. Eu ainda era pequeno quando ele

teve um transtorno pós-traumático e se afastou do serviço de campo, ficando com o trabalho somente em solo nacional. Hoje é Tenente, seu transtorno está sob controle há uns vinte anos e acho que a marinha vai ter que obrigá-lo a se aposentar.

O brilho em seus olhos enquanto fala do pai é de dar inveja. Acho que a única coisa que posso demonstrar ao falar da minha família, é pesar, por isso pretendo evitar o assunto o máximo possível.

— Que incrível. Acho que nunca conheci um veterano. Meu país não participa de muitas guerras. Na verdade, acho que o Brasil não participa de guerra nenhuma.

— Não sei se isso é bom ou ruim.

Sou salva de difamar um pouco mais meu país quando o garçom traz a entrada com outro vinho. Dan pede educadamente para ele substituir seu vinho nos próximos pratos para chá gelado.

— Não tenho intenção de encerrar a noite sendo preso por dirigir embriagado.

— Boa decisão.

A comida é tão boa que passamos a maior parte dos próximos minutos em silêncio ou fazendo comentários e elogios baixos, mas não há constrangimento em nossa quietude. Para falar a verdade, acho que nunca tivemos um momento de silêncio constrangedor.

Ao acabar de engolir a última porção de seu prato, Daniel pergunta:

— Cor preferida?

— Hazel¹ – respondo sem pensar duas vezes Quero me enfiar debaixo da mesa por ser tão idiota.

— Isso é uma cor?

Já estou corando.

— É a cor dos seus olhos, você deveria saber.

Ele fica quieto por um instante, depois abre um sorriso.

— Então por coincidência meus olhos são de sua cor preferida?

— Cale a boca.

— Pelo tempo de resposta, parece que tem pensado bastante nisso, não é?

— Cale a boca, Daniel.

Ele parece se divertir mais ainda com meu constrangimento.

— Você está corando. Foi alguma coisa que eu disse?

Apoio a testa na mão e tento conter o sorriso sem graça que insiste em se espalhar pelo meu rosto.

— Você já fez mais perguntas do que deveria, agora é a minha vez — respiro fundo e controladamente, tentando acalmar as palpitações no peito. — Você sempre puxa assunto com garotas aleatórias em pubs?

Ele me olha nos olhos e sorri, nada intimidado pela pergunta.

— Na verdade, não. Raramente vou em pubs sozinho, sempre estou com amigos. Aquele dia foi uma exceção. Tinha marcado com meu amigo, Martin, mas ele furou e fiquei sozinho. Quando você se sentou ao meu lado, não pude deixar de reparar em quão linda era, não sou cego. — Ele bufa, como se fosse óbvio. — Mas não pensei que teria coragem em puxar assunto. Até que te ouvi murmurar alguma coisa e aproveitei a deixa.

— Então você realmente *não* ouviu o que eu disse?

Ele enrugando o nariz.

— Nadinha.

— E só arriscou puxar assunto?

— Exatamente.

Ergo as sobrancelhas, admirada.

— Parabéns pela coragem de tomar a iniciativa.

A essa altura o garçom chega para retirar os pratos da entrada e trazer no mesmo instante o prato principal. Está na vez de Daniel fazer alguma pergunta, e temo qualquer coisa que venha a seguir, já que provou ser ótimo em me deixar sem graça quando se trata de afirmar a atração que tenho por ele.

— Você tem alguém no Brasil?

Ergo os olhos da minha refeição deliciosa, confusa.

— Como assim?

Daniel engole a comida e dá um gole no seu chá gelado, parecendo um pouco desconfortável.

— Algum namorado, ou coisa do tipo.

Deixo o garfo no prato e encosto na cadeira, me chocando mais do que deveria com a pergunta.

— Não, Daniel, eu não tenho namorado, nem “coisa do tipo”. O que

te faz pensar isso?

Pela mudança de sua expressão, percebo que sabe que não foi a melhor pergunta a se fazer. Ele balança a cabeça e também deixa o garfo sobre o prato.

— Por favor, não me leve a mal. É uma pergunta genuína. Você está de viagem, é nova, bonita, pode ter vindo sem terminar algo direito no seu país, ou deixou alguém te esperando; não sei. Só queria saber isso.

Engulo em seco, admitindo que sua pergunta é realmente genuína, mas ainda desconfortável ao pensar que por algum segundo passou por sua cabeça que eu estaria traindo alguém com ele.

— Não – digo, enfim. — Não tenho ninguém no Brasil.

Essa frase significa mais do que Daniel pode sequer imaginar.

O silêncio predomina por vários minutos, cada um focado em sua própria comida, que de repente não parece mais tão apetitosa assim. Quando desisto de empurrar o bolo alimentar para dentro, afasto o prato e suspiro, terminando de beber o vinho da taça.

— Ei. – Ele diz, esticando o braço sobre a mesa para pegar minha mão, e eu deixo. — Me desculpe. Não foi minha intenção soar como um babaca.

Olho-o de verdade desde que me fez a pergunta, de repente me sentindo uma criança contrariada. Sei que não foi sua intenção. Daniel não parece fazer nada que seja ou soe babaca de propósito.

— Eu sei – digo. — Não foi minha intenção levar isso tão a sério.

Ele sorri, fazendo círculos em minha mão com seu polegar. Seu toque gentil e quente em combinação com a comida e o vinho me faz querer atravessar essa mesa e beijá-lo até não ter mais fôlego para sobreviver.

— Me fale da sua irmã.

Daniel está sempre comentando de sua irmã mais nova, Emma, como se eu a conhecesse, nunca se dando o trabalho de explicar mais coisas sobre a garota. Aproveito essa oportunidade para saber um pouco mais de sua família.

— Ah, Emma. – Ele diz, sorrindo como um bobo. — Ela tem 17 anos, está se formando no ensino médio. Ainda mora com meus pais e é um mini gênio. Não consigo lembrar quando Emma *não* fez parte de

nenhum grupo ou aula extracurricular na escola. Ela está em tudo, dando assim uma boa oportunidade de cursar medicina, que é seu sonho. Quer ser cirurgiã, se não me engano.

Posso respirar mais aliviada quando o clima tenso se dissolve. Aceito de bom grado mais uma taça de vinho enquanto o garçom retira o prato principal, partindo para a sobremesa. Confesso que já estou cheia e que o vinho já começou a fazer seu efeito em me deixar levemente alta, fazendo com que ouça Daniel falar com orgulho de sua irmã enquanto sorrio, aquecida.

Me pergunto se Julia falaria de mim dessa forma, se ainda estivesse aqui.

Sua lembrança iminente faz com que meus olhos queimem, anunciando uma onda de emoções que eu não esperava. Respiro fundo, assinto para o que ele diz e dou um gole na taça de água que não foi tocada desde que chegamos. Depois de tanto tempo, pensei que já teria o mínimo de controle sobre essas emoções. Por enquanto, posso colocar a culpa no vinho.

— Você não fala muito de sua família. — Dan diz, como se lesse minha mente. — Você tem uma irmã, não tem? Lembro que mencionou aquela viagem à Disney.

Só falei dessa viagem uma vez com ele e foi no primeiro dia que nos conhecemos. Não faço ideia de como ele lembra, o que me apavora mais ainda.

Por isso engulo em seco e tento sorrir.

— Sim, Julia — dou de ombros. — Não tenho muito o que falar. Somos uma família normal. — Mentira.

E eu sei que ele sabe que é mentira, mas tem algo em minha voz e expressão e o jeito que dou de me calar com mais um gole de vinho que o faz pensar duas vezes em insistir no assunto, preferindo deixar para lá quando a sobremesa chega no *timing* perfeito.

Caminhamos de mãos dadas com passos lentos, sem pressa de ir a nenhum lugar específico. As águas escuras do Tâmsa se agitam a nossa direita, e daqui temos uma visão perfeita da Tower Bridge, a qual se ilumina imponente e majestosa a nossa frente. Os bares e quiosques à beira do rio estão lotados de conversas altas e risadas

exageradas. Casais, famílias e amigos passam por nós, concentrados em suas próprias vidas para notar qualquer outra coisa. Um músico toca violino em frente a fonte *da Menina com um Golfinho*; um toque delicado do universo para clima especial da noite.

— Obrigada pelo encontro decente – digo com um tom de riso na voz, apoiando os cotovelos na grade que nos separa do rio. — O restaurante era mesmo incrível. Pode agradecer seus amigos pela indicação.

— Meu Deus, não se mexa. — Ele sussurra, e fico congelada o suficiente para não conseguir mover um músculo. Vejo-o se afastar pela visão periférica, mas não faço ideia do que se trata. A primeira – e mais aterrorizante – coisa que passa pela minha cabeça, é que tem algum bicho no meu cabelo.

— O que foi? – Nem consigo dizer direito.

— Olha para mim, sem sair dessa posição.

O *quê?* Viro o pescoço para a esquerda com o cenho enrugado, somente para vê-lo com o celular erguido em minha direção, e então ouço o “click” de uma foto.

— Agora desfaz essa cara de confusa e me dá um sorriso – provoca.

— Eu não acredito, Daniel! – dou dois passos em sua direção e tento pegar o celular, mas ele é facilmente vinte centímetros maior que eu, só com um erguer de mão e já não consigo alcançar. — Eu pensei que tinha alguma coisa no meu cabelo ou coisa do tipo! Você não deveria fazer esse tipo de coisa.

Queria soar mais ameaçadora, mas a diversão misturada com constrangimento fala mais alto, por isso ele está rindo enquanto tenta se explicar, imobilizando minha mão que tenta alcançar o celular, me encurralando na grade.

A aproximação inesperada me surpreende, a respiração ficando presa em minha garganta. Dan parece sentir o mesmo, pois nossa risada vai morrendo aos poucos, sobrando somente o silêncio.

— Não pude resistir. — Ele está sussurrando, seu hálito fazendo cócegas no meu rosto. — A vista daqui é muito linda para não querer tirar uma foto.

O sorriso que se abre em meu rosto é de pura adoração, e é

completamente dedicado a ele. Amo seu jeito de usar as palavras, de me fazer sentir especial. Amo estar perto o suficiente para lhe beijar e é isso que estou prestes a fazer quando ouço:

— Você tem planos para amanhã?

Me afasto, encostando a base da coluna na grade, olhando-o melhor. Espero que saia algo bom disso, pois interromper um beijo para saber quais meus planos de amanhã não parece ser uma boa ideia

— Han... Domingo Fleur e Akira vão embora, então marcamos de ir ao O'Neill's à noite para a despedida. Estava pensando em te chamar, mas não sei se gostaria de sair com um bando de jovens barulhentos, e acho que eu estava com muito medo de sua negativa.

Dan ergue uma sobrancelha, e um sutil sorriso aparece no canto de sua boca.

— Você está me chamando para sair com seus amigos?

A ideia é tão surreal assim?

— Sim?

— Isso é uma pergunta?

— Não. Sim. Quero dizer...

Ele ri, dividido entre achar graça da minha confusão ou do meu constrangimento.

— Eu adoraria sair com você e seus amigos amanhã a noite, mas só se me permitir duas coisas. — Sua voz calma e sedutora desce alguns tons, no mesmo instante em que sua mão alcança meu rosto, traçando uma linha quente em meu maxilar.

— Sim? — Não sei se ele me ouve.

— Uma: aceita passar o dia amanhã comigo? Passei a semana preparando um roteiro pela cidade, digno de dar inveja aos grupos turísticos.

Minha cabeça é uma grande bola de névoa e tudo o que consigo pensar é em como estamos perto e em como estamos em público e em como não posso despi-lo bem aqui e bem agora, por isso a pergunta de passar o dia com ele amanhã soa como um coro de aleluia ao fundo, e até temos um violino de prova para compor.

— Você preparou um roteiro? — pergunto, admirada.

— Sim. De lugares que já fui e lugares que nunca nem botei os pés,

mesmo sendo um londrino. – Ele coloca um dos meus cachos rebeldes atrás da orelha, beijando minha testa de modo carinhoso. – Acho que vai ser legal ver a cidade através dos seus olhos.

Meu coração é um campo de girassóis banhado pela luz do dia; radiante e elétrico. Me derreto e me restauro somente para poder ser essa pessoa em seus braços, assustadoramente mais apaixonada a cada segundo que passa.

– Sim. Eu adoraria passar o dia com você amanhã. – *E todos os outros dias.*

Dan sorri, vitorioso.

– O que nos leva para ao número dois – estou prendendo a respiração na expectativa enquanto ele decide por quanto tempo vai me torturar estando tão perto dos meus lábios desse jeito, sem me dar um beijo e sem dizer o que tem logo a dizer, quando enfim. – Quer passar a noite comigo hoje?

Respiro fundo e fecho os olhos, sorrindo aliviada. Dan abaixa a cabeça e sem pressa aproxima a boca da minha, enfim permitindo que nossos lábios se encontrem.

Não é preciso que eu articule nenhuma resposta em palavras. Por mais que tenhamos passado a noite juntos sexta-feira passada, esse momento parece ser único e novo e diferente de tudo o que já senti na vida.

Ele é doce e quente, e sei que não faz muito tempo que senti seu gosto, mas ainda estava com saudade. Suas mãos estão nas laterais da minha cabeça e meu mundo está tombando para o lado e caindo de penhascos que não tem fim. Tudo está pegando fogo; minhas bochechas, minhas mãos, meu estômago, *meu coração*, e ao mesmo tempo me afogo em ondas de emoção que traduzem o que meu corpo sente e meus lábios transpassam. E eu nunca, *nunca*, nunca mesmo quero esquecer esse momento.

Quero gravá-lo em minha mente e salvá-lo para sempre, mesmo que isso custe um pedaço do meu coração.

– Daniel – digo baixinho, meus lábios latejando pelo beijo intenso. Ele desce as mãos pelos meus braços, segurando minha cintura com cuidado e propriedade.

— Nina — diz ele, com o mesmo tom de voz.

De repente minha imagem de malas prontas no aeroporto voltando para a realidade de uma vida que não é essa e de um sonho que não é esse me atinge como um trem a milhares de quilômetros por hora, e a angustia tem um gosto amargo e ameaça fechar minha garganta e me matar sufocada.

Por isso abaixo a cabeça, minhas mãos espalmadas em seu peito, sentindo o calor sobre a camisa, sentindo as batidas do seu coração firmes e insistentes sobre meus dedos, e sei que estou certa quando digo:

— Você sabe que somos uma bomba relógio, não sabe?

Só percebo que estou prestes a chorar quando ouço minha voz embargada. Entendo que a dor que ameaça me sufocar é o nó do tamanho de júpiter entalado na garganta.

— Como assim? — Dan pergunta. Sei que ele sabe que tem algo errado. — Nina, olhe para mim.

Ele pega meu queixo, erguendo-o com cuidado, como se um único movimento brusco fosse me quebrar ao meio, e quando o faço, é somente para revelar o que já sabia.

— Somos uma bomba relógio — repito. — Só tenho mais sete semanas na cidade, e...

Não consigo terminar, a frase vai morrendo em meus lábios. Engulo em seco e balanço a cabeça, pois não tenho uma conclusão.

— Ei. — Ele atrai meus olhos de novo para os seus — o mais belo par de olhos avelã que já vi em toda minha vida — e neles há o reflexo contido da mesma coisa que eu sinto. — Você quer conversar sobre isso agora?

Nego com a cabeça mais rápido que um pensamento, admitindo que não há necessidade de estragar essa noite perfeita logo agora, com assuntos de algo tão inevitável e que ainda está por vir.

— Tudo bem. — Daniel encosta sua testa na minha de novo, me envolvendo em seus braços. Só então noto que tremo levemente, não sabendo se é de frio. — Vamos viver um dia de cada vez, ok? Quando você quiser, a gente conversa sobre isso.

Assinto, enterrando o rosto em seu peito enquanto cruzo os braços

em suas costas largas, querendo gravar cada segundo com riqueza de detalhes.

— Vem, dance comigo.

Rio sem achar graça nenhuma enquanto Daniel me afasta da grade, mantendo-me junto ao seu corpo.

— Não, estamos em público.

— Esquece eles. Dance comigo e finja que o mundo não existe.

Indo contra toda minha timidez, faço exatamente o que ele pede. Fechos os olhos, repouso a cabeça em seu peito e deixo que me balance de um lado para o outro ao som do violino, quase não tirando os pés do chão.

E esse é o exato momento em que me dou conta de que não há mais volta.



Há coisas que descobri que posso passar o resto da vida fazendo, e com muita facilidade. E uma delas, é acordar na cama de Daniel.

Hoje quando desperto, sinto cheiro de café no ar. Provavelmente não estava dormindo em cima de seu braço para impedi-lo de preparar algo para comermos. Quando saio do quarto vestindo somente sua camisa, encontro-o atrás da bancada da cozinha vestindo nada mais que uma calça de moletom e com o cabelo bagunçado, guardando pequenos embrulhos dentro de uma bolsa carteiro.

É isso, penso. É isso que quero fazer o resto da vida. Me plantar nesse chão, criar raízes e não sair por nada nesse mundo.

O plano era sairmos meia hora atrás, mas perdemos mais alguns minutos nos amando no sofá da sala, e quando desço do seu carro na frente do albergue para trocar de roupa, sei que estamos atrasados.

Subo as escadas correndo e desacelero bruscamente quando paro na frente do meu quarto abrindo a porta com uma calma cirúrgica. A luz do corredor ilumina as camas de Akira e Fleur, que muito provavelmente chegaram na madrugada. A minha e a de Kali – a menina indiana que ficou no lugar da Chelsea – estão vazias.

Sinto um aperto no peito ao pensar que a partir de segunda-feira estarei em um quarto com três desconhecidas.

Me troco no maior silêncio possível, vestindo um short jeans, uma blusa fresca para o dia ensolarado de 21°C e o tênis All Star. Saio na ponta dos pés com a mesma calma, mas assim que fecho a porta, volto a correr como se minha vida dependesse disso.

Dan acelera em direção à cidade com seus óculos escuros no rosto enquanto cantamos a todo pulmão com o rádio. Ele ainda não deu nenhuma dica de onde iremos.

— Então, por onde começaremos nosso *tour*? – arrisco perguntar quando ele estaciona o carro perto do St. James Park.

— Pelos clássicos.

É tudo o que recebo, por isso acato meu *tour* surpresa e partimos a pé pelas ruas lotadas do centro de Londres em pleno verão.

E nossa primeira parada é a Abadia de Westminster. Perco vários minutos observando a construção magnífica em estilo gótico, maravilhada e chocada enquanto ouço Daniel dar sua palestra.

— Monges beneditinos fundaram a Abadia de Westminster em 960. Ou seja, são mais de mil anos de história. A construção que vemos hoje foi iniciada por Henrique III em 1245. Claro como o dia, podemos ver que esse é um dos edifícios góticos mais importantes do país e tem o santuário medieval de um santo anglo-saxão. – Ele diz com uma voz forçada de guia turístico ou professor de história, ainda estou em dúvida.

Pisco duas vezes.

— E como você sabe de todas essas informações?

Dan bufa, pegando minha mão e me arrastando para a entrada principal.

— Wikipédia. Vamos, tenho ingresso para visitação.

Fazer esse tipo de *tour* esteve em meus planos desde sempre, mas não sei quando perdi tanto o foco de conhecer a cidade, afinal, esse é um dos grandes motivos que vim para Londres. Porém, de qualquer forma, fico feliz que não tenha visitado esses lugares sozinha. Fazer isso na companhia de Daniel   mil vezes melhor.

Fazemos a visita sem pressa, lendo todos os informativos e ouvindo os áudios gravados onde tinham fones de ouvido.   fácil perder palavras e sentir coisas incríveis enquanto ando por esses corredores e ouço a história de um lugar que tem mais de séculos de história. Não consigo imaginar algo tão majestoso que tenha sobrevivido a tanto tempo.

Quando o *tour* acaba, estou convencida de que nunca verei algo tão incrível assim.

— Isso foi. Incrível – seguro seu rosto entre as mãos e beijo-o com vontade.

—   só o começo, *baby* – diz ele de modo convencido.

— Socorro, não sei o que esperar do resto do dia.

Satisfeito pela minha reação e desafiado a continuar com o *tour* perfeito, seguimos para a Praça do Parlamento até o Big Ben. Essa parte não   novidade para mim, por isso andamos pela ponte Westminster, passamos pelo aquário até chegarmos a London Eye. A essa altura já estou suando e agradecendo por não ter vindo com aquela bota tão desconfortável.

Enquanto nos aproximamos do monumento de 135 metros de altura na margem sul do rio T misa, sinto meu estômago revirar. Nunca fui uma pessoa com medo de altura, mas a cada passo que dou, sinto o pescoço doer ao olhar para cima, até não ser mais possível fazer isso.

A roda gigante foi construída e inaugurada em 2000, diz Daniel quando paramos para comprar água e recuperar o fôlego, marcando a virada do mil nio, e hoje é um dos maiores marcos de Londres.

— E   por isso que est  completamente lotado. – Ele diz, apontando

para as filas que dão voltas. — E é por isso que eu comprei ingressos antecipados com direito à fila expressa.

Quase cuspo toda água que tenho na boca, mas ao invés disso, engasgo, o que é bem pior. Ergo os olhos mais uma vez para a monstruosidade a nossa frente enquanto tusso pela minha vida, me perguntando se serei capaz de fazer algo do tipo.

— Eita, respira. — Ele dá tapinhas em minhas costas, parecendo preocupado. — Eu deveria ter perguntado se você tem medo de altura antes, mas aí teria acabado com a graça. Você tem?

Sei que não é sua intenção, mas vejo um pouco de preocupação e decepção em seus olhos, vendo que essa parte do passeio depende só de mim. Olho de novo para a roda gigante e engulo em seco, me odiando por sequer pensar em estragar tudo o que aparentemente foi planejado com muito cuidado e carinho. Por isso penso que se fui capaz de andar nos bondinhos do Pão de Açúcar no Rio, sou capaz de fazer isso.

— Não. Vamos nessa.

Mesmo tendo ingressos para a fila expressa, ainda passamos quase meia hora esperando. Vejo o rosto de Daniel ficar vermelho pelo sol a cada segundo e lamentamos termos esquecido o protetor solar.

Quando chega a nossa vez de entrar na cabine de vidro, sinto minhas pernas bambas, da mesma forma que senti quando fui ao Pão de Açúcar. Aperto sua mão contra a minha e tento não parecer assustada.

— Você está com medo?

Parece que não funcionou.

— Não — ironizo. — Estou com essa cara de aterrorizada porque estou me divertindo *muito*.

Ele ri com gosto, e sua gargalhada me faz rir também. Por mais que esteja me borrando de medo, há um fundo de verdade nisso; realmente estou me divertindo.

— Vem, eu te protejo.

Meu *eu* medroso não vê lógica nenhuma nisso, pois se essa merda cair, todos nós morremos, mas me derreto até me transformar em um punhado de manteiga quente quando suas mãos envolvem minha

cintura e seus lábios encontram minha orelha. Ele não diz nada, mas a sensação do seu corpo grande e quente nas minhas costas e suas mãos me segurando com força e seu hálito quente ao meu pescoço faz com que o mundo lá fora não exista.

E então estamos subindo.

Conforme vamos ganhando altura, experimento mais uma onda de sentimentos novos. Euforia, medo, adrenalina, *amor*... Daniel apoia o queixo no topo da minha cabeça e não afrouxa o aperto dos braços até que eu me sinta segura o suficiente para olhar em volta.

— Tem certeza? – Ele pergunta quando menciono.

— Sim. Vamos fazer isso direito.

Meu peito, mais que tudo, transborda de felicidade e gratidão por ele estar fazendo tudo isso por mim. Reconheço que nunca serei capaz de agradecê-lo, então agora só me inclino para o lado e o beijo. Um pequeno “obrigada” sem palavras, e sou retribuída intensamente com um “o prazer é todo meu”, caloroso e intenso.

Meia hora depois, mesmo já em chão firme, demoro alguns minutos para recuperar o controle das minhas pernas que insistem em tremer, totalmente bambas.

— Acho que isso foi a coisa mais incrível que já fiz na vida – sussurro.

Daniel parece tão radiante quanto eu, mas acho que sua emoção não ter nada a ver com o passeio, e sim no quanto estou animada.

— Venha. – Ele diz pegando minha mão e me puxando em direção aos gramados do Jubilee Gardens que está salpicado de pessoas sentadas, deitadas, completamente relaxadas sob o sol. — Hora do almoço.

Fico confusa por alguns segundos e confiro a hora no relógio, vendo que já passam de 13h. Nem vi o tempo passar, e quando Daniel tira uma toalha grande e quadrada de dentro da bolsa e estica uma ponta para ajudá-lo a estender, entendo que teremos um picnic.

— Isso é um picnic? – alfineto, estendendo a toalha e ficando de joelhos sobre ela, vendo-o tirar algumas coisas de dentro da bolsa que traz consigo.

— Você falando desse jeito parece mais brega do que pensei que

seria quando tive a ideia.

— Não é brega. Até que é fofo.

Ele enrugando o nariz com a palavra, achando graça.

Tiro o tênis e me sento ao seu lado, aceitando o sanduíche natural que me oferece. Dividimos o suco da garrafa térmica e comemos em silêncio, admirando tudo a nossa volta com deleite.

Quando acabamos de comer, sou a primeira a deitar na toalha sobre o gramado, encarando o céu de um azul perfeito, cheio de nuvens brancas e fofas. Olhando assim, parece que nunca chove nesse lugar. Parece que Londres é feita de Sol, mesmo sabendo que essa não é a realidade.

Daniel se junta a mim logo em seguida, nossas mãos entrelaçadas entre nós, e ficamos assim sem falar nada, envoltos no silêncio confortável.

Viro a cabeça um pouco para o lado e fico observando-o encarar o céu com a outra mão atrás da cabeça. Sob essa luz incrível, seus olhos parecem ter vida própria, completamente perdidos em pensamentos. Seus cabelos adquirem um tom de cobre quase alaranjado, e é observando-o assim que percebo que tem tanta coisa sobre Daniel que me surpreende, principalmente na última semana, e muito mais coisas que quero conhecer. Quero saber sobre seu passado, sua família, seus amigos. Medos, sonhos, receios... Quero lê-lo como um livro e absorver cada palavra que tem a me dizer até que tenhamos usado todo o dicionário.

Até que não tenhamos mais tempo.

Fico observando-o por alguns minutos, até desviar o olhar e voltar a encarar o céu, me entregando aos meus próprios pensamentos. Quando o silêncio é interrompido por ele, ouço:

— Que super poder você gostaria de ter?

Rio pela aleatoriedade, mas penso na resposta mesmo assim.

— Essa é uma pergunta difícil... Mas acho que gostaria de me teletransportar. Fechar os olhos, estalar os dedos e estar em qualquer lugar do mundo. — Não vejo sua expressão, mas ouço seu “hmm” de concordância. — E você? Não me diga que é voar; isso é o que todo mundo escolhe.

— Não, não é voar. — Dan fica em silêncio por um tempo. — Gostaria de ver o futuro.

Enrugo o cenho.

— Mas isso é meio que triste, não? Ver o futuro e não poder mudá-lo deve ser bem desesperador.

Dan dá de ombros.

— Eu poderia mudá-lo.

— Você poderia *tentar*. Se formos parar para pensar, o futuro é imutável. Ou seja, tudo o que você fizer hoje irá resultar no desfecho final do que muito provavelmente você viu. A questão é: você conseguiria viver todos os dias sabendo do que vai acontecer sem ser capaz de mudar nada?

Me sinto observada e confirmo isso quando olho para o lado, vendo um Daniel admirado, eu acho.

— O que foi? — pergunto na defensiva.

— Você pensou nisso tudo agora?

Encolho os ombros.

— Sim... É bem lógico, não?

Ele volta a encarar o céu, mas dessa vez há um pequeno sorriso em seus lábios.

— Sim, é lógico. — Pausa. — Nesse caso, posso mudar meu super poder?

— Pode.

— Então eu escolho poder viajar no tempo.

Meu coração gela. Todas as possibilidades, mesmo que fictícias, passam pela minha cabeça. Como posso ter esquecido disso? Quantas vezes não desejei poder voltar no tempo e fazer as coisas diferentes?

— Ah — é tudo o que consigo dizer depois que o silêncio se estende por tempo demais. — Não tinha pensado nessa. Realmente... Eu teria feito algumas coisas diferentes.

Dan se ergue sobre o cotovelo, virando para mim.

— Tipo o quê?

Merda, eu e minha boca grande.

— Não sei... — tento sair pela tangente. — A gente sempre acha que poderia mudar algo na nossa vida, né? Não consigo pensar em nada

agora.

Também não consigo olhar diretamente para ele, por isso volto os olhos para o céu e espero que não repare em como minha respiração ficou curta e rasa. Noto minha hipocrisia ao querer saber tudo desse homem ao meu lado, e não ser capaz de falar nem um pouco da minha vida que não tem nada a ver com esses dias maravilhosos que temos vivido. Percebo que se quero que ele se abra comigo, terei que fazer o mesmo, mas só a ideia de jogar todas as merdas que aconteceram nos últimos anos em cima dele, me apavora.

— Nina. — Me chama, e demoro alguns segundos para tomar coragem e olhá-lo. — Tem alguma coisa que você queira me contar?

Meu coração bate rápido demais, perigosamente rápido. Aperto os dedos para evitar que toda minha mão trema e cerro o maxilar na tentativa de afastar as emoções do rosto, implorando a mim mesma para não explodir em lágrimas e acabar com esse dia.

— Não – digo. — Não agora.

Daniel assente, acaricia meu rosto, deixando a palma quente sobre a bochecha, fazendo com que eu feche os olhos.

— Estarei aqui quando quiser.

E assim ele leva mais um pedaço do meu coração.

Tomamos sorvete, caminhamos até o Shakespeare Globe e ouço Daniel contar histórias que muito provavelmente aprendeu na Wikipédia. O dia se arrasta aos nossos pés, quando enfim é chegada a hora de ir embora, vamos com pesar.

Chego no albergue em torno de 17h e o cansaço que se instala em mim quando passo pela porta do quarto é de derrubar qualquer um. Porém, para a minha surpresa – e tristeza – vejo uma zona de guerra com malas abertas e roupas jogadas para todos os lados.

Akira e Fleur erguem a cabeça, sorrindo abertamente, mas suas feições denunciam a dor em partir, da mesma forma que eu deixo meus ombros caírem e as abraço por alguns instantes.

— Vamos, eu ajudo vocês.

Perco as poucas horas que pensei em dormir ajudando-as a arrumar as malas e juntar seus pertences que estão por todos os lados.

Conversamos de modo animado sobre o que fizemos ontem e como foi nosso dia hoje, todas desconfortáveis demais para encarar a realidade de que amanhã não estarão mais aqui. Quando enfim vencemos os maiores obstáculos, começamos o revezamento para tomar banho e nos arrumarmos para o encontro no bar.

A intenção de sairmos 19h virou 19h30, e só chegamos no pub irlandês imponente e gracioso de esquina às 20h, quando o sol começa a descer no horizonte. Somos esperadas por Chels, Alex e várias outras pessoas que conhecemos e fizemos amizade na escola e no albergue, e não é surpresa que seja necessário juntar três mesas para receber todo o grupo.

A noite é de Akira e Fleur, por isso a presença das duas enchem o pub de energia e boas vibrações. Por ser um ponto alto de Londres, o espaço está lotado, com música alta e luzes baixas. Preciso aumentar a voz para conversar com Chels ao meu lado e peço um Alright Princess enquanto espero ansiosa a chegada de Daniel.

— Aquele bundão vem? – Chels pergunta, dando um gole dramático em seu drink.

— Vem. E por favor, você poderia não pegar no pé dele? – faço cara de súplica, pensando em todas as formas possíveis que Chels tem de fazer a noite de Daniel um inferno.

— Pegar no pé de quem? – Alex pergunta como se tivesse perdido alguma coisa importante, caso fosse incluído na conversa.

Ele tem um braço por cima dos ombros de Chels, e não sei exatamente quando aconteceu, mas em algum ponto dessa semana comecei a achar os dois realmente fofos. Alex é exatamente o que achei na primeira impressão: lerdo e bobão. Mas está para nascer alguém mais prestativo, carismático e engraçado. E acho que é isso que faz com que todo mundo o adore.

— Do namorado bundão da Nina. – Chels diz. — Ela está pedindo para eu ter misericórdia do cara babaca que a dispensou.

Massageio as têmporas, pedindo paciência.

— Mas como eles namoram se ele a dispensou? – A confusão em seu rosto é genuína e nem o culpo dessa vez: é realmente complicado.

— Primeiro: nós não namoramos. Segundo, ele me dispensou

porque trabalha na escola em que estudamos. Pensou que não seria uma boa ideia, mas por fim, caiu em si, e estamos super bem.

Alex assente, processando as informações aos poucos. Quando ele abre a boca para falar algo, vejo Daniel passar pela porta, olhando em volta a minha procura. Levanto da cadeira e aceno em sua direção.

— Chels, *por favor* – murmuro sem mover os lábios ou tirar o sorriso da cara.

Dan se aproxima sorridente, beija minha bochecha e dá um “boa noite” geral para a mesa que nem parece notar sua chegada. Se os alunos da instituição o reconheceram da prova de nivelamento ou de qualquer outro serviço administrativo, não dizem nada.

— Desculpe o atraso. – Ele sussurra e senta ao meu lado, claramente um pouco desconfortável.

— Dan, essa é a Chels e esse é o Alex. Eles estão... juntos – aponto para os dois, e Alex aperta a mão de Daniel, respondendo um “prazer em te conhecer” animado. Já Chels lhe dá um sorriso amarelo, sem largar o drink que tem em mãos. — Aquelas são Akira e Fleur – aponto para a outra extremidade da mesa, onde as meninas estão envolvidas numa discussão divertida. — *Eeeee* tem muita gente para te apresentar, então vamos ficar só com esses.

Ele assente, se ajeitando na cadeira.

— Chelsea, Nina fala muito de você. – *Não o suficiente para te alertar que muito provavelmente ela te odeia.* — Sexta-feira passada saímos com pressa da festa e não tive chance de conversarmos melhor. Prazer em te conhecer.

Estou prendendo a respiração como se estivesse debaixo d’água. Olho para o lado sem mover a cabeça e vejo-a se preparar para responder, e simplesmente não sei o que esperar.

— Pena que não posso dizer o mesmo.

Quero me enfiar debaixo da mesa e morrer de vergonha sozinha, pois o clima que fica é ridículo. Mas não consigo me mexer nem um milímetro, esperando o segundo em que Chels ria e diga que está brincando.

Mas isso não acontece.

E quero tacar esse drink em sua cara.

Alex – maravilhoso, incrível – consegue a atenção dela de volta e posso soltar o ar, virando para Dan que ainda está sem entender nada.

— Me perdoe por isso. Eu esqueci de dizer, mas Chels meio que tem uma raivinha de você por ter me dispensado. Eu fiquei na *bad* e desabafei com ela, e acho que ela levou muito para o coração – mordo os lábios, vendo sua expressão de incredulidade misturado com confusão. — Ela deve pegar no seu pé no início, mas juro que é um amor de pessoa. Não leve para o pessoal. Quando te conhecer de verdade, sei que vai mudar de ideia e de atitude.

Dan passa a mão no cabelo, olha para baixo, olha para mim e ri.

— Ou eu posso pegar no pé dela, também. Sabe como é? Inimizade saudável. Responder à altura.

Seguro a cabeça com a mão, revirando os olhos.

— Quantos anos você tem? *Dez?*

— Quantos anos ela parece ter quando fala comigo daquele jeito? —

Dan espera por uma resposta, mesmo sabendo que não darei uma. — Vai ser engraçado, eu prometo. E pode ficar tranquila: não levo nada para o coração.

Como que para enfatizar seu ponto de vista, Dan se levanta e pergunta se eu, Alex ou Chels vamos querer beber alguma coisa. Temo o que sairá disso, mas peço um Mojito mesmo assim, Alex aponta para a caneca de cerveja vazia e Chels ergue os olhos como se ele fosse um ser de outro mundo que tivesse acabado de aparecer ao seu lado.

— Sex on The Beach.

Parecendo ser suficiente, Daniel vai até o bar com um sorriso travesso nos lábios, e me inclino para ela na mesma hora, encarando-a com sangue nos olhos.

— *Para com isso!* Tá me fazendo passar vergonha! Ele está sendo legal com você, tente ser sociável!

Chels tem a audácia de revirar os olhos e sugar pelo canudo o restante do drink em seu copo, como se não entendesse o que estou falando.

— Não estou fazendo nada.

— Chels, *cresça!*

Chamá-la de criança parece surtir algum efeito, pois ela se cala e muda de postura. Tento puxar algum assunto aleatório com Alex que parece alheio a qualquer coisa que acontece a sua volta, enquanto espero que Daniel volte.

Quando ele aparece, primeiro traz meu drink e a cerveja de Alex, depois volta para pegar sua bebida e a da Chels, retornando com sua própria caneca de cerveja e uma lata de refrigerante em mãos. Penso que não, Daniel não vai fazer isso... mas vejo que estou errada quando ele deixa a lata na frente de Chels, que olha para o objeto como se não entendesse nada.

— Eu pedi um Sex on The Beach.

Prendo a respiração.

— Ah, sério? Desculpa, eu costumo não ouvir quando pessoas são rudes comigo.

Silêncio.

Silêncio.

Mais silêncio, até Chels se levantar, ir até o bar por si só, batendo pé. É nessa hora que chego à conclusão que minha melhor amiga e meu ficante têm somente 8 anos de idade.

Alex salva a noite mais uma vez quando ocupa a cadeira do lado de Daniel, fazendo um ótimo trabalho em iniciar uma conversa de rapazes. Pelo que ouvi, os dois têm amigos em comum e isso foi o suficiente para terem assunto por horas a fio.

Enquanto isso, eu e Chels nos juntamos com Akira e Fleur, bebendo mais drinks e virando mais doses de tequila do que deveríamos. Por isso não faço ideia de que horas são quando pego o celular. Para minha total surpresa, já passa de meia noite. O cansaço do dia longo começa a cair sobre meus ombros, fazendo com que perca o ânimo com mais facilidade e isso deve estar estampado na minha cara, pois Dan se inclina para o meu lado e sussurra:

— Quer ir agora, ou vamos esperar mais um pouco?

O convite é tentador, sem dúvidas. Só consigo sonhar com um banho quente e uma cama confortável. Porém, em um segundo de sobriedade, olho em volta e com um soco de realidade me dou conta de que esse é *realmente* o último dia das meninas no país. Amanhã irão

embora de vez e não sei se um dia chegarei a vê-las novamente. Esse pensamento é acompanhado com o pesar e a tristeza da despedida que terei de fazer.

Olho para o lado e vejo Daniel esperar por uma resposta, no fundo sabendo exatamente o que penso. Vamos viver um dia de cada vez, penso, mas é difícil não ser pessimista quando se está de frente para a realidade de que o mesmo acontecerá comigo.

Só que daqui a seis semanas.

E me despedirei dele.

Viro a dose de tequila que está na minha frente para afastar o pensamento e a profunda tristeza que me atinge, e o calor que desce pela garganta é o mesmo que faz lágrimas queimarem em meus olhos.

— Com licença, preciso de um minuto – digo ao dar um pulo do banco e abrir caminho entre as pessoas o mais rápido possível.

De repente o pub diminuiu de tamanho 3 vezes, ficando incapaz de respirar.

Quando consigo sair pela grande porta dupla abarrotada de pessoas, a noite fria me pega em cheio, mas dessa vez faz bem. Respiro fundo e tento afastar as lágrimas, sentindo o rosto quente. Esqueci meu casaco lá dentro, então me afasto um pouco e encosto na parede, sentindo toda a embriaguez ir embora.

Adeus à Nina bêbada e cansada.

Olá à Nina meio bêbada e *deprê*.

Respiro fundo, conseguindo afastar as lágrimas insistentes enquanto tento não pensar mais em despedidas. Porém todo meu autocontrole vai para os ares quando vejo as três saírem do pub a minha procura, notoriamente preocupadas.

— Ei, Nina! O que houve, *girl*? Está tudo bem? Está passando mal? – Chelsea, que agora quase não se aguenta em pé, é a primeira a chegar até mim. Ela me segura pelos ombros, observando com atenção à procura de algo errado, e quando vê as lágrimas que agora transbordam pelos meus olhos, fica imediatamente furiosa. — O que aquele desgraçado te fez dessa vez?

— Não, eu... – não consigo falar. O nó na garganta me sufoca. — Não sou muito boa em despedidas, e...

A ficha cai para todo mundo ao mesmo tempo.

— Oh... — Akira, tão doce e carinhosa, passa a mão pelo meu rosto secando algumas lágrimas e fica imediatamente tão chorosa quanto eu. — Eu também vou sentir falta de vocês... Não fazem ideia do quão importante e único foi tê-las como amigas durante essa viagem. A ideia de partir também está me matando...

Estamos meio abraçadas agora e tento guardar esse momento ao sentir seu calor e seu perfume único.

— Ai, merda... Eu não sou chorona, mas puta que pariu. Vocês vão conseguir me fazer chorar hoje! — Fleur pragueja e nos abraça também. Por fim, Chelsea se junta, e ficamos assim, nesse abraço fraternal por um bom momento.

— Não vamos perder o contato, estão me ouvindo? Quero todo mundo falando o tempo todo naquela merda de grupo! Quero saber o que estão fazendo, comendo, quando acordam e quando vão dormir. Ok?! — Chelsea é a que mais tenta ser durona, até nisso tenta nos mandar.

— Ok! E espero que possamos marcar uma outra viagem doida dessa — diz Fleur.

— Agora para o Brasil! — diz Akira.

— Sim! Vou amar receber vocês! — As abraço de novo e agora as lágrimas são substituídas por risos trêmulos. — Ok, vamos guardar um pouco de lágrimas para amanhã. Agora vamos beber mais um pouco.

— Gata, acho que seu *boy* não vai querer ficar muito mais. Se quiser esquentar a cama, vá e faça isso por nós, porque parece que você e Chels serão as únicas que vão conseguir transar nessa merda hoje.

Empurro Fleur e sua boca suja enquanto voltamos para dentro do pub, e já estamos rindo de novo.

Encontro Dan sentado no banco em que eu estava, e ele parece levemente preocupado ao me ver.

— Ei, está tudo bem? Não soube se seria uma boa ideia te seguir, então pedi para as meninas verem se estava tudo certo.

— Sim... Só bateu a *bad* por saber que elas vão embora amanhã, mas passou... Mais ou menos — sorrio ao sentir o rosto esquentar de novo.

Leve lembrança das lágrimas na superfície. — Podemos ir agora?

— Claro... Vou pagar nossa parte.

Arrumo minhas coisas e pego meu casaco. Enquanto me despeço de todos, Dan some para pagar a conta. Faço uma nota mental para posteriormente acertar minha parte com ele. Marco com as meninas de nos vermos amanhã no albergue antes de irem embora, e preciso me afastar rápido para não cair no choro novamente.

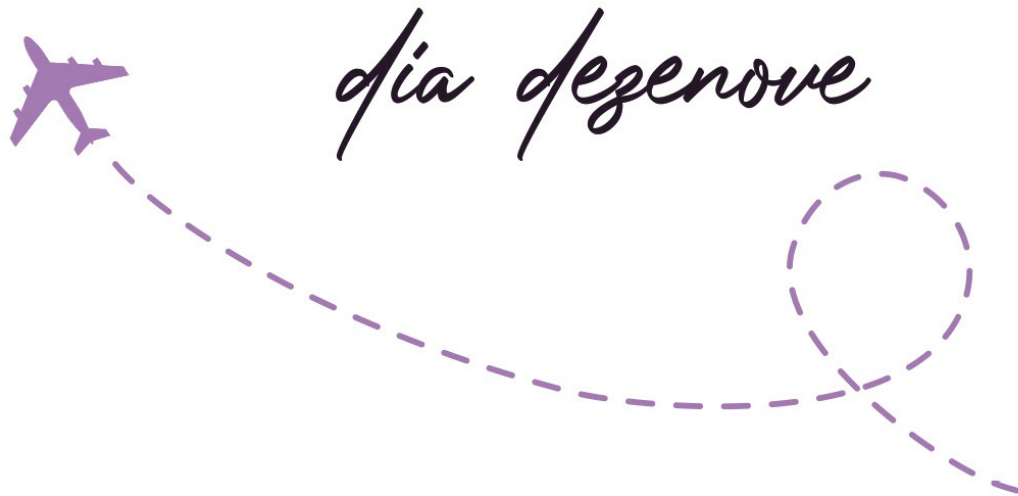
— Deus, odeio despedidas – digo ao abraçá-lo na calçada abarrotada do pub enquanto nosso taxi não chega.

— É, eu também não sou muito bom nelas.

Ergo a cabeça e observo-o daqui de baixo. Dan percebe meu olhar e retribui. Ninguém diz nada, mas ambos sabemos o que o outro pensa.

Em breve será nós.

E ninguém quer falar disso.



O sentimento de devastação chega primeiro.

Meu peito dói, como se o buraco onde deveria existir o coração estivesse lá de novo. Só senti esse tipo de dor uma vez, por isso que sei o que vem a seguir.

Estou no meu quarto, no Rio de Janeiro, e olho o caimento do vestido preto sobre minhas pernas, a vista embaçada por conta da vertente de lágrimas que não param de cair. Lembro de pensar ser impossível haver tantas lágrimas para uma pessoa chorar, mas sei que

a partir desse dia me provaria errada.

De novo.

Me levanto, saindo para o corredor longo que leva para a sala de estar. Paro no meio do caminho, olho para trás. Para a porta do quarto dela. O quarto em que a encontrei, dois dias atrás, e que está fechada desde então.

As cenas mudam, o ambiente é outro. Vejo entre a brecha de uma porta a figura de uma menina baixa, mirrada, os cabelos loiros impecavelmente presos em um coque baixo. Ela discute com minha mãe, Tânia. Algo parece importante, mas não ouço nada do que falam. Como se tivessem conectado o cabo da imagem da televisão e tivessem esquecido do som. A menina tem um envelope em mãos, não faço ideia de como sei disso, mas sei que esse é o motivo da discussão.

Minha mãe pega o envelope, vocifera algo que não escuto. Ela está chorando – as duas estão – e há um veredicto quando o guarda no bolso da calça formal.

Elas também estão de preto.

Não vejo, mas sei que a casa está cheia.

Familiares, amigos, conversas baixas e controladas.

Eu sei... Por que eu sei?

— Nina.

Meu corpo está pesado. Meu *peito* está pesado. Há um nó na garganta que me impede de respirar. E a tristeza... Essa tristeza avassaladora, como se tivesse acabado de descobrir que perdi minha irmã para sempre, me consome. Ouço um soluço seco, mas não vem do sonho, pois esse começa a dissolver em minha mente, estou no completo escuro de novo.

— Nina, acorde.

Sinto mãos em meu rosto, secando lágrimas que não sei se são minhas. Soluço de novo, tento respirar, me sento na cama como se fosse arrancada das profundezas do meu subconsciente. Aperto os olhos, olho em volta. A claridade que insiste em passar pela cortina pesada da janela me diz que já é de manhã e quando minha vista entre em foco, enxergo Daniel sentado na beira da cama ao meu lado, a camisa social abotoada até a metade, cabelo despenteado, gravata

pendurada no pescoço.

— Você está bem, *baby*? — Ele está me olhando, preocupado. — Por que está chorando?

Confusa, ouço outro soluço e percebo que vem de mim. Passo a mão pelo rosto molhado e olho para o relógio da cabeceira que marca 7h26. Tudo volta para o lugar aos poucos e Daniel me puxa para seu peito sem esperar por uma resposta. Só fica dizendo que está tudo bem, que vai ficar tudo bem, até que depois de longos minutos, não estou chorando mais.

Ainda sinto os resquícios do sonho por trás das pálpebras; pequenos fragmentos de algo que não consigo me lembrar com tanta clareza, mesmo tendo acontecido bem agora. Uma parte da minha mente grita para que eu lembre, que conecte os pontos, que reconheça o que vem tentando me dizer desde sempre, mas a compreensão passa bem longe de mim.

Eu sonhei com o que? O dia do enterro da Julia, sim. Mas *por quê*?

— Você está bem? — Ele pergunta aos sussurros.

Assinto, um pouco mais calma.

— Foi só um pesadelo.

Daniel acaricia meu cabelo com as mãos.

— Quer falar sobre? — nego, aceitando seu beijo no topo da cabeça.

— Quer que eu fique mais um pouco?

Quero. Quero tanto que me agarro a ele como se fosse um bote salva-vidas, pois me sinto segura aqui. Me sinto segura em seus braços, me sinto em casa como não me sinto em anos.

Mas não é isso o que digo.

— Não, pode ir... Não se atrase para o trabalho.

Sinto sua hesitação, pois minha voz não transpassa tanta certeza.

— Tudo bem. Volte a dormir, você ainda tem uma hora de sono.

Deixei café pronto. Nos vemos mais tarde, ok?

Volto para debaixo das cobertas, me sentindo tão sonolenta como se não tivesse dormindo nada, e Daniel vai embora depois de deixar outro beijo em minha têmpora.

Apago.

Saio do albergue com Chels, carregando na mochila mais algumas mudas de roupas e produtos de cuidado pessoal que tenho sentido falta na casa de Daniel. Não durmo no albergue desde sexta-feira passada, e isso se dá principalmente pelo fato de não ter mais ninguém que eu conheça e me importe dividindo quarto comigo, e também por ser doloroso demais acordar e ver outras meninas dormindo na cama que era de Chels, Fleur e Akira, como uma lembrança constante de que em breve será minha vez de partir.

Daniel não se importa e nem falamos no assunto. Eu só fiquei uma noite, depois outra e mais outra, e quando disse que estava precisando de roupas limpas, ele simplesmente perguntou se eu precisava de uma carona para ir ao albergue pegar outras.

— Você não acha que está indo muito rápido? — Chels pergunta. Eu sei que ela não quer, mas tem um tom de julgamento na voz. — Não que eu esteja julgando... — não disse? —, mas tipo, vocês não se conhecem há duas semanas?

— Teoricamente nos conhecemos há três semanas, mas sim, entendo o seu ponto de vista. Você e o Alex se conhecem o mesmo período, não? — Ela assente, confusa. — E quantas vezes você dormiu na casa dele?

— Nenhuma? — Chels torce o nariz, como se a ideia fosse odiosa. — Ele divide apartamento com outro cara, e é um *nojo*. Acho que nunca quis me mandar da casa de um cara com tanta rapidez.

Rio, passando pela roleta do metrô quando chegamos na estação de Betahnal Green, indo para a plataforma sentido Central, somente para descermos 4 estações depois e pegarmos o ônibus.

— Mas pelas coisas que você me conta, creio que arranjam tempo e lugar para tudo isso. Ou estou errada?

— Não, de jeito nenhum; está certíssima. Porém, fazemos isso na casa da minha tia.

Não tenho tempo de parar no meio do caminho e encará-la com choque pois nosso trem acabou de chegar e entramos, mas assim que conseguimos nos sentar graças ao horário de pouco fluxo, estou olhando-a com a boca aberta, horrorizada.

— Você leva um cara para a casa da sua *tia*?

Chels revira os olhos, caçando algo na mochila com veemência.

— Você já esteve lá: o lugar é gigante. Duvido que ela note minha companhia desejada. Ser uma viúva rica tem suas vantagens, nem que seja só para mim.

Nego com a cabeça, sem saber se acho graça ou fico mais horrorizada. Realmente tive o prazer de conhecer sua tia Heidi quando fui ajudar Chels a se instalar, quase duas semanas atrás, e a senhora de 65 anos não pôde deixar de demonstrar sua felicidade em receber a filha da irmã mais nova na casa tão grande e constantemente vazia. Creio que ela não é idiota nem senil o suficiente para não ter ciência das aventuras da sobrinha, mas também não se importa o bastante para impedi-la de fazer.

— Enfim – digo, querendo voltar ao foco do assunto. — Não acho que estamos indo rápido. Na verdade, tudo está seguindo seu fluxo normal.

Chels dá de ombros, enfim achando o que tanto queria: uma barra de chocolate comida pela metade. Seu “yes” de comemoração atrai alguns olhares e rio enquanto aceito um pedaço, ignorando com facilidade a atenção que chama para nós. Para ser amiga de Chels e andar com ela o dia inteiro, é preciso renunciar algumas coisas, a principal é a vergonha.

— Se acha isso, tudo bem. Só me preocupo com você.

Enrugo o cenho, terminando de mastigar e engolir o pedaço de chocolate belga antes de perguntar.

— Se preocupa com o que, exatamente?

— Ora, Nina, vamos ser realistas; você tem um coração mole e obviamente tá caidinha por esse cara. Meu medo é a coisa ficar muito séria e você não saber lidar com isso.

— Eu estou sabendo lidar com isso. Nós dois estamos sabendo lidar com isso.

— Eu sei, mas estão lidando *agora*. E quando você tiver que ir embora? Como as coisas vão ficar?

Engulo em seco e olho para qualquer coisa que não seja seu olhar calculista que analisa cada reação minha, pois mais uma vez, não tenho resposta para esse tipo de pergunta, a qual eu mesmo me faço

todos os dias.

Trinta minutos depois estamos entrando no apartamento de Daniel com a chave reserva que acabou por acaso ficando comigo. Assim como uma noite virou cinco, peguei sua chave para ir ao mercado enquanto ele ainda estava na instituição e acabou ficando comigo, e quando fui devolver, ele negou, com o argumento de *“vai que você precise pegar alguma coisa aqui enquanto eu estiver no trabalho?”*; simplesmente aconteceu. E quando perguntei por mensagem se poderia vir para cá com Chels depois das aulas, ele respondeu com um *“Claro, só não deixe ela envenenar minha comida :)”*, cá estamos nós.

Abro a porta e deixo que ela entre primeiro, analisando com atenção sua reação ao lugar. Ao contrário do que Chels descreveu ser a casa de Alex, esse apartamento é bem limpo e organizado, o que até me surpreendeu.

Chels olha a sala, a estante da televisão com os livros, passa o dedo a bancada da cozinha, dá uma olhada no banheiro e para com a mão na cintura, aparentemente surpresa.

— Eu imaginava o covil do inimigo de outra forma. Sabe, alguns pentagramas pintados na parede, velas vermelhas acesas, sangue no chão...

— Que decepção, não é mesmo? – digo com ironia, fechando a porta e deixando a mochila embaixo do aparador de casacos, indo direto para a cozinha pegar uma garrafa de vinho e duas taças.

— Mas sério, você deu uma de fada madrinha e arrumou a casa, ou já estava assim?

Ela se inclina na bancada, esticando o olho para ver o que faço enquanto abro a garrafa com saca-rolhas e corto em cubinhos um pedaço de queijo que comprei ontem.

— Já estava assim. Também admirei a arrumação quando vim pela primeira vez, mas descobri o segredo dele na segunda-feira. Uma mulher vem uma vez na semana limpar tudo, Dan só mantém.

Escorrego uma taça e a garrafa em sua direção e pego a outra e o pratinho com os queijos, indo para a sala e deixando-os na mesa de centro.

— Hum... Vou sugerir isso ao Alex. Não sei se aquele lugar precisa

de uma faxina, dedetização, exorcismo ou incineração geral. – Chelsea me segue, se jogando no sofá.

– Ou todas as opções acima.

Escolhemos “*Delírios de Consumo de Becky Bloom*” para assistir e já estamos na metade do filme, jogadas no sofá e levemente alteradas depois de uma garrafa inteira de vinho, quando tomo coragem de falar.

– Eu acordei chorando, hoje – é só o que preciso dizer para que seus olhos saiam do filme – que por sinal é muito bom – e olhe para mim, interessada. – Eu não entendi o que estava acontecendo. Daniel quem me acordou. Deve ter me ouvido chorar.

Ela tem o cenho enrugado, preocupada e confusa ao mesmo tempo.

– Mas por quê?

Puxo as pernas para debaixo do corpo e olho mais uma vez a taça vazia, como se ela fosse se encher sozinha desde a última vez que olhei.

– Eu tive um pesadelo, eu acho. Ou uma lembrança, não sei direito. Não consigo lembrar com tanta clareza, mas tenho quase certeza que foi algo do dia do enterro da Julia – abaixo os olhos, encarando minhas mãos juntas no colo. – Eu vou entender se não quiser conversar sobre essas coisas *deprês* comigo, mas você é meio que a única pessoa que contei o que aconteceu, e isso tem me incomodado o dia inteiro.

Chels chega mais perto, pegando minha mão com firmeza. Isso faz com que eu erga os olhos e encontro novamente a Chels séria e centrada que vi pouquíssimas vezes. A mesma Chelsea que me abraçou quando contei sobre o que aconteceu com Julia, somente quatro dias depois que nos conhecemos.

– Eu sempre vou querer conversar sobre *qualquer* coisa com você, Nina. *Deprês* ou não. Amiga é para isso, e se você pode me ouvir contar as histórias surreais de todos os caras que já fiquei, eu posso ouvir você falar de qualquer coisa. Então vamos, desembucha.

Sorrio em meio ao nervoso, agradecida.

– Certo. Eu lembro de pouca coisa, mas sei que é relacionado ao enterro de Julia pois estou de vestido preto, o sentimento de tristeza é

muito forte, sabe... Só me senti desse jeito referente a uma coisa, e é ela. Me lembro também vagamente de minha mãe discutindo com alguém. Uma menina, loira... Tenho a sensação de que deveria me lembrar dela, que não é só um sonho e sim uma lembrança, mas... não *consigo* – serro as mãos em punhos e tenho vontade de arrancar os cabelos. — Parece que quanto mais tento, mais esqueço o que quero lembrar.

A expressão de Chels é de agonia, como se sentisse na pele meu desespero. Ela se levanta do sofá em um pulo e vai para a cozinha, voltando com um copo de água. Agradeço, e só quando estico a mão para pegá-lo, percebo que tremo levemente.

— Mas você tem *certeza* de que é uma lembrança? Se fosse uma lembrança, não deveria ser mais vívida?

Bebo metade da água e apoio o copo no colo, olhando seu conteúdo como se fosse a coisa mais interessante do mundo.

— Eu só tinha doze anos. Depois que a encontrei, minhas lembranças ficaram confusas, misturadas, muitas se perderam. Minha psicóloga disse ser normal por se tratar de um trauma. Lembro de pouquíssimas coisas do próprio enterro, mas... Eu *sinto* que isso é uma lembrança. Que uma parte minha quer que eu lembre por algum motivo.

O silêncio que se estende é pesado. Quase consigo ver as engrenagens de sua cabeça girando, procurando algo a dizer. O filme segue rolando, totalmente esquecido.

— Então você já teve esse sonho antes?

— Eu acho que sim... *Argh*, sei que é confuso, que não tenho certeza de nada, e talvez eu tenha chorado enquanto dormia antes, mas nunca tive ninguém do meu lado para me acordar ou dizer que isso *realmente* aconteceu. E Daniel estava aqui hoje para fazer isso, então não sei... Quanto mais penso nisso, mais incomodada fico.

Chels assente, acariciando meu braço com gentileza.

— Bem, temos duas opções aqui: você tenta prestar mais atenção nos seus sonhos, se é que isso existe, e começa a procurar ligações entre a realidade e o sonho. Ou, você aceita que foi só um sonho e esquece isso, o que acho que não vai acontecer, vai? – nego com a

cabeça. — Então. Isso só não pode te fazer perder o sono. Acho que é exatamente isso que você disse: quanto mais tentar lembrar, mais vai esquecer. Deixe vir naturalmente.

Respiro fundo, assentindo. Ouvir a opinião de alguém de fora da situação que tem a cabeça sã – ou quase isso – me dá uma melhor perspectiva. Saber que tenho alguém com quem conversar sobre o assunto é melhor ainda, por isso sorrio, agradecida.

— Você está certa. E obrigada por me ouvir, mais uma vez.

Chels sorri e passa o braço pelo meu ombro, puxando para um abraço.

— *Girl*, estou aqui para isso.

Voltamos os minutos que perdemos do filme e terminamos de assistir com um ar maior de camaradagem pairando entre nós, e já são 17h30 quando Chels olha o relógio e dá um pulo.

— *Shit*, preciso ir! Marquei de sair com tia Heidi hoje! – Ela calça a bota com uma rapidez meio trôpega e engraçada por causa do vinho, e a acompanho até a porta pegando sua mochila do aparador. — Não sei onde estava com a cabeça quando prometi isso a ela, mas promessa é promessa, e meio que um modo de agradecer por estar me aturando durante todo esse tempo.

— Tá certo! Vai lá. E obrigada por ter vindo. Foi bom passarmos o dia em outro lugar que não fosse nas salas lotadas do albergue.

— Certo. Vamos trocando mensagens. Qualquer coisa me liga.

Mando um beijo enquanto a vejo seguir pelo corredor e bater a porta atrás de si, e faço o mesmo voltando para dentro. Acendo a luz, arrumo a sala e lavo o pouco de louça que usamos com a comilança de queijo e vinho. Coloco mais uma garrafa para gelar na esperança de tomar com Daniel quando ele chegar e decido tomar um banho quente para limpar a mente.

Sei que ele chega por volta das 18h, por isso não me dou ao trabalho de vestir muita coisa, só uma calcinha de algodão e uma de suas blusas sociais abotoada na altura do peito até o umbigo. Confortável e com seu cheiro.

Acabei de me sentar no sofá com o notebook no colo com a televisão agora ligada em qualquer canal local quando ouço a campainha tocar.

Por dois segundos penso que Dan não levou a chave ou que Chels esqueceu algo, então levanto num pulo e abro a porta sem nem mesmo olhar no olho-mágico.

E me arrependo de fazer isso no mesmo segundo.

Pois diante de mim está uma mulher alta, esbelta, de cabelos loiros puxados em um coque bem feito e um sorriso grande desenhado em batom vermelho que acabou de se desfazer em uma expressão de incredulidade.

Só pode ser engano, penso.

Escondo a cintura nua atrás da porta e só deixo a cabeça amostra. Espero que a qualquer momento ela vai se ligar de que está no apartamento errado, pedir perdão e ir embora sem graça.

— Pois não?

— Han... boa noite. — O rosto perfeito de porcelana e os olhos azuis estão completamente confusos. — Perdão, Dan, quero dizer, Daniel Wolf ainda mora aqui?

Não é o apartamento errado, aparentemente.

Sinto a boca ficar seca imediatamente, e da mesma forma que meu coração bate e mil por hora no peito, minha mente traça milhares de possibilidades em apenas um segundo. Essa mulher é muito nova para ser sua mãe. Muito velha para ser sua irmã e não é ruiva, não; é completamente loira e estonteante. Não enxergo nenhum grau de parentesco, nem mesmo na cor de pele.

O jeito que diz o apelido dele, a mala que está ao seu lado e a bolsa de viagem na outra mão me dão respostas totalmente diferentes das quais eu quero entender. Mesmo assim me nego.

Devo estar entendendo tudo errado, pois não é possível.

— Sim... Daniel mora aqui, mas não está no momento. — Não sei como consigo dizer essas palavras sem vacilar. Estou horrorizada, envergonhada e não sei nem por que. — Gostaria de convidá-la para entrar e esperar por ele, mas não sei se devo. Posso deixar um recado?

A mulher engole em seco e parece tão chocada quanto eu. Mas ao contrário de mim, entende muito bem o que está acontecendo e sorri, enfim, mostrando postura.

— Claro. Poderia dizer que a Clair passou aqui? E que se ele

pudesse entrar em contato comigo seria maravilhoso. Sei que ainda tem o meu número.

— Han... Claro. Darei o recado.

— Obrigada! – Nisso Clair vira nos calcanhares sobre os saltos de 10cm e caminha pelo curto corretor balançando a bunda magra enquanto puxa a mala de mão atrás de si.

Demoro longos segundos na soleira da porta, chocada demais para fechá-la e voltar para o sofá. Quando enfim tomo coragem de fazer isso, sinto meu coração bater como tambores aos ouvidos. Fecho o notebook, desligo a televisão e tento acalmar os batimentos, clarear a mente, pôr os pensamentos no lugar, pois não consigo ouvir nada além da minha cabeça confusa e borbulhante.

É isso mesmo o que eu acho que é?

Essa mulher, de alguma forma, está relacionada ao Daniel? A parte mais sombria da minha mente começa a fantasiar os piores cenários possíveis e passo longos minutos tentando arrumar explicações lógicas para o que aconteceu, mas só chego a um resultado.

O qual eu quero nem de perto estar certa de ter.

Não sei quanto tempo depois, ouço o barulho da chave na porta, mas ao contrário de todos os outros dias, não consigo virar os olhos para recebê-lo amistosamente. Na verdade, não sei nem o que ainda estou fazendo aqui. O mais inteligente teria sido voltar para o albergue, acalmar minha cabeça para depois procurar saber o que realmente estava acontecendo.

— Ei, recebeu minha mensagem? Disse que ia trazer comida chinesa. Espero que não tenha feito nada para comermos.

Vejo com a visão periférica Daniel deixar as chaves no aparador ao lado da porta, pendurar a bolsa carteiro e o casaco no gancho e tirar os sapatos, ainda sem olhar para mim.

Petrificada.

Encarando o nada.

— O cheiro está maravilhoso. Estou morrendo de fome, e você? – Agora ele está do meu lado e se inclina para a frente enquanto afrouxa a gravata, provavelmente esperando que eu vire sorridente e lhe dê um beijo, perguntando como foi seu dia.

Mas não consigo fazer nada disso.

— Você recebeu uma visita hoje – é o que digo.

— Hã? Visita?

Meu tom de voz parece preocupá-lo, por isso Dan se senta ao meu lado. Há um vinco de confusão em sua testa, revelando que não tem ideia do que estou falando.

Tomo coragem e olho em sua direção, precisando de todas as forças para não desabar bem aqui e agora.

— Sim. *Clair* veio te procurar. Aparentemente de mala e cuia.

O nome faz com que o vinco em sua testa se desfaça, somente para ser substituído pela expressão de incredulidade. Daniel passa a mão pelo rosto, pelo cabelo, olha em volta e parece pensar no que dizer.

Acho que não tem explicação boa o suficiente para isso.

— Sinto muito que ela tenha aparecido aqui, Nina. Não era para ter acontecido.

Silêncio.

Meu coração ameaça me rasgar ao meio.

— Quem é ela? – pergunto com a voz embargada, e nem sei se tenho direito de perguntar isso.

— Você vai ter todos os motivos para ficar encabulada com essa história, mas estou te dando toda a confiança e pedindo para que não fique. – Daniel segura minha mão e só então percebo no quão gelada estou. — Clair é uma ex, da época da faculdade, que não sabe o significado de um término e aparece quando lhe dá na telha, mesmo quando canso de dizer que acabou.

Silêncio.

Me concentro em controlar a respiração e não chorar. Chorar de nervoso, de medo.

Chorar de vergonha.

— Nosso relacionamento foi repleto de idas e vindas, e acho que ela se acostumou mal com isso. Agora que acabou de vez, acha que ainda temos chance e surge das trevas quando o momento é menos oportuno. – Não arrumo palavras para dizer nada. — Você disse que ela estava de mala?

Assinto.

— Provavelmente levou um fora de algum italiano e voltou pra Londres achando que ainda estaria aqui para consolá-la de alguma forma.

Não diga nada, você está nervosa, não fale nada, não...

— Bem, se ela sempre volta, muito provavelmente teve sucesso em conseguir o que queria das outras vezes, não?

Alcanço meu objetivo – mesmo sem saber qual era um segundo atrás – quando vejo sua expressão de ofensa, e só me dou conta do que disse quando ouço minhas próprias palavras. Afasto a mão que ele segura e passo pelo rosto, sentindo a boca seca mais do que nunca.

— Deixa para lá. Você não me deve nenhuma explicação. Estou exagerando – pego uma das bolsas de comida chinesa e vou para a sacada da varanda, fechando a porta atrás de mim.

Não consigo comer, obviamente. Há um nó na garganta que quase me sufoca. Me sento na pequena cadeira de ferro acolchoada que ocupa a varanda e abraço as pernas contra o peito, tentando acalmar a mente e o coração.

Me sinto envergonhada, mais do que tudo. Que direito eu tenho em acusá-lo de algo tão surreal assim? De onde tirei que tenho direito de exigir algo de um homem que não tem sido nada mais do que maravilhoso comigo? Como pude duvidar de sua honestidade, em qualquer momento que esteve comigo?

O sentimento de culpa e embaraço queima meu peito, sobe pelo rosto e faz com que lágrimas de tristeza transborde pelos olhos. Não sei como poderei encará-lo de novo.

O sol já começa a descer pelo horizonte conforme os minutos passam, e começo a sentir frio, mas ainda não recolhi forças o suficiente para entrar.

Não sei quanto tempo passa – meia, uma hora – até que ouço a porta abrir atrás de mim. Fecho os olhos e não me viro para recebê-lo. Sinto sua presença e então um cobertor quente cai sobre meus ombros, braços longos me envolvem por trás e eu me derreto. Seu calor é inebriante, e acho muito errado que meu corpo reaja com luxúria quando em meu coração há pesar.

Sua cabeça ocupa o espaço entre meu ombro e o pescoço e sua

respiração quente está em meu ouvido. Entreabro a boca, calando um gemido baixo. Cravo as mãos em minhas coxas, sem saber como reagir, sem saber se devo me entregar.

— Vem comigo.

É impossível lutar, então me rendo. Daniel me puxa com gentileza da cadeira e deixo que me receba em seus braços quentes. Não consigo erguer os olhos para encará-lo, parte por ainda estar chorando, parte por me achar uma idiota por acusá-lo de algo tão bobo.

Daniel ainda me segura quando abre a porta da sala e me puxa para dentro, somente para me imprensar contra ela depois de fechá-la, evidenciando todos seus músculos junto a mim. Ele segura minha cintura com força, pressionando os lábios no alto da minha cabeça.

— Nina, olha para mim – sussurra, a voz de repente rouca. Nego, recusando que me veja desse jeito; envergonhada, desapontada comigo mesma. Porém todas as minhas tentativas são em vão, pois ele ergue meu rosto com a ponta do dedo, obrigando que olhe em seus olhos.

E para minha surpresa, tudo o que vejo neles é *amor*.

— Me desculpa – consigo dizer. — Não quis te ofender daquele jeito. Eu estava nervosa, e... Ela me pegou de jeito e...

— Sssh... – Ele diz, calando minha boca com um beijo. — Você não precisa se desculpar por nada. Eu entendo... Está tudo bem.

E lá se foi mais um pedaço do meu coração.

Suas mãos serpenteiam lentamente a procura da barra da camisa que bate na metade de minhas coxas, somente para se enfiar debaixo dela e acariciar minha pele arrepiada. Sua respiração quente e pesada em meu ouvido é entrecortada quando morde o nódulo da minha orelha – ele sabe o quanto isso me desfaz ao meio, por isso continua fazendo. Brinca com os dedos na barra da minha calcinha, sobe mais um pouco, aperta as mãos com força na cintura – engasgo no meio de um gemido – e sobe, segurando meus seios com propriedade.

O pingo de dignidade que tenho cai por terra e me entrego completamente ao desejo latente que insiste em me preencher. Deixo de lado toda a vergonha e me entrego a ele, que parece sempre tão

aberto a me receber.

Passo os braços por seu pescoço e busco sua boca como se fosse a única salvação que me restasse para esse mundo que está colapsando e desmoronando a nossa volta.

Daniel me puxa para si com uma mão e acaricia meu seio com outra, sabendo exatamente os pontos que me deixam louca. Caminhamos com passos irregulares até achar o sofá e o empurro, montando-o em seguida. Uso esse tempo para encará-lo, tudo o que vejo é desejo e tesão em seus olhos... e pressionado contra sua calça. Faço movimentos lentos com a cintura sobre sua ereção enquanto encho a mão com seus cabelos grossos e puxo para trás, fazendo com que ele solte um gemido baixo, abrindo a boca em rendimento. Aproveito o espaço livre para beijar seu pescoço, a linha da clavícula, seu pomo-de-adão, sua boca... E de repente sou possuída pela vontade de brincar com seus extremos da mesma forma que fez comigo na primeira noite que passamos juntos. Por isso, quando Daniel tenta me afastar com um pouco de agressividade – que não disse que não gosto – resisto e o empurro com mais força contra o sofá, mostrando que quem está no controle dessa merda hoje sou eu.

O sorriso travesso de aprovação em seu rosto me incentiva a continuar, então desabotoo o restante da blusa social que uso devagar, dizendo tudo o que preciso e pretendo fazer somente ao olhar em seus olhos. Ele ergue a mão para me tocar, mas afasto-a; mais um lembrete claro.

Agora somente de calcinha, inquieta sobre seu colo, brinco com movimentos circulares enquanto volto a beijar lentamente o pescoço, indo até a orelha, onde sei que é seu ponto fraco e sinto seu corpo enrijecer embaixo de mim.

— Ergue seus braços para mim, amor – sussurro, lembrando-o do que disse pra mim na nossa primeira vez.

Obediente, Daniel ergue os braços sobre a cabeça e tiro a camisa lentamente, fazendo questão de passar os dedos em sua pele quente. Sua respiração está muito pesada agora, vejo o quanto se controla para não surtar. Sabendo disso, faço questão de acariciar sua pele nas partes sensíveis com a ponta das unhas, beijo seu peito enquanto

desço, mordo a barriga, faço-o gemer de expectativa, até estar agachada no chão à sua frente, com os dedos no cócs da calça.

Ergo os olhos e vejo-o morder os lábios, ansioso. Mãos em punhos. Respiração entrecortada. Uma fina camada de suor cobre sua testa.

Parece que está dando certo, então...

Sorrio e tiro a calça de moletom que havia trocado anteriormente, pegando-o com propriedade, mas sem pressa. Vejo-o jogar a cabeça para trás e se entregar a esse momento, e levo-o ao extremo com prazer.

Já havia mostrado anteriormente a Daniel do que minha boca é capaz, mas hoje é diferente. Não sabemos por que, mas é. Estou tão excitada com a situação quanto ele, e faço questão que veja que também me toco enquanto lhe dou prazer. Quando sei que está prestes a explodir, diminuo o movimento e deixo que seu corpo volte a se controlar.

Enfim, algum tempo depois parece desistir de ser torturado e me puxa pelos braços de volta para si. Agora sem calcinha e ambos sem condições de esperar nem mais um segundo sequer, monto sem sermões em seu membro rijo.

Soltamos um gemido uníssono sentindo cada parte do meu corpo responder com prazer. Seus dedos me apertam com força, e não será nenhuma surpresa sair dessa com alguns hematomas.

Suas mãos estão em todos os lugares. Estou sendo explorada de todas as formas possíveis e adoro estar no comando. Percebo que não vamos durar muito, e acho que Daniel sabe disso, pois me tira de cima de si em um só movimento. Antes que perceba o que está acontecendo, me debruça sobre a mesa de centro, agacha entre minhas pernas, afasta-as com as mãos e me prova do jeito maravilhoso que só ele sabe fazer.

Agarro a borda da mesa e os gemidos já não são capazes de serem calados. Isso parece dar ânimo para que ele não pare, e Deus, como quero que não pare.

Quando estou prestes a explodir, Dan se levanta, fica de joelhos atrás de mim e volta a empurrar seu corpo contra o meu. Suas mãos apertam minha cintura, arranham minhas costas, puxam meu cabelo,

me domina e me preenche como nunca feito antes.

Em todos os meus míseros 20 anos de vida, nunca fui fodida desse jeito.

Percebo que amo.

Acabamos no chão da sala, sobre o tapete felpudo, completamente suados e maravilhados de mil formas diferentes.

— *Best. Sex. Ever.* Já disse isso, não disse? — deito em seu peito nu e pouco me importo que esteja todo molhado. Também estou suada até o couro cabeludo.

— Disse. — Dan ri e me envolve com os braços, nos aconchegando melhor. — Mas só é maravilhoso porque você faz parte dele. Foi tão bom que fiquei com medo de te machucar.

— E quem disse que não machucou? — pergunto rindo, sentindo dores leves nos braços, no pescoço e em lugares que não deveriam doer.

— Sério? Deus, me desculpe. — Ele realmente está preocupado com isso?

— *Baby*, acredite, um corpo dolorido de sexo é bem melhor que um coração partido. Não se preocupe com isso.

Dan parece pensativo, e vejo a frase fazer sentido em sua cabeça. O silêncio cai sobre nós e só ouvimos nossa respiração pesada. Enquanto encaramos o teto, penso que nunca soube o que realmente é sexo. Não depois dessas semanas intensas que temos tido. Pensamos que tudo o que precisamos é sexo, mas não. Nem tudo é só sobre sexo. O ato por si só é vazio. Sexo é intimidade. É ser tocado, ser olhado, admirado. É sorrir um para o outro, rir sobre algo, se sentir seguro... Sentir que alguém realmente tem você.

É isso que procuramos.

E enfim entendo. É isso que estamos vivendo.

— Nina. — Ele me chama. Nunca vou me acostumar a ouvir meu nome de forma tão melódica saindo de seus lábios. Ergo os olhos e vejo que a expressão brincalhona não está mais lá. — Não quero que você se preocupe com esse tipo de coisa, ok? Entendo sua preocupação, mas não quero que se chateie por algo que não existe. Eu e Clair deixamos de existir há muito tempo. Espero que entenda

que agora só quero que exista eu e você.

Há a promessa do amor, mesmo que não dita. Há a promessa do para sempre, mesmo sendo uma ilusão. Há o tempo correndo contra nós, não ao nosso favor. Há nossa caminhada conjunta, de mãos dadas, para o abismo que é o fim inevitável de apenas algumas semanas que delimita o agora e o nunca.

Mas não quero pensar nisso agora, mesmo sabendo que me arrependerei de não ter prevenido toda a dor que está por vir.

Nesse momento, só quero que exista eu e ele.



— Ela vai nos matar por isso!

Não consigo esconder o nervosismo e excitação enquanto arrumo a mesa de jantar para quatro, olhando Daniel e Alex sobre a bancada enquanto se viram para fazer algo comestível.

— Ela vai *te* matar, não me envolva nisso. — Alex diz com um sorriso travesso, rindo por trás da garrafa de cerveja em que dá mais um gole.

— Mas a ideia foi *sua*! — apoio as mãos na mesa, encarando-o como se fosse um retardado. — Como pude deixar os dois me convencerem a isso?

— Ei, não me culpe por tentar deixar as coisas um pouco amistosas! Estou tentando fazer um *double-date* faz dias.

— Não tinha outro casal para chamar? E desde quando vocês conversam? — aponto para Daniel que corta vários temperos na tabua

de vidro, erguendo a cabeça só quando percebe que estou me dirigindo a ele.

— Desde sábado passado. Trocamos telefone na despedida da Fleur e Akira quando descobrimos que temos uns amigos em comum. — Ele dá de ombros, indiferente. — Pensei que tivesse te contado.

Me sento na cadeira, segurando a cabeça com as mãos.

Quando Daniel disse que Alex e Chels viriam jantar conosco hoje, não pude deixar de ficar feliz com a ideia de enfim podermos conviver os quatro em harmonia, sem ter os dois trocando farpas o tempo todo — Daniel por achar graça e Chels por dizer não gostar dele de jeito nenhum. Mas quando Alex apareceu há uma hora com as coisas para cozinhar e *sem* ela, entendi a realidade do plano.

Alex explicou com uma calma descomunal enquanto tirava as garrafas de cerveja gelada do pack, que disse a Chels que jantaríamos nós três — sem Daniel — e que só avisaria a ela quando dissesse que já estava chegando.

E é por isso que estou tão nervosa, pois não faço ideia de como ela irá reagir.

— Relaxa, Nina. Ela não vai surtar nem nada do tipo. — Dan tenta me acalmar, mas isso não acontece quando a campainha toca e Alex dá um pulo, deixando sua cerveja na bancada e correndo para o banheiro como o diabo corre da cruz.

Ergo os braços em descrença, encarando Daniel que ri em silêncio enquanto escorre uma grande quantidade de macarrão que acabou de cozinhar. Levanto da cadeira, respiro fundo e vou até a porta, abrindo-a com um sorriso enorme no rosto.

— Ei, Chels...

Ela passa por mim como um furacão enquanto vocifera:

— Onde está aquele idiota?

— Eu estou bem aqui. — Daniel diz, acenando da cozinha.

— Por incrível que pareça, não estou falando com você dessa vez!

Me sinto mal por sentir alívio de sua fúria não ser direcionada a mim nem a Daniel. E mais aliviada ainda por ver Alex sair do banheiro como se nada tivesse acontecido, sorrindo de canto a canto.

— Meu amor, você chegou! — Ele abre os braços e vai em sua

direção, mas basta Chels erguer um dedo para fazer pará-lo.

Acho incrível como todo mundo teme essa mulher.

— Você. Lá fora. Agora.

Estou plantada no chão, incapaz de até mesmo respirar enquanto Chelsea puxa Alex pela camisa até o corredor, fechando a porta atrás de si.

Olho para Daniel, que continua cozinhando como se nada estivesse acontecendo. Vou até ele e abraço-o por trás, encostando a bochecha em suas costas quentes, lembrando com carinho de como é bom acordar ao seu lado nos finais de semana, onde ele não precisa se levantar uma hora mais cedo que eu para ir trabalhar.

— Acho que eu a amo na mesma medida em que a temo – rio e aperto-o mais um pouco antes de soltar, me encostando na bancada para vê-lo começar a cozinhar os temperos para o molho do macarrão, fazendo erguer uma nuvem cheirosa de cebola e alho fritos.

— Acho fofo que ela tenha pegado raiva de mim por ter te dispensado no começo. Mostra que é capaz de fazer qualquer coisa por uma amizade. Mas também sei que é sensata e vai cair em si quando der o braço a torcer e ver que sou um cara legal.

Pisco, sorrindo como idiota. Percebo que é só o que sei fazer ultimamente: sorrir como uma idiota.

Deve ser por isso que outras pessoas odeiam pessoas apaixonadas.

— Já cansei de dizer isso a ela – dou de ombros, aceitando a colher que ele me estende, pedindo sem palavras para que continue a mexer os condimentos na panela enquanto some atrás da porta da geladeira.

— Vai ver espera ouvir direto de você.

— Está dizendo que devo parar de pegar no pé dela?

Vejo que Dan deixa uma garrafa de vinho rose em cima da bancada e estica o braço atrás de mim para pegar duas taças no armário superior, encostando seu corpo em minhas costas.

— Eu não consigo me focar quando você está... *ah-oooh*. – Me calo quando Daniel desliza a mão pela lateral do vestido de verão que uso, deixando os dedos passarem da barra só para retornar o caminho por minha perna, até chegar na barra da calcinha, brincando perigosamente no limiar da minha sanidade.

Meus ossos desaparecem.

Estou derretendo em delírio e preciso usar as duas mãos para apoiar no mármore da bancada, esquecendo por um segundo que tem uma panela quente na minha frente com temperos que podem queimar, ou até mesmo que temos visitas no corredor, muito provavelmente tendo uma discussão acalorada.

— Muito obrigado por usar esse vestido. — Ele sussurra perigosamente em meu ouvido, a tempo da porta da sala abrir e Alex e Chels entrarem. Tento me recuperar e virar para eles como se estivéssemos sido pegos no flagra, mas como se não estivesse fazendo nada de errado. Dan tira a mão debaixo do vestido e a coloca na minha cintura, beijando o alto da cabeça antes de virar para nossos convidados que por sorte não se mataram durante a briga.

Sinto o rosto quente — o *corpo* quente — e quero matá-lo por me acender desse jeito sem poder terminar o que começou. Abaixo o fogo do molho e vou até a geladeira, pegando a garrafa de água para ver se consigo recobrar o pouco de compostura que tenho.

— Chelsea, tudo bem? — ouço-o dizer com sua boa lábia. Muito provavelmente ele está com aquele sorriso de derreter corações no rosto. Bebo dois copos de água e volto a tempo de vê-lo servir as duas taças com o vinho, oferecendo uma para Chels que o olha com desconfiança. — Uma oferta de paz.

Ela pega a taça, cheira o vinho e dá um gole. Nesse momento, tudo está debaixo do mais completo silêncio, onde somente nós três observamos sua expressão à procura de algum bom sinal divino.

E ele vem na forma do erguer de uma sobrancelha e em uma dada de ombro.

— É, ok. Admiro qualquer um que tente me comprar com bebidas alcoólicas. Mas — Chels ergue um dedo, se inclinando um pouco para frente, olhando para Daniel como se pudesse matá-lo com apenas um golpe. — Se você machucar minha amiga, de qualquer forma que seja, faço questão de despencar da Austrália só para acabar com a sua raça, entendido?

Mordo os lábios para não rir, pois não é o exato momento para isso, enquanto vejo que Daniel nem mesmo pisca para a ameaça vazia.

— Isso não irá acontecer, te garanto. Mas, sim; entendido.

Os dois continuam se olhando por alguns segundos que parecem séculos, até que Chelsea quebra a ligação, pega a garrafa de vinho junto com sua taça e vai para o sofá, tirando a televisão do mudo e trocando de canal como se estivesse em casa.

— Eu amo essa garota – sussurro para os dois antes de pegar a outra taça e ir me juntar a ela.

Não é todos os dias que os homens ficam na cozinha cozinhando, bebendo cerveja e conversando, por isso aproveito os próximos minutos enquanto o jantar não fica pronto para apreciar o ótimo vinho que Dan comprou e colocar o papo em dia.

— Então, o que você pretende fazer quando voltar para a Austrália? – pergunto depois de encher nossa taça de novo, sentindo o estômago roncar pelo cheiro delicioso que nesse momento está por todo o lado.

Chels dá de ombros, já parecendo mais à vontade por ter sido jogada em uma emboscada de pazes forçadas com Daniel, e dou todo o crédito ao vinho, pois também começo a ficar levemente relaxada.

— Se tudo der certo, termino a faculdade de jornalismo ano que vem e começo a tentar a sorte na carreira televisiva. Quem sabe as coisas não melhorem e eu vire uma Oprah na vida?

Rio, empurrando-a de brincadeira.

— Não duvido nada! Você e esse seu gênio ainda vão longe. Só peço que não se esqueça de mim quando ficar famosa. Imagina que escândalo: “Ah, a Chelsea do Chelsea’s Talk Show? É minha melhor amiga, não sabia?”

— Uh, arrepiei, olha!

Estamos rindo quando Daniel termina de pôr a mesa, fazendo uma reverência forçada em nossa direção.

— Madames, a mesa está posta.

Sentamos à mesa, um casal de frente para o outro, e olho por um segundo a cena que nunca pensei que veria na minha frente. Alex e Dan conversam como se fossem amigos de longa data, Chels não demora para entrar no assunto e rir enquanto serve sua primeira porção de macarrão, passando a travessa para mim.

Talvez seja o nível do álcool, talvez meu coração esteja mole demais,

talvez eu esteja vivendo mais dias incríveis do que pensei ser capaz de viver nessa viagem. Mas, independente de qual for o motivo, sinto meu coração aquecer e espalhar uma onda de conforto e bem estar por meu corpo, fazendo nascer um sorriso bobo em meus lábios.

— O que foi, *baby*? – Dan pergunta, dando o molho para mim.

— Nada. Só... Obrigada por vocês estarem aqui – olho para os três, que pararam de arrumar o prato para me olhar. — Obrigada por serem incríveis e por estarem fazendo esses dias incríveis.

Alex acaricia meu braço, Dan aperta minha mão sobre a mesa e Chels se estica para o lado, me dando um abraço meio estranho.

— De nada, fofa. Agora acho melhor nós tirarmos essa garrafa de vinho de perto de você antes que o drama aumente mais um pouco.

A empurro um pouco mais forte e todos estamos rindo, descontraindo o clima sentimental que caiu na atmosfera já confortável.

Estamos sentados em volta da mesa de centro com o tabuleiro de Banco Imobiliário já repleto de casas e hotéis. Alex está prestes a falir e Chels é dona da avenida mais cara de todo o jogo. Estamos rindo tanto que meu abdome reclama de qualquer movimento que faço. Acho que nunca vi Daniel tão vermelho em toda a vida e somos obrigados a fazer pausas regulares no jogo para irmos ao banheiro, correndo risco de fazermos xixi nas calças.

Justo quando Alex cai em um hotel caríssimo de Chels, levando-o totalmente à falência e ainda saindo devendo, chega uma notificação no celular de Dan que está no chão entre nós. Ele precisa olhar duas vezes antes de arfar de surpresa.

— Puta merda! Esqueci completamente disso!

Todo mundo para o que está fazendo para ver seu desespero em largar o dinheiro de mentira em cima da mesa e pegar o aparelho, destravando-o para ver seja lá o que for.

— Esqueceu o que? – odeio o suspense.

Daniel encara o nada, quase posso ver as engrenagens trabalhando lentamente em sua mente.

— O casamento da minha prima no final de semana que vem.

Esqueci completamente. Agora chegou a lembrança do evento no Facebook... Não vi nem roupa pra isso...

Como se lesse sua mente, o telefone começa a tocar e consigo ler com perfeição o nome “Mom” brilhar na tela. Acho que ele não foi o único a receber a lembrança do evento.

Daniel xinga toda sua cota de palavrões e tira minhas pernas de cima do seu colo, se levantando completamente inquieto.

Olho para Chels, que ergue as sobrancelhas enquanto mantém a mão erguida, esperando que Alex termine de dar todo seu dinheiro a ela.

— Sujou – digo só movendo os lábios.

— Oi, mãe. Sim, também recebi... Na verdade, eu tinha esquecido. – Ele fecha os olhos e parece ouvir um bom sermão pelos próximos dois minutos. Isso está mais interessante que ver Alex falir, então observo o desenrolar com atenção. – Vou, claro. Liza ficaria arrasada se eu não fosse.

— Parece que vamos ter que arrumar alguma coisa para fazermos sábado que vem – digo para Chels, jogando os dados na minha vez enquanto Alex assume o banco. – Ainda tem algumas galerias que não visitamos...

Quase não consigo terminar de falar quando ouço:

— Será que ainda dá tempo de enviar meu *plus one*? – olho para o lado com tanta rapidez que posso jurar ter ouvido meu pescoço estalar, somente para ver um Daniel me encarando com as sobrancelhas erguidas em formato de desculpas, o questionamento em sua cara. *É, acho que poderia ter me perguntado antes, não?* Há a pausa da resposta de sua mãe. – Por que você tem que saber de tudo? É só alguém que quero levar. Aparecer sozinho aos 27 anos no casamento de sua prima é meio deprimente – pausa, ele revira os olhos e continua andando de um lado para o outro. – Não é ela! Quantas vezes vou ter que falar que não estamos mais juntos? – pausa. – Não me interessa que ela esteja de volta. *Espera*, vocês têm conversado? – pausa. – Pois pare! Isso é ridículo.

Clair...

Olho de novo para Chels e reviramos os olhos em sincronia. contei

a ela sobre a visita inesperada da ex-namorada dele logo depois de sua saída na quarta-feira, e o ranço que Chels pegou de Daniel não é nem 1% comparado ao que pegou de Clair.

— Parece que a parasita é queridinha da mamãe, hein. — Ela me alfineta, e sinto meu estômago revirar.

— Tá bom, mãe. Pode deixar, vou resolver isso na segunda-feira — pausa. — O nome dela? — Ele olha de novo para mim, e estou com as sobancelhas erguidas, sentindo um frio na barriga inexplicável. — Nina — pausa. — Você é impossível. Beijos, te amo.

Daniel desliga e nos encaramos em silêncio.

Sua cara de cachorro que caiu da mudança é impagável.

— Gostaria de ir em um casamento de última hora no interior comigo? — Ele força um sorriso e se senta ao meu lado, completamente ciente de que fez merda. — Devia ter te perguntado antes, desculpa. Eu ainda posso pôr só minha presença no site, caso não queira ir. Mas vou sexta-feira no começo da noite e só volto domingo pela tarde...

O nome disso é chantagem emocional. Ele sabe que nos acostumamos a olhar para a cara um do outro todos os dias e saber que não poderei vê-lo na sexta-feira, no sábado e talvez nem no domingo, me faria pensar no assunto.

Bufo e volto a atenção para o tabuleiro, tentando disfarçar meu nervosismo com a situação. Conhecer a família dele não estava em meus planos, de repente toda a ideia parece terrivelmente assustadora.

— Eu não tenho nem roupa para isso, Daniel. O que se usa num casamento de verão em Londres? A gente não bota um vestido na mala contando que vai conhecer alguém aqui e essa pessoa vai te convidar para um casamento uma semana antes de acontecer, sabia? — ando com o peão amarelo e caio em um terreno que já é meu, passando a vez para ele, que está concentrado demais em mim.

— A gente pode dar uma volta na cidade depois das aulas, se você quiser. Tenho certeza que conseguimos encontrar algo ideal. — Chelsea sugere do outro lado da mesa, e quero chamá-la de traidora por apoiar a ideia surreal de alguém que até poucas horas atrás era seu inimigo.

— Viu? Chels te ajuda a achar a roupa. Eu cuido da reserva e todas as outras coisas que deveria ter resolvido um mês atrás. Topa? — Ele parece uma criança.

Não tem nada que esse homem me peça que eu não faça, e sei que existe uma pessoa — *alta, loira, linda, estonteante* — que adoraria ser o *plus one* dele, isso me dá forças para deixar todos os empecilhos de lado e cogitar as possibilidades de forma positiva, mesmo significando enfrentar um dos meus maiores medos:

Sua família.

— Tá. Eu vou como seu *plus one*.

— Yey! Vai ser maravilhoso, te prometo! Você vai amar.

Eu já não tenho tanta certeza assim...



Me resta um mês

Trinta e três dias.

E ainda não tivemos coragem de ter *aquela* conversa. Simplesmente criamos a capacidade de fingir que nunca mais vou embora, vivendo cada dia como se nunca fosse existir o último. Vivendo cada dia como se fossemos viver para sempre.

Faz exatamente duas semanas em que só coloco os pés no albergue para ficar na área comum, interagir com meus colegas e fazer trabalhos em grupo, e exatamente dois dias em que trouxe tudo o que era meu para o apartamento de Daniel.

Dois dias inteiros, *oficiais*, que divido um apartamento com ele e até agora não descobri nada em que eu odeie em sua companhia. Ao contrário, me pego admirando seus pequenos hábitos que me deixam cada vez mais encantada. Como seu assobio enquanto toma banho, seu jeito de beijar minha têmpora quando acha que estou dormindo, o modo que me olha como se estivesse me estudando e o cuidado em deixar café da manhã pronto todos os dias antes de sair para trabalhar.

Acho que nunca vai existir nada que ele faça que eu odeie.

Perdi todo o dia de segunda depois das aulas andando com Chels pelo centro, pulando de loja e loja, recebendo palpites sobre todos os vestidos que experimentei e evitando não infartar com os valores extravagantes que minha conta bancária não teria capacidade de aguentar. Quando já no final do dia, recebi a ligação de Daniel com informações – completamente essenciais para a escolha de uma roupa – que a festa seria no final da tarde, ao ar livre, e que o jantar de ensaio seria sexta-feira à noite. Quando desliguei o celular com cara de frustração e cansaço, nem precisei dizer nada para Chels saber que o vestido que já tinha decidido comprar, perfeito para uma cerimônia à noite, em um local fechado, não serviria.

– Vai ser ao ar livre. De *dia*.

– Filho da puta.

Demos a missão por fracassada na segunda-feira e voltamos para as ruas na terça-feira, mas agradeço por ter feito isso com mais calma, estando mais descansada, pois conseguimos achar o vestido perfeito, relativamente fácil. Floral de cores quentes, com um corte ombro a ombro, cintura acentuada com um cinto delicado e saia godê até altura do joelho. Caiu perfeitamente em meu corpo e Chels disse que me emprestaria uma sandália que cairia muito bem. Para o jantar sexta-feira à noite, achei um vestido tubinho preto simples que me valorizou nos lugares certos.

– Vadia, ficou perfeito. Até eu te pegaria. – Chels disse para meu reflexo no provador.

– Não me dê ideias, Senhorita Chelsea.

Quando cheguei em casa, já passava das 19h, e minha cara de

exausta já dizia por si só. Daniel estava na cozinha fazendo algo junto ao fogão, porém meu cansaço era tão forte que nem me dei ao trabalho de sentir fome. Joguei as sacolas em cima da mesa e me sentei ruidosamente na cadeira.

— Espero que a exaustão tenha sido recompensante – disse, me dando um beijo de boa noite. Tudo o que consegui pensar foi em como eu queria um banho.

— Achei o que queria, mas estou morta. Tenho que passar no albergue, ainda. Preciso de algumas coisas que estão lá.

— Por que não traz logo tudo para cá? Sua estadia lá acaba essa semana, não é?

E foi assim que Daniel Wolf me chamou para morar com ele.

A pergunta pairou no ar; eu encarando-o como uma idiota, ele segurando a colher que mexia o que deveria ser nosso jantar.

Não é como se eu já não estivesse quase morando aqui... A única diferença é que ainda tinham algumas coisas no albergue para marcar minha presença. Mas a ideia de estar aqui definitivamente, comprometida, sem ter outro lugar para ir caso algo acontecesse, me assustou um pouco.

— Nina? – Ele ficou notoriamente envergonhado pelo meu silêncio, e soube que não pareceu nada bom.

Acordei para a realidade e comecei a confirmar veementemente antes que ele pensasse que abominava completamente a ideia.

— Não, eu quero! Quero, sim. Só me pegou um pouco de surpresa, não sei...

— A ideia é tão surreal assim? – Ele pareceu confuso. — Não é como se você não estivesse morando aqui nas últimas duas semanas.

— Não... Você está certo. Minha estadia realmente acaba essa semana. Nem pensei que teria que procurar outro lugar para ficar.

— Então pronto. Não deixaria você pagar estadia podendo ficar aqui. – Nisso ele se inclinou para frente e me beijou com ternura, roubando mais um pedaço do meu coração. — Agora vá lavar as mãos para podermos comer. Estou morrendo de fome.

E tudo isso nos trouxe para esse momento em que pegamos a estrada para uma viagem de 2 horas e meia até Winchester. Não é tão

interior quanto achei que seria, mas ao olhar pelo mapa o local da cerimônia, vi que se trata somente de uma cidade menor. Quando penso em “interior”, o que me vem em mente são grandes terras sem habitação e tomada por vegetação, e não é o caso de Winchester.

Pelos nossos cálculos, levando em consideração o trânsito moderado, chegaremos na pousada antes das 17h30. Daniel conseguiu sair mais cedo do trabalho, contando com todas as horas extras que tinha na casa, e usamos isso ao nosso favor.

Durante todo o trajeto, me pego pensando em como vim parar aqui. Como somente um intercâmbio fez com que eu viesse parar nesse exato momento, dentro do carro de um cara que conheço há um mês, indo para uma festa de casamento da sua família que nunca nem vi na vida. Se antes de vir para cá alguém me falasse que todas essas coisas malucas aconteceriam em um tão curto espaço de tempo, eu teria rido na cara dela e a chamado de lunática.

Quando Daniel percebe que estou encarando-o, tira o olho da estrada por dois segundos e ri para mim.

— Você está me encarando? – parece achar graça.

— Sim... estou refletindo.

— Posso saber sobre o que?

— Sobre nós. Sobre essa loucura que nos tornamos – nego levemente com a cabeça e volto os olhos para a estrada, pensativa. — Não nos conhecemos nem há um mês direito, e já estamos praticamente morando juntos. Tem noção do quão surreal isso é? Era é a última coisa que pensei que aconteceria quando fechei o pacote do intercâmbio. Pensei que conheceria novas pessoas, iria para festas, faria coisas das quais me arrependeria, conheceria lugares novos, ficaria bêbada... Mas esbarrar com você no primeiro dia aqui foi...

— Inusitado?

— No mínimo – rio de novo e tento afastar o pensamento que faz questão de se arrastar na minha direção quando penso em nós dois. O de ir embora. — Tem coisas que acontecem e que não somos capazes de entender. Parece que você estava esperando por mim naquele bar. Parece que sabia que eu estaria lá.

Olho de novo para ele, que está pensativo como se nunca tivesse

pensado nisso antes.

— Falando agora, sabe que não era para eu estar naquele pub naquele dia? Eu ia assistir a final do jogo com um amigo, mas ele teve um problema familiar e acabou que fiquei sozinho. Te falei isso, não?

O silêncio que reina soa como uma confirmação, e nenhum dos dois ousa falar mais nada. Ficamos longos minutos com nossos pensamentos, nos perguntando como a vida funciona.

Destino existe?

Logo eu, que achava todas essas baboseiras existenciais nada mais que isso; *baboseiras*. Logo eu que nunca esperei o príncipe encantado me resgatar da torre, me acordar com um beijo, me levar em seu cavalo branco. Logo eu que fui minha heroína durante toda a vida, me encontro nessa exata situação em que sou posta à prova de tudo o que achava. Afinal, o que é o amor além disso? O que é o amor além de quebrar todas suas crenças e paradigmas e mostrar que você esteve errado o tempo todo, em relação a tudo?

Chegando a essa conclusão, entrelaço os dedos em sua mão que descansa carinhosamente sobre minha coxa e dou um leve aperto. Um pequeno lembrete de que estou aqui, e estarei até não sobrar mais dias para estar.

O céu ainda está de um azul intocável quando paramos na entrada de carros da pousada. Uma construção magistral de cinco andares, de estilo vitoriano que me deixa de queixo caído, admirada. Há flores por todos os lados, e eu mal cheguei e já consigo ver a agitação de um grande evento que está por acontecer.

Daniel entrega a chave para o rapaz que se põe de prontidão ao seu lado, enquanto outro surge para pegar nossas malas. Não estou acostumada com esse tipo de tratamento, então fico quietinha e sigo-o passo após passo. Subimos as escadas que dão para a varanda ampla, então a porta é aberta para nós. Há uma grande recepção com balcão de madeira maciça, e atrás dela, uma mulher de meia idade sorridente nos recebe.

Pessoas entram e saem de todas as portas, carregando caixas, malas, arranjos de flores; tudo. Tento ficar fora do caminho o máximo

possível, então me encosto no balcão e observo, envergonhada demais para falar qualquer coisa.

Me sinto uma intrusa em um evento em que não fui convidada.

Daniel reservou um quarto para nós e faz o Check-in de forma rápida. Recebemos a chave e nos indicam o caminho até lá. É o tipo de pousada que vemos em filmes, e tenho minhas dúvidas de que essa não tenha sido usada exatamente para isso em alguma vez na história. Não consigo nem imaginar o custo de uma festa num lugar desses, então agradeço por ter comprado um vestido decente.

— Nunca fiquei tão aliviada por ter acertado ao comprar uma roupa em toda minha vida – sussurro ao seu lado enquanto caminhamos pelo corredor silencioso, até acharmos o quarto.

Não sei quando vamos começar a encontrar seus familiares, mas agradeço por isso ainda não ter acontecido, pois estou completamente acabada. Não tive muito tempo de me arrumar quando tive que deixar tudo em ordem, e ainda entregar o projeto do curso mais cedo. A sensação de ter esquecido algo importante não me abandona e espero que não seja tão importante assim.

— Vai fazer mistério sobre esse vestido até quando? Quero ver. – Daniel diz ao abrir a porta do quarto. E eu fico mortificada.

É gigantesco.

O apartamento dele poderia facilmente caber aqui dentro.

Há uma cama gigante com dossel. Uma janela enorme com vista para o jardim dos fundos, penteadeira, armários, criado mudo, tapetes claramente antigos e muito bem cuidados, espelhos com molduras bem trabalhadas... Tudo é azul claro e dourado, e acho que fui transportada para cinco séculos atrás sem perceber.

— Uau – é só o que consigo dizer.

Vou até a cama e me sento na beirada, sentindo o corpo afundar no edredom grosso e macio. Parece que estou nas nuvens. Corro para a porta na outra extremidade e abro de supetão, dando de cara com um banheiro que dá para jogar futebol sem nenhuma dificuldade.

E sim.

Com uma banheira enorme.

Viro nos calcanhares, boquiaberta, somente para encontrá-lo atrás

de mim, sorrindo de canto a conto, completamente maravilhado com minha reação.

— Daniel Thomas Wolf. O senhor *sabe* surpreender uma garota. — O agarro pela camisa e puxo pra mim, beijando seus lábios levemente, somente para mordê-los depois.

Sei que isso o tira do eixo, essa é minha intenção.

— O jantar é que horas, mesmo? — pergunto ao beijar seu pescoço. Sinto-o se contrair contra mim, já com a respiração pesada.

— Sete e meia. — Quase não consigo ouvir a resposta, pois estou tirando sua camisa.

— Então temos tempo de sobra.

Às 19h já estamos prontos. Deu tempo de fazer tudo o que deveríamos fazer, e ainda sobrou, pelo que parece. Minhas pernas ainda estão bambas, as bochechas ainda queimam, principalmente quando saio do banheiro ajustando o tubinho preto nas pernas, já em cima do salto. Daniel me vê pelo espelho da penteadeira e se vira lentamente, as mãos congeladas ao tentar arrumar o colarinho do blazer, dividido entre choque e sede, me olhando como se já tivesse me visto nua.

Ele não só me viu, como já fez tudo o que duas pessoas poderiam fazer entre quatro paredes, mas ainda assim, é constrangedor.

Sorrio, sentindo o rosto ficar vermelho na hora.

— Impossível ter alguém mais bonita que você hoje nesse jantar — diz ao passar os braços longos por minha cintura e beijar meu pescoço.

Preciso recuperar toda a postura que juntei para sair daquela banheira momentos atrás, para não me descontrolar e desarrumar tudo o que coloquei no lugar — inclusive meu cabelo que está se comportando muito bem hoje.

— *Not today, Satan* — brinco e o afasto de mim, pegando o colar de pérolas sintéticas do estojo de acessórios e dando as pontas para que ele feche. A peça se destaca com o vestido preto e combina com a sandália nude que tenho nos pés. Finalizo tudo com um xale de renda que aparentemente nunca sairá de moda nesse lugar.

Daniel veste um traje esporte fino completo, e é super diferente das roupas que o vejo usar no dia a dia. Olhando-o tão charmoso assim, chego à conclusão que as roupas que usa para ir trabalhar são no mínimo... sem graça.

— Pronta? – Ele pergunta, oferecendo o braço para mim.

— Não tenho tanta certeza... – aceito e saímos para o corredor silencioso. De repente tenho vontade de vomitar o que nem comi. Temo cometer qualquer tipo de gafe na frente de sua família. — Estou nervosa...

— Ei, não precisa ficar. – Daniel para no topo da escadaria principal e me vira para si, segurando meu rosto entre as mãos. Um par de olhos avelã repletos de carinho e amor me encaram, dizendo tudo o que não existe em palavras. Minhas juntas viram gelatinas, e não sei se ele sabe o poder que tem sobre mim. — Você é perfeita. Eu sou o cara mais sortudo por ter alguém como você como minha companhia. E eles vão te amar. Ok?

— Ok...

Respiro fundo, ergo a cabeça e puxo os ombros para trás, enfrentando a escadaria com esse salto, que no momento parece ser meu maior desafio. Não chegamos nem no final e consigo ver de imediato pessoas com alta vestimenta que provavelmente farão parte do mesmo jantar que nós. Me pergunto onde enfiarei a cara quando ele começar a conversar com todos e eu ficar de lado, sem conhecer ninguém.

— Nem pense em me deixar sozinha sem conhecer ninguém – sussurro ao seu lado ao passarmos pela porta do salão apertando o seu braço em ênfase.

— Não te deixarei sozinha em momento nenhum; confie em mim.

Com a minha vida, quero dizer, mas me conformo em sorrir e permanecer firme ao seu lado.

O salão é gigante e já está cheio. Na parede esquerda há janelas grandes que dão para o jardim dos fundos, com a mesma vista do nosso quarto. Toda a decoração remete a séculos passados. Grandes mesas redondas com toalhas brancas e milhares de talheres e pratos com bordas douradas preenchem cada espaço, destacando a mesa da

família dos noivos no fundo. Há o pequeno espaço para a banda, o bar do outro lado e duas portas nos fundos, a qual imagino que dê para a cozinha.

Essa poderia ser a própria festa de casamento e nunca vou entender o sentido desses jantares um dia antes da cerimônia. Duas festas, dois gastos. Mas como sou somente uma convidada e acho que nunca vou entender a cultura desse povo, só sorrio e tento parecer menos nervosa do que realmente estou.

Não demos nem três passos quando somos parados por senhores e senhoras, provavelmente seus tios. Há muitos, e todos se parecem demais. Os homens vestem praticamente a mesma coisa, havendo variações nas cores. As mulheres conseguem variar um pouco mais, mas as caras cheias de *botox* e os cabelos armados com chapéus gigantes me confundem.

Esqueci que eles ainda não renunciaram à moda brega de chapéus.

Deveria ter comprado um?

Sou apresentada milhares de vezes. Perdi as contas de quantas vezes disse “boa noite”, “obrigada” e “é um prazer conhecê-los”. Quando enfim chegamos na mesa que creio ser nossa – cada lugar está delicadamente reservado com seus nomes em cima dos pratos – meus pés já estão doendo nesse maldito salto.

Acabo de me sentar na cadeira acolchoada e super confortável onde indica “*Plus One – Daniel*” quando ouço a voz mais imponente sobre todas as outras. Ela diz o nome de Daniel de um jeito que faz eu me arrepiar até o último fio de cabelo.

— *Daniel, my son*. Que bom te ver – gelo da cabeça aos pés, pois sei se tratar exatamente de quem eu mais temia conhecer hoje.

Sua mãe.

Levanto-me no mesmo instante e sorrio. Tenho certeza de que quem me olha agora acha que sou a pessoa mais gentil e atenciosa entre todos aqui. Mal sabem que a vontade de causar uma boa impressão me faria parecer qualquer coisa no momento. Me ponho ereta ao seu lado enquanto vejo-a abraçar o filho e segurar seu rosto – lindo, inclusive, parabéns mamãe por isso – e admirá-lo.

Seu cabelo é típico da mulher inglesa na meia idade; curto, bem

arrumado e com um chapéu azul marinho extravagante no topo. O pouco que consigo ver abaixo desse adereço é loiro, então me pergunto de onde saiu o ruivo dele. Não seria um grande mistério, pois as cores que predominam esse salão se resumem a ruivo e loiro.

White people problem.

— Mãe, você está linda. — Daniel diz. Nunca senti tanto o peso do sotaque britânico quanto sinto hoje. — Como está? Gostaria que conhecesse a Nina.

Minha deixa.

Ele se vira em minha direção e segura minha mão, como se me desse forças.

Obrigada, vou precisar.

— Senhora Wolf, é um prazer conhecê-la — digo e dou um passo à frente, apertando sua mão esquelética de forma educada.

A mulher sorri de forma forçada, me avaliando de cima abaixo sem disfarçar. Tem cara de quem cheirou algo podre e nunca mais foi capaz de desfazer a expressão.

Engulo em seco sem perceber, sentindo meu sorriso tremer.

— Nina, certo? — *sim senhora?*, quero dizer, mas só assinto. — Adorável. Caso não se importe, pode me chamar de Margareth.

Não, obrigada.

— Sim, senhora — sorrio mais um pouco. Acho que é impossível não parecer mais sem graça do que já estou. — Um prazer conhecê-la.

Ela abre a boca para falar alguma coisa, mas um homem de quase dois metros de altura chega atrás dela, e esse é de longe mais simpático.

E não preciso nem ser apresentada para saber que se trata de seu pai. Cópia fidedigna, lá com seus cinquenta e poucos anos, um pouco mais alto e corpulento... E com mais barba. Me lembro imediatamente de como Daniel falou de seu pai no nosso primeiro encontro, com carinho e admiração.

— Pai! Quanto tempo! — Daniel diz ao dar um abraço apertado em seu velho, me pergunto quanto tempo eles não se veem.

— Eai, rapaz! Como você está?

Os dois se cumprimentam por um tempo e trocam ideias vagas

enquanto eu e Margareth ficamos de pé feito um dois de paus, sem nem olhar uma para a cara da outra.

Ótimo, melhor do que eu imaginava, penso com ironia.

— Pai, essa é a Nina.

Lá vou eu de novo...

— Nina! Que belo nome! — O homem, ao contrário de sua esposa, dá um passo à frente e aperta minha mão de forma calorosa. — Enorme prazer em conhecê-la. O que tem achado da cidade?

— Melhor do que imaginei! Estou adorando tudo. — Pelo menos sou sincera ao dizer isso.

— Fico feliz! Espero que aproveite a noite. Parece que nos sentaremos juntos hoje.

Ele é animado e cheio de vida. Confesso que adoro.

Toda a atenção de repente sai de mim e vai para o casal que passa pela grande porta dupla, se trata dos noivos. *Graças a Deus.* Os dois são recebidos por aplausos, e parecem jovens demais para estarem se casando, mas quem sou eu para achar algo?

A menina parece uma fada. Não deve ter nem 25 anos. Magra, baixa e usa um vestido champanhe esvoaçante com um salto tão fino que não sei nem como é possível alguém andar em cima daquilo. O rapaz parece ter a idade de Daniel e usa traje esporte fino.

Os dois sorriem e parecem as pessoas mais felizes do mundo. Sendo novos demais ou não para se casar, sinto meu coração aquecer por eles. Olho involuntariamente para Daniel ao meu lado, vendo que ele também me observa em admiração.

O casal passa de mesa em mesa, e é tanta gente para cumprimentar que eu não teria a paciência que eles têm. Quando chega em nossa mesa, sou abraçada por ela e recebo dois beijos na bochecha, como todas as outras mulheres, e um aperto de mão do rapaz, como fez com cada um ali.

Elizabeth e Harry — *típico.*

A noite já começou a cair lá fora e as luzes do jardim se acendem para deixar o clima mais bonito ainda. Depois que os noivos cumprimentam exaustivamente a todos, vão para seus lugares, devidamente acompanhados de sua família, então começam a servir o

jantar.

Devo agradecer aos almoços desnecessários e cheios de etiqueta que minha mãe deu durante toda sua vida, pois olho os talheres a minha frente e as regras começam a surgir em minha mente. Daniel está sentado à minha direita, sua mãe ao seu lado e seu pai do outro. Há mais um casal na mesa que não faço ideia de quem são e uma cadeira vazia ao meu lado, onde o papel em seu prato diz “Emma”, só então percebo a ausência de sua irmã.

— Onde está Emma? – sussurro, ele também parece notar sua ausência só agora.

— Mãe, onde está Emma?

— Ah, querido, ela teve um probleminha com o vestido, mas já deve estar chegando.

Como se fosse conjurada, a menina brota do meu lado e pede licença baixinho, tentando não derrubar um dos garçons que começam a circular pelo salão, servindo de tudo.

— *Ufa*, sobrevivi. Pensei que não fosse conseguir sair daquele quarto hoje. Isso tem que servir de lição; sempre experimentar o vestido um dia antes da festa e não deixar para última hora. Deus, que sufoco. Oi, você deve ser Nina! Tudo bom? Daniel não para de falar de você, chega dar no saco. Ela é linda, irmão, como está? – A menina parece que foi banhada por energético e não para nem um segundo para respirar.

— Você disse que ia diminuir na cafeína. Daqui a pouco isso não vai estar mais fazendo efeito em você. Já pensou que pode estar ficando viciada? – Daniel brinca, mas sei que tem um fundo de verdade nisso.

Como Daniel contou antes, Emma tem se preparado para a faculdade de medicina e está sempre pilhada de cafeína para conseguir dar conta de todos os estudos e atividades extracurriculares que faz seu currículo escolar ser perfeito. Só não sei se isso faz muito bem para a saúde.

E como Dan bem mencionou, é tão ruiva que chega doer os olhos. Sabe de sua beleza e não cobre nenhuma sarda sequer com maquiagem. Foca toda a atenção no esfumado escuro nos olhos, que realça o verde acinzentado. Parece mais com a mãe do que com o pai,

mas é uma versão muito mais bonita que Margareth.

— Nós já falamos isso, mas ela não nos escuta – diz a mãe. — Não duvido que esteja tomando uma dose maior do que a indiciada.

— Não estou, não quero me matar. Deixem de ser chatos. Não tomei cafeína hoje.

— E tomou o que? Taurina? – Dan a alfineta e Emma tenta socá-lo, mas estou no caminho.

— Se comportem, vocês dois. – Seu pai adverte.

— Enfim, Nina. Um prazer conhecê-la.

— O prazer é todo meu – sorrio e agradeço pelos dois terem herdado a simpatia do pai.

Emma é faladeira, mas totalmente amigável. Sabe manter uma conversa e falamos de tudo. Ao contrário de sua mãe que me observa de perto, torcendo para que eu cometa alguma gafe durante as refeições. *Kiss my ass*, sua velhota. Tenho etiqueta, por mais que a odeie eternamente.

Os noivos falam, os pais dos noivos falam, os padrinhos discursam, a banda toca e todos os pratos já passaram. Odeio admitir, mas até que a noite está super agradável.

— Vou ao bar, quer alguma coisa? – Dan pergunta ao se levantar.

— Algo forte. Muito forte – digo baixo, fazendo menção ao assunto super chato que seus pais e seus tios estão tendo no momento. Ele ri e beija o alto de minha cabeça antes de sair.

— Vocês são fofos. – Emma diz quando o irmão se afasta. Ela beberica seu suco batizado com vodka. Seus pais não fazem nem ideia, mas eu e Dan estamos ajudando-a a ficar bêbada. Espero que não seja pega.

— Ouvimos isso com mais frequência do que gostaríamos.

— Dan não disse como se conheceram.

— Bem, talvez ele tenha seus motivos.

— Ah, por favor. Eu sou curiosa. – Por estar criando afeto por ela, olho em volta para me certificar que seus pais e tios não estão ouvindo e chego um pouco mais perto para falar.

— Foi no meu primeiro dia em Londres. Durante a noite fui dar uma volta sozinha e acabei em um pub. Sentei ao lado dele no bar e

acabamos puxando assunto.

Ela fica quieta por alguns segundos.

— Não tem nada demais na história. Não sei por que ele não quis me contar.

— Seu irmão é estranho, você ainda não percebeu isso?

— Certo, você tem razão – olho sobre o ombro e vejo-o aguardar as bebidas. — Semana que vem é o aniversário dele. Estava pensando em fazer alguma coisa, o que acha?

— O que tem em mente? – continuo de olho nele, que agora sai do bar com duas bebidas nas mãos e não há tempo de conspirar ao seu favor.

— Depois te mando os detalhes por mensagem, ok? – Emma entende que não vamos conseguir falar disso agora, e muda de assunto drasticamente quando Dan volta para a mesa.

Já passa das 22h30 quando o salão começa a esvaziar. Estamos cercados por pessoas que dançam a música melódica que toca, eu com os braços em volta de seu pescoço enquanto brinco com os cabelos finos de sua nuca e com a cabeça apoiada em seu peito, ouvindo as batidas rítmicas do coração.

— Isso me lembra nosso primeiro encontro – digo, me afastando para olhá-lo. Sua mão se move por minhas costas de modo carinhoso. Daniel me olha com aconchego, calor e carinho, tudo em uma só visão.

— Lembra, sim. – Ele sorri e acaricia meu rosto como se eu fosse feita de penas. Fecho os olhos, querendo guardar mais esse momento para mim. — E acho impressionante como naquele dia eu já sabia.

Abro os olhos, me afasto mais um pouco.

Minha boca está seca.

Meu coração está acelerado.

— Como já sabia o que?

Daniel sorri, como se guardasse um grande segredo.

— Que eu já estava terrivelmente apaixonado por você. – Ele declara.

Meu coração está batendo tão rápido agora, perigosamente rápido,

tanto que temo realmente ter um infarto. Minha mente corre maratonas a procura de alguma maldita palavra para dizer a ele, mas tudo o que penso agora é “eu te amo”, e quero gritar.

Quero que todo mundo nesse maldito salão ouça o quanto amo esse homem, o quanto o quero para a minha vida, o quanto sou grata por afastar meus medos e me mostrar que a vida é tão linda de ser vivida quando saímos de trás do fantasma de uma pessoa.

Mas eu não digo.

Não digo, pois Daniel só está apaixonado por mim.

E eu o amo.

Não é a mesma coisa.

E pouco me importo, pois a sinceridade em seu olhar, o jeito em que solta meu rosto e pega minhas mãos, juntando-as perto de seus lábios e beijando-as com carinho, é tudo o que eu nunca tive de ninguém.

E no momento, isso me basta.

— Eu também estou completamente apaixonada por você – sussurro, sentindo o gosto das palavras doces em meus lábios. — E isso me *apavora*.

— Por quê?

— Porque... Não sei se isso é normal – ergo os olhos, encarando os seus que estão cheios de desejo, cheios de carinho, de uma maneira que nunca vi.

— Não sabe se *o que* é normal?

Olho para nossas mãos juntas entre nós, sem saber como colocar em palavras todos os sentimentos que tenho no peito. Sem saber como me expressar direito, sem saber sequer se vou fazer sentido.

— Isso... O que sentimos um pelo outro... Nos conhecemos há um mês e não sei... parece que é diferente com você. Sei que estou parecendo piegas, talvez até louca, e isso é só mais uma confirmação – ergo os olhos de novo, com uma súbita coragem. — Não tenho medo de falar essas coisas. Não tenho medo de dizer que me senti como se fosse sua desde o momento em que nos conhecemos. Que com a gente tudo é natural, que parece que...

As palavras morrem em meus lábios, e fico procurando o a combinação certa do que dizer a seguir. Há um dicionário inteiro

preso em minha garganta.

— Parece que passei a vida inteira esperando por você.

Imploro a mim mesma para não explodir em lágrimas, mas não sei se está funcionando, pois no segundo seguinte Daniel une nossas bocas e me beija com mais força e mais paixão do que fez em todo o tempo que nos conhecemos. Estou quebrando, me desfazendo e me recompondo só para estar em seus braços e ser sua.

Agora e para sempre.



Posso ouvir as risadas delas mesmo com a porta fechada. O som majestoso passa pela madeira de 5cm, segue pelo corredor e entra pelo meu quarto, me incomodando mais que tudo. É um saco ser mais nova. É um saco não poder participar das conversas que sua irmã mais velha tem com a melhor amiga, que muito provavelmente é sobre meninos e piadas que eu não entenderia.

Por isso levanto em um ímpeto de coragem e atravesso o corredor, batendo na porta três vezes. Fica imediatamente silêncio do outro lado e ameaço começar a chorar por ser infantil o suficiente para me importar em ser ignorada.

— Quem é? – Julia pergunta.

— É a Nina.

— O que você quer?

Abro a porta e lá estão as duas, deitadas de bruços na cama, assistindo algo na televisão que agora está pausado. Não faço ideia do que seja, mas o jeito que as duas parecem nervosas me diz que pode ser algo que mamãe não aprovaria.

— Posso ficar com vocês?

Julia não é tão legal comigo quando sua amiga está aqui, por isso fico com medo de ser ignorada mais ainda enquanto espero nervosa, me balançando sobre os pés. As duas se entreolham, pensativas. Por fim, decidem:

— Vem logo. E fecha a porta!

O sorriso que se espalha pelo meu rosto é de pura felicidade. Fecho a porta atrás de mim e pulo na cama, me deitando de bruços no espaço que abre entre elas, já rindo de não sei nem o que.

— É bom você não contar isso para a sua mãe! Ela mataria a gente! — A menina diz ao meu lado, mas também está rindo, excitada por estar fazendo algo proibido.

— Cala a boca, Karen. Vamos assistir ao filme. — E Julia dá play.

Karen...

Abro os olhos como se alguém tivesse gritado meu nome, mas está tudo debaixo do mais perfeito silêncio. Sinto a boca seca, o coração acelerado e o sonho se desfaz como fumaça entre os dedos, deixando somente o nome, nítido como um letreiro em *neon*, girando em minha cabeça.

Karen...

As peças começam a se juntar em minha mente enuviada quando lembro da menina loira que sonhei naquele dia... Lembro que é a mesma do sonho que acabei de ter, só que mais nova.

Eu também era mais nova.

Julia também era mais nova.

Claro, ela era sua melhor amiga...

Encaro o topo do dossel da cama, me dando conta só agora que não estou no apartamento de Daniel, e sim no quarto majestoso da pousada em Winchester. Fecho os olhos e respiro fundo, colocando os pensamentos em ordem.

O sol da manhã passa pela grande janela do quarto, e as cortinas

brancas e finas da cama estão abaixadas, deixando nosso ninho confortável.

Olho para o lado para ter a imagem da perfeição.

Daniel está com a cara enfiada no travesseiro, completamente apagado. De lado, com o edredom debaixo dos braços, vejo o desenho delicado de seus músculos lisos sobre a pele macia e translúcida, pontuada por todos os lados com sardas e pintinhas. Não resisto e chego mais perto lentamente, e de forma involuntária seu braço me envolve, mas ele não acorda. Prendo a respiração por longos segundos até ter certeza de que não vai despertar. Quando vejo que sua respiração continua leve e regular, relaxo a cabeça na ponta de seu travesseiro, observando de perto seu rosto.

Não há nada de imperfeito nele. Tudo parece ter sido desenhado com cuidado, atenção e carinho. Sobrancelhas grossas, olhos pequenos, cílios longos, quase loiros de tão claros. Linha do maxilar reta e firme, a barba em constante crescimento que não liga de tirar, e que por sugestão minha, tem deixado alinhada. Nariz reto e empinado, tomado por sardas, lábios grossos e rosados que escondem o sorriso mais bonito que alguém poderia presenciar...

Fecho os olhos e respiro fundo, sentindo cheiro de lavanda do sabonete da pousada que exala de sua pele. Nesse segundo não tenho sombra de dúvidas sobre a origem desse sentimento tão profundo que me toma. Não preciso pensar duas vezes, não preciso cogitar; há somente a certeza de que a forma em que meu coração bate forte e dói ao notar sua beleza e esse sentimento que faz questão de me preencher e me sufocar e crescer em mim até não ter mais espaço para nada, somente ele.

Sei, sim.

Por isso fico aqui, admirando-o como uma obra de arte, aproveitando esse momento raro em que acordo primeiro que ele. Aproveitando esses breves minutos em que minha vida é perfeita e tudo é perfeito e eu tenho tudo o que pensei que nunca precisaria.

Eu o tenho.

Ficamos boa parte da manhã na cama e quase perdemos o café da

manhã. Estou radiante, com um sorriso idiota que não sai do rosto, e me pego pensando em Karen com mais frequência do que deveria. Não consigo ter uma lembrança clara dela, de sua feição ou até mesmo de sua voz. Só tenho informações fornecidas pelo meu subconsciente, que por algum motivo fez questão de esconder de mim durante todo esse tempo. E agora não sei o que devo fazer com elas.

Estou deitada em uma espreguiçadeira na beira da piscina com Emma mexendo em seu notebook ao meu lado, o sol imponente sob nós. Tento ler um livro que não prende minha atenção de jeito nenhum e toda a agitação da comissão de festas tira minha atenção com muita facilidade, por isso deixo-o de lado e fico olhando-a digitar com agilidade algum trabalho.

— Ei, Emma, quando acabar o que está fazendo, poderia me emprestar para eu verificar meu e-mail?

Ela tira os olhos da tela e parece acordar para a realidade só quando ouve minha voz.

— Ah, claro. Na verdade, pode pegar. Vou dar um mergulho. Não quer vir comigo?

A proposta é tentadora, e por mais que tenha comprado um biquini na lojinha da pousada, a vontade de procurar sobre Karen é mais tentadora ainda.

— Talvez mais tarde.

Pego o computador e tomo o cuidado de abrir uma aba anônima, entrando em meu Facebook. Não sei por onde começar, pois Karen é um nome muito comum. Procuro primeiro entre meus amigos, mesmo sabendo que não terei nenhum sucesso, então parto para as opções mais óbvias: meus primos, vizinhos próximos, amigos de amigos, e depois de dez minutos penso que é uma perda de tempo, até que vejo, por fim, uma Karen Menezes que chama minha atenção. Abro o perfil que tem a foto de uma mulher adulta com duas crianças e um homem, sorridentes.

Engulo em seco, indo para os álbuns. Abro a primeira foto, sem muita qualidade, mas que revela com nitidez o rosto fino, olhos amigáveis e cabelos loiros na altura dos ombros. Meu coração bate com tudo contra o peito quando volto para o perfil e vou nas

informações pessoais, vendo a escola em que ela estudou no ensino médio.

E sim. É a mesma escola que Júlia frequentou o ensino fundamental e médio. Respiro fundo com o cursor pairando sobre o botão de “enviar solicitação”, sem saber se devo fazer isso ou não.

— Hey, *baby*.

Dou um pulo quando vejo Daniel se abaixar ao meu lado, resistindo a vontade de fechar o notebook e jogá-lo dentro da piscina, me contendo em minimizar a página.

— Ei – olho para ele, que tem um drink elaborado nas mãos. — Isso é para mim?

Vejo que ele tenta ignorar meu susto e o fato de ter fechado a página com pressa. Dan usa uma bermuda confortável e uma camisa fresca, e acho que essa é a única vez em que o vi com a menor quantidade de roupa em público.

— Sim. Harry e os rapazes me chamaram para jogar rugby. Quer ir assistir?

Vejo por cima de seus ombros um grupo de homens se reunirem em um descampado amplo. Todos parecem animados demais para o jogo que penso ser. Já ouvi esse nome antes, mas não faço ideia de como é.

— Esse é aquele que tem que passar a bolinha entre pequenos círculos cravados na terra? – pergunto com a maior inocência, e isso faz com que Dan ria alto, me beijando como se minha ignorância fosse fofa.

— Não, amor. Rugby é tipo um futebol.

— Ah, vocês vão jogar? – Emma pergunta, surgindo do nada. Está com os cabelos ruivos pingando e se enrola na toalha, também animada ao ouvir o nome do jogo. — Vamos assistir, Nina.

— Tá, vamos. Só me deixe fechar isso aqui.

Abro a página minimizada e aperto o botão de enviar solicitação sem pensar duas vezes, fechando de vez a janela e devolvendo o notebook para Emma, que deixa perto de suas coisas antes de sugerir que levemos nossas espreguiçadeiras para assistir ao jogo.

Parece que não somos as únicas a pensar nisso. Quando menos percebo, há uma plateia considerável sentada na beira do campo para

o que deveria ser uma simples partida de rugby, seja lá o que isso for.

A maioria dos homens são jovens, mas há alguns mais velhos que se arriscam. Dividem o grupo do jeito deles, pegam a bola e começam a jogar. Não faço ideia de como são as regras, por isso deixo meu drink de lado e pego o celular, fazendo uma pesquisa básica para ter noção do que esperar.

E quando termino de ler, acho que não quero ver no que isso vai dar.

Eles se chocam, se jogam um em cima do outro, trombam, caem, tudo para pegar a merda da bola e correr. Cada batida é uma dor que sinto no coração, mas fico um pouco mais aliviada por Daniel estar se dando bem, assim como Harry, que está no time oposto.

— Minha nossa senhora! – grito quando três caras se jogam em cima de Dan, que tentava fugir com a bola, e some.

Emma só sabe rir.

— Da última vez tivemos que levar um para a emergência.

— E vocês os deixam jogar isso?! No dia do casamento?! E se ficarem roxos nas fotos?!

Não parece ser um problema real para ela, que continua rindo.

— Dan e Harry entraram na faculdade com bolsa de esporte. Sabem o que estão fazendo. Quero dizer, mais ou menos.

Dito isso, alguém se machuca e o jogo é suspenso.

Parece que se um dos padrinhos conseguir ficar de pé na hora da cerimônia, vai ser um milagre.

Decido que não quero mais assistir essa carnificina e volto para a área da piscina para ler meu livro em paz. Uma hora depois Dan retorna todo suado, sujo de terra, grama e sem camisa, de repente doido para receber um abraço.

Almoçamos com sua família, tiramos um cochilo a tarde e acordamos às 17h para começarmos a missão casamento. A cerimônia está marcada para 18h30, mas contando com o atraso usual da noiva – mesmo ela estando no último andar da pousada na suíte principal, sem aparentes motivos para se atrasar – sabemos que deve começar mesmo umas 19h.

Consigo deixar meus cachos claros definidos, jogados tudo para um

lado e prendendo uma mecha da lateral com um adereço de cabelo simples. Nem a pau vou aderir essa moda forçada de chapéu.

Raramente uso muita maquiagem no rosto, mas a ocasião pede. Graças aos muitos vídeos no YouTube, hoje sei fazer algo decente próximo ao profissional.

Na hora de pôr o vestido vou para o banheiro e depois de uma luta, consigo subir o zíper das costas sozinha. Uso um colar gota morganita com brincos de conjunto, calço a sandália e quando olho no relógio do celular, são 18h10.

Bem a tempo.

Respiro fundo, dou uma última olhada no espelho e saio para o quarto, parando feito uma estátua ao lado do baú que tem em frente à cama, onde Daniel está sentado agora calçando seus sapatos.

Ele ergue o torso lentamente, olhando cada detalhe com atenção, até me ver por completo. Sua boca está aberta na tentativa de falar qualquer coisa com sentido, mas não sai nada, só:

— Uau.

— Só uau? – finjo decepção.

— Estou à procura de um termo melhor, mas de repente esqueci todas as palavras que aprendi na vida. – Ele fica de pé e pega minha cintura, me olhando com adoração. — *UAU!*

Fico vermelha até o couro cabeludo enquanto Daniel acha graça disso, pois me abraça apertado e beija minha testa.

— Tomara que com isso sua mãe deixe de me odiar.

— Ah, ela não te odeia.

— Não? Então por que está constantemente me olhando com cara de quem comeu algo e não gostou? – ergo as sobrancelhas em confronto.

Daniel joga a cabeça para trás e ri com gosto.

— Esse é o jeito dela. Relaxa que daqui a pouco vai notar o quão maravilhosa você é e vai amá-la.

Vamos para o jardim, onde tem mais pessoas do que imaginei. As cadeiras brancas decoradas estão alinhadas perfeitamente lado a lado, de ambos os lados, formando um corredor ao meio, que está repleto de pétalas de flores claras. No final há um arco enorme, com mais

flores por todo ele, um pequeno púlpito branco e as cadeiras dos padrinhos e das damas.

Vejo Emma acenar para nós e no caminho até lá cumprimento algumas pessoas que me lembro de ontem. Particularmente não sou uma pessoa difícil de se gostar, mas estou fazendo um esforço danado nos últimos dois dias para que a boa impressão fique.

Quando chegamos no lugar que ela escolheu, vejo que seus pais já estão lá. Charlie na última cadeira, que acena para mim, Margareth ao seu lado, que só faz um gesto com a cabeça com a mesma cara de bunda e ao lado dela tem outra pessoa que...

Não pode ser

É uma miragem, não é?

Estou paralisada no mesmo lugar, incapaz de me mexer.

Emma que está ao meu lado esperando que entre no corredor e sente, olha para mim, para mulher e então para mim de novo, e parece entender tudo.

— Daniel, *my dear*. Quanto tempo. Como você está?

Dou um passo para trás em resposta e o clima ridículo é palpável.

Clair se aproxima – dois metros de pernas e um vestido curto e um cabelo perfeito preso para trás e um chapéu gigante – e põe as mãos no ombro dele, beijando suas duas bochechas. E não se afasta.

Daniel, educado, sorri.

— Clair. Não achei que estaria aqui.

— E por que não viria ao casamento da Liz? Temos tantas histórias juntos! – E nisso ela dá uma risada forçada que tenho vontade de virar as costas e ir embora agora.

— Claro – é só o que ele fala, e estou morta.

Emma, salvadora da pátria, consegue a atenção dela e arrasta-a de volta para seu lugar, sentando-se logo em seguida, convidando para me sentar ao seu lado. Não sei se seria a melhor escolha, mas o faço.

Sento ereta feito uma tábua, com as mãos no colo, fechadas disfarçadamente em punho para não tremer. Emma fala qualquer coisa sem sentido que não ouço, pois quero passar por cima dela agora mesmo e arrancar esse chapéu ridículo dessa palhaça que se senta ao seu lado.

— Ei — Ela fala baixinho agora, segurando minha mão, o que chama atenção. — Relaxa, eu também a odeio — sussurra, o comentário é realmente um pouco reconfortante, me fazendo dar uma risada curta.

Sei que não deveria estar me sentindo tão intimidada. Claro que ela é mais bonita, mais alta, mais esbelta, mora no mesmo país que ele e não tem menção nenhuma de ir embora, e obviamente tem a preferência de sua mãe, mas quem está sentada ao lado de Daniel agora, sou eu.

Não ela.

Ele tenta pegar minha mão, porém primeiro apresento um pouco de resistência, mas então cedo e deixo que entrelace seus dedos nos meus.

— Eu não sabia que ela vinha. Desculpe se isso te deixa desconfortável. Aposto que foi coisa da minha mãe. Vou falar com ela depois, mas por favor, não fique assim. Você está linda demais para que alguém estrague nosso dia.

Olho para ele e reflito sobre suas palavras. Realmente, não duvido que tenha sido coisa de Margareth. É óbvio que uma vadia reconhece e gosta da outra. E ele está certo; não posso deixar que ninguém estrague esse nosso final de semana perfeito.

— Você tem razão — concordo.

Dan sorri e segura meu rosto com delicadeza, me beijando. Um pequeno lembrete de que sou sua.

— Vou logo avisando que sou chorona e sempre me emociono em casamentos — digo, agora sorrindo.

— Deduzi isso quando chorou em todas as comédias românticas que assistimos. — Nisso ele puxa um lenço azul marinho do bolso do blazer, e acho impossível existir alguém mais perfeito.

A cerimônia é linda, tudo ocorre perfeitamente bem. Elizabeth não poderia estar mais linda com um vestido longo e esvoaçante. Harry se emociona e não me aguento. Agradeço por ter usado parte da maquiagem à prova d'água. Sorte do dia: não virar um panda.

Quando tudo acaba, o sol está se pondo e os noivos saem juntos, de mãos dadas, em direção à festa. Duas tendas brancas enormes colocadas lado a lado no outro lado do jardim. Tudo é iluminado por

pisca-piscas e pontos de luz. As mesas são gigantes com grandes adereços, mas quando vejo que vou ter que me sentar com seus pais e Clair, vou direto para o bar.

— Boa escolha. — Daniel ri e pede whisky enquanto tomo minha primeira dose de tequila.

Vejo Emma se aproximar de nós já com um copo de suco na mão — que aposto que está batizado — e sorri com orgulho.

— Sou maravilhosa, eu sei. Consegui lugar para a gente na mesa dos outros primos. Expulsei os tios para aturarem papai e mamãe. Vamos.

Sou arrastada por ela até chegarmos à mesa com jovens na mesma faixa etária que Dan. Melhor do que nada.

A presença de Clair é notória. Ela anda por toda a parte, fala com todo mundo e está na cara que conhece a família dele toda. Olhando por cima do ombro consigo ver um sorriso sarcástico nos lábios de Margareth, totalmente satisfeita pelo fogo no parquinho que criou.

— Vocês ficaram quanto tempo juntos?

A pergunta parece pegar Daniel de surpresa, que fica pensativo.

— Algo entre seis anos.

Uau.

Não preciso falar nada, minha cara já fala por si só.

— Acho que essa é a parte em que eu vou dar um sermão em minha mãe. Já volto. — Nisso ele levanta e atravessa o espaço que os separa, parecendo completamente decidido.

Emma ocupa seu lugar ao meu lado e observa a cena comigo. Não conseguimos ouvir nada por causa da música alta da banda, mas vejo quando ele pergunta algo e ela se faz de sonsa. Então ele fala uma série de coisas que faz a cara dela — e isso é impagável — ficar em choque. Acho que o filhinho lindo e perfeito nunca deve ter falado assim com ela antes.

— Ainda vou ter coragem de fazer isso um dia. — Emma diz, e acho que poderia ter um saco de pipoca em sua mão agora para combinar com a cena. — Mamãe tem uma grande capacidade de nos convencer a fazer coisas que não queremos, e Clair é uma delas. Ela é filha de um amigo veterano do papai. Isso dá a ela uma ilusão de que os dois

devem ficar juntos, coisa que claramente não deve acontecer. Nunca mais.

Fico tentada a perguntar mais sobre esse assunto, mas estou focada demais do drama da cena a minha frente. Margareth responde algo ao sermão dele e consigo entender com perfeição quando ele diz *“não me importa”* e *“isso não é da sua conta”*. Se vira confiante e marcha na minha direção, primeiro com a cara fechada, puto pelo que acabou de acontecer, mas conforme vai chegando perto, sorri e faz uns passos de dança ao som da música, oferecendo a mão quando chega a mim.

— Agora podemos dançar?

Nunca vi Daniel dançar antes. Nunca.

E estou chocada.

A música que toca é um tipo de rock antigo, anos 60, acho, e sou jogada de um lado para o outro, admirada até conseguir seguir seu ritmo. Esses sapatos não são perfeitos para dançar, mas pouco me importo, pois é contagiante. Não somos os únicos na pista, mas com certeza chamamos atenção, inclusive quando me gira e a saia godê longa de tecido leve se levanta, formando um leque. Os noivos se juntam a nós e acho que vou morrer antes que a música acabe, até que termina e já emenda em outra, agora um pouco mais lenta.

Estou sem fôlego.

— Onde diabos você aprendeu a dançar assim?! – consigo perguntar, enfim.

— Eu sou uma caixinha cheia de surpresas, Senhorita Marques.

Ele tem razão, e estou curiosa para conhecer todas elas.

Espero por quase meia hora até ter certeza que Daniel dorme profundamente ao meu lado e deslizo para fora da cama com um cuidado cirúrgico. Ando na ponta dos pés até minha mochila e pego o notebook, indo para a poltrona que tem perto da janela. Ligo-o e abaixo o brilho da tela ao máximo, roendo as unhas com ansiedade enquanto espero que inicie por completo. Não paro de olhar para a cama a procura de qualquer indício de que ele vá acordar, por mais que saiba que isso não vai acontecer.

Quando inicia, abro o navegador e vou direto para o Facebook,

abrindo a aba de notificações. Sinto meu estômago girar quando vejo que Karen Menezes aceitou minha solicitação, não sei o que fazer a seguir. Vou para seu perfil e fico encarando o quadro em branco, desafiadoramente dizendo *“Escreva algo para Karen...”*

Pego o celular e abro no contato de Chels, agradecendo por ela dormir tarde todos os dias. Digito:

Eu: Lembrei quem é a menina do meu sonho que discutia com minha mãe no dia do enterro da Julia. Era a melhor amiga dela, Karen.

Achei o perfil no Facebook e ela aceitou minha solicitação. Não sei o que fazer agora.

Não demora muito para sua resposta chegar, e esse é só mais um dos motivos por eu amar essa garota.

Chels: Espera, isso aconteceu quando?

Por que só tá me contando agora?

Vadia, você está fazendo coisas pelas minhas costas?

Reviro os olhos, nervosa demais para lidar com a rainha do drama.

Eu: Sonhei com elas de novo, no sonho Julia a chamava pelo nome. Acordei com isso na cabeça, lembrei que eram melhores amigas e dei de uma de FBI. Pronto, resumo da Ópera. AGORA PODE POR FAVOR ME DIZER O QUE FAZER?

Chels: Calma, senhora.

Escreve algo no mural dela. Sei lá, pede para entrar em contato com você ou algo do tipo.

Eu: Agora?

Chels: O que de pior pode acontecer?

Deixo o celular no colo e volto a encarar o quadro em branco, selecionando para digitar.

Oi, Karen. Tudo bom? Não sei se você lembra de mim, mas gostaria de saber se poderia entrar em contato comigo, se for possível. Segue meus dados:

Digito meu e-mail e o telefone de contato, clicando em “publicar” sem pensar duas vezes. Fecho a aba como se fosse uma bomba relógio e desligo o notebook com a mesma rapidez, abraçando-o junto ao peito enquanto minha visão se acostuma com a escuridão de novo.

Uma mensagem chega, quase infarto até ver que é de Chels.

Chels: Eai, fez?

Eu: Sim. Agora é esperar.

Chels: Me mantenha atualizada.

Bloqueio o celular de novo e deixo-o no colo, segurando o rosto com as mãos. De repente sinto uma vontade imensa em escrever para Julia, contar tudo o que aconteceu nas últimas três semanas, mas não trouxe meu caderno, e na verdade nem sei aonde o deixei. Me sinto péssima quando reconheço isso e pior ainda por estar vivendo dias tão bons a ponto de esquecer de escrever para minha irmã, uma coisa que fazia com tanta frequência.

Estou pronta para voltar para a cama para pelo menos tentar dormir quando sinto o celular vibrar de novo. Tenho quase certeza que é Chels perguntando se tenho alguma novidade, por mais que não tenha se passado nem dez minutos que falei com ela. Por isso deixo o notebook em cima do baú aos pés da cama e dou uma olhada por desengano de consciência de quem é a mensagem, sem pretensão nenhuma de responder.

Mas,

Não...

Minha cabeça está girando quando me sento na beira da cama e quase não noto quando Dan se mexe, completamente inconsciente do que está acontecendo.

Agora, mais do que nunca, me arrependo de não ter contado nada a ele. Me arrependo de ter mantido isso somente para mim e para Chels, pois nesse segundo ele poderia estar aqui para me dar algum suporte

Pois a mensagem que brilha na tela com um número desconhecido do Brasil diz

Desconhecido: Oi, Nina. Vi sua mensagem no meu mural. Nem acreditei que era você quando me mandou a solicitação ontem.

Está tudo bem?

Leio a mensagem tantas vezes que já decorei cada letra e cada palavra, mas nada me preparou para o caso de Karen *realmente* entrar em contato comigo. E agora que o fez, não faço ideia do que responder.

Sem querer piorar as coisas e ficar sem saber o que dizer também ao

Daniel caso ele acorde, caminho na ponta dos pés até a porta dupla que dá para a pequena varanda com vista para o jardim, abrindo-a no mais completo silêncio.

Me encolho com o vento frio da noite e desbloqueio o celular na mensagem que ainda me encara, ansiosa por uma resposta. Salvo seu número e penso, pela milésima vez, sobre o que escrever.

Eu: Oi, Karen. Desculpe aparecer do nada, depois de tanto tempo.

Está tudo bem, sim. Na verdade, queria falar com você sobre um assunto que tem me incomodado nos últimos dias. Eu poderia te ligar? Me diga um melhor horário para você, caso queira.

Envio e me sento na cadeira de madeira rústica, pensando que nunca me senti tão nervosa assim antes. Não faço ideia do que vou conseguir com essa conversa, e sei que estou entrando em um terreno desconhecido sobre um assunto que já deixou de me machucar há muito tempo.

Ok... Talvez nunca tenha deixado de doer.

Mas há oito anos eu perdi minha irmã e Karen perdeu uma melhor amiga. Talvez ela saiba de algo que eu não sei. Talvez ela tenha resposta para algumas das minhas perguntas.

Karen: Estou disponível agora, se for possível para você.

Com um ímpeto de coragem, é isso que eu faço. Só abro seu contato e ligo, fechando os olhos com força enquanto ouço os toques da chamada. Fecho os olhos pois não faço ideia do que vou dizer. Quando ela atende

— Oi, Nina – sei que preciso ser honesta.

Mesmo depois de todos esses anos, sei que Karen pode ser a pessoa perfeita para falar dessas coisas. A única – além dos meus pais, que nunca conversaram abertamente comigo sobre o que aconteceu – que tem uma noção do que é perder alguém que tanto amamos.

— Ei, Karen. Desculpe mesmo te incomodar. Deus, nem pensei no fuso-horário. Que horas são aí?

— Aqui é meia-noite. Mas espera, você não está no Brasil? – Sua voz me soa um pouco familiar agora, mesmo sendo de uma mulher adulta de 28 anos, e não da adolescente que deveria me lembrar.

— Ah, é. Eu não falei. Estou em Londres. Vou ficar aqui por mais

um mês. Não está muito cedo para você? Posso ligar mais tarde.

— Não, está tudo bem. Estava trabalhando até mais tarde, por isso vi sua mensagem logo. Poderia ter deixado para amanhã, mas estou curiosa o bastante para saber o que você gostaria de falar comigo.

Puxo as pernas para cima da cadeira e me acomodo melhor, começando a me sentir um pouco confortável. Penso na melhor forma de pôr os pensamentos em ordem e decido começar pelo início.

— Certo... Sei que vai parecer meio louco, até porque já se passaram tantos anos... Mas esses dias eu tenho sonhado muito com a Julia, sabe. Mais do que o normal. E os sonhos têm se misturado com lembranças, ou pelo menos o que eu acho ser lembranças. E teve um em específico que ficou martelando em minha cabeça, e gostaria de saber se você poderia confirmar para mim se é uma lembrança ou se foi só um sonho fantasioso.

Prendo a respiração enquanto o silêncio se estende por alguns segundos do outro lado da linha. Quando ouço uma porta se fechar, entendo que Karen procurou um lugar silencioso e privado como eu.

— Pronto, agora podemos falar melhor – diz. — Claro, qual é a lembrança?

A apreensão em sua voz agora é notável. Não é todo dia que uma pessoa surge do nada, depois de anos, querendo entrar em contato com você para falar de sua melhor amiga que cometeu suicídio.

— Tenho quase certeza que foi no dia do enterro dela. Sei disso pois uso meu vestido preto, a casa está movimentada, a dor no peito ameaça me matar... Então vejo entre a fresta de uma porta você e minha mãe discutindo. Da primeira vez que sonhei, não me lembrava que era você. Muita coisa daquela época minha mente simplesmente decidiu excluir, deletar por completo... Até que depois eu sonhei com você e Julia, naquele dia que vocês assistiam *American Pie* escondidas e me deixaram ficar com vocês...

O nó na garganta vem junto com as lágrimas que queimam em meus olhos. Respiro fundo, pisco para afastá-las, e ouço a respiração de Karen do outro lado, paciente.

— Então eu lembrei de você e juntei os fatos. Era você quem discutia com minha mãe no dia do enterro. As duas choravam,

vociferavam baixo para ninguém escutar... E eu queria saber se isso é mesmo uma lembrança. E se sim, porque discutiam com tanta veemência.

O silêncio dessa vez é mais longo, e preciso afastar o aparelho do ouvido para confirmar que a ligação não caiu. Quando boto de novo ao ouvido, ouço uma fungada baixa.

— Eu passei oito anos da minha vida me perguntando se você viria conversar comigo sobre isso. Depois de tanto tempo cheguei a pensar que a Tânia já teria falado com você.

— Falado o que, Karen? O que você quer dizer com isso?

Ponho os pés no chão e me sento ereta, o peito apertado. Milhares de coisas passam por minha cabeça. Milhares de coisas *ruins* passam pela minha cabeça e sinto que a qualquer segundo tudo pode desmoronar.

E não sei se estou pronta para isso.

— Então você não sabe mesmo, né...? — Ela suspira pesadamente. — Tudo bem, vou contar. Logo depois que... tudo aconteceu, eu me dispus 100% para ajudar sua família. Quis estar por perto, dar suporte, fazer qualquer coisa que não fosse ficar trancada dentro do meu quarto chorando, me sentindo culpada, acima de tudo. Sua mãe apreciou muito a ajuda e quando chegou a hora de ter que escolher a roupa para o enterro, ela não aguentou e eu me ofereci para fazer isso. Afinal, passei mais de dez anos conhecendo todos os gostos de moda de Julia. Por mais que parecesse bizarro, eu sabia exatamente o que ela gostaria de vestir no dia do seu enterro.

— A jaqueta de couro preta... — digo quase sem voz, lágrimas livres rolando por meu rosto.

— E a bota preta de cano baixo. Isso mesmo. Ela foi enterrada com sua roupa preferida. — Karen ri, mais nostálgica do que realmente achando graça. — E quando eu fui ao quarto dela pegar a roupa, caiu do bolso da jaqueta um envelope. Era uma carta. Destinada a você, Nina.

Todo o ar escapa dos meus pulmões.

Meus olhos são duas janelas abertas abruptamente para a verdade que nunca pensei existir. Minha pressão cai, meu mundo cai, está tudo

caindo e não sei como recuperar o fôlego ou como respirar novamente.

Acho que nunca mais farei isso de novo.

— Eu li, e por você estar tão frágil e mexida com o que aconteceu, decidi ir até a sua mãe para saber o que deveríamos fazer. Queria tanto ter tido coragem de te entregar, mas não tive. E talvez eu tenha feito a pior escolha da minha vida entregando-a para sua mãe...

Silêncio.

Sangro em silêncio enquanto suas palavras perfuram meu coração e me matam aos poucos pois não consigo acreditar que isso esteja acontecendo.

Não consigo acreditar que minha intuição esteve certa o tempo todo. Que meu subconsciente trabalhou durante todo esse tempo para tentar me mostrar algo que uma parte minha já sabia.

Não acredito, acima de tudo, que passei esses oito anos achando que minha irmã não se importava o suficiente para fazer o que fez sem se despedir de ninguém.

Sem se despedir *de mim*.

E eu estive errada sobre isso também.

— Foi por isso que discutimos naquele dia. Eu queria te dar a carta, ela não. Disse que isso só pioraria as coisas, que você não precisava ter aquilo. Por fim ela guardou o envelope e deu o assunto como encerrado. Mas no final daquele mesmo dia, enquanto seus pais lidavam com os parentes e amigos, recebendo condolências, consegui pegá-la e fiz uma cópia, colocando a original no lugar. Decidi que se ela não te entregasse, eu mesma entregaria.

Passo a mão pelo rosto, tentando secar as lágrimas que não param de cair. Agora não tento mais disfarçar os soluços que ameaçam me quebrar ao meio.

— Então por que eu só estou sabendo disso agora? Por que nunca ninguém me falou nada?

Quando Karen fala de novo, ouço o arrependimento e decepção consigo mesma na voz.

— Eu repensei se era o certo a fazer, no final. Você realmente estava muito abalada. Vocês eram muito unidas, assisti você se desfazer

diante dos meus olhos quando tudo aconteceu... Disse que deveria esperar mais um pouco. Um mês, dois... Então a vida continuou, perdi o contato com sua família e tudo ficou para trás... Eu sinto muito, Nina.

Abaixo o telefone, respirando fundo, tentando acalmar os pensamentos, tentando achar sentido em suas palavras. Tentando não sentir raiva de uma pessoa que não tem nada a ver com a história. Tentando não ligar agora mesmo para minha mãe e exigir alguma explicação. Como elas puderam esconder isso de mim por tanto tempo...?

— Vocês não tinham esse direito – digo enfim, levando o celular na orelha. — Vocês não deveriam ter escondido isso de mim.

— Eu sei... E como disse, pelo tempo, pensei que sua mãe já tivesse te contado tudo, te entregado a porcaria da carta. Mas vejo que estive errada.

Preciso de vários minutos para me recompor e Karen não sai da linha nem por um segundo. Quando consigo controlar o choro e minha mente volta a trabalhar com um pouco de racionalidade, pergunto, enfim:

— Você ainda a tem?

— A carta?

— Sim.

— Devo ter, sim... Não lembro de ter jogado fora, mas já me mudei duas vezes nos últimos anos, inclusive quando me casei. Tenho uma caixa que guardo esse tipo de coisa, posso dar uma procurada...

Solto o ar com força, sentindo um alívio momentâneo somente com o pensamento de ter uma chance desse pedaço de papel ainda existir. Se não tiver dela, terei que recorrer a minha mãe, e sinceramente não sei o que sou capaz de fazer se tiver que enfrentá-la sobre isso.

— Eu agradeceria muito, Karen... Passei a vida inteira me perguntando o porquê de Julia não ter se despedido de mim... Me perguntando se eu a decepcionei de alguma forma. Além do óbvio, claro...

Karen suspira, acho que também está chorando.

— Você não a decepcionou, Nina. Ela se decepcionou com o

mundo, com a vida, com ela mesma... Eu também me culpei durante muito tempo. Me dizendo que deveria ter sabido, que por ser sua melhor amiga deveria ter percebido algo... Sentia que todo mundo me culpava por isso, que deveria ser minha obrigação saber que ela estava passando por algo... E uma parte minha ainda acha que isso é verdade, e nunca vamos saber se poderíamos ter evitado. Julia tinha problemas no seu mundo particular e raramente deixava que entrássemos nele.

Assinto, mesmo sabendo que Karen não pode me ver, me identificando com cada palavra que diz. Escutá-la dizer essas coisas é como quebrar um tabu que criaram ao meu redor a vida inteira, e de repente me lembro de todas as vezes que encontrei Julia chorando em seu quarto. Lembro que eu não perguntava por que ela estava chorando, só a abraçava e a deixava chorar em paz, como se uma parte minha soubesse que ela só precisava disso: de um abraço apertado e uma lembrança silenciosa de que não estava sozinha. Me lembro com a mesma frequência em que a vi sorrir, e acho que nunca saberei o que se passava por sua cabeça conturbada.

— Eu senti tanta raiva dela... Senti tanta raiva por não ter falado comigo. Por não ter contado o que estava acontecendo, não ter confiado em mim, mesmo sendo tão nova... A odiei por tanto tempo, e saber da existência dessa carta muda tudo, eu acho... — solto um suspiro pesado, me sentindo levemente aliviada por dizer isso em voz alta.

— Eu sei, Nina. E sinto muito que eu não tenha permanecido na sua vida. Sinto muito ter me afastado... Mas você sabe que eu larguei a advocacia depois do que aconteceu?

— Não... Por quê?

— Porque eu queria entender o que tinha acontecido. Queria achar um motivo, uma saída para eu parar de me sentir tão culpada... Decidi estudar psicologia, e hoje estou terminando meu mestrado na área, atendendo pessoas que passam pelo que a Julia passou, pessoas que sabem que precisam de ajuda. E com o tempo eu entendi que ela estava vivendo uma guerra dentro de si todos os dias, e não necessariamente existia um motivo. Sua irmã lutou contra algo dentro

de si a vida inteira, até não conseguir mais. Por muito tempo eu a achei uma covarde por ter feito o que fez, mas hoje tenho certeza de que Julia foi a pessoa mais corajosa do mundo para conseguir colocar um ponto final em tudo.

Fecho os olhos, sentindo a mão tremer com o aparelho junto a orelha. E choro, pois sei como Karen se sente, e ela sabe como me sinto. E é bom ter isso, pela primeira vez, nem que seja por um instante.

- Eu sinto falta dela... – sussurro, sem medo de dizer.
- Eu também, Nina... Todos os dias.



Vinte e oito dias.

Esse é meu primeiro pensamento do dia.

O segundo é que hoje é aniversário de Daniel.

Por isso que quando o despertador toca para ele levantar, faço o mesmo quando vejo que entrou no banheiro e vou para a cozinha na ponta dos pés, colocando em prática o que planejei nos últimos dias.

Me forcei a afastar a tsunami de sentimentos e informações que recebi na madrugada de domingo, focando em estar completamente presente hoje, de corpo e mente, para comemorar o aniversário do homem que tem me feito sorrir há exatos trinta e três dias. Me desligo de Julia, me desligo de Karen e de qualquer pensamento sobre a carta que ela disse ainda não ter achado. Tento não cobrá-la todos os dias, mas desde que descobrimos que temos tanto em comum e que compartilhamos muito dos mesmos sentimentos, criamos um vínculo muito forte que agora tentamos manter através de conversas diárias sobre qualquer coisa.

Termino de arrumar a mesa do café da manhã bem elaborada a tempo de ver Daniel sair do quarto de banho tomado e com a blusa social aberta. Sua surpresa ao me ver acordada e ao lado da mesa cheia de comida chega ser fofa.

— Achou mesmo que eu iria esquecer o seu aniversário? — estou tão animada que poderia estar dando pulinhos.

Dan torce o nariz e caminha até mim, segurando minha cintura com força.

— Estava torcendo para que sim. — Ele sorri sem graça e me beija antes de sentar junto à mesa e me trazer para seu colo. — Não gosto muito de comemorar meu aniversário.

Shit, espero que Emma saiba disso, pois organizamos uma algazarra para mais tarde.

— E por que não? Aniversários são ótimos! — sirvo um pouco de café nas duas xícaras, beijando seu rosto barbeado e fresco do banho.

— Só me lembra que estou ficando velho.

— *Maduro*.

— Dá no mesmo. — Mas ele não reclama. — Obrigado, *baby*. Não precisava ter acordado cedo só por isso.

— Não é só isso. É seu aniversário, e eu estou aqui. Então vamos comemorar. E não vou me contentar em comermos comida requentada e dormirmos cedo, ok? — A chantagem emocional começa aqui.

Dan ri, apertando mais um pouco seus braços ao redor da minha cintura, só para soltar e aceitar o café que estendo para ele.

— E o que você tem em mente, em plena quarta-feira?

Uma surpresa completa!

— Nada demais... talvez pudéssemos ir a um pub, chamar seus amigos mais próximos, tomarmos uns drinks...

Ele não parece gostar muito da ideia quando suspira, mas vejo que pondera quando faço cara de cachorrinho.

— Não esqueça que talvez seja seu único aniversário em que eu estarei aqui.

Pesado? Pesado.

Daniel respira fundo e concorda, como achei que seria.

— Isso é chantagem emocional.

— Como se você nunca tivesse usado o mesmo comigo.

Chegamos os dois atrasados; eu para a aula e ele para o trabalho, tudo pelo café da manhã não ter se restringido à cozinha.

Passo o dia mandando mensagem para todos, confirmando os arranjos da surpresa e conversando com Emma, cabeça chefe de toda a “operação”. No final ela conseguiu reservar algumas mesas no pub preferido dele, com direito a bolo e tudo.

Estamos animadas.

Dou algumas missões para Chelsea que parece ter esquecido completamente seu ranço por Daniel, e fico com a parte de levá-lo depois do expediente para o lugar marcado.

Passo as quatro horas depois das aulas resolvendo os últimos detalhes, e consigo voltar para a instituição bem a tempo de encontrá-lo na saída. Sua cara de cansado depois de um dia estressante faz meu coração doer, e se não tivéssemos programado isso com tanto cuidado, ficaria feliz em levá-lo para casa, tomarmos um banho quente e passarmos as próximas horas jogados no sofá assistindo mais uma das comédias românticas que adoramos.

— Ofereci uma carona para o Elijah, mas ele disse que vai passar na casa da Frances primeiro. — Dan diz quando saímos com o carro pela cidade. — Você chamou mesmo todos os meus amigos?

Há uma mistura de admiração e incredulidade em sua voz.

— Só os que conheci até agora. Ted, Elijah, Jack, Martin...

Mal consigo me manter quieta no banco do carro, e estou ansiosa o suficiente para não parar de mandar mensagem para Emma e Chels, que já estão lá.

Ele estaciona na rua de trás e andamos de mãos dadas pela calçada movimentada, até entrarmos no pub. Olhando assim, poderia passar despercebido qualquer coisa, mas quando o puxo para o fundo do bar onde as mesas foram reservadas, é impossível não ver a comoção de rostos conhecidos e conversas agitadas.

E sua cara é de choque.

Tem pelo menos umas quinze pessoas aqui para prestigiá-lo e quando Emma solta uma bomba de confetes – que eu não tinha ideia de que fazia parte do seu plano – todo mundo está gritando “*parabéns!*”

— Por favor, não me odeie – digo ao abraçá-lo de lado, talvez admitindo que foi um pouco exagerado.

Mas Daniel está rindo.

Não sei se de nervoso ou de vergonha.

Espero que seja a segunda opção.

— Aposto que isso foi ideia da Emma. – Ele diz de modo descontraído – o que faz com que eu respire aliviada – e me abraça, beijando o alto da minha cabeça. — Obrigado, *baby*. Vocês não valem nada.

O empurro para o meio da confusão como uma deixa para ir falar com seus convidados, e Emma é a primeira a pular nos braços do irmão mais velho. Sua cara de quem aprontou uma contra ele é impagável. Amo a amizade que os dois tem, mesmo com a diferença de idade de dez anos.

— Acho que ele te odeia, sim – diz Chels ao meu lado, e só então noto sua presença. Ela está linda dentro de uma calça de couro sintético preta, botas de cano baixo e uma blusa vermelha larga, aberta nas costas. — Eu odiaria.

— Odiaria nada, Chels. Você adora uma farra. – Alex diz aparecendo com dois copos de drinks nas mãos, nos oferecendo, e preciso rir, pois ele está certíssimo.

— Alex está certíssimo.

— Eu poderia concordar com vocês, mas aí nós três estaríamos errados. — Ela ri e aceita seu drink. — Mentira, vocês já me conhecem bem — brindamos, nossos drinks contra a caneca de cerveja de Alex. — *Girl*, peguei os petiscos que me pediu, está naquela mesa. Emma trouxe o bolo e deixei na cozinha do pub. Só pedir quando formos comer que eles nos dão. E acho bom bebermos direito para pagar bem esse cara que tá sendo maravilhoso com a gente.

Isso é verdade, então já começo pedindo uma rodada de cerveja para todos. O bar está cheio, por mais que seja dia de semana. Não sei se serei capaz de ir para escola amanhã, mas pessoas como Daniel e seus amigos não têm a opção de não ir trabalhar.

No final, parece que ele está mesmo se divertindo bastante. Adoro ver a mesa cheia dos nossos amigos, todos rindo, conversando, interagindo. Por um segundo, se eu fechar os olhos e fantasiar um pouco, posso nos ver a longo prazo, como uma reunião rotineira entre nós.

Mas sabemos que isso não será possível para pelo menos duas pessoas dessa mesa. Olho com pesar para Chels ao meu lado, a qual não demonstra, mas já sofre com sua partida que chega em três dias.

Três dias e ela não estará mais aqui.

Engulo em seco, pensando no que será de mim nessa cidade sem minha amiga, de repente quero começar a chorar bem aqui, bem agora. Não sei se fui sempre tão emotiva assim, por isso vou ao banheiro dar uma respirada. A última coisa que quero é estragar a noite de Daniel com minha cara de bunda.

Lavo as mãos, respiro fundo, tento afastar todos os sentimentos que têm o poder de me quebrar agora, pego o celular para checar as horas, quando vejo uma nova mensagem de Karen.

Karen: Dei uma procurada geral depois que cheguei do trabalho hoje e achei a carta. Scaneei e enviei para o seu e-mail. Se quiser conversar depois que ler, estarei à disposição.

Desculpe não ter te entregado isso oito anos atrás.

Ótimo, tudo o que eu precisava.

Me encaro no espelho e uso todas as forças que tenho para manter a compostura. Sei que preciso lê-la quando estiver sozinha, que precisa

ser algo meu e que acima de tudo não posso estragar essa noite. Por isso saio do banheiro indo direto para o bar, pedindo mais um drink e rezando para as horas passarem um pouco mais rápido.

— Ei, *sister*. Tá tudo bem? – Emma pergunta ao aparecer do meu lado com seu copo de refrigerante batizado nas mãos. Parece preocupada de verdade, e não sei se estou disfarçando minha expressão tão bem assim.

— Ei, Emma. Sim, tudo bem. Por quê?

— Porque *ela* está aqui.

Olho por sobre o ombro para o lugar em que me indica com a cabeça e vejo a imagem da perfeição dentro de um macaquinho vermelho bem decotado, cumprimentando todos da nossa mesa como se tivesse sido convidada.

— Aquela vadia é a vadia que eu acho que é? – Chels pergunta ao se aproximar, olhando para a figura com tanto desprezo que quase posso sentir a frieza do seu olhar.

— É, Clair.

Sento-me no banco e seguro a cabeça com a mão, sentindo a exaustão cair sobre mim. Muito drama. Drama demais para uma pessoa que só queria curtir o aniversário do namorado com leveza e risadas. De repente sinto o peso da descoberta de domingo, o peso da despedida de Chels, o peso de saber que meus dias estão contados e acima de tudo, que terei de ir embora e deixar um grande espaço vazio na vida de Daniel que muito provavelmente será preenchido por uma ex que parece saber que o que rola entre a gente não vai demorar muito para deixar de existir, para que assim ela tome seu lugar de direito de novo.

— Você quer que eu chute a bunda dela para fora do pub? – Chels pergunta, provavelmente entendendo que minha reação é exclusiva a Clair e não a toda situação.

— É um pub público, Chels. A gente não pode expulsar alguém de um pub público.

— Tá, mas e se eu jogar sem querer uma bebida na cara dela?

Rio, pois é esse tipo de coisa que faz com que eu a ame. E é exatamente esse tipo de coisa que vai fazer com que eu mais sinta sua

falta.

— Sempre que estou com você, lembro que Deus tem *mesmo* um senso de humor – digo, e ela aceita isso como um elogio, pois agradece. — Mas não, Chels. Deixe isso para lá. Eles se conhecem há muito tempo, ela tem direito de ir e vir, inclusive quando se trata do aniversário do ex, pelo que parece.

As duas me olham como se eu fosse maluca.

— Que sangue de barata, *girl*. Eu estaria me mordendo de ciúmes se fosse comigo.

— Não disse que não estou com ciúmes – viro no banco e vejo-a sentada na cabeceira das quatro mesas que juntamos, rindo com Ted, Martin e Jack, os três amigos mais antigos de Dan, que muito provavelmente acompanharam de perto todas as fases do relacionamento dos dois. — Só estou falando que não estou com paciência para lidar com esse tipo de coisas, então vou fingir demência.

Emma concorda de imediato.

— Clair é movida por atenção; se você ignorar por muito tempo, ela morre. Então está certíssima em fazer isso. Ela esteve lá em casa essa semana, trocando veneno com a mamãe. — Ela revira os olhos. — As duas são iludidas o suficiente para achar que se continuarem insistindo, ele simplesmente vai dizer “claro, vamos ser felizes para sempre”.

— Então ela é *mesmo* queridinha da sua mãe. — Chels tinha razão quando tirou suas próprias conclusões antes.

— Ah, com certeza. Eu acho que elas o venceram pelo cansaço, mas no final parece que Dan acordou para a vida e deu um pé na bunda dela de vez.

— Quanto tempo tem isso? — Não sei se quero saber a resposta.

— Uns oito meses. Aí ela foi para a Itália para um trabalho de modelo e voltou agora, enviada diretamente do inferno.

Estremeço de cima abaixo.

— Sinceramente, não é o tipo de coisa que quero me preocupar hoje. — Como se já não tivesse o suficiente para eu me preocupar. — Dan parece ter superado ela, e estamos bem juntos, e é isso.

— Estão falando de mim?

Viro no banco de supetão, entregando qualquer desculpa que pudesse dar a seguir para negar sua afirmação. Sou péssima em disfarçar flagrantes, por isso eu só sorrio e tento me fazer de idiota.

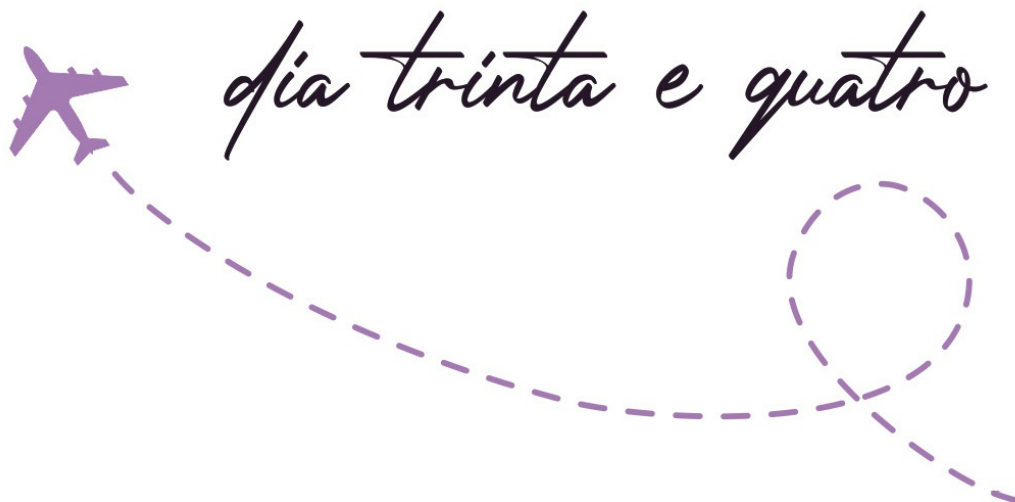
— Oi, *baby*. Curtindo a noite?

Dan sorri, mas o cansaço em seu rosto é notório.

— Bastante, e mais uma vez, obrigado pelo esforço. — Ele diz para nós três, as principais responsáveis. — Mas queria ver com você se não poderíamos comer o bolo e ir embora... Estou bem cansado.

Não poderia concordar mais. Por isso peço o bolo a um dos funcionários do pub, levo para à mesa e cantamos parabéns. Sorrimos para fotos, sujamos a cara um do outro com a cobertura e não posso deixar de sentir um certo prazer ao ver Clair no canto da parede, observando tudo como uma telespectadora ausente enquanto Daniel me tira do chão e gira sobre os pés.

— Obrigado por ter feito esse dia especial. — Ele sussurra quando me coloca no chão, segurando meu rosto com cuidado, para que só eu consiga ouvir por cima de toda a bagunça a nossa volta. — Agora vamos para casa que eu quero te agradecer de um jeito diferente.



Meu coração bate tão forte e tão alto contra o peito que tenho certeza de que Daniel vai acordar a qualquer segundo com o barulho ensurdecador do meu nervosismo. Acredito que se eu ficar

completamente imóvel por mais alguns minutos, ele vai estar adormecido o suficiente para não acordar quando escapar para fora da cama. E só me sinto segura para fazer isso quando sua respiração toma um tom profundo e pesado.

Três semanas adormecendo ao seu lado e esse é o tipo de coisa que eu aprendo; quando ele realmente apagou de vez.

Por isso afasto as cobertas e me sento lentamente, jogando as pernas para fora da cama. Levanto e pego sua camisa que já virou meu pijama – e ele nem se importou – vestindo-a antes de ir para a sala e fechar a porta atrás de mim. Pego meu notebook, sento no sofá e acendo o abajur do aparador de livros, sentindo uma mistura de emoções que nunca senti antes. Enquanto inicia, fico imaginando o que me espera no e-mail. Em como estou somente a um passo de estar dentro da cabeça de Julia oito anos atrás. E quando abro minha caixa de entrada vendo o nome da Karen com o título “Carta”, sinto como se fosse revê-la, diante dos meus olhos, em carne e osso.

Sinto como se Julia nunca tivesse ido embora.

Respiro fundo, tomo coragem e abro o e-mail, baixando o anexo em PDF e abrindo-o sem ponderar. É o *scan* colorido de uma folha notoriamente velha, amassada e amarelada. Por ser uma cópia da original, as letras elegantes em caneta azul continuam perfeitas, mesmo que apagadas pela degradação da tinta da impressora.

Posso longos minutos só encarando a folha, passando os olhos por sua letra, pensando que sua mão segurou essa caneta e escreveu essas palavras enquanto ainda esteve viva. Enquanto planejava fazer o que fez. Será que sua decisão já tinha sido tomada? Será que eu com doze anos passei pela porta do quarto e a interrompi sem querer enquanto escrevia sua despedida para mim?

Será que ela teve medo?

Tapo a boca para calar o grito de angústia que quer sair por minha garganta como um monstro rompendo da hibernação, pronto para acabar com mundos e planetas e galáxias inteiras, deixando que o choro me rasgue ao meio. Me permito esses minutos de vulnerabilidade. Me permito sofrer por uma ferida aberta. Me permito, acima de tudo, aceitar que não fui esquecida por minha

heroína em seu último dia de vida. Quando consigo respirar novamente, boto o PDF em tela cheia e começo a ler, enfim.

Nina,

Se você está lendo essa carta, significa duas coisas: 1, é que eu fiz o que não tive coragem de fazer há muito tempo, e 2, que você sabe mesmo qual é minha roupa favorita. Espero que fique com a jaqueta. Tenho certeza de que vai ficar ótima em você quando estiver do meu tamanho.

E pelos motivos acima, eu peço perdão com antecedência pelo inconveniente que minha morte vai trazer para a sua vida. Juro que essa não é minha intenção, e por mais que a ame muito, não consigo mais me importar a ponto de adiar essa decisão que tomei há tanto tempo.

Antes que se pergunte: não. Eu não deixei uma carta para mamãe ou para o papai. Nem para Karen, por mais que ela vá querer me matar por isso. Só estou fazendo isso por você, pois para mim, você é a pessoa mais linda do mundo, e merece ter uma explicação para o que vai acontecer. Não digo linda esteticamente, fisicamente. Claro que você é linda nesse sentido, mas me refiro ao seu jeito de ver o mundo, de ser tão alegre, feliz, de conseguir me fazer sorrir mesmo nos meus dias mais escuros, de iluminar qualquer lugar em que põe os pés.

Você é minha luz, Nina, e a pessoa que mais amo nesse mundo. Eu soube no instante em que mamãe chegou da maternidade com você enrolada em uma manta rosa que seria o grande amor da minha vida, e você nunca me decepcionou. Sempre fez o trabalho de irmã mais nova muito bem, desde me encher o saco até me amar incondicionalmente.

Eu tenho ideia de como minha decisão vai te afetar, mas sei que você é forte. Sei que vai superar, vai seguir em frente, vai viver uma vida plena, feliz, completa, pois é isso que eu desejo para você. Desejo tudo o que não consigo ter para mim. Viva, ame, seja amada, viaje, conheça o mundo, siga seus sonhos. Seja a mulher incrível que está destinada a ser, e saiba que onde quer que eu esteja, olharei por você.

Você não tem culpa nenhuma pelo que aconteceu. Nem você, nem nossos pais, nem Karen, nem ninguém. Pelo contrário: consegui chegar até aqui por causa de vocês, mas confesso que é meu limite. Cansei de nadar contra a correnteza que é esse vazio que me consome por dentro.

Me desculpe por tê-la deixado.

Espero que me perdoe um dia.

Te amo.

Julia.

As lembranças de uma vida inteira com Julia começam a inundar a minha mente, como se uma barreira tivesse rompido. Posso ouvir sua voz me dizendo essas palavras, sua risada por alguma gracinha que fiz, seu grito de protesto por ter mexido em sua maquiagem, seu choro silencioso enquanto eu a abraçava, quieta.

Eu fecho o notebook, me afundo no sofá. É demais... *tudo é demais...* o luto, as lembranças, o gosto amargo na boca, os soluços que irrompem em minha garganta, a vontade de gritar... *É coisa demais.*

E logo meu luto e meu medo e minhas lágrimas se transformam em raiva, e em um ímpeto de coragem pego o celular e ligo para minha mãe. Estou com tanta, mas tanta raiva dela por ter me privado dessa carta, por ter escondido de mim quando mais precisava. Uma carta que faria tudo tão diferente para mim, para o meu crescimento, para a minha superação.

Quando ela atende, confusa, e eu só tenho vontade de gritar.

— Alô, Nina? Está tudo bem?

— Como você pôde fazer isso, mãe? Como pôde me olhar todos os dias, por oito anos, e esconder isso de mim? Como pôde ver meu sofrimento, minha luta diária para lidar com o que aconteceu e simplesmente ignorar? COMO PÔDE?

Estou andando de um lado para o outro, vermelha e tremendo, e não me surpreendo quando Daniel aparece na porta do quarto, vestindo somente uma cueca e com o rosto amassado de sono, completamente assustado com a cena que se desenrola na sua frente.

— Nina, o que está acontecendo? — Ele pergunta ao andar em minha direção, e eu o ignoro, prestando atenção no que ouço do outro lado.

— Do que você está falando? Eu não estou entendendo nada, Nina.

— Não se faça de idiota! Eu falei com a Karen, ela me contou tudo. Falou da carta que Julia deixou para mim, que você escolheu esconder isso durante todo esse tempo! Adivinha só? Ela tem uma cópia e me mandou!

Ouço o choque em sua respiração no mesmo instante em que Daniel alcança meu braço, me virando para si. Sua confusão é tão palpável

quanto a minha raiva no momento.

— Você está me assustando. Está falando com quem?

Puxo meu braço de sua mão com força, sentindo a dor se espalhar em protesto, mas pouco me importo.

— Você não entende... — Ela está dizendo do outro lado. — Eu fiz para o seu bem. Isso iria te destruir... Você só tinha doze anos, não podia deixar isso acontecer de novo, não com você... Não podia deixar a fraqueza da Julia te alcançar.

— JULIA NÃO ERA FRACA! Ela foi a pessoa mais corajosa que já conheci! Como ousa falar assim da sua própria filha, hein? Como *ousa* pensar que me protegeu durante todo esse tempo? Onde estava esse senso de proteção quando precisei de uma mãe para me consolar? Onde foi parar essa mãe maravilhosa nos últimos oito anos, quando cresci como um fantasma dentro dessa casa, sendo ignorada pelas únicas duas pessoas que deveriam estar aqui por mim?

Minha garganta arranha. Me falta ar, me falta fôlego, me falta forças, e caio como um saco de batatas no chão, as pernas dobradas sobre meu corpo, o joelho arranhando no tapete, mas não há nada que consiga me tirar daqui.

— Nina, por favor... Me deixe explicar... — Ela suplica, e pela primeira vez, sua dor não me alcança.

— Não. Você não tinha esse direito... Você não tinha o direito de tirar isso de mim, de tirar o adeus da minha irmã, de esconder o que eu mais precisava... — soluço piedosamente, sentindo o toque quente nas costas da única pessoa que sobrou na face da terra em quem confio. Que não faz ideia do que está acontecendo, que não entende uma palavra em português que sai da minha boca, mas que continua ao meu lado. — Tudo seria tão diferente...

— Vamos conversar amanhã, por favor.

— *Não*. Nossa conversa acaba aqui. Você está *morta* para mim. *Morta*.

Encerro a ligação e arremesso o telefone no outro lado da sala, vendo a bateria ir para um lado e o aparelho para o outro. Daniel se junta a mim no chão, me puxa para seu peito, me abraça, me embala. Deixa que eu chore enquanto alisa meu cabelo, seu corpo quente junto

ao meu tem um efeito calmante incrível e por mais que uma parte minha queira se desfazer dele, tacar coisas na parede, praguejar o mundo por ser tão injusto comigo, não consigo. A exaustão – física e emocional – cai com tudo sobre meus ombros, e fico imóvel, até o choro descontrolado se transformar em um soluço baixo.

— Eu não vou insistir se você não estiver em condições de conversar agora, tudo bem. Mas eu gostaria muito que você me contasse o que está acontecendo. — Sua voz é calma, profunda, e até em um momento desses consigo ter o coração dilacerado por sua delicadeza e tato para lidar com a situação.

Para dizer sem palavras que me ama.

Por isso eu conto, enfim.

— Eu deveria ter te falado isso semanas atrás – digo sem me afastar, ainda com a cabeça encostada em seu peito. — Tive tantas chances, mas me faltou coragem e peço desculpas por isso.

— Não precisa se desculpar, linda. Eu só quero que você se sinta confortável o suficiente para falar sobre qualquer assunto comigo.

Assinto, fechando os olhos para tentar achar o pouco de coragem que me resta para entregar a ele o último pedaço do meu coração.

— Você estava certo sobre eu não falar muito da minha família. Não tenho muito o que dizer, já que quase não sobrou nada de uma família depois que minha irmã cometeu suicídio, oito anos atrás. — A mão que acaricia meu cabelo para, e esse é o único sinal que Daniel dá de que está chocada com o que digo. — Eu tinha doze anos, ela tinha vinte. Overdose proposital, e eu a encontrei.

Seu peito sobe e desce em uma respiração profunda, e eu continuo de olhos fechados, sentindo lágrimas involuntárias rolarem pelo rosto.

— Eu senti *raiva* e *ódio* e me culpei durante todos esses anos pelo que aconteceu com ela. Me senti diretamente responsável por não ter visto qualquer tipo de sinal, ter interpretado os seus choros, ter sabido que tinha algo errado... Achei fraca, egoísta por não pensar em mim, não pensar nos meus pais, não tentar superar o que quer que estivesse acontecendo em sua cabeça... Odiei por tanto tempo, inclusive por não ter deixado nem um bilhete para nós... Odiei, até não ter mais forças para odiá-la – fungo, limpando o rosto com as costas da mão. — Aí eu

voltei a sonhar com ela depois que cheguei aqui em Londres. Não sei se é a conexão das lembranças referente a cidade que tenho com ela, se foi seu aniversário de morte que aconteceu logo que cheguei aqui... Mas eu sonhei com ela, lembranças que nem sabia que existiam, e consegui me lembrar de sua melhor amiga da época, Karen. Entrei em contato com ela no domingo e descobri que Julia deixou sim uma carta para mim antes de morrer. Só que minha mãe escondeu isso de mim durante todo esse tempo.

Me afasto para poder olhá-lo, sentindo o alívio no peito como se uma bigorna de 50kg acabasse de sair de cima de mim. Como se pudesse respirar livre de novo. Dan me olha, e há tantos sentimentos em seus olhos que quero voltar a chorar de novo, mas ele faz a única coisa que parece pensar.

Ele me beija.

Me beija para afastar os demônios.

Para afastar a dor.

Me beija com tanta força que chega a doer, mas é exatamente disso que preciso agora. Preciso de um pouco de realidade, de humanidade, de algo que me lembre de que ainda estou aqui e ainda estou viva e ainda existe algo que vale a pena ser vivido.

Dan se afasta alguns minutos depois e me olha nos olhos.

— Eu sinto muito, *baby*. Sinto muito que tenha passado por algo do tipo, ainda tão nova. Sinto por sua irmã, por sua família, por ter que lidar com isso por muito tempo sozinha. Entendo que você sinta ou sentia raiva dela pelo que fez, mas também entendo que a ama, apesar do que fez. Só não entendo a culpa, pois foi algo que ela escolheu fazer, e você precisa entender isso. Foi escolha da Julia, sendo a mais fácil ou mais difícil, dependeu somente dela.

Assinto, já aceitando metade das palavras que me diz.

— Eu não a odeio mais. O que quer que tenha acontecido com ela, morreu com ela e não teve nada que pudéssemos ter feito para evitar isso... Não sabíamos... Mas minha mãe sabia da existência de uma carta de despedida, que provavelmente explicaria muita coisa para mim e me livraria da metade da culpa que me assombrou por tanto tempo...

Daniel me abraça de novo, beijando o alto da minha cabeça. Para isso, aparentemente, ele não tem resposta.

— Ela deve ter pensado que estava te protegendo. É bem coisa de mãe fazer coisas que acham que estão ajudando os filhos, mesmo sendo o oposto disso. Disso eu sei bem...

— Mas ela não tinha o direito...

— Não, não tinha...

Ele me aperta mais um pouco em seus braços e ficamos em silêncio. E toda a conexão que pensei que tínhamos não é nada comparado ao que acontece agora, nesse momento delicado em que sei que nossas almas se uniram. Independente do que acontecer entre nós daqui uma semana, duas, um mês ou uma vida, sei que esse *agora* é algo que fará parte de nós.

Nos unindo.

Para sempre.



Ontem meu pai ligou.

Disse que depois de tanto pressionar, Tânia enfim disse o que havia acontecido. Disse que também não tinha ciência da carta, que ela escondeu isso dele, da mesma forma que escondeu de mim.

Essa foi a primeira vez que nós conversamos sobre o assunto tão abertamente, mesmo que não tenhamos mencionado Julia diretamente ou dito o que sentimos em relação a isso, mas acho que é um começo.

— Eu entendo que você esteja chateada. — Ele disse. — Eu também estaria. Mas tente ver o lado dela. Todos nós sofremos com isso até hoje, e quando você for mãe vai saber o que somos capazes de fazer pelos filhos.

Levo suas palavras em consideração. Levo em consideração o fato de ter me ligado, de falar mais de dez palavras comigo em tão pouco tempo. Levo em consideração a dor deles, da mesma forma que quis que levassem a minha.

— Tá, eu ligo para ela depois. Mas quero conversar isso pessoalmente. Quero que vocês sejam abertos comigo, que possamos falar do que aconteceu sem tabus e sem medo. Precisamos lidar com a situação, mesmo depois de tanto tempo.

— Você está certa. Aguardamos você retornar de viagem para falar sobre isso.

Assinto, mesmo que ele não possa ver.

— Obrigada, pai – digo. — Obrigada por ter ligado.

Com uma semana, eu entreguei meu corpo a Daniel e ele soube o que fazer como se já o pertencesse há anos. No decorrer dos outros dias, ele foi roubando pequenas partes do meu coração e eu não fiz nada para impedir isso. Pequenos gestos do dia a dia que arrancaram partes, como quando chegou em casa com o DVD do meu filme favorito, para que assistíssemos juntos debaixo das cobertas. Ou quando comprou uma panela de pressão e teve todo o trabalho de ir ao Borough Market achar um feijão parecido com o do Brasil, só porque eu disse um dia que sentia falta de comer alguma comida brasileira.

E depois do que aconteceu quarta-feira, quando lhe entreguei o último pedaço do meu coração, também lhe ofereci minha alma, e tudo tem estado muito intenso entre nós. O sexo é mais íntimo, a proximidade é mais eletrizante, as trocas de olhares têm mais sentido e parece que não existe nada no mundo que possa quebrar esse vínculo que criamos.

É por isso que hoje Daniel me abraça forte pela manhã, em silêncio, enquanto tento comer alguma coisa, forçada.

É sábado.

E Chelsea está indo embora.

Não preciso usar palavras para que ele saiba o quanto estou sofrendo. Daniel entende meu corpo, minha expressão, me lê como um livro aberto e sabiamente me deixa à vontade no luto que se instala em meus ossos com antecedência.

Eu sabia que essa hora chegaria, só não pensei que seria tão rápido.

O dia está chuvoso.

O lado realista de Londres que vi pouquíssimas vezes nesse verão repleto de céu azul e dias felizes cai como uma capa de depressão, combinando perfeitamente com meu humor.

Saímos de casa às 11h, e faço todo o trajeto debaixo do mais completo silêncio, encarando a cidade chorar pela janela embaçada do carro. Quando Dan para na entrada de veículos da casa de Heidi, vejo a parada no hall, esfregando os braços pelo frio que não está acostumada a sentir. Chels abraça a tia com força, elas trocam algumas palavras com um sorriso no rosto e enquanto Daniel sai do carro abrindo um grande guarda-chuva preto para pegar suas duas malas e pôr no bagageiro, eu saio do banco do carona e pulo para o de trás, esperando com a porta aberta para que ela entre correndo com o seu casaco pingando.

Pego sua mão com força e preciso me lembrar que prometi a mim mesma ser mais forte hoje. Prometi que tentaria não chorar, que faria uma despedida decente, sem dramas, sem um “adeus”, somente um “até mais”, mas agora vejo que foi a promessa mais idiota que já me fiz.

Daniel entra no carro, bate a porta e parte sem dizer nada. Eu foco em respirar fundo e não começar a desabar de imediato.

— Obrigada por me darem essa carona. — Ela diz, tentando parecer indiferente. — Pegar táxi nessa chuva é uma merda.

— Claro, nós iríamos com você de qualquer jeito — é a primeira coisa que Dan fala.

— E o Alex? — ousou perguntar.

Chels olha para a janela, parecendo desconfortável.

— Terminei com ele ontem.

— Mas por quê?!

Dan nos observa pelo retrovisor, dividido entre prestar atenção no trânsito ou no que falamos aqui atrás.

Chels bufa, me olhando como se fosse alguma maluca.

— Porque eu sou realista, Nina. Sei que isso não vai dar certo. Foi bom enquanto durou, mas é isso. Acabou, estou indo embora para o outro lado do planeta, com 9h de fuso-horário, continuar minha vida que não se resume a uma viagem de férias.

Suas palavras têm o mesmo efeito de uma faca sendo enterrada no meu externo. Engulo em seco o ácido que ameaça subir pela garganta e solto sua mão, olhando para a janela do meu lado sem conseguir digerir o que acabei de ouvir.

O silêncio é mortal.

Ninguém ousa falar mais nada.

Por isso Daniel liga o som em qualquer rádio, tentando – sem muito sucesso – quebrar o clima tenso que paira num espaço tão apertado e úmido.

Quando vemos o aeroporto ao longe, sinto-a buscar por minha mão de novo, demoro longos segundos para tomar coragem e olhá-la.

Pela primeira vez em trinta e seis dias, vejo uma Chelsea de olhos marejados, completamente quebrada.

— Me desculpe, eu não quis dizer aquilo... É só o que vejo, que não vai funcionar para mim, mas não quer dizer que não vá funcionar com vocês. — Ela olha para Daniel, que não olha de volta, mas sabe que está sendo ouvida. — Não quis soar como uma vadia.

— Mas soou – digo, sentindo a voz embargada.

— Eu sei. Sou uma vadia quando estou em situações de estresse. Me desculpe, por favor...

Como se eu fosse capaz passar mais de dez minutos chateada com ela. Acho que não existe nada que Chelsea me diga que faça com que eu a odeie. Ela e Daniel estão no mesmo nível de “pessoas que nunca me decepcionarão”, por isso dou um meio sorriso, abraçando-a forte.

E é aqui que começo a chorar.

Dan estaciona e sai para pegar o carrinho para pôr as malas sem precisarmos falar nada. Caminhamos lado a lado de braços dados para

a área comum do aeroporto, e verificamos nas telas que seu check-in já está aberto.

A acompanhamos em todos os processos, e depois que as malas são despachadas, vamos com passos lentos para a área de embarque, tentando adiar o inevitável.

Não consigo parar de pensar que daqui alguns dias serei eu na mesma posição que ela.

Paramos uma de frente para a outra, não importa o quanto sorrimos; as lágrimas ainda insistem em sair de nossos olhos.

— Já pode começar a programar suas próximas férias na Austrália, ok? Quero ver você lá o quanto antes. — Chels começa a dizer, tentando aliviar a tensão.

— Claro. E fique à vontade de ir ao Brasil quando quiser. Rio de Janeiro estará de braços aberto para te receber, e eu também.

Sorrio, a abraço forte por mais tempo que o necessário, nenhuma das duas está pronta para interromper a conexão. Sabemos que depois disso, tudo acabará.

— Sua amizade me salvou e espero que não tenha sido só uma coisa de verão. — Me afasto, segurando-a pelos ombros. — Passar essas semanas com você significou mais do que qualquer amizade superficial que tive na cidade em que nasci e cresci. Tem coisas que a vida planejou que acontecesse desde sempre, e essa viagem foi uma delas. Londres me deu muito mais que 61 dias incríveis.

— *Shit*, Nina. Quer me matar de tanto chorar? — Ela ri entre as lágrimas, me puxando para mais um abraço. — Eu odeio despedidas, então só vou dizer que te amo para caralho e que nos vemos em breve, ok?

— Ok.

A seguro entre meus braços por mais alguns segundos e me afasto, enfim, limpando o rosto que deve estar vermelho como um tomate.

Chelsea abraça Daniel — coisa que nunca pensei ver na vida — pega sua mala de mão e nos manda mais um beijo antes de atravessar a passagem da área de embarque.

E eu fico aqui, plantada, sem conseguir mexer nem um músculo sequer, tentando não pensar que essa pode ser a última vez que eu a

vejo.

Dan me abraça e dá todo o tempo que preciso para me recompor e conseguir voltar para o carro. E isso demora um pouco.

Óbvio que a despedida de Chels me dói, mas o que mais me machuca no momento é saber que não estou muito longe disso. Não estou muito longe de ser a próxima a passar pela área de embarque sem olhar para trás.

E não faço ideia de como isso vai ser, além de doloroso.

A volta para casa também é silenciosa. Tudo o que ouvimos é o som da chuva e o aquecedor dando o seu melhor. Quando chegamos, permaneço dentro do carro. Procuro forças para sair, para continuar o dia como se nada tivesse acontecido, como se não tivesse acabado de dizer adeus a uma das pessoas mais incríveis que conheci.

Dan espera, espera, espera mais um pouco, até sair e dar a volta, abrindo a porta para mim. Acho que é isso, então. Aceito sua mão e saio, com o impulso de querer sair correndo para fugir da chuva, mas ele me segura.

— Espera.

— Dan! Estamos no meio de uma tempestade e você quer parar para sentir a chuva?!

Ele ri, e isso chama minha atenção. Tento erguer os olhos contra os pingos grossos que caem sem piedade sobre nós e tenho a visão perfeita do sorriso branco, cabelo todo encharcado, gotas caindo em seus cílios e molhando seus lábios, e em um passe de mágica não me importo mais com a chuva.

— Sim. Quero sentir a chuva com você. — Ele se aproxima, segurando minha cintura com uma mão e meu rosto com a outra. — Quero te levar para comer uma pizza, ou a um Karaokê, por mais que seja um péssimo cantor. Ou irmos à praia, ou fazermos um picnic... Quero um clichê à moda antiga, brega e bobo como um filme de romance. E quero fazer tudo isso com você, não importa se temos três dias ou três semanas ou três décadas juntos. Não importa se amanhã será você naquele aeroporto, ou se nunca mais for sair do meu lado; não importa. Vamos fazer desses dias inesquecíveis. Que você nunca se esqueça de mim ou de Londres ou de como a vida pode ser

surpreendente.

Eu nunca pensei que fosse capaz de piscar tanto os olhos. Quero rir e chorar e correr e não sei o que fazer primeiro. Quero beijar cada lindo batimento do seu coração, quero lembrá-lo todos os dias o quanto é lindo, o quanto sua alma é linda, o quanto significa para mim mais em trinta e seis dias do que qualquer pessoa significou. Quero agradecê-lo por me resgatar e me salvar todos os dias com seus beijos e seu sorriso, e não sei por onde começar.

Então eu o beijo.

Com seu beijo, Daniel afasta a dor, a mágoa, o medo de um dia tudo isso acabar, a insegurança, a falta de esperança de um futuro que nunca pensei ter. Tremo em seus braços, e não sei se é de frio ou de emoção; só sei que sinto cada extremidade do meu corpo tremer e vibrar e o mundo poderia acabar agora. Quase posso ouvir a trilha sonora no fundo, sinos tocando, aplausos da plateia inexistente, e para ficar mais clichê, só se começasse a nevar, o que sei que não vai acontecer.

O beijo é intenso, íntimo, único, como se estivéssemos esperando a vida toda para dá-lo, como se não fizéssemos isso o tempo todo, como se fosse a primeira vez. E Daniel é expert nisso: fazer eu sentir tudo, todos os dias, como se fosse a primeira vez.

Quando me afasto, ainda na ponta dos pés, vejo o sol nascendo e se pondo atrás de seus olhos, iluminando tudo enquanto me observa com cuidado, minimalista, com o olhar de um artista.

— Você já é minha história preferida – digo.



Descobri que Daniel leva sua palavra muito a sério. Vai fazer somente uma semana que Chels foi embora e sempre que temos algum tempo livre, fazemos algo da sua lista de *“Romance Brega e Clichê”*. Já excluimos a pizza, o boliche, café da manhã na cama e banho de banheira com muita espuma. Hoje é sexta-feira e marcamos o icônico Karaokê. Se amanhã fizer sol, iremos ao parque Adventure Island, em Southend-on-Sea, o que risca a praia da lista.

Acordo indisposta, enjoada, e destravo o despertador sem querer levantar da cama. Faltar uma aula não vai me matar, por isso rolo de barriga para cima e passo a mão no lugar que até uma hora atrás estava ocupado por ele.

Encaro o teto e faço as contas.

Dezenove dias.

Merda...

O pensamento embrulha meu estômago, e acho incrível a rapidez do meu cérebro interpretar o que está por acontecer antes mesmo que eu entenda qualquer coisa. No momento seguinte não sei como cheguei no banheiro e estou vomitando toda a janta do dia anterior.

Quando meu corpo acaba de expulsar qualquer resquício de uma refeição que houve dentro de mim, escorrego para o chão e encosto as costas na parede, respirando com dificuldade. Só consigo pensar e torcer para que Dan não esteja no mesmo estado, pois comemos a

mesma coisa ontem.

Volto para o quarto a procura do meu celular enquanto escovo os dentes e vejo a hora pela tela quebrada, já encontrando algumas mensagens de Chels, e pelas minhas contas, sei que já são 17h43 lá.

Eu: Bom dia para quem acordou vomitando horrores
Acho que vou tomar trauma de comida mexicana
Como estão as coisas aí?

Lavo a boca, o rosto, e vou para a cozinha, encontrando o café rotineiro que Dan deixa para mim. Quando encho a caneca com o líquido preto que tanto me anima pela manhã, tenho a reação oposta do que estou acostumada a ter. O cheiro que deveria ser maravilhoso embrulha mais meu estômago, e não sei se ainda existe algo para vomitar, então me afasto os passos necessários para criar uma zona de segurança da pia e respiro fundo, controlando a ânsia.

No mesmo segundo recebo uma mensagem.

Chels: Boa tarde para quem já está no tédio e não faz nada

Pensei que nunca diria isso, mas estou ansiosa para voltar para a faculdade

Você disse vômito?

Está com intoxicação alimentar?

Eu: Não sei
Acordei me sentindo péssima
Nem o café parece uma boa ideia

Vou para o chat do Daniel e digito:

Eu: Bom dia, baby
Você está se sentindo bem?
Acho que a comida mexicana de ontem estava ruim
Estou me sentindo um pouco mal.

Pego uma garrafa de água e vou para a sala, ligando a televisão no canal local só para me distrair da luta que meu estômago traça consigo mesmo.

Chels responde.

Chels: Bem, ou é intoxicação alimentar ou na pior das hipóteses, é um parasita mais sério

Enrugo o cenho, achando graça.

Eu: Que parasita, garota
Acha que estou com verme?

Chels: Eu disse 'na pior das hipóteses'

Mas fique tranquila, daqui uns 8 meses a gente descobre
hahahahaha

Sei exatamente o que ela quer dizer com isso, e minha primeira reação é rir. Rir porque é a cara de Chels falar essas besteiras, e porque é impossível eu estar grávida. Claro que é.

Saio da conversa e abro meu calendário, fazendo as contas para esfregar na cara dela o tamanho do absurdo que está falando, mas quando conto a primeira vez, a vontade de rir passa.

Conto de novo, de novo, pego um pedaço de papel porque acho que perdi a capacidade de somar 1+1 e ter uma resposta concreta, pois é impossível que eu esteja doze dias atrasada. Conto nos dedos, conto o calendário, somo na calculadora, mas a resposta é sempre a mesma.

Um grande e imenso *DOZE*.

Engulo em seco, sentindo o sangue começar a sair do meu corpo, a pressão caindo lentamente. Se não estivesse sentada, cairia, com certeza.

Tento buscar a racionalidade, tento pensar em todas as vezes que minha menstruação atrasou, que é normal esse tipo de coisa acontecer comigo, que meus hormônios são uma loucura e que nunca tive que me preocupar com essas coisas antes.

Antes.

Porque agora eu tenho motivos para isso.

Volto para a vida quando o aparelho anuncia outra mensagem, e essa é de Daniel.

Daniel!

Dan: O que você está sentindo?

Eu estou bem

Quer que vá para casa ficar com você?

Precisa ir ao médico?

Merda merda merda merda merda.

No mesmo instante, recebo outra de Chels.

Chels: Se afogou no vaso sanitário, linda?

Minhas mãos tremem tanto que quase não consigo digitar a mensagem.

Eu: Essa é a hora que você para de fazer piadas e me ajuda
Acho que vou desmaiar
Chels, estou
Doze dias
Atrasada
Socorro

A enxurrada de mensagens que ela manda vem em milissegundos de intervalo.

Chels: FUCK

F

U

C

K

DOZE DIAS?

Nina, teste de gravidez

AGORA

Estou entrando em pânico, sem nem conseguir pensar direito, e para melhorar o celular começa a tocar, anunciando uma chamada do Daniel.

— Merda!

Recuso a ligação, voltando a digitar para Chels.

Eu: Deve ser um alarme falso
Meu ciclo é uma confusão
Estou sempre atrasada
Esse tipo de coisa sempre acontece
O vômito é só uma coincidência

Dan: Nina?

Estou preocupado, me atende.

Pragueje e volto para respondê-lo.

Eu: Estou bem
Desculpe te preocupar, não é nada
Só acordei um pouco indisposta

Chels: Eu não brincaria com a sorte

Você não pode jogar essa bomba em cima de mim e esperar que eu fique tranquila, senhorita Nina!

TESTE DE GRAVIDEZ

AGORA

Eu: TÁ BOM!

Visto a primeira roupa decente que vejo na frente e saio para rua prendendo o cabelo que parece o ninho no que poderia ser chamado de um coque. Ainda devo ter o rosto inchado de sono e ando tão rápido que mais um pouco estou correndo.

Tento ignorar todas as mensagens que insistem em chegar no celular que treme como um louco no bolso de trás da calça, e quando encontro a primeira farmácia, acho que não vou ter coragem.

Preciso repetir o meu pedido duas vezes para que o atendente entenda o que quero, e quando ele me dá mais de uma opção para escolher, tenho vontade de voar por cima do balcão e dar-lhe uma surra.

— O melhor! — Quase grito, fechando as mãos em punhos. — Dois, por favor. Obrigada.

A maior parte de mim está tão cética quanto um ateu, afinal, esse tipo de coisas não acontecem com a gente, né? Acontece com todo mundo, menos com a gente.

E não pode estar acontecendo comigo.

Em todo o caminho de volta para casa fico pensando que sempre tive problemas hormonais, e as pílulas nunca foram uma boa opção para o meu organismo. Já havia cogitado outros meios, mas como não tinha uma vida sexual muito ativa, fique adiando.

Agora esses doze dias de atraso estão me encarando de perto com um grande bastão de beisebol na mão, decidindo se me dá um cacete ou só está me pregando uma peça.

Passo pela porta e me encosto nela depois que fecho, tentando pensar com racionalidade. Pego o celular e leio as quinhentas mensagens de Chelsea.

Chels: JÁ FOI?

Nina, não some

Não desmaia

Não MORRE
Me responde, por favor
Ai meu caralho do céu, TU TÁ VIVA?
EU VOU LIGAR PRO DANIEL
Digito com ferocidade, querendo atravessar o aparelho e lhe dar
uma surra, também.

Eu: PARE!

Já estou em casa

Com dois testes

Mas não quero fazer sozinha

Senhor, não vou aguentar até ele chegar do trabalho

E PARE DE ME DEIXAR NERVOSA

VOCÊ DEVERIA ESTAR ME ACALMANDO

Escorrego pela porta, me sentando no chão e puxando os joelhos
contra o peito, sem ter ideia do que pensar.

Sem ter coragem de fazer nada.

Chels: Ok

Desculpe, surtei um pouquinho

Mas vai dar tudo certo

Eu tô aqui

Bem, não *aqui* aqui, mas tô aqui

Eu: O que eu faço?

Chels: Bem, você pode fazer sozinha

Pode fazer comigo na linha

Pode esperar Dan chegar

Ou pode pedir pra ele ir pra casa mais cedo

Até que ela consegue pensar com lucidez quando não está surtando,
e agradeço por isso, pois a única pessoa que tem o direito de estar
surtando aqui sou eu.

Eu: Ok, vou optar pela última opção

Abro a conversa de Daniel que ainda tem três mensagens não lidas.

Dan: Tem certeza?

Tá sentindo o que?

Baby, só me dá um sinal de vida

Penso nas palavras com cuidado antes de digitar e enviar.

Eu: Você não vai se prejudicar se vier?

Dan: Não

Os dois estagiários estão aqui hoje

Dão conta do trabalho sem mim

Me diz o que está sentindo

Eu: Acordei enjoada, nada para no estômago

Não é nada demais, mas estou com medo de piorar

Dan: Tudo bem, estou indo agora

Vou estar dirigindo, qualquer coisa em liga

Quer que leve algo?

Eu: Não, não precisa

A hora parece que não passa. Encaro as duas caixinhas rosa em cima da bancada e elas me enfrentam de modo assustador. Converso com Chels o tempo todo, até ela me perguntar o que vou fazer se for um positivo.

E então paro para pensar sobre.

Ter um filho com Daniel não seria o pior pesadelo da minha vida. Já passei por coisa muito pior, mas parar minha vida *por completo* para ter o filho com Daniel sim, é assustador demais. Não estou no meu país, não estou na minha cidade, não estou perto da minha família. Tudo o que tenho aqui é relativamente passageiro e o futuro é tão incerto quanto a previsão do tempo desse lugar.

Penso que só tenho vinte anos e ainda nem comecei a fazer nada por mim. Esse intercambio foi só o primeiro passo para uma vida grandiosa que pretendo ter. Penso nos meus estudos, na carreira, em tudo que pretendo conquistar antes de enfim poder pensar em ter filhos.

Isso só faz com que eu fique mais nervosa e conforme os minutos vão se arrastando, tudo piora.

Estou sentada na ilha que divide a cozinha da sala, com o coração aos pulos, encarando o relógio de parede que marca exatamente 09h54 quando ouço o barulho da chave na porta.

Sei que se não morrer do coração agora, não morro nunca mais.

Daniel passa com passos largos, deixa a chave no aparador de qualquer jeito e caminha até mim, me avaliando como se enjoo fosse

uma doença super visível.

Me sinto péssima, e acho que ele vê isso, pois parece mais preocupado ainda.

— Você está verde, Nina.

Assinto, abrindo a boca na tentativa de falar algo, mas estou engasgada de medo e de pavor.

Estou *aterrorizada*.

— Dan, eu... — As palavras se perdem, e corro para buscá-las em meu estômago, que ainda revira. — Eu estou atrasada.

Ele segura meu rosto, confuso.

— Atrasada para o que, *baby*?

Engulo em seco, olho em seus olhos e não preciso dizer nada. Sabe aquela ligação que eu disse que criamos? Nesse momento ela funciona como telepatia, minha expressão de desespero e desolação fazem um ótimo trabalho em responder todas as perguntas que ele tem agora.

Posso apontar com perfeição o segundo em que ele entende, pois é o mesmo instante em que o sangue sai do seu rosto. Daniel, que já é branco, fica transparente.

— Oh... — é só o que consegue dizer por enquanto. Sua boca não se fecha depois que o som sai, formando um “O” perfeito de choque. — Ok... atrasada. — Ele engole em seco. — Quanto tempo?

— Doze dias — choramingo como uma criança.

Dan dá um passo para trás, acha o outro banco da ilha e se senta. Tenta disfarçar a porrada que acabou de levar segurando minha mão, mas ela está tão gelada quanto eu.

Ele dá uma risadinha, de nervoso, tenho certeza.

— *Uau*. Ok...

Posso jurar que ele começa a suar frio. Então acho que não seria uma boa notícia para nenhum de nós dois, afinal.

— Já fez o teste? — consegue perguntar depois que seu cérebro processa a primeira parte do choque.

Arrasto as caixinhas que estavam junto de mim o tempo todo, lacradas, e vejo seus olhos petrificados, olhando-as.

— Não quis fazer sozinha. Nem esperar até você chegar. Por isso pedi para vir.

Dan assente, parecendo acordar um pouco para a realidade.

— Quer fazer agora?

— Acho que sim...

Ninguém parece ter tanta certeza, mas saímos dos bancos de qualquer jeito e caminhamos juntos para o banheiro. Não sei quem treme mais.

Dan para na porta e deixa que eu entre sozinha. Abro as duas caixas, leio as instruções e junto os dois testes, abrindo a torneira antes de me sentar no sanitário para fazer o xixi mais difícil da minha vida.

Quando acabo, fecho a tampinha de ambos e coloco-os na bancada, lavando as mãos e voltando a sentar na privada com a tampa fechada. Seguro a cabeça com as mãos, como se o gesto fosse me impedir de pitar completamente, mas tem o efeito completamente, pois a realidade me atinge como um soco e começo a chorar.

— Quanto tempo? – Dan pergunta ao entrar, e acho que ainda não percebeu que choro, pois se agacha ao meu lado e acaricia minhas pernas.

— Três minutos – consigo dizer, e é a última coisa com sentido que sai dos meus lábios, pois os soluços se misturam com a tentativa falha de puxar ar para os pulmões. A sensação de agonia é uma velha amiga que pensei ter colocado sob controle muitos anos atrás.

— Calma, *baby*. Vai ficar tudo bem, ok? Não importa o resultado, estamos juntos nessa.

Ele não tem noção do que está acontecendo, não sabe que não tenho controle sobre esses ataques, e infelizmente perdi toda e qualquer habilidade de formular uma palavra com sentido.

Empurro as costas contra a parede e tento manter a visão limpa enquanto foco em afastar os pensamentos negativos, mas tudo vem como uma enxurrada. Agora a única certeza que tenho é que minha vida acabou e que vou *morrer*. Morrer é certo, porque não consigo respirar *de jeito nenhum*.

Já tive crises de ansiedade antes, algumas bem piores que as outras, e todas foram no pior período de luto e aceitação da partida de Julia. Depois de muita terapia aprendi a tentar ter controle sobre elas, mesmo não conseguindo usar quando realmente acontece.

E hoje não é diferente.

— *Fuck*, isso é um ataque de pânico?!

Ah, graças a Deus, ele sabe.

Assinto com desespero, mantendo o queixo erguido enquanto tento respirar.

Estou suando frio.

Vou morrer, morrer, morrer, morrer.

O mundo começa a girar e não vou me surpreender se desmaiar – talvez seja até melhor – se não fosse pelo medo de *morrer*, porque é só o que passa pela minha cabeça agora.

morrer, morrer, morrer, morrer

— Nina, entre as pernas. Vamos, coloque a cabeça entre as pernas.

Percebo que ele está me pedindo para fazer isso há alguns segundos, então foco em sua voz. Foco em sua bela e linda voz e tento não pensar que estou *morrendo* e que minha vida está por um fio. Com sua ajuda me inclino para frente devagar e consigo encostar a testa nos joelhos.

— Isso, amor. Agora *respira*. Comigo, vamos. – Ele dá uma longa e profunda inspirada. Sinto inveja de sua calma, ao mesmo tempo que sua mão quente em minhas costas fazem movimentos circulares, e isso, por incrível que pareça, surte efeito.

Consigo empurrar todas as emoções negativas para o fundo da mente, fecho os olhos e foco em sua voz e na respiração tranquila que entra pelo nariz e sai pela boca. O processo é demorado e os poucos meu choro é interrompido e respiro com certa regularidade, sobrando nada além dos movimentos involuntários e leves do soluço.

Ergo o torso devagar sentindo o sangue voltar a circular pelo corpo. A sensação é de êxtase. Estou com o rosto suado e sinto a boca e os olhos inchados, típico após uma crise.

Me sinto horrível e exausta.

Pisco algumas vezes, a visão entrando em foco para mostrar um Daniel apreensivo ao meu lado. Ele solta a respiração com força quando vê que a pior parte passou, e encosta a testa em nossas mãos que estão unidas.

Odeio ser responsável pela preocupação em seus ombros.

— Quer um pouco de água?

Assinto, sentindo a boca seca e os lábios rachados pela hiperventilação. Ele está de pé no segundo seguinte e some pela porta como um furacão.

E eu fico aqui, encostada no azulejo frio do banheiro, com o corpo todo dormente, encarando os dois testes que ainda estão em cima da pia. Quero ter forças para erguer os braços, me inclinar para frente e pegá-los, mas não consigo, e antes que cogite recolher mais forças, Dan já está de volta com a água. Ele se agacha ao meu lado, me ajuda a beber tudo quando percebe que minha mão ainda treme. Respiro ofegante quando acabo, molhando os lábios com a língua.

— Me desculpe... — consigo dizer, a voz um tom acima de um sussurro.

Dan ergue a cabeça, me olhando como se ainda estivesse delirando e deixa o copo no chão.

— Não há nada pelo que se desculpar, *baby*. Você não escolhe isso.

Engulo em seco, sentindo a dormência no corpo começar a passar.

— Como você soube o que fazer?

Ele se senta aos meus pés, pegando minha mão com cuidado. Não teve tempo de tirar nem o sapato do trabalho, e a cena seria engraçada se não fosse tão trágica.

— Emma teve muitos desses episódios no início da adolescência. Por causa do *bullying*, sabe. Ser ruivo no Brasil pode ser algo lindo e diferente, mas aqui ainda é motivo de perseguição nas escolas. — Ele dá de ombros. — Um dia a gente aprende a lidar

Aperto sua mão com um pouco de força, tentando dizer que entendo e que estou aqui por ele, da mesma forma que sempre está aqui por mim.

Os minutos se arrastam, e ninguém se mexe.

— Dan, o teste.

Ele está negando antes mesmo de me olhar.

— Não acho que isso seja uma boa ideia.

— Vamos ter que ver uma hora, não é mesmo?

— Mas não agora. Você acabou de ter um ataque de pânico, pelo amor de Deus! Nina, não...

Antes que ele termine de falar, me inclino para frente e tento pegar o teste. Seus reflexos são mais rápidos que os meus, e ele estar sentado entre o sanitário e a pia serve de um bom obstáculo, por isso pega os dois antes que eu sequer sonhe em chegar perto.

Dan me olha como se tivesse surtado de vez.

— Dan, por favor...

Ele me encara por longos segundos, batalhas sendo traçadas por trás de seus olhos, decidindo com cuidado o próximo passo a ser tomado.

— Tá, eu vou olhar. Mas antes preciso que você entenda que isso não é o fim do mundo. Independentemente do resultado, estamos juntos nessa. Ok?

Assinto, sentindo o lábio inferior tremer com as lágrimas que ameaçam voltar. Dan respira fundo, assente para si mesmo e abaixa os olhos para o que tem em mãos.

O mundo inteiro se cala por dois segundos, traçando o linear entre o agora e o nunca. Nesse pequeno intervalo de tempo, vejo com perfeição o que pode ser minha vida daqui em diante, e não sei se estou pronta para enfrentar isso.

Mas já tarde demais.

Pois Dan ergue os olhos e pela primeira vez, não consigo lê-lo. Por isso ele diz as palavras:

— Deu negativo.

E eu estou respirando de novo, aliviada, decepcionada, feliz e completamente com raiva. Entro em conflito com realidades que não pensei existir, e não sei se quero rir ou chorar.

Não sei se estou satisfeita ou completamente desapontada.

— Ah, graças a Deus – consigo dizer, me levantando e saindo do banheiro, incapaz de ficar parada por mais um segundo. — Graças a Deus, porque eu sou uma bagunça, uma confusão, e você não merece isso. Você não merece ter que carregar esse fardo e não merece ter que lidar com uma situação dessas...

Não sei por que estou dizendo essas palavras, mas reconheço suas verdades no segundo em que saem da minha boca. Não sei se pelo choque, ou se pela realidade, ou pelo medo de ser rejeitada por ele,

mesmo me certificando que estamos nessa juntos... Não sei. Eu só quebro, mais uma vez.

Daniel me segue até o quarto e a confusão em seu rosto está misturado com incredulidade, como se não reconhecesse a pessoa que está na sua frente.

Não o julgo, também não me reconheço.

— O que você está falando?

— Ah, Daniel! Vamos ser realistas! Chels esteve certa o tempo todo: isso nunca vai dar certo. Somos dois idiotas se pensamos que vamos conseguir manter um relacionamento à distância! E sobre eu estar quase grávida há dois minutos atrás? *Loucura!* É óbvio que você não quer ter um filho comigo. Ninguém vai querer, com certeza.

Não consigo olhar para ele, pois estou perdendo a cabeça e não posso ver a decepção e angústia em seus olhos, mas ainda consigo vê-lo se aproximar, e no segundo seguinte Daniel está me segurando pelos braços.

Seu aperto é forte.

— Pare de falar essas coisas! — Ele grita perto do meu rosto, e é a primeira vez que sequer ouço-o erguer a voz, para mim ou para qualquer outra pessoa. — Por que você está fazendo isso?

Seu tom abaixa algumas casas, e se sua intenção foi chamar minha atenção, deu certo, pois ergo os olhos e encaro-o. Seu rosto contorcido em dor e agonia estilhaça meu coração em milhares de pedaços.

O que eu estou fazendo?

Parece que tem uma aranha presa na minha garganta.

— Apenas me diga... Diga que isso nunca iria funcionar... Diga que é melhor eu ir embora de vez e acabar com tudo... — chio, cada palavra um corte profundo.

Suas mãos que ainda seguram meu braço me empurram os poucos passos necessários até a parede, e Daniel pega meu rosto, negando com a cabeça.

— Não, eu não vou dizer isso... Não vou dizer, pois estaria mentindo. Não vou dizer, pois quero exatamente o oposto disso. — Sua boca se suaviza em um sorriso, seu cenho enrugado não se desfaz. — Quero que você fique, Nina. Aqui, comigo. Porque eu te amo.

Engulo meu próprio coração.

Abro os olhos, violentamente, lendo seu rosto a procura da piada, da mentira, mas não consigo encontrar nada. Sou uma grande corrente elétrica, vibrando em vida e borbulhando com emoções que até o momento eram desconhecidas para mim.

Meus ossos desapareceram.

Seu nariz toca o meu, nossos lábios a um milímetro de distância, eu me desfazo em uma poça de nada e tudo, consigo sentir seu cheiro em todos os lugares e todo seu corpo tocando o meu.

— Você está pedindo para eu ficar...?

Quase parto em duas quando Daniel me olha, repleto de emoção.

— Nossa, Nina... É tudo o que eu sempre quis, desde que te vi e soube que estava só de viagem...

Puxo uma lufada de ar, tentando recuperar o pouco do equilíbrio que me foi tirado.

— Mas... mas eu não tenho emprego.

— A gente arruma um.

— Eu... eu não tenho estudos...

— Você pode estudar à noite, a gente dá um jeito.

— E meu visto...

— Você consegue um de trabalho. Senão, um de estudos. E se nenhum dos dois for possível, eu me caso com você; *não importa*. Contando que você fique. *Comigo*.

Daniel me puxa para mais perto de si, me moldando à sua silhueta. Suas mãos envolvem minha cintura, seu nariz roça no meu.

Engoli todas as borboletas do planeta, e elas batem as asas em meu estômago, ansiosas para saírem ou me fazer voar com elas. Tento rir, mas acho que esqueci como se faz isso.

Por isso passo os braços por seu pescoço e pulo em seu colo e me agarro a ele como se fosse o salvador do meu mundo, sei que é isso que Daniel é para mim. Ele me tira do chão, me aperta junto ao seu peito e fico impressionada com a força e com a felicidade e com toda a glória que o movimento tão simples faz com meu corpo.

— Isso é um sim? – pergunta ao me deixar no chão. Acho que nunca vi seu rosto tão iluminado. Tão *glorioso*.

— Sim! — grito a palavra. Simples, potente, decisiva. — Sim, eu vou ficar. Porque eu também te amo.

Não há tempo para ver a surpresa em seu rosto. Só tenho o pequeno vislumbre do seu sorriso antes de cairmos juntos na cama. Somos um monte de braços e pernas e beijos intensos e corações curados e lágrimas de felicidade com risos nervosas. Daniel tira minha blusa, abre minha calça, me admira, me ama, me enaltece enquanto percorre meu corpo com suas mãos e com seus olhos e diz que me ama a todo momento.

Mas ele se afasta, encosta sua testa na minha, respira com dificuldade enquanto entrelaça nossos dedos, minhas mãos acima da cabeça, seu corpo pairando sem camisa em cima do meu.

— Eu quero fazer amor com você agora, Nina. Mas antes precisamos definir uma coisa.

Aguardo, inquieta e ansiosa.

— Sim?

Dan ri, morde o lábio, beija minha testa e no segundo seguinte está de pé, vestindo a camisa e calçando os sapatos. Me sento, sem entender nada, querendo exigir que volte para cama nesse segundo e termine o começou, mas sou calada quando ele diz, já na porta do quarto.

— Preciso comprar camisinha. *Urgente!*

E eu fico sozinha, sorrindo como uma idiota, nessa cama que agora é minha e nesse quarto que agora é meu e nessa cidade que, a partir de hoje, é minha casa.



A notícia de que vou ficar em Londres se espalha rápido. Chelsea surta na Austrália, Akira surta na Finlândia e Fleur surta mais ainda em Paris, estando somente duas horas de distância de mim. Prometo que vou visitá-la e conhecer a cidade assim que acabarem as aulas e conseguir um emprego. O primeiro “problema” será resolvido em três dias, onde apresentarei meu último projeto na sexta-feira e só precisarei ir na segunda-feira resolver a papelada e aguardar o certificado.

E o segundo pode ser resolvido nos próximos dias, já que acabei de sair da minha primeira entrevista de emprego, exalando confiança. Eu e Daniel passamos os últimos dez dias pegando referências de agências de emprego, e depois que consegui montar um currículo bem compacto e sucinto, destacando os três anos de experiência na cafeteria que trabalhei no Rio, a ligação da primeira entrevista veio rápido.

Entramos em acordo de que a cafeteria – caso seja contratada – será algo provisório para conseguir um curso noturno na área que realmente quero seguir, e aos poucos vamos resolvendo coisas mais importantes, como visto e emprego fixo.

Ainda não tive coragem de dizer aos meus pais que vou ficar aqui, por mais que eles pensem que semana vem voltarei para casa, a ideia de pegar o telefone e dar a notícia parece difícil demais. Espero não

deixar para última hora, mas também não pretendo fazer por agora.

Depois do susto coletivo da possibilidade de estar grávida, marquei uma consulta para a próxima sexta-feira, na esperança de fazer alguns exames e descobrir o que há de errado com a porra do meu corpo em simplesmente dizer *“vou atrasar sua menstruação por duas semanas para você morrer do coração”* e também chegarmos a um consenso de qual método contraceptivo hormonal posso usar. Não é todas as vezes que temos cabeça de lembrar do contraceptivo dele, e acho que o sufoco que passamos aquele dia não deve ser repetido.

Volto no *ônibus* lotado do final da tarde, ainda com a mochila com as coisas do curso, animada demais para me incomodar de qualquer forma. Usando o terninho cinza que comprei especialmente para as entrevistas, me sinto como qualquer londrina voltando para casa depois de um expediente.

Espero que em breve isso seja verdade.

Pego o celular para enviar uma mensagem para Daniel, perguntando se preciso levar alguma coisa para comermos, mas sou distraída pela mensagem de Karen que parece estar esperando para ser lida desde que saí da entrevista.

Karen: Uma prima minha contou hoje para a família que passou para Universidade Federal

Você não estava esperando isso, também?

Acho que foi da lista de espera

Para início em 2012.2

Segue o link

Primeiro, fico impressionada por ela se lembrar de algo que eu disse muito superficialmente quando voltamos a nos falar, quase três semanas atrás.

Depois, fico encarando o link por muito tempo, até a tela do celular apagar por falta de uso. Engulo em seco e olho a vida da cidade através das janelas do *ônibus*, esquecendo até mesmo de enviar a mensagem para Dan. Só me dou conta que fiquei apática e pensativa durante todo o trajeto quando vejo que preciso descer no próximo ponto.

Caminho pelas ruas secundárias com passos rápidos, e estou quase

correndo quando alcanço a entrada compartilhada dos dois apartamentos, trombando com a Senhora Taylor quando atravesso a porta.

— Senhora Taylor! Me desculpe, a senhora está bem?

A velhinha viúva, senhoria de Dan que mora no andar de cima dá dois passos para trás, assustada. Pela roupa e a bolsa grande que carrega no braço, parece estar de saída.

— Minha filha, que pressa é essa?

— Perdão, não quis entrar assim. Estou com um pouco de pressa.

Ela faz um gesto com a mão, dispensando minhas desculpas.

— Tudo bem, estou bem. Só cuidado para onde anda.

— Obrigada. Tenha uma boa noite, Senhora Taylor.

— Boa noite, menina.

Continuo pelo corredor com passos mais contidos até vê-la passar pela porta e faço o mesmo, só que não me dou ao trabalho de fechar a minha com a mesma calma.

Deixo a mochila no chão e nem tiro o sapato quando caminho até Daniel, que já está sentado no sofá com seu notebook no colo. Não tenho tempo de notar que a casa cheira a comida fresca, muito menos de responder o seu “*boa noite, amor*”, pois já estou tirando o aparelho do seu colo e trazendo para o meu, abrindo uma nova aba enquanto minhas mãos tremem.

— Ei, o que houve? Não fecha aquela aba, é coisa do trabalho!

— Só um segundo, Daniel... Por favor...

Entro no site da universidade e a primeira coisa que vejo é “*Segunda Chamada da Lista de Espera para o 2º Semestre*”. Clico e abre outra aba com uma lista de cursos. Rolo a tela só um pouco até achar “*Comunicação Social*” e acesso a relação de aprovação. Dessa vez preciso rolar a página um pouco mais, e logo abaixo de um “*Murilo Santos Azevedo*”, vejo, com todas as letras, “*Nina Benevenuto Marques*”.

Devolvo o notebook ao seu colo devagar, cada movimento parecendo custar uma vida. Sinto como se estivesse me movendo em meio à uma densa névoa, como se meu corpo estivesse sido mergulhado em cimento fresco.

Dan fala comigo, pergunta alguma coisa, mas não ouço direito. Meu

sangue parece congelado, quebradiço, mas meu coração ainda bate e corre maratonas por sua vida. Cubro a boca com as mãos, e me pergunto por que ainda não acordei. Porque ninguém me abraçou e me disse que está tudo bem, que isso é só mais um pesadelo.

Ou um sonho.

Ainda não decidi.

Olho para o lado, para os olhos que estão confusos e tentam chamar minha atenção de alguma forma, e preciso de no mínimo alguns minutos para cair a ficha.

Mas na verdade, acho que isso nunca vai acontecer.

Porque não sei quais são os planos do universo, porque vive pregando esse tipo de peça em mim, porque espera eu fique bem por alguns dias só para jogar tudo na minha cara e dizer que estive errada.

Mais uma vez.

Já havia aceitado meu destino, aqui em Londres.

E agora, isso.

— Eu fui aprovada para a faculdade – consigo dizer, e não sei se Daniel ouve, pois é somente um sussurro que sai dos meus lábios.

Ele olha a tela, tentando achar provas da maluquice que falo, e quando parece achar meu nome, fecha o aparelho e o deixa de lado, me abraçando forte.

— Isso é ótimo, amor! Parabéns! Eu disse que você seria chamada, não disse?

Me afasto, olhando-o com descrença.

— Você não entende? Isso muda tudo! Já tínhamos tudo planejado aqui... – nego com a cabeça, convicta. — Eu *não posso ir*.

Ele desliza a mão pelo meu cabelo com um olhar de preocupação. Posso ver as engrenagens de sua cabeça girando, procurando o jeito mais racional de pensar sobre a situação.

— É lógico que pode ir. Isso é o seu sonho, sua carreira. Nina, eu nunca vi ninguém falar com tanta paixão sobre o que quer fazer da vida, como você falou da produção editorial, naquela festa do terraço. Seus olhos brilham só com a ideia! – Ele procura por meus olhos, prendendo-os aos seus quando os acha. Tenta usar de nossa conexão para dar ênfase ao que diz. — Você tentou isso por três anos e agora

que conseguiu não pode jogar a oportunidade fora.

Meu coração está aberto e sangrando e não sou mais nada além de uma casca vazia. Como vim parar nessa posição? Como devo escolher entre duas coisas que amo?

— Não posso viver sabendo que você está em um canto do mundo e não estar com você...

Daniel ri sem achar graça e me encara de volta. Consigo ver perfeitamente em seu rosto o quanto está sofrendo por mim. Por nós. Ele enxuga minhas lágrimas com o dedo e beija delicadamente meus lábios.

— E não precisa! Pelo menos não por muito tempo. Você pode tentar pedir uma transferência para alguma universidade daqui que ofereça o mesmo curso ou um equivalente. O que acha?

A ideia paira sobre nós e levo o tempo que for preciso para assimilar as possibilidades. Não entendo nada sobre transferências, nem para dentro nem para fora do Brasil.

— Será que isso é possível?

— Creio que sim! Vamos pesquisar, entrar em contato com a sua universidade, ver como funciona transferências internacionais. Não acho que seja algo impossível.

Assinto, começando a sentir a nuvem de choque e desespero se dissipar.

— Certo... É, acho que podemos fazer isso.

Ele me puxa para si, me envolvendo com um braço e segurando minha cabeça com a outra mão, repousando a bochecha em meu cabelo. Fecho os olhos, tentando ser otimista pelo menos uma vez na vida.

— Então eu vou embora semana que vem...?

A frase parece uma sentença de morte em meus lábios.

— Depende. Do prazo da matrícula, se conseguimos adiar a passagem alguns dias... Depende. — Sua mão ainda acaricia meu cabelo, um leve lembrete de que ainda está aqui. — Mas não precisamos ver isso agora, ok? Amanhã começamos a pensar nisso.

Amanhã.

A palavra nunca pareceu tão incerta para mim.



Descobri logo no dia seguinte que a lista da segunda chamada havia sido liberada semanas atrás, e que se não fosse pela correria dos meus pais em levar os documentos necessários para fazer minha matrícula, eu teria perdido a vaga.

Descobri que as aulas começam mês que vem.

Que o Escritório de Relações Internacionais é um setor administrativo que é péssimo em responder e-mails e atender telefonemas.

Nesses últimos sete dias eu descobri, acima de tudo, que Daniel é bem persuasivo quando quer. Ouvi tantas palavras de suporte e incentivo que a ideia de estar indo embora amanhã não chega a ser tão doloroso quanto deveria. Ele conseguiu me convencer que vou voltar para estudar aqui, e mais rápido do que penso.

Uma parte minha tenta não pensar que ele está dizendo essas coisas só para que eu vá e não perca a oportunidade de ter algo incrível para meu futuro.

Quero dizer a ele que nenhum de nós dois temos certeza se vou conseguir voltar, se a transferência é algo possível, que estou indo de olhos fechados, sem ter certeza de nada, mas não consigo.

Não posso pegar todo esse suporte e positividade que tenho recebido e simplesmente jogar no lixo.

Descobri também que é muito mais fácil colocar roupas em cabides

e gavetas do que tirar e arrumá-las nas malas, principalmente quando uma grande parte sua não quer ir embora. Então fui fazendo tudo aos poucos. Juntei meus sapatos, recolhi as roupas lavadas, desocupeí uma gaveta por dia, e pouco a pouco fui esvaziando o apartamento com tudo o que era meu.

Cada dia que Daniel chegava do trabalho, havia menos indícios de que eu sequer morei aqui. No banheiro, seu shampoo jazia solitário, onde antes estive todos os meus produtos de cabelo com cachos. No guarda-roupas, meus casacos já não ficavam mais ao lado de suas blusas sociais. Na mesa de centro, onde antes eu sempre deixava um livro do curso ou o notebook, há um jarro de flor pequeno que tive o cuidado de colocar para amenizar a ausência gritante de algo que deveria estar ali, mas não está mais.

Por isso, tenho chorado mais do que o normal, mesmo fazendo questão de que ele não veja. Choro no banho, choro quando ele está no trabalho, choro a noite, quando penso que já está dormindo, mesmo Daniel não sendo idiota e sabendo que fico parecendo um tomate inchado quando derrubo uma lágrima sequer. E essa é minha aparência o tempo todo. Quando pode, Dan me abraça sem falar nada. Uma lembrança silenciosa que entende, e que está aqui comigo.

Agora eu observo as três malas no canto da sala, com a casa debaixo do mais completo silêncio, fazendo a última conta mental de quanto tempo me resta antes de partir.

E tristemente, encontro a resposta de “16 horas”.



Não consigo dormir nem por um segundo.

Passo a noite completamente em claro, observando pela penumbra seu rosto magnífico, beijando seus lábios, tentando gravar cada milésimo de segundo no mais profundo da minha memória.

Quando o sol nasce, levantamos como se fosse nossa deixa. Tomamos banho juntos, nos amamos por mais um longo tempo e saímos para tomar café em nossa cafeteria favorita de todo o mundo. Assim como quando viemos pela primeira vez, tudo está do mesmo jeito. A única diferença é que hoje parece que vou para a força.

Já estamos em casa um pouco depois das 8h e hoje ele só vai ir para o trabalho depois do almoço; depois de me deixar no aeroporto.

— Quer fazer mais alguma coisa? — Dan pergunta quando passamos pela porta, pois sabe que temos pelo menos mais duas horas para matar antes de encarar a pior parte.

Solto um suspiro pesado e olho em volta.

— Vamos nos deitar?

— Claro, amor.

Tiramos nossas roupas devagar. Não temos pressa de nada. Observo seu corpo nu pela última vez, conto suas sardas, cheiro seu cabelo, sinto seu beijo. Me entrego de corpo e alma para que possamos nos lembrar do quão intenso somos.

E eu choro.

E ele beija minhas lágrimas.

E diz que vai ficar tudo bem.

Que vamos ficar bem.

Que vamos nos ver de novo em breve.

Que isso não é um adeus.

Então por que estou sofrendo tanto? Por que esse buraco em meu peito se abre cada vez mais conforme as horas vão passando? Por que sinto que vou morrer no momento que o avião decolar? Por que acho que a vida não vai ter mais sentido quando partir?

Não há respostas para essas perguntas.

Eu sei.

Então choro até ele dizer que precisamos ir.

Precisamos chegar lá antes das 11h, por ser um voo internacional. Já está tudo pronto, então só nos vestimos e saímos. Sinto como se estivesse em um sonho o tempo todo. Fico esperando a todo momento que alguém me acorde, mas isso não acontece.

Não me dou conta de cada passo que dou. Não me dou conta quando despacho as malas ou quando faço o check-in ou quando estamos sentados em frente à área de desembarque, esperando que eu tome coragem para entrar.

Seguro sua mão com tanta força que poderia quebrá-la, mas Daniel não reclama.

Daniel nunca reclama de nada.

— *Baby*, você precisa ir. — Ele diz quando meu voo é chamado, e ainda nem passei pela área de embarque. — Não pode perder o voo.

Respiro fundo e assinto, ficando de pé. Pessoas passam por nós em um fluxo intenso, todos prontos para irem aonde devem ir. Acho que sou a única que não estou nem um pouco pronta para isso.

Daniel segura meu rosto, olha em meus olhos e tenta sorrir, mas a dor neles me alcança, e quero me jogar no chão como uma criança birrenta e me recusar a partir.

— Nós sabíamos que esse dia chegaria. Já nos preparamos para isso desde o dia um.

— Eu não estou pronta... — sussurro, lágrimas se libertando dos meus olhos marejados.

— Está sim. Isso não é um adeus, lembra?

— É um até logo – repito sua frase, fechando os olhos na tentativa de me apegar ao sentido dela.

— Isso. Logo nos veremos de novo.

Assinto e encosto sua testa na minha, fechando os olhos por cinco segundos, tentando fazer com que essa realidade e sua calma me alcancem.

— No três? – Dan sussurra, e eu assinto. — Um...

— Dois... – estou sufocando.

— Três...

Ele me dá o último beijo,

E estou morrendo,

Pego minha mala de mão,

Não quero ir embora,

Viro as costas para a pessoa mais incrível que conheci,

E acho que nunca mais o verei de novo,

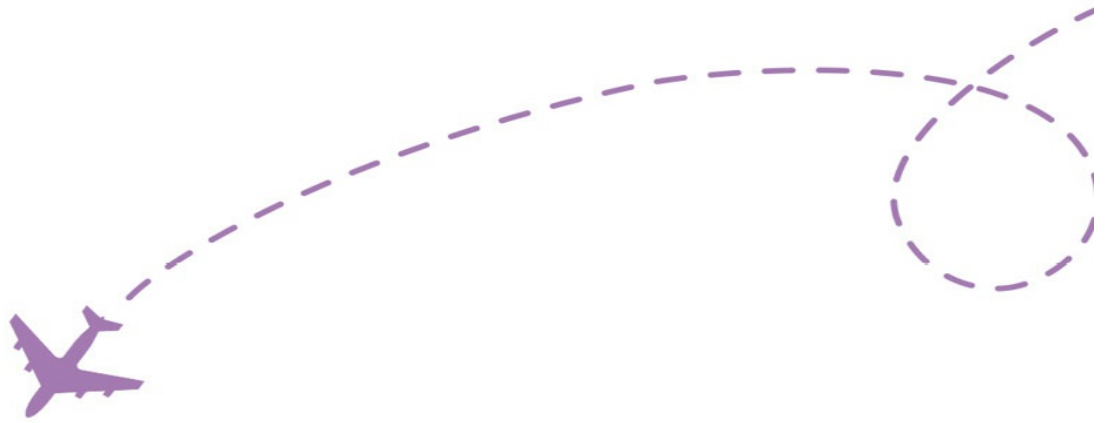
E entro na área de embarque sem olhar para trás,

E agora não tem mais volta.

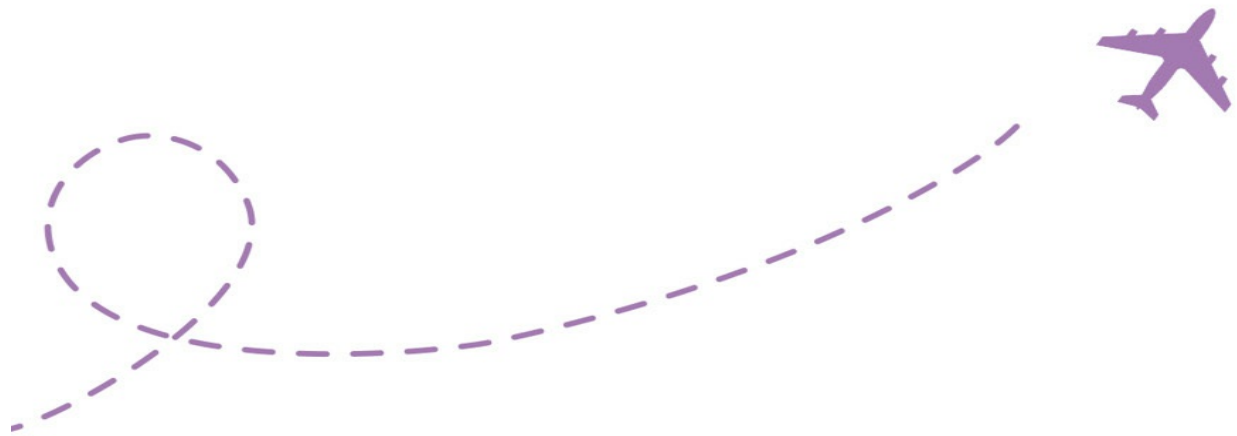


*You give me a reason
Something to believe in
I know, I know, I know
You give me a meaning
Something I can breathe in
I know, I know, I know
It's a bittersweet feeling
Longing and I'm leaving
I go, I go, I go
But I wish I was there with you
Oh, I wish I was there with you
— Homesick / Dua Lipa*





Agosto
2012



Nina B Marques

<nina.benevenuto@livemail.com.br

para eri@reitoria.com.br

Ter 14 Ago 2012

Bom dia, prezados.

Venho por meio desse e-mail solicitar mais informações sobre a transferência externa internacional para uma universidade parceria, *Kings College London*, com cursos compatíveis com o meu.

Estive no escritório da reitoria na segunda-feira, mas parece que não voltaram a funcionar após o recesso do meio do ano.

Se for necessário marcar um horário, como faço?

Quando voltam a atender?

Agradeço desde já e aguardo retorno.

Att,

Nina Marques.



17 de Agosto de 2012

Julia,

Da última vez em que te escrevi, eu estava no avião de Londres para Lisboa, na primeira conexão de volta para o Rio de Janeiro. Parece que isso foi há anos, mas parando agora para contar, faz um pouco mais de duas semanas.

Eu nunca pensei que estar de volta em casa seria tão estranho. Estou em meu quarto que foi meu a vida inteira e agora parece tudo, menos meu quarto. Estranho a cama, estranho as paredes, estranho o clima, estranho o fuso-horário.

As últimas duas semanas foram uma loucura, por isso demorei tanto para escrever. Tive pouco tempo para resolver as pendências da matrícula na faculdade e as aulas já começaram na segunda-feira. Hoje faz oficialmente uma semana que estou estudando, e ainda é difícil de acreditar que realmente consegui. Depois de três anos, enfim estou estudando o que sempre sonhei.

Baseado em tudo o que já te escrevi e contei, você não acreditaria em como as coisas andam aqui em casa. Papai foi me buscar no aeroporto na quinta-

feira, e pela primeira vez em anos vi um sorriso verdadeiro em seu rosto e recebi um abraço apertado significativo. Acho que a sua carta ter enfim chegado em minhas mãos e eu ter tido coragem de enfrentar mamãe surtiu algum efeito. Logo depois que descansei da viagem exaustiva, saí do quarto e encontrei uma mesa de café da manhã esperando por mim.

Acho que nunca vi mamãe tão nervosa. Não conversamos desde que disse que ela estava morta para mim, e vê-la na minha frente, disposta a conversar abertamente sobre o que aconteceu e colocarmos os pingos nos 'is', foi satisfatório.

Me senti confortável o suficiente para dizer tudo o que me machucou por oito anos. Disse que me sentia invisível, desamparada, que eles desapareceram dentro da própria casa e esqueceram que, ao contrário de você, eu ainda estou viva e ainda estou aqui.

Fui ouvida, Julia.

Nós choramos, desabafamos, falamos de você como se não fosse um assunto proibido – até que enfim – e aceitamos o fato de que a vida deve continuar, nesse caso, sem você. E disse também que se eles queriam mesmo seguir em frente, deveríamos nos mudar.

Essa ideia não pareceu agradar a mamãe, mas ontem eu vi que ela olhava anúncios de casas perto da faculdade. Não duvido que até o final do ano já estejamos em outro lugar.

Espero que não me entenda mal. Não queremos nos livrar de você – se é que algo do tipo seja possível – mas será melhor para todos ir para um lugar que não seja um lembrete diário que oito anos atrás você tirou a própria vida naquele maldito quarto.

Sei que deve estar se perguntando de Daniel, e não se preocupe, deixei o melhor para o final.

Descobri que poderia ser pior: que 4 horas de fuso-horário daqui para Londres é bem melhor do que 11 horas, como daqui para a Austrália. Seria bem mais difícil de mantermos um contato – como tem sido difícil manter contato com a Chels. Mesmo assim, não consegui sair da cama na primeira semana que cheguei. Virei uma bola inchada e vermelha de choro contínuo que só comia e dormia. Nos primeiros dias tentei manter a rotina com o horário de Londres, mas Daniel ia dormir por volta das 23h lá, o que ainda é 19h aqui, e acordava as 7h, o que ainda é 3h da manhã para mim. Com o

início das aulas, começou a ficar difícil manter o ritmo.

Falamos todos os dias: por mensagens durante o dia e via Skype pela noite. Não é a mesma coisa, claro. Não é como se eu fosse acordar no dia seguinte e tê-lo ao meu lado. Não é como se pudesse beijá-lo ou sentir seu cheiro pela câmera. Sou eternamente grata pela tecnologia ter nos agraciado com a internet e eu ser agraciada em condições financeiras de possuir um computador, um celular e internet, mas a tristeza ainda é grande demais para fingir que tá tudo bem e que esse negócio de relacionamento a distância é uma maravilha.

NÃO É!

Ninguém a minha volta parece entender a urgência que tenho de alcançar o telefone quando ele vibra ou correr para a frente do computador quando dá 16h, que é quando nos vemos pelo Skype. Um dia ouvi papai dizer “deixe ela, Tânia. É coisa de jovem. Daqui a pouco passa”. Me senti uma adolescente de 14 anos com o primeiro namorado, e até que é bem verdade.

Menos a parte deles acharem que “daqui a pouco passa”.

Ainda não contei que estou programando minha transferência. Enquanto isso, procuro um modo de conseguir dinheiro.

Ah, já ia esquecendo!

Me encontrei com Karen na quarta-feira depois da aula. Marcamos em um shopping no meio do trajeto para as duas e, Julia, ela está tão adulta... Vocês teriam a mesma idade agora, claro, mas tenho sua imagem com 20 anos na cabeça e levei um choque quando a vi pessoalmente. Ela me abraçou forte por alguns segundos, e fantasiei que poderia ser você, com 28 anos e dois filhos. Caleb e Lucas têm 5 e 3 anos, respectivamente. Ela está casada com o Vinicius há 6 anos e parece estar bem feliz.

Foi muito bom vê-la e, por incrível que pareça, só mencionamos você uma vez. Karen me convidou para almoçar com a família semana que vem, e estou pensando seriamente em ir.

Não lembro a última vez que escrevi tanto e meu pulso já está doendo. Volto em breve para te atualizar dos acontecimentos. Preciso ir agora que Daniel vai me ligar pelo Skype. Ele não sabe que eu te escrevo, mas se soubesse, te mandaria um beijo.

Então, beijos.



ERI < eri@reitoria.com.br >
para mim

Qui 23 Ago 2012

Boa tarde, Nina.

Primeiramente, pedimos perdão pela demora da resposta.

Pelo que entendi você gostaria de transferir a sua graduação para outro país, correto?

Nesse caso, infelizmente, o Escritório de Relações Internacionais da universidade não consegue te ajudar. Nossa atribuição se restringe apenas para transferência acadêmica do tipo Intercâmbio “sanduíche”. Você teria que atender aos requisitos da *Kings College London* ou qualquer outra universidade de destino, sem qualquer interferência da ERI.

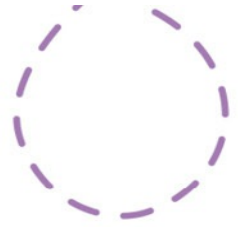
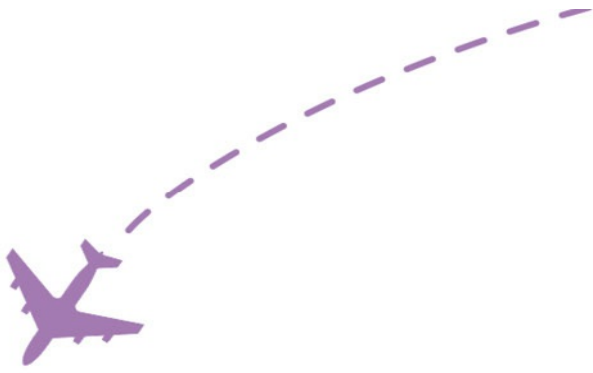
Caso tenha interesse no Intercâmbio, pedimos que fique de olho em nosso site, pois os editais são lançados no final do ano, para ser atendido para o próximo período letivo, no caso, 2013.1.

Já voltamos ao funcionamento, caso precise tirar alguma dúvida pessoalmente.

Espero ter ajudado.

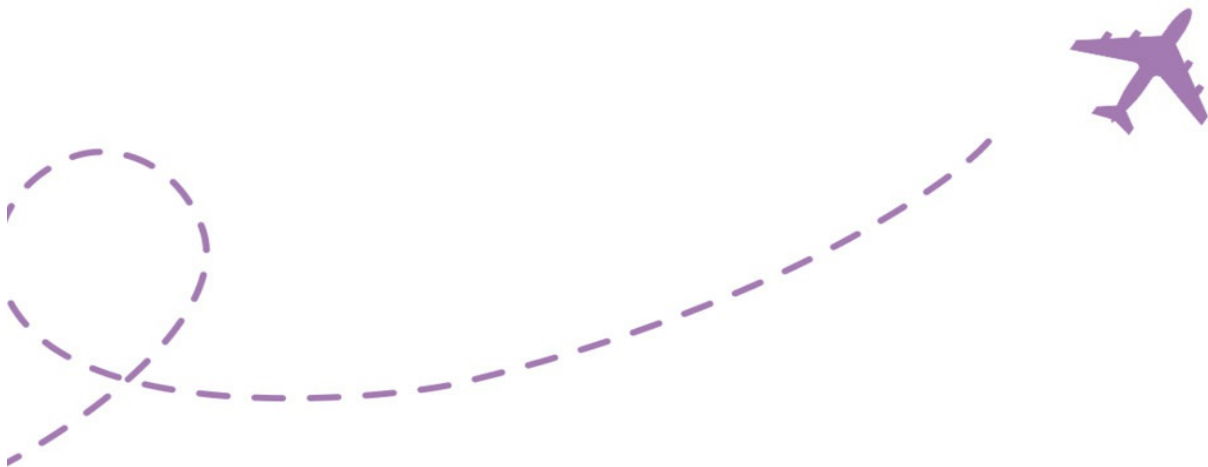
Att,

Diretoria.



Setembro

2012



— Oi! Tá me vendo? – aceno como uma idiota para a tela do computador, vendo minha imagem espelhada na telinha no canto. A tela maior que deveria mostrar o vídeo da outra ligação está completamente escuro.

— Cadê essa sua cara fedida? – ouço-a dizer do outro lado, e já estou rindo.

— Chels, eu estou te ouvindo, só não estou te vendo!

— Ah, também estou te ouvindo! Cacete, acho que nunca vou aprender a mexer nessa merda de telefone.

— Tem um ícone com a câmera. Clica nele.

— Ah, ache-AAAAAH olha sua cara fedida! – A tela explode em um nariz gigante que logo é diminuído quando ela afasta o celular, mostrando o rosto da amiga mais linda desse mundo. — *Girl*, que breu é esse aí?

— Estou no meu quarto, só com o abajur. Espera que eu vou acender a luz.

— QUE PIJAMA É ESSE, NINA? Foi para guerra e não me convidou?

Acendo a luz e volto correndo para a cama, já morrendo de rir ao ver que uso meu pijama guerreiro que tenho desde que me lembro por gente.

— Esquece a minha roupa! Até que enfim conseguimos ligar, hein? Por que não marcamos mais vezes de fazermos chamada de vídeo no seu horário de almoço?

— Porque essa hora eu almoço!?

Reviro os olhos, e se estivéssemos frente a frente, eu teria lhe dado um soco.

— Nosso relacionamento precisa de sacrifícios, Chels! Me ajuda aí! São 23h da noite aqui, eu tendo que acordar cedo amanhã, e você se recusando a fazer uma ligação por que tem que comer?

Ela joga o cabelo para trás e parece andar enquanto segura o celular, pois além da imagem estar tremendo muito, vejo o cenário mudar. Apenas alguns passos e Chels está do lado de fora. O céu azul bate em seu rosto e tudo em volta se torna verde.

— Tá, você me convenceu. Vamos ligar na hora do meu almoço.

Agora deixa eu te apresentar o campus da minha faculdade.

Passo os próximos dez minutos vendo gramados, jovens e prédios.

— Tá, Chels. Cansei de ver sua faculdade. Volta para a sua cara.

— Pronto, voltei. Que horas são aí?

Toda vez ela pergunta. Acho que não sabe somar onze a mais em seu horário local.

— Onze horas, já te disse. É muito estranho ser quase meia noite aqui, e aí ser meio dia.

— Pois é. A primavera tá começando hoje. Aí é o que? Outono?

— Estamos no mesmo hemisfério, Chels! Pelo amor de Deus!

— VOCÊ NÃO GRITA COMIGO, HEIN!

— Que garota do tempo você vai ser se não sabe geografia? – Me atrevo a cutucar a onça com vara curta, e só faço isso porque estamos conversando de longe, senão seria a minha vez de levar um soco.

Chelsea termina a faculdade de jornalismo ano que vem e tem sonhos e planos de trabalhar na televisão. Por isso sempre que tenho a chance, faço piada sobre seu futuro trabalho, e aparentemente ela não gosta da ideia de ser a garota do tempo, pois passa os próximos três segundos me xingando de todos os nomes.

— Você me respeita! – finaliza, enfim, caprichando no drama ao jogar o cabelo para trás mais uma vez.

Eu amo essa garota.

— Como estão as coisas com o enferrujado?

— Ah, estão bem. Levamos um banho de água fria sobre a transferência, como te disse. Esse intercâmbio “sanduíche” é legal, pois posso fazer até dois semestres do curso lá, mas tenho que cursar o primeiro e o último semestre aqui.

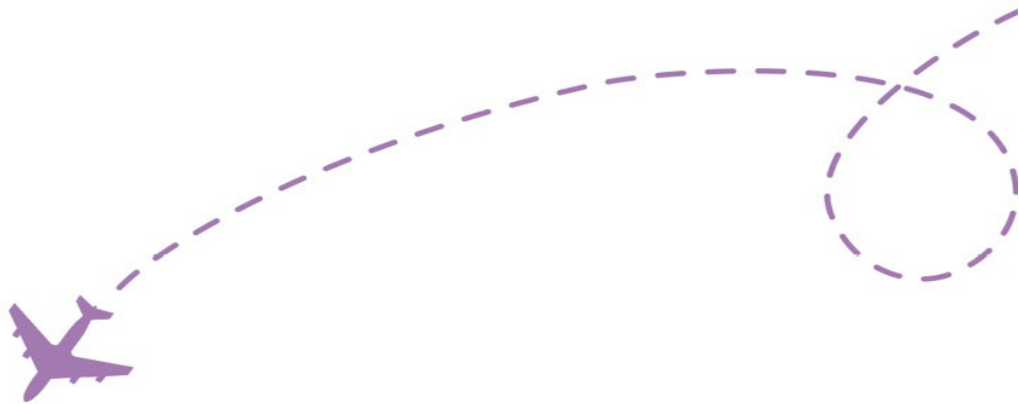
— Mas vocês estão conseguindo lidar com a distância?

— E quais opções temos? – solto um suspiro pesado. — Semana que vem faz dois meses que voltei e nós conversamos, nos vemos com regularidade, mas não é a mesma coisa. Ainda sinto falta dele.

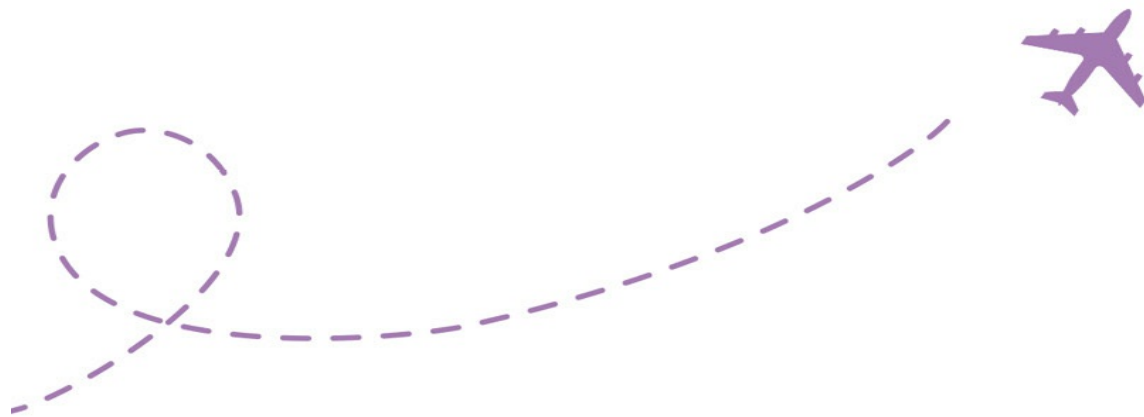
Chels fica em silêncio por alguns segundos.

— Eu admiro muito vocês, de verdade. E torço para que continue dando certo e que você consiga voltar para Londres semestre que vem e ser feliz com seu homem.

— Eu também, Chels. Eu também.



Outubro
2012



Out 10, 2012

Daniel: Sei que são 3h30 da manhã aí e você está dormindo, mas hoje o despertador tocou e depois de travá-lo eu virei para te abraçar. 03:34
Só que você não estava aqui 03:34

Agora estou no metrô indo trabalhar 03:40

A dor do vazio parece que vai me comer vivo 03:40

Hoje o dia vai ser foda 03:40

Nunca pensei que sentiria tanto a falta de tocar alguém 03:41

De *sentir* alguém 03:41

Sinto falta de você por inteiro, claro, mas hoje eu faria tudo para te beijar 03:41

Cheguei no trabalho 04:02

Estou ficando de saco cheio desse lugar 04:02

Sabe aqueles rumores que disse ter ouvido sobre ter pessoas interessadas em comprar a escola? 04:05

Implementar outro método de ensino e tal? 04:05

Elijah acabou de me confirmar 04:05

Parece que os peixes grandes estão agora na sala da diretoria conversando os detalhes 04:06

Se for verdade, não sei se vou querer ficar 04:06

Você está sempre me dizendo para fazer o que gosto, sair desse emprego medíocre e procurar algo na minha área, e acho que é isso mesmo que vou fazer 04:06

Jack e Martin estão com um projeto de investimento e estavam conversando comigo sobre 04:07

Tenho um dinheiro guardado e se fizer acordo com a nova empresa que comprar a instituição de ser mandado embora, pego o dinheiro do seguro e invisto com eles 04:07

O que você acha? 04:07

Eu: Oi, amor 07:42

Bom dia 07:42

Jesus, quanta mensagem 07:42

Espera, vou ler todas e responder 07:42

Own, eu também sinto sua falta 07:43

E sei que você quis dizer que sente falta

do sexo quando disse que sente
falta de sentir e tocar alguém 07:43

Eu também sinto 07:43

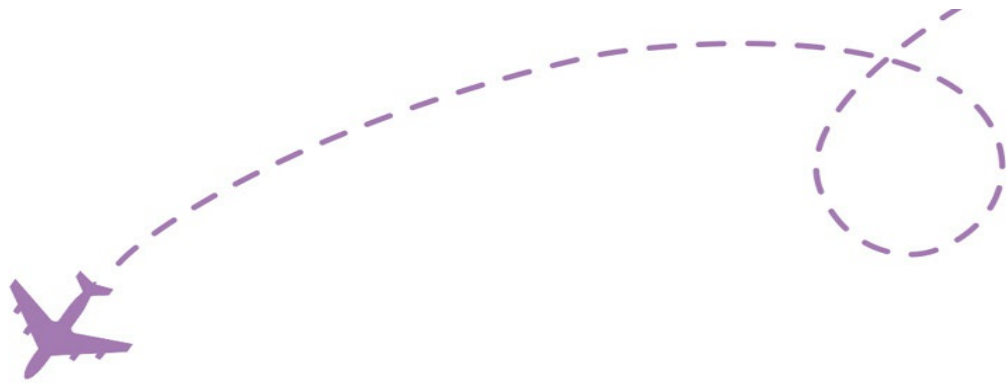
MUITO 07:43

Outubro já começou foda 07:44

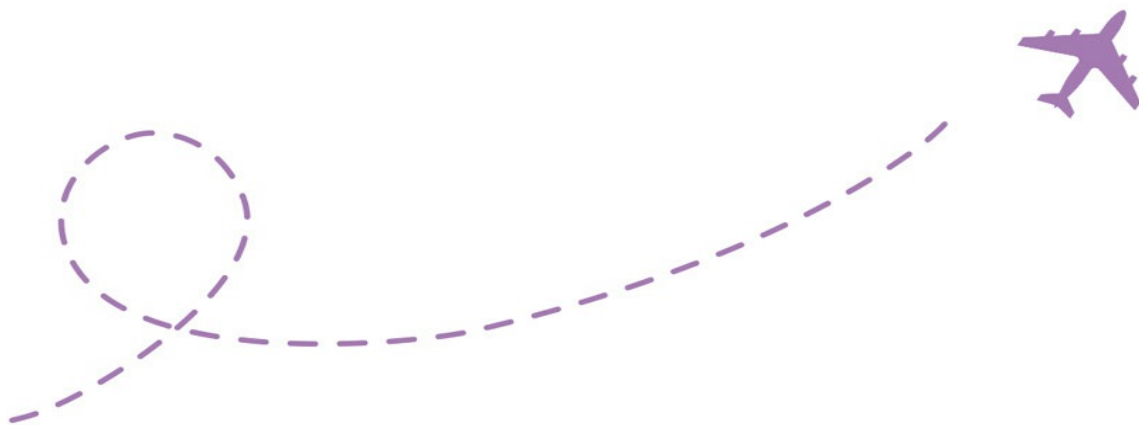
Sobre a venda da instituição: ME DEIXE ATUALIZADA! 07:45

Sobre o investimento do Jack e Martin: me explique o que é 07:45

Mas não se esqueça que quem é formado
em contabilidade e administração é você 07:46



Novembro
2012



11 de Novembro de 2012

Julia,

Nos mudamos!

Eu disse que a mamãe iria voltar atrás, não disse? Estamos em um apartamento de dois quartos, com cômodos mais amplos, perto da faculdade. Quero dizer, ela diz que é por causa da minha faculdade, mas eu sei que é para ficar mais perto da casa da tia Rita. No fundo ela sabe que não vou ficar aqui por muito tempo e já está se preparando para quando o ninho ficar vazio.

Esvaziar o seu quarto foi o mais difícil, e até Karen veio para ajudar. Mamãe se emocionou quando a viu, mas correu para buscar água como desculpa para chorar sozinha na cozinha. Karen ficou com alguns dos seus livros e perdeu um bom tempo olhando o álbum de fotos da época da escola. Me ofereci para scannear as que ela quisesse e mandar por e-mail depois.

Separamos o que iria para doação e o que seria jogado fora, e por mais que eu tenha sabido tarde demais que era sua intenção deixar a jaqueta preta para mim, fiquei com a blusa da Evanescence que era quase como seu uniforme. Doamos o seu computador de mesa para o museu (mentira, mas foi quase isso) e chamamos o exército da salvação para fazer a retirada dos móveis perfeitos e intocados, como cama, guarda-roupas, mesa de estudos e etc.

Agora, em pleno domingo, estou cercada por caixas enquanto tento arrumar meu quarto. Passamos o dia inteiro ontem montando estantes, cama, bancada, e hoje já comecei a arrumar os livros e tenho um lugar decente para dormir. Decidi escrever para te atualizar do que tem acontecido.

Daniel realmente saiu da Instituição, isso foi meio que um choque para mim. Sei que ele não está nem um pouco preocupado com isso: pelo contrário, parece que é o que sempre quis, mas é estranho pensar na sua ausência no lugar em que nos conhecemos (pela segunda vez).

As reuniões têm acontecido com bastante frequência, e parece que eles conseguiram mais um amigo para se juntar no investimento da criação do aplicativo. Pelo que entendi, será um aplicativo que tem acesso a todas as linhas de metrô e ônibus da cidade, onde o usuário poderá montar os melhores trajetos, ter acesso ao tempo de viagem e acima de tudo, acompanhar em tempo real a localização do ônibus ou quando passará o próximo metrô ou trem.

Eu acho que é muita tecnologia, e pelo que ele estava me explicando, é algo

que precisa ter aprovação de várias partes, inclusive do governo, por isso estamos apreensivos. O mais legal da história toda é que a ideia surgiu na mesa do pub que eles frequentam religiosamente depois do trabalho e Jack sempre chegava atrasado por perder os horários dos ônibus.

Bem coisa de filme, né?

Espero que dê certo para eles.

Enquanto isso, eu aguardo o resultado da classificação preliminar dos candidatos para intercâmbio no primeiro semestre de 2013. Me inscrevi no primeiro dia e o resultado sai em duas semanas. No meio disso, as provas finais vão acontecer, e eu sou uma máquina de ansiedade. Pensei que tudo o que o pessoal falava sobre faculdade ser um nível diferente de sofrimento referente ao ensino médio fosse exagero, mas não é. Agora tenho que lidar com provas, uma casa nova com coisas para arrumar pelos próximos dois meses (no mínimo), um namorado do outro lado do mundo e os freelas de tradução que aos poucos vou conseguindo arrumar.

Só consigo pensar em férias.

E em como preciso ver Daniel.

Logo.



28 Nov 2012

Daniel: Baby, vou entrar na reunião agora 10:03

A lista da classificação já saiu? 10:03

Eu: Não 10:03

Ainda são 10h aqui 10:04

Eles devem liberar só pela tarde 10:04

Daniel: Tudo bem 10:05

Vamos apresentar nosso projeto para os peixes grandes hoje 10:05

Grande dia para nós dois 10:05

Espero que voltemos com boas notícias 10:05

Prevejo que termine aqui umas 17h, o que será 13h aí 10:05

Me deixa atualizado 10:06

Quando sair, te mando mensagem ou ligo 10:06

Eu: Tudo bem 10:07
Boa sorte com a aprovação 10:07
Torcendo por você 10:07

Daniel: Vai dar tudo certo. 10:07

Eu: SAIU A LISTA! 13:14
EU PASSEI NA PRELIMINAR! 13:14
AMOR, VOU ESTUDAR AÍ O ANO QUE VEM! 13:14
AAAAAAAHAH 13:14

Daniel: É SÉRIO? 13:32

Mas é definitivo? 13:32

Baby, estou vibrando em dobro aqui 13:32

Que dia!! 13:32

Eu: Não, é a preliminar 13:33
Mas já é meio caminho andado, né? 13:33
O que pode dar errado agora? 13:33
Espera, vibrando em dobro? 13:33
Quer dizer que vocês ganharam a permissão pra executar o
aplicativo? 13:34

Daniel: SIM! 13:34

O governo, as empresas de transporte 13:34

TUDO! 13:34

Nossa, vai ser uma loucura agora 13:34

A correria só vai aumentar 13:34

Mas a pior parte da burocracia já passou 13:34

Eu: Isso é tão incrível! 13:35
Acho que o prédio todo ouviu meus gritos 13:35
Chega logo em casa para eu poder te ligar 13:35
Quero logo ver essa cara maravilhosa 13:35
NÓS VAMOS NOS VEEEEEEER 13:35

Daniel: Sobre isso... 13:36

Estou indo com os rapazes comemorar a conquista de hoje 13:36

Mas não vou conseguir chegar em casa para te dar a notícia 13:36

Então... 13:36

Nina Benevenuto Marques... 13:37

Eu comprei passagens para passar as festas de fim de ano com você

13:37

Eu: VOCÊ O QUE? 13:37

Daniel: Sim, vou dia 21 de dezembro e volto dia 4 de janeiro 13:37

Eu: AAAAAAAAAAAAA
AAAAAAAAAAAAAAH 13:37

Daniel: É pouco tempo, eu sei 13:37

Eu: AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA
AAAAAAAAAAAAAAH 13:37

Daniel: Mas o Eye Route vai ser lançado no final do mês 13:38

Então vou precisar estar aqui para todos os tramites 13:38

Eu: NÃO ME IMPORTO 13:38

Pelo menos eu vou te ver! 13:38

Pensei que todos as indiretas que joguei não serviriam de nada!
13:38

Capaz de começo de fevereiro eu já estar aí! 13:38

Daniel: Eu entendi todas as vezes que você ensinuou que eu fosse
13:39

Mas não sabia se iria conseguir ir por causa da empresa e tal 13:39

Os rapazes me deram uma força para eu ir 13:39

Eu: Vou agradecer um a um pessoalmente quando for em fevereiro
13:39

Eles são os melhores 13:40

MEU DEUS EU TÔ TÃO ANIMADA! 13:40

2013 vai ser incrível! 13:40

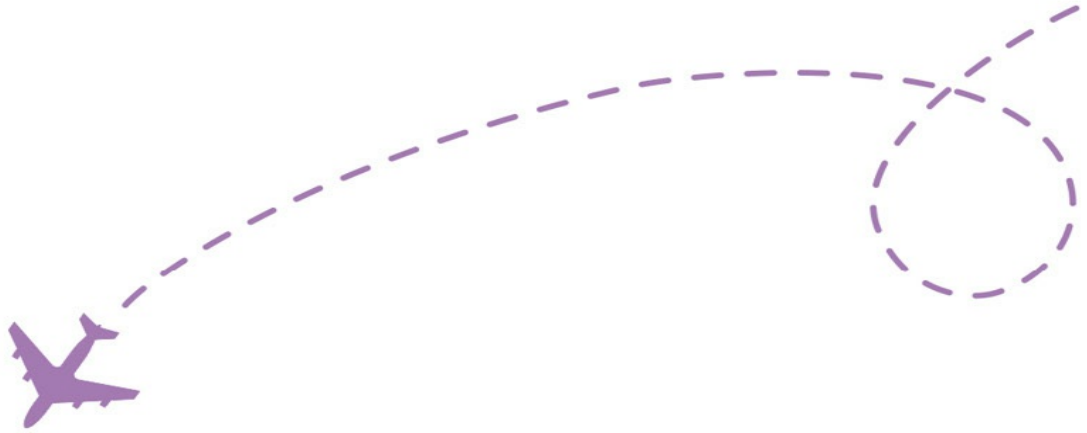
Te amo, amor! 13:40

Daniel: Também te amo, *baby* 13:41

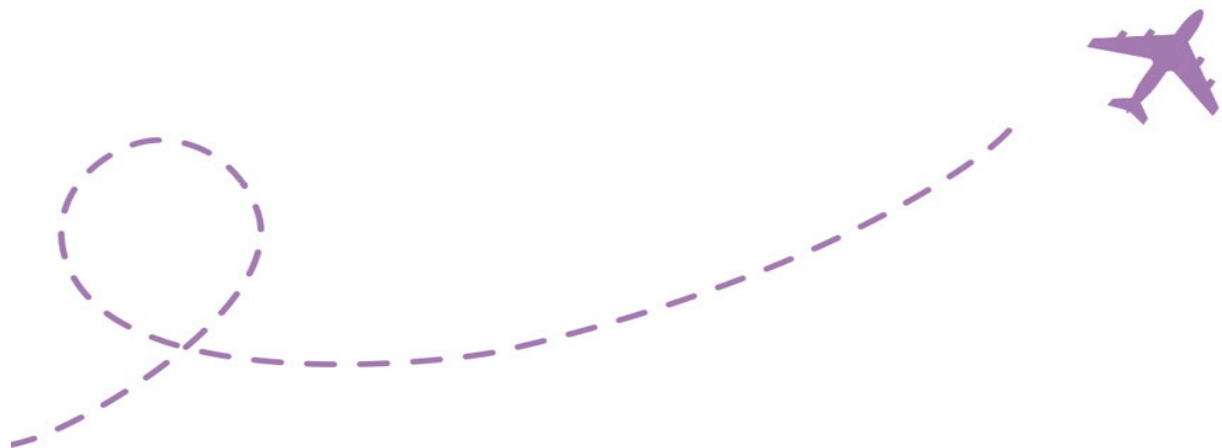
Agora preciso ir, estão pegando no meu pé por eu não largar o
telefone 13:41

Se estiver acordada mais tarde, te ligo 13:41

Eu: Comemore por nós dois! 13:42



Dezembro
2012



1 Dez 2012

Emma: Oi, *sister*! 21:22

Dan me disse que você vai vir estudar aqui ano que vem 21:22

Que demais! 21:22

Ansiosa para te ver de novo 21:22

Eu: Ei, Emma! 21:24

Que demora para me responder, menina! 21:24

Emma: Eu sei, desculpe 21:24

Fiz a última prova ontem, está tudo uma loucura 21:23

Estou esperando o resultado para saber se vou para casa ou não 21:23

Como foi seu primeiro período? 21:23

Eu: Puxado, mas imagino que não chegou nem aos pés do seu 21:24

Medicina está sendo o que você imaginou? 21:24

Já sabe no que quer se especializar? 21:24

Emma: Tudo e muito mais 21:26

É bem pesado, mas estou animada 21:26

Ainda estou dividida entre cirurgia geral ou cardiologia 21:26

Não sei... 21:26

Como foi saber que vai voltar para Londres ano que vem? 21:26

Eu: Então, ainda não está certo 21:26

Estou esperando a classificação final 21:27

Mas tenho quase certeza de que vou, e estou bem animada 21:27

Emma: Fico muito feliz! 21:27

Te aviso por antecedência que mamãe não gostou nada da ideia de Daniel passar o natal e ano novo longe de casa 21:29

Ela me ligou quando soube e falou no meu ouvido por meia hora 21:29

Eu: hahahaha 21:30

Isso é bem a cara de Margareth, mesmo 21:30

Ainda bem que seu irmão é maior de idade e vacinado 21:30

Emma: Falou tudo, *sister* 21:30

Venha logo nos visitar 21:31

Estou com saudades 21:31

Eu: Também estou morrendo de saudades 21:31

Se tudo der certo, nos vemos em fevereiro 21:31

Emma: Torcendo 21:32



11 Dez 2012

Eu: Dan, você tá aí? 14:50

Me atende, pelo amor de deus 14:50

É urgente 14:50

Daniel, saiu a classificação final do intercâmbio 14:55

E eu não passei 14:55

E seria muito bom se eu tivesse meu namorado
aqui para me dar um suporte 14:59

... 15:04

São 20h aí, onde diabos você está? 16:32

Daniel: Oi, baby 19:23

Desculpa, fiquei sem bateria 19:23

Estava com os rapazes 19:23

Espera, o quê??? 19:23

Como assim você não passou? 19:23

Nina, eu tô te vendo online 19:24

Me responde 19:24

Amor, me desculpe não ter estado aqui 19:30

Eu tinha esquecido que a classificação saía hoje 19:30

Fala comigo, por favor... 19:30

Eu: Meu CR e porcentagem de créditos não foram suficientes 19:42

Falaram para eu tentar de novo semestre que vem 19:42

Mas só para 2013.2 19:42

Eu estou cansada disso 19:45

Daniel: Cansada de que? 19:45

Eu: De tudo dar errado para nós 19:46

Por que não posso ter as duas coisas que mais quero? 19:46

Por que tenho que ficar constantemente lutando? 19:46

Daniel: Deixa eu te ligar 19:47

Eu: Não 19:47

Estou chorando horrores 19:47

Você não ia entender nada 19:47

Daniel: Não tem problema, vai para o Skype 19:48

Eu quero te ver 19:48

Eu: Já vai dar meia noite aí 19:50

Você não precisa acordar cedo amanhã? 19:50

Daniel: Preciso 19:50

Mas preciso mais ainda cuidar da minha namorada 19:50

Vamos, liga o computador 19:50

Eu: Estou indo... 19:51



21 Dez 2012

Eu: Mãe, já cheguei no aeroporto 08:14

Pelo amor de Deus, fala pro pai não me fazer passar vergonha 08:14

Com piadinhas de coisa em português 08:14

Porque Daniel não é burro e eu ensinei algumas coisas pra ele 08:14

Palavrões, inclusive 08:14

Se comportem 08:14

Tânia: Ai, Nina 08:15

Fica calma 08:15

Estamos mais ansiosos para conhecê-lo do que qualquer coisa 08:15

Não vamos te envergonhar, fica tranquila 08:15

Me avise quando ele chegar 08:15

Eu: Tá bom 08:16

Nós vamos pro hotel primeiro 08:16

Para ele deixar as malas e tomar um banho, coitado 08:16

Só eu sei o quanto essa viagem é cansativa 08:16

Chegamos aí na hora do almoço 08:16

Pelo menos é o que eu espero 08:16

Tânia: Você vigia, hein 08:16



31 Dez 2012

Chels: FELIZ ANO NOOOOOOOVO 13:01

Obrigada por ter feito meu 2012 tão importante 13:01

Londres foi incrível para nós duas 13:02

Que 2013 seja uma continuação maravilhosa! 13:02

Que você seja muito feliz com seu homem 13:02

Que a faculdade seja um sucesso 13:02

E que você consiga vir na minha formatura 13:02

Eu: hahahahahha 13:03

Feliz ano novo, Chels! 13:03

Mas ainda são 13h aqui 13:03

Mesmo assim, também agradeço por ter te conhecido esse ano 13:03

2012 foi o melhor 13:03

E te conhecer foi só mais um ponto positivo 13:03

Espero que nossa amizade dure para sempre 13:04

Por mais que a distância seja difícil 13:04

Chels: Se depender de mim, você vai ter que me aturar pelo resto da vida! 13:05

Como está a estadia do enferrujado aí? 13:05

Ele já experimentou o que é calor de verdade? 13:05

Eu: Ele tá aqui do meu lado haha 13:06

Estamos na praia 13:06

Nesse momento ele está passando o protetor solar fator 70 e com a camisa térmica 13:06

Mas acho que é tarde demais 13:06

já tá parecendo um camarão 13:06

Vou te mandar foto, pera 13:06

Chels: HAHAAHAHAHAHAHAHAHAHA 13:07

MEU DEUS 13:07

EU VIVI PRA VER 13:07

DANIEL QUEIMADO DE SOL 13:07

HAHAHAHAHAHAHAHAHAHA 13:07

Eu: hahahahahaha 13:08

Ele tá mandando um oi e um beijo 13:08

Estamos em Arraial do Cabo 13:08

É um paraíso escondido no Rio 13:08

Espero te trazer aqui quando vier me visitar 13:08

Chels: Quero 13:09

Pra ontem 13:09

O que seus pais disseram sobre você voltar com ele para Londres?
13:09

Eu: Ah, nada, né 13:09

Acho que ficaram felizes, até 13:09

Viram o quanto eu sofri por não ter
conseguido o intercâmbio pela faculdade 13:10

E o Dan tem estado um pouco *off*
no último mês por causa do Eye Route 13:10

Acho que me levar com ele para passar
as 3 semanas foi o jeito de se redimir 13:10

Espero que não me arrependa 13:10

Chels: E por que se arrependeria? 13:12

Eu: Exatamente pelos motivos que citei acima 13:12

Ele anda muito ocupado 13:12

O app vai ser lançado oficialmente semana que vem 13:12

Vai ser um mês intenso 13:13

Não sei se ter que dar atenção para a namorada 13:13

que você não vê em 5 meses é o ideal 13:13

quando seu futuro depende de um investimento 13:13

tão grande dar certo 13:13

Chels: Entendo... 13:14

Bem, a vida é feita de sacrifícios 13:14

E vocês sabem bem disso 13:14

Sei que vão conseguir lidar com o que vier 13:14

Eu: É, também acho 13:15

O que sentimos é com certeza mais forte 13:15

Chels: Exatamente 13:15

Agora eu preciso ir 13:16

Daqui 10h se eu ainda não estiver em coma alcoólico 13:16

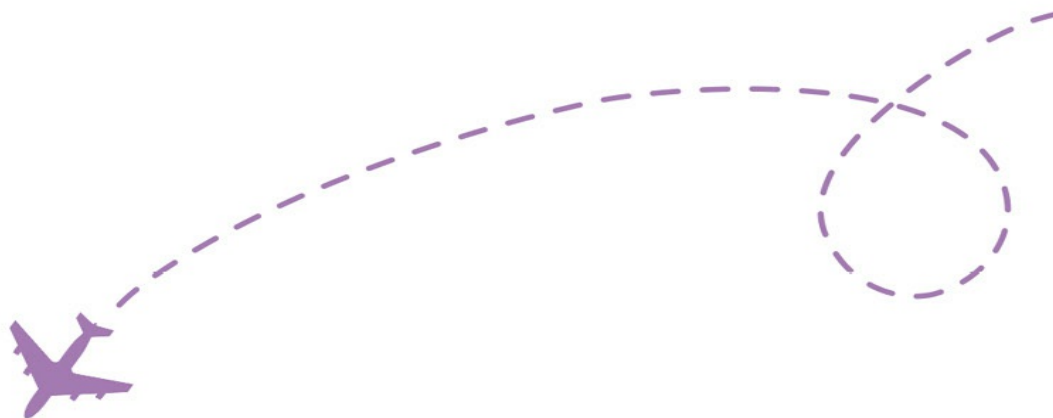
Volto para te desejar feliz ano novo de novo 13:16

Eu: hahahahaha 13:16

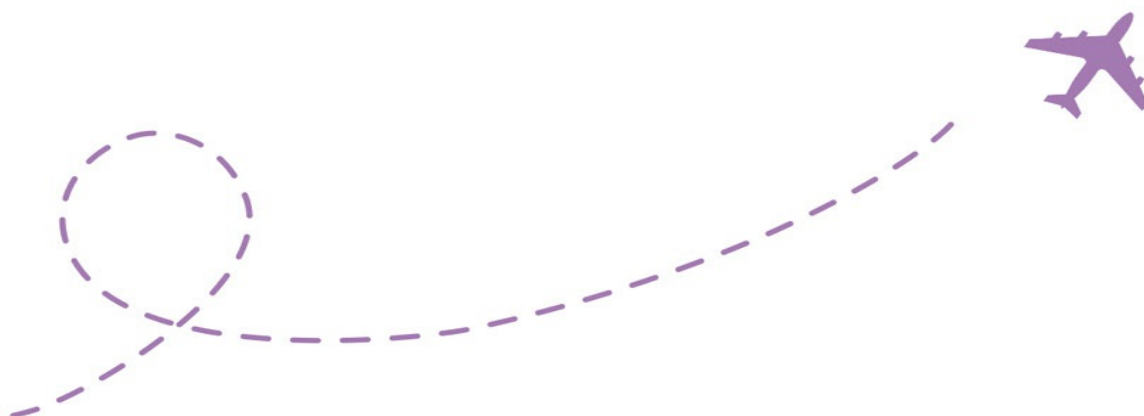
Tá bom 13:17

Te amo! 13:17

Chels: TAMBÉM TE AMO 13:20



Janeiro
2013



6 Jan 2013

Chels: UAAAL 19:42

E esse casalzão???? 19:42

Que foto linda, Nina! 19:42

Como está a festa de lançamento? 19:42

Eu: Está melhor do que eu imaginava 19:45

É coisa pequena, mais para a mídia, mesmo 19:45

Tem uma equipe do The Times aqui 19:45

Não tô nem acreditando 19:45

Chels: Amiga, acho que você estará casada com um multimilionário em breve 19:47

Não se esqueça dos pobres, por favor 19:47

Eu: hahahaha 19:50

Que nada 19:50

Tem muita coisa para rolar, ainda 19:50

Estou feliz o suficiente por Emma ter vindo 19:50

Daniel não para de dar entrevistas e tirar foto com os amigos 19:50

Se tive 10min de atenção dele hoje, foi muito 19:50

Mas o dia é deles, então tô feliz 19:50

Chels: Garota, tem champanhe à vontade 19:51

E você tá se importando por seu namorado

estar tendo os 15min de fama dele? 19:51

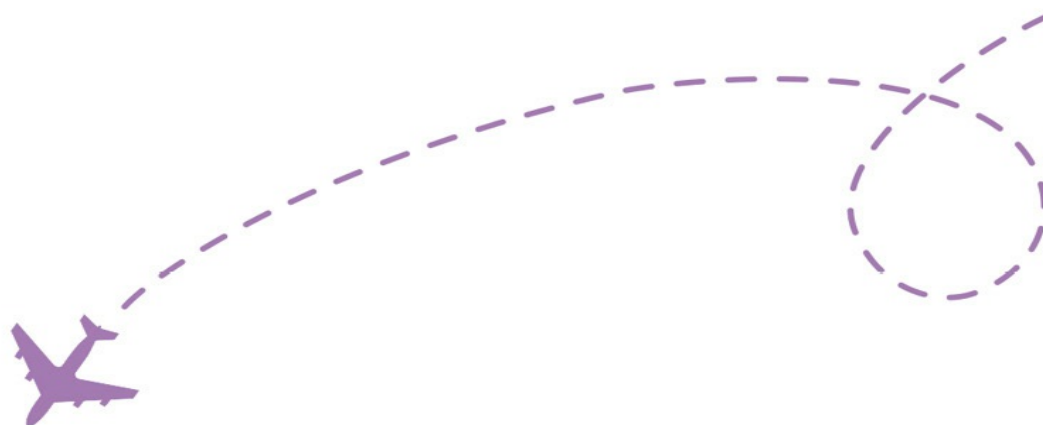
Vai encher a cara 19:51

Eu: É o que tenho feito desde que cheguei 19:52

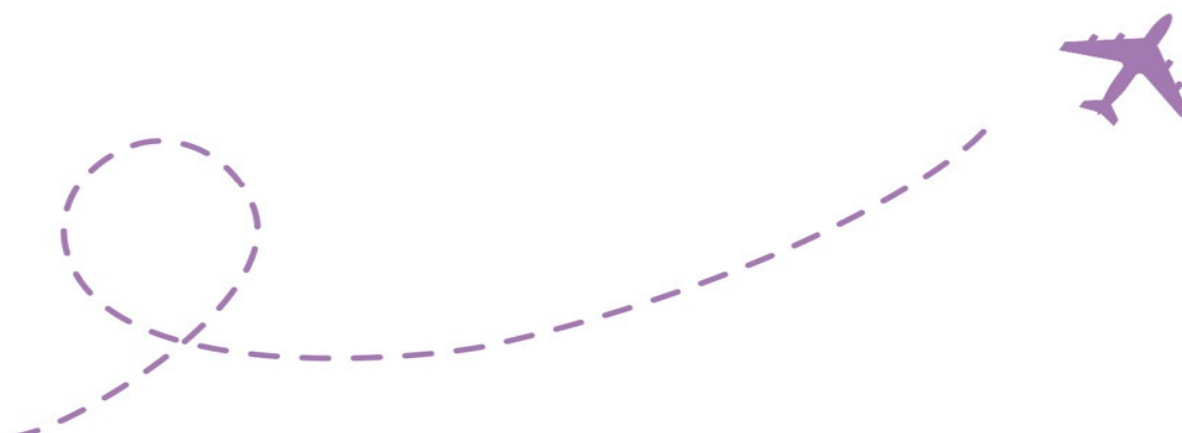
Emma já se encarregou de me levar para casa 19:52

Chels: Viu? Todo mundo ganha 19:55

Se joga! 19:55



Fevereiro
2013



15 Fev 2013

Daniel: Ei, estou tentando te ligar 19:55

tá dando desligado 19:55

Onde você tá? 19:55

As mensagens não estão chegando 19:55

Porra Nina 20:03

Não me deixa preocupado 20:03

Última vez que falou comigo foi 1Vh 20:03

Sua mãe disse que você saiu com a Sara 20:15

É aquela sua amiga da faculdade, né? 20:15

Olha, eu vou tentar dormir 21:03

Já é 1h da manhã aqui 21:03

Mas se aparecer, me liga 21:03

To preocupado 21:03

Eu: Oi 03:27

Descupa 03:27

Chegyei em casa agora 03:27

Siau com a data sim 03:27

Utima secta de carnaval 03:27

São 3h da manhã aqui então voce deve ta indo trabalha 03:28

Eu vou dormir 03:28

Ainda tô bêbada 03:28

Bjs 03:28

Daniel: Você ficou das 14h às 3h da manhã na rua, Nina? 04:02

Espero que não tenha feito nada que vá se arrepender mais tarde
04:02

Eu: Oi 12:21

Sim, cheguei 3h em casa, mas antes
disso passei na casa da Sara pra tomar banho 12:21

E a única coisa que me arrependo de ter feito
foi ter vomitado no taxi 12:26

Mas não era isso que você esperava, né? 12:26

Daniel: Só esperava que você não me deixasse preocupado 12:28

Eu: Como das vezes que você fica até tarde no bar com os
“rapazes”? 12:30

Eu também fico preocupada, e ao contrário
dos bares que tem tomadas para carregar celulares,
no bloco em que eu estava, não tinha 12:30

Daniel: O que você tá querendo dizer com isso? 12:32

Nina? 12:45

Eu: Posso te ligar? 12:45

Daniel: Não sei 12:46

Você já tá sóbria pra isso? 12:46

Eu: Vá se foder, Daniel! 12:46



Marco
2013



7 Mar 2013

Chels: Que torta de climão, menina! 18:17

Eu: Pois é 18:17

No final pedimos desculpas 18:17

Os dois foram idiotas 18:17

Ele por achar que tem o direito de sair noite a fora e eu não 18:18

E eu por insinuar que não confio nele 18:18

Chels: Mas você confia? 18:19

Eu: Preciso, né? 18:19

Não sei o que ele faz 24h em Londres 18:19

E ele não sabe o que eu faço 24h aqui 18:19

Mas que as vezes dá raiva, dá 18:20

Tento não alimentar minhas neuras 18:20

Ele nunca me deu motivos para isso 18:20

Só quando sai com os amigos e demora a responder 18:20

Chels: Coragem, mesmo 18:21

Passei de não confiar em homem branco

para não confiar em homem nenhum 18:21

Eu: Ah, mas aquele Rick era um idiota, mesmo 18:22

Não desista do amor, amiga 18:22

Uma hora dá certo 18:22

Chels: Estou de férias do amor 18:22

Agora quero focar no meu estágio na rádio e me formar 18:23

Eu: Está gostando da experiência? 18:23

Chels: Não é a televisão 18:23

Mas temos que começar de algum lugar, né 18:23

Até que estou gostando 18:24

Dando o meu melhor para ser efetivada 18:24

Eu: Ah, não se preocupe 18:24

Você é maravilhosa 18:24

Vão te contratar antes que você pense 18:25

Chels: Que Deus ouça suas palavras 18:25

E como tá a Eye Route? 18:25

Eu: Argh 18:26

Não consigo nem mais ouvir esse nome 18:26

O que significa que tem feito sucesso, né? 18:26
Dois meses de lançamento e o marketing está caindo em cima 18:26
Aos poucos vão ganhando espaço no mercado 18:27
Mas já estão falando de expandir por toda a Inglaterra 18:27
E Jack, que pensa muito grande, tá pensando em todo o Reino
Unido 18:27

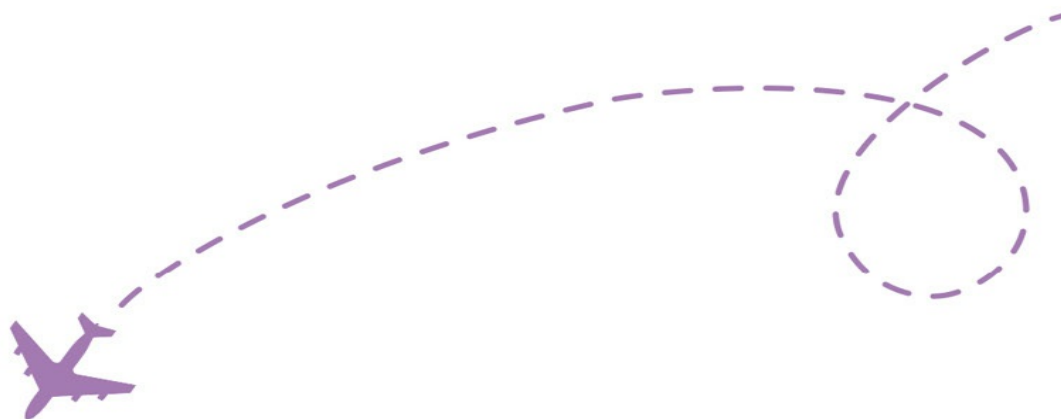
Chels: Eita 18:29

O que significa que seu homem anda bem ocupado 18:29

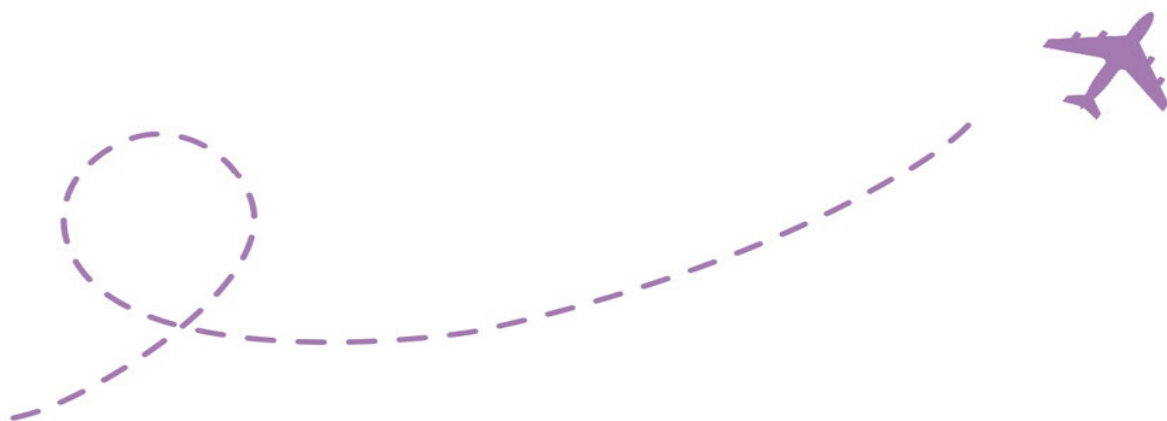
Eu: Nossa comunicação diminuiu pela metade 18:31

Chels: Eita 18:31

Eu: Sim. 18:31



Abril
2013



4 de Abril de 2013

Julia,

Hoje Daniel trocou cerca de três mensagens comigo.

É muito egoísmo meu querer um pouco mais de atenção dele? Será que pelo menos tenho o direito de pedir isso? Às vezes acho que estou exigindo demais, sabe. Mas se as mensagens e ligações é o que nos conecta, o que mais posso pedir?

Me sinto culpada por querer que a Eye Route falhe de alguma forma, que ele brigue com os amigos, que saia do investimento. Uma parte minha sabe que isso não vai acontecer nem tão cedo. Ou nunca, até. Tudo tem ido tão bem... Em seis meses de projeto tudo tem ido de bem a melhor, e não duvido do sucesso, só...

Só sinto que isso não vai a lugar nenhum.

Esses dias me peguei tentando lembrar como era o sentimento de borboletas no estômago quando estava com ele. Como ansiava por uma ligação, como sorria toda vez que o celular vibrava. Ainda sinto tudo isso, mas parece que tenho que cobrar pelo mesmo, sabe? Se não for eu para mandar mensagem meia hora antes perguntando se podemos ligar, ele não o faz. Sempre aparece atrasado pedindo desculpas, falando que estava em uma reunião, com um cliente, com um potencial comprador, com um investidor.

Estou tentando adiar “a conversa” o máximo que posso, mas acho que terá de ser mais cedo do que imaginava. Preciso ser franca com ele, né? Não posso querer que ele veja o que tem me incomodado sem que diga como me sinto.

É isso.

Desculpe aparecer só para me lamentar, mas sinto que Chels não aguenta mais ouvir de Daniel e Sara não entende por que ainda estamos juntos, quando claramente seu irmão, Guilherme, está disposto a ocupar qualquer lugar que vague no meu coração.

O que temos é lindo e intenso demais para ser jogado fora por falta de comunicação.

Espero que ele entenda.

Te amo e sinto sua falta.

Nina.



Maio
2013



10 Mai 2013

Eu: Obrigada pelas flores 07:38

E pela cesta de café da manhã 07:38

Esperto da sua parte deixar uma carta que foi
escrita em janeiro com a minha mãe para que me entregasse só hoje
07:38

É bem do feitio dela esconder cartas por muito tempo hahahaha
07:38

Daniel: Ah, então você recebeu tudo 07:45

Graças a deus 07:45

Estava preocupado de dar alguma coisa errada 07:45

Sendo assim 07:45

FELIZ ANIVERSÁRIO! 07:45

Quando escrevi essa carta em janeiro não tínhamos passado nem por
metade das coisas que passamos desde que Eye Route foi lançada,
mas como bem mencionei, as coisas não serão fáceis, mas valerão a
pena 07:48

Sinto muito não estar aí para te presentear e te encher de beijos nesse
dia tão especial 07:48

Gostaria de fazer por você o dobro das coisas que fez para mim em
meu aniversário 07:49

Você é linda, incrível, inteligente e te amo muito 07:49

Vamos passar por isso e vencer 07:49

Juntos, ok? 07:50

Eu: Ok! 07:50

Fico feliz que você esteja tentando ser mais presente 07:5

Sei que a empresa tem te custado muito tempo 07:50

Mas sobrevivemos a 10 meses, podemos sobreviver a mais 2 07:51

Tenho me matado para manter as notas altas 2 07:51

Fazendo cursos extas para aumentar meu crédito 2 07:51

Dando aula de monitoria 2 07:52

Tudo para o intercâmbio sair semestre que vem 2 07:52

Vamos conseguir 2 07:52

Daniel: Acredito em você 07:54

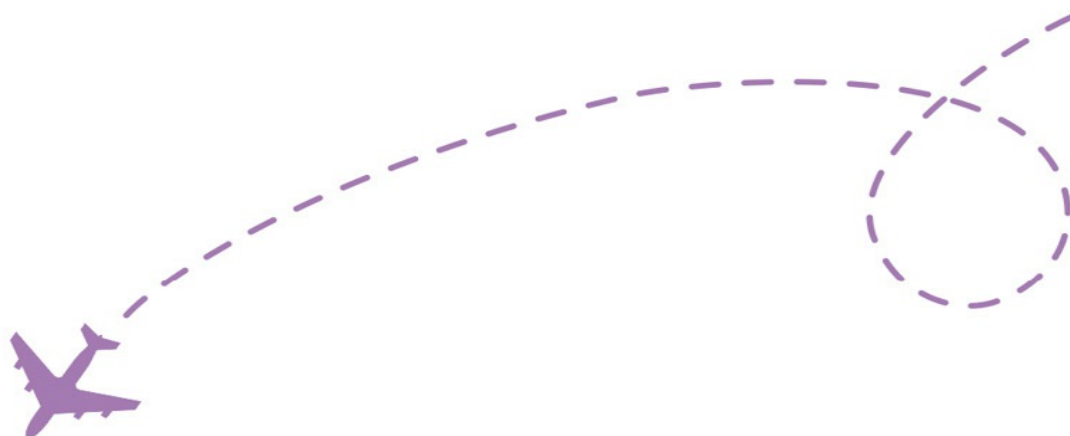
Da mesma forma que acredita em mim 07:54

Vai dar tudo certo 07:54

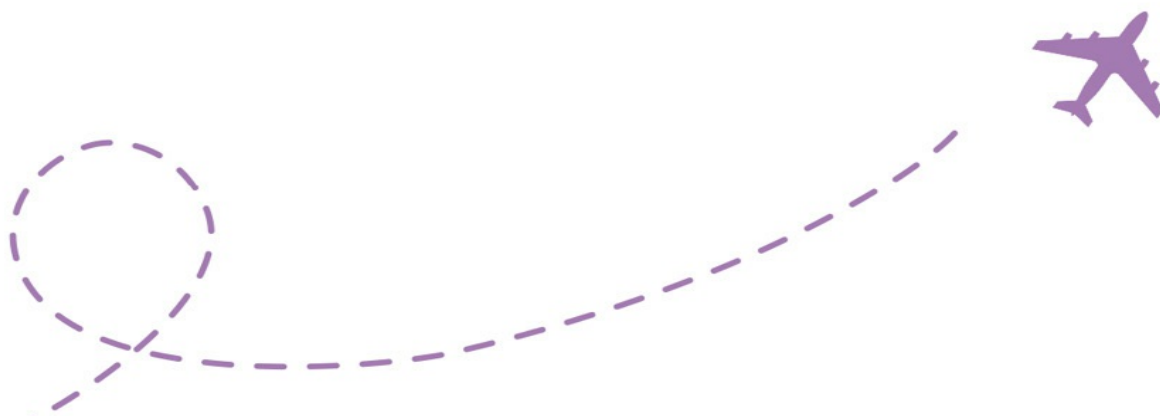
Eu: Sim 07:55
Te amo. 07:55

FORMULÁRIO PREENCHIDO

Sua inscrição foi enviada com sucesso!
Aguarde a confirmação da classificação
preliminar em nosso
portal no dia **24 de Junho de 2013**
7 de Junho de 2013, 15:33



Junho
2013



24 Jun 2013

Nina, 10:06

Dan, pode fazer uma chamada de vídeo?

Tenho uma notícia

Importantíssima!!!!

Daniel, 10:06

Oi, *baby*

Sim, mas precisa ser rápido

Saio em 5min

Também preciso te contar algo

Nina, 10:07

Ok...

Daniel Wolf está te ligando...

— Oi! – digo saltitante para a figura engravatada do outro lado da tela. Pelo cenário do fundo e o horário, imagino que esteja no escritório. — Como está seu dia?

— Bom! Muito bom, na verdade. Acabei de receber uma notícia ótima! – Daniel diz, sorrindo em êxtase do outro lado. Por um segundo, imagino que recebemos a mesma notícia.

Mas isso é impossível, porque eu só soube agora.

— Tá, conta a sua primeiro. – Quase não consigo conter a animação enquanto amasso o papel que tenho em mãos, pronta para esfregar na câmera.

— Não, pode falar a sua. Você parece mais animada.

— Não. Vou deixar a minha para o final porque vai anular qualquer notícia boa que você tem, de tão boa que é!

Daniel ri, e meu coração aperta de saudade.

— Tá... Vai parecer meio inusitado, mas parece que vou me mudar para Edimburgo mês que vem.

Posso perceber o segundo em que meu sorriso de animação congela e vai se desfazendo lentamente. Meu coração se estilhaça em milhares de pedaços, o choque é tão grande que não sei o que fazer a seguir. Por isso olho para baixo, para o papel que agora me encara de modo desafiador, e sinto todo o sangue sair do meu corpo.

— Nina? A internet caiu?

Engulo em seco e ergo os olhos, tentando esboçar um sorriso que deve estar parecendo mais como um derrame.

— Não. Não caiu. Como assim, você vai para Edimburgo?

— Surreal, né? — Ele ainda está sorrindo, maravilhado. — Precisamos mandar uma equipe para lá para acompanhar o processo do desenvolvimento do aplicativo na Escócia, e deram essa responsabilidade para mim. É uma honra, na verdade.

Meu silêncio é mortal.

Foco em respirar profundo e lentamente, pois não posso perder a postura desse jeito... Não posso quebrar na frente dele, não de novo, não depois de ter passado por tudo isso, não depois de ter crescido tanto em quase um ano...

Mas estou tão cansada...

Por isso, quando menos percebo, estou falando:

— Eu acho que isso não vai dar certo. — Minha voz estilhaçada, anunciando a angustia que me sufoca e o choro que ameaça escapar.

— O que não vai dar certo?

Nego lentamente com a cabeça enquanto rasgo o papel em pedaços tão pequenos que chagam machucar meus dedos no processo.

— Isso. A gente — ergo os olhos, vendo-o encarar a tela do computador do outro lado como se não entendesse nada. — Você não está cansado? Dos desencontros, das chamadas perdidas, das mensagens que demoram horas para serem respondidas... Não, espera, quem passa por isso sou eu — olho para o teto, pois preciso olhar para qualquer coisa que não seja seu olhar de tristeza do outro lado. — E agora você vai para a Escócia, para um novo projeto que muito provavelmente vai tirar o resto do tempo livre que tem, vai sobrar o que para nós?

Não consigo contar nos dedos das mãos e dos pés os segundos que passam em silêncio. Engulo em seco, tento conter o choro, mas a dor que sinto no meio do peito se abre mais ainda, deixando claro que dessa vez veio para ficar.

— O fuso-horário é o mesmo, Nina. Vamos continuar com a mesma rotina. É cansativo, eu sei, mas é temporário.

Rio com deboche, olhando-o diretamente de novo.

— Que rotina? A que trocamos dez mensagens? A que ligamos duas vezes na semana? E temporário por quanto tempo?

Não vejo na tela, mas ouço quando alguém abre a porta e pergunta “*Vamos? Estamos te esperando*”.

— Um minuto, já estou indo. — Ele responde para a pessoa invisível, e esse é só mais um dos exemplos que tenho para mostrar a ele como o tempo é relativo, no final não sobra nada para mim.

— Podemos conversar sobre isso mais tarde? Sinto que deveria ter te contato isso de um jeito diferente.

Dou de ombros.

— Não teria mudado nada.

— Nina, por favor... — olho-o, e não vejo nada mais do que tristeza.

— Isso é importante para mim.

— Sim. E eu estou feliz por você. Quero que o aplicativo seja um sucesso, que vocês continuem crescendo, que a Escócia seja uma boa experiência para você. Mas não há mais lugar para mim, Dan...

Ele engole em seco, o primeiro sinal em um ano de que é capaz de chorar.

— Você tem certeza disso?

Essa dor que sinto

— Não — *deve ser a dor* — Mas não vejo mais espaço para mim na sua vida — *de um coração partido*.

Agora eu entendo

— Vamos, cara! O carro está esperando! — A pessoa fantasma diz e Dan respira fundo passando a mão nos olhos para afastar qualquer vestígio de emoção.

— Posso te ligar mais tarde?

O sentido da palavra “coração partido”

— Tá.

Ele parece contrariado de ter que ir logo agora, mas assente.

— Preciso ir. Vou te ligar!

Porque dói tanto que parece que seu coração realmente abriu em dois e sangra sem parar.

Daniel Wolf encerrou a chamada

10:21

Fecho o notebook, segurando o rosto com as mãos enquanto a torrente de lágrimas me põe abaixo.

— Mas porque você não falou para ele que passou no intercâmbio, menina?! – Sara grita comigo enquanto me abraça e me aperta em seus braços.

Não consigo responder na hora, mas penso “*que diferença faz?*”

Ele não ligou naquele dia.



25 Jun 2013

Daniel Wolf

4 Ligações Perdidas

Daniel: Nina, podemos conversar? 15:26

Pode me atender, por favor? 15:26

Eu: Não estou em condições de falar agora 19:30

Mas você não ter ligado ontem quando
disse que ligaria só confirmou todo
meu ponto de vista 19:30

Daniel: Me desculpe! 19:31

As coisas saíram do controle, eu sei 19:31

Mas eu posso dar um jeito 19:31

Eu: Não 19:33

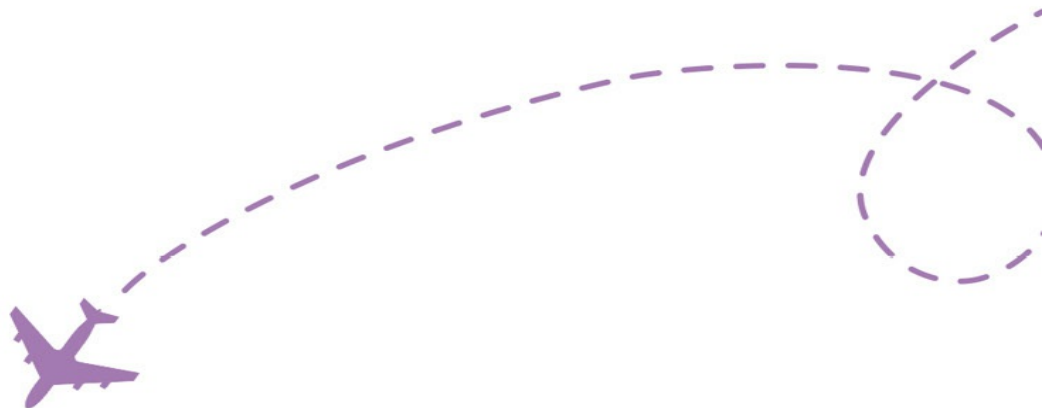
Não pode 19:33

E não sei mais se quero. 19:33

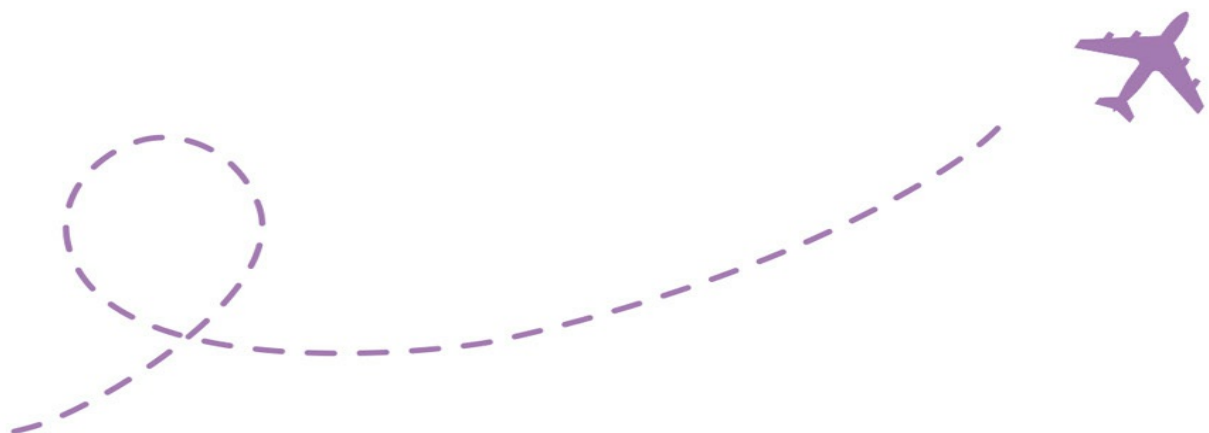
Deseja bloquear Daniel Wolf?

Os contatos bloqueados não poderão mais
ligar ou enviar mensagens.

CANCELAR BLOQUEAR



Julho
2013



15 Jul 2013

Emma: Bom dia, *sister*

Fico triste por ter ouvido de Daniel o que aconteceu

Pensei que você compartilharia comigo algo desse tipo

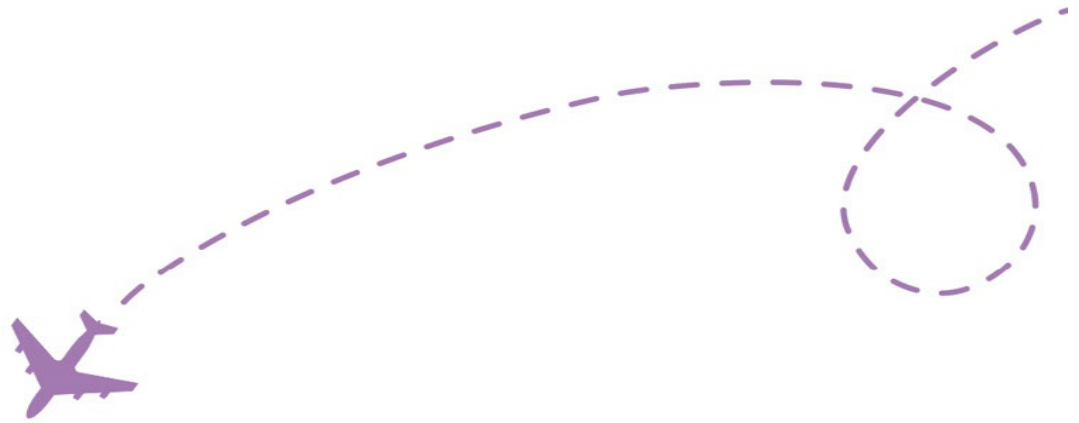
Não acredito que vocês terminaram

Depois de tudo o que houve...

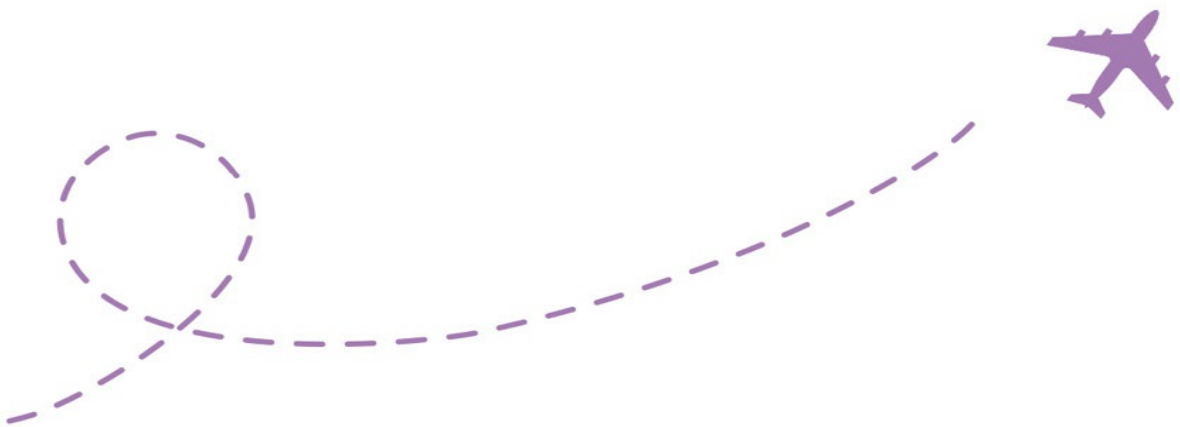
Tem certeza?

Ele não está me contando algo?

Quando der, por favor, fala comigo

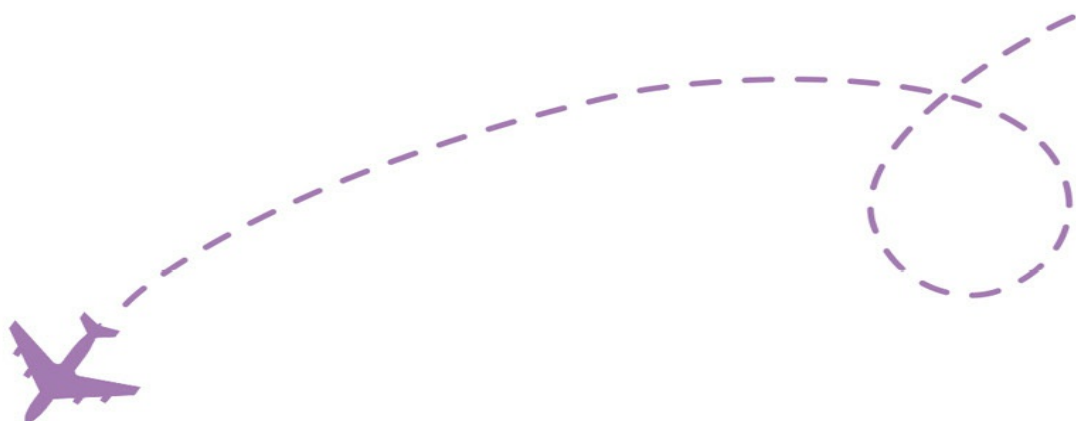


Agosto
2013

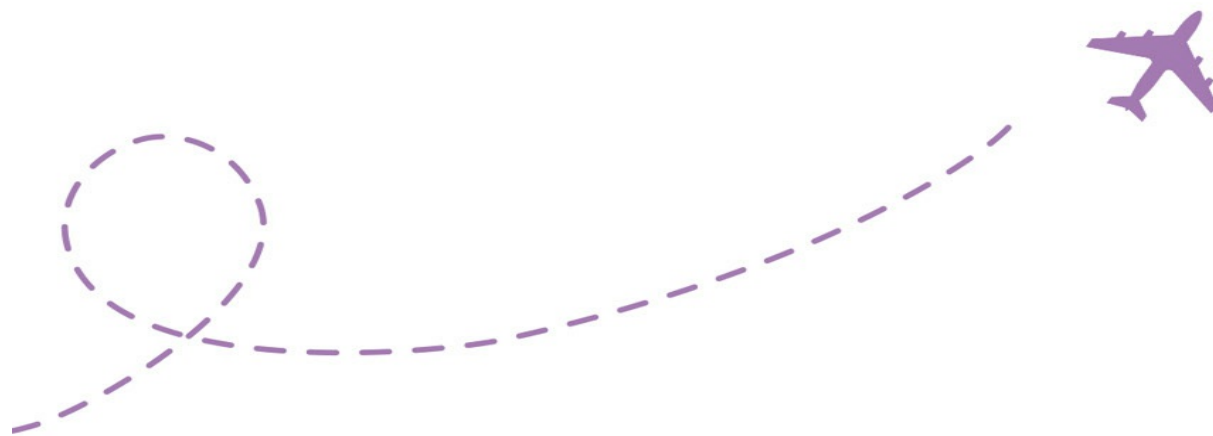


11 Ago 2013

Chels: Minha formatura não foi a mesma sem você aqui
Queria ter te apresentado o Will
Mas entendo pelo que você tem passado
Gostaria de poder te ajudar de alguma forma
Vocês têm conversado?
Acabou mesmo?
Quando tiver um tempinho, me liga
Sinto sua falta



Setembro
2013



12 Set 2013

Sara: Vou passar na sua casa para te buscar às 20h

Não quero saber se você quer sair ou não

Nós vamos

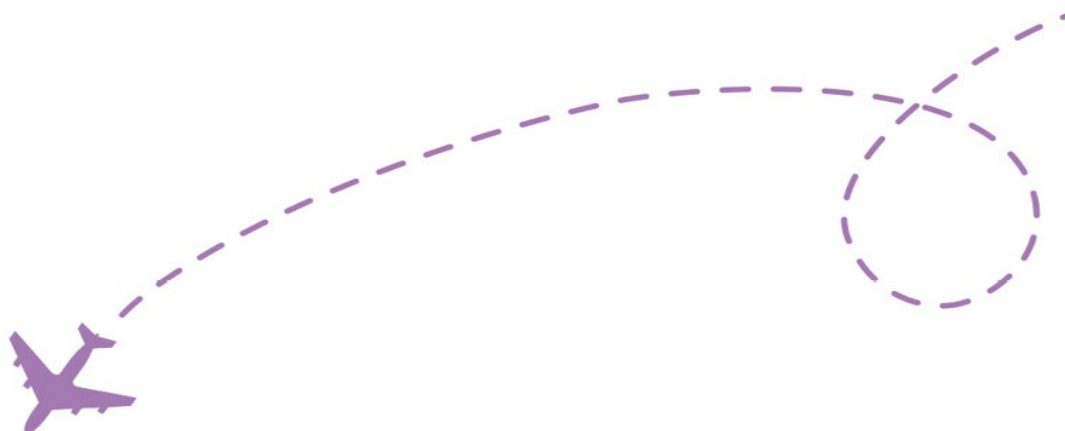
Estou cansada de te ver com essa cara de bunda

Vida que segue

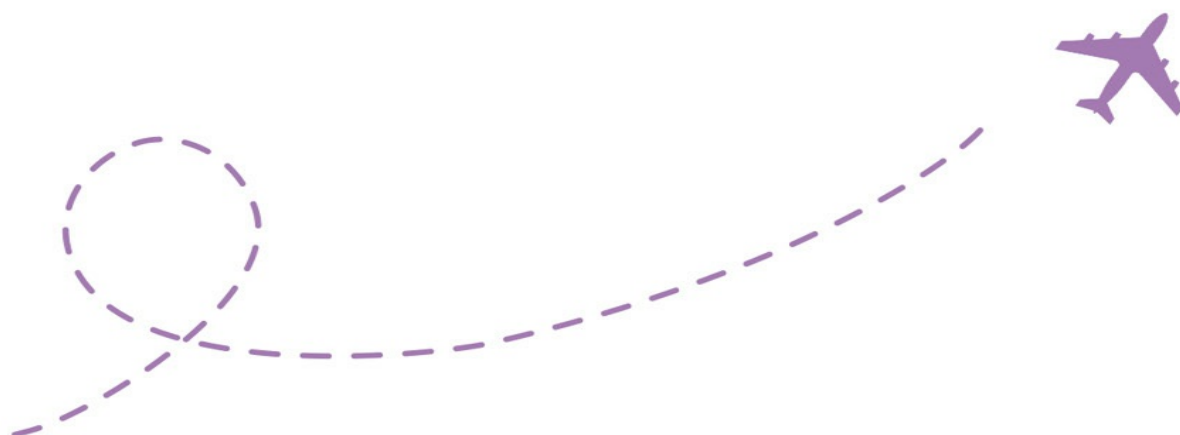
Eu, você, Thalita, Guilherme e o resto do pessoal na choppada

Vai ser um bom lembrete de que a vida é boa

SE ARRUMA!



Outubro
2013



12 Out 2013

Guilherme: Adorei a noite

Obrigado por ter aceitado sair comigo

Foi incrível

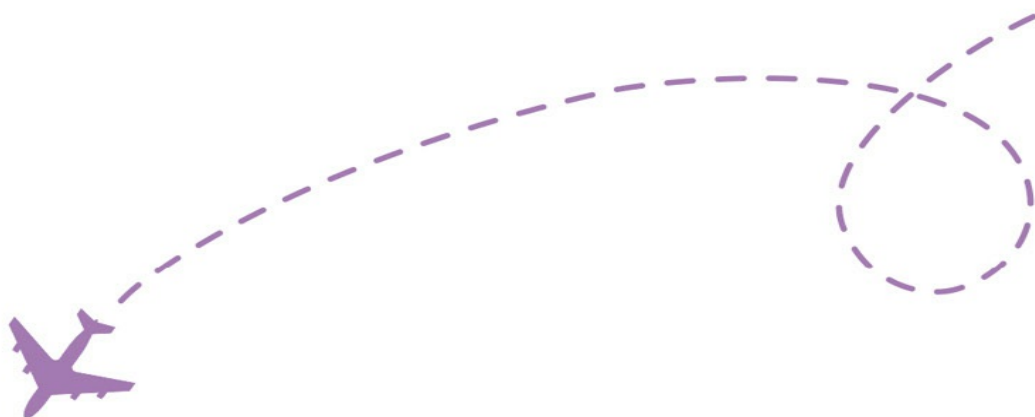
Te ver sorrir é um dos melhores milagres do universo

Não se preocupe: eu entendi quando disse que quer ir devagar

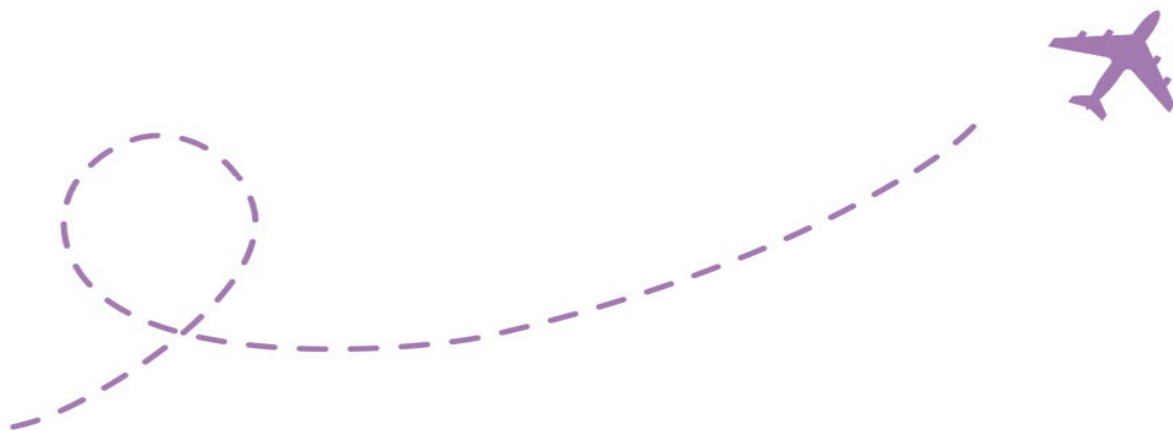
Não se esqueça que acompanhei boa parte do drama com o gringo

Vamos com calma

Não tenho pressa de ir a lugar nenhum



Dezembro
2013



22 Dez 2013

Chels: ESTOU INDO TE BUSCAR!

Demorou, mas esse dia chegou!

Sim, sei que você está sem sinal por causa do avião

Mas estou mandando mesmo assim

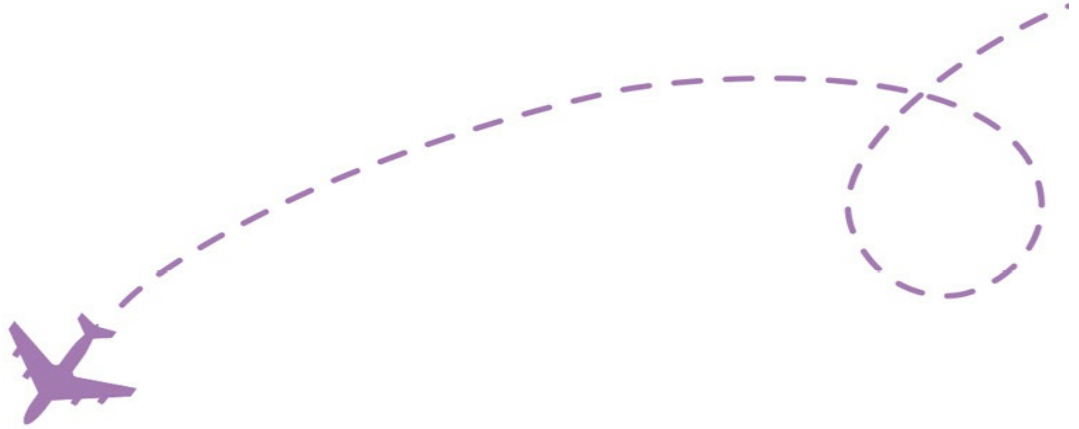
Nem acredito que tu tá chegando

Uhuul

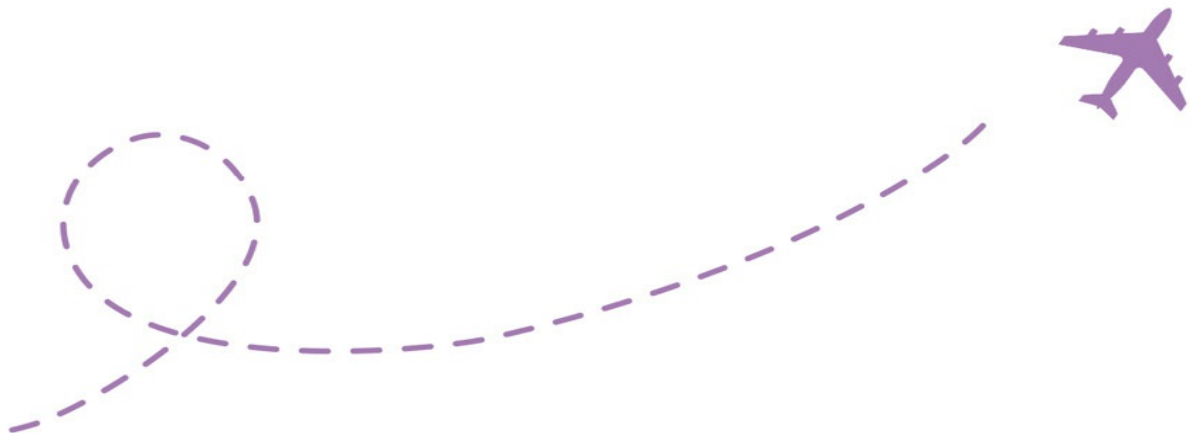
Tenho tanta coisa programada!

Vai ser o melhor final de ano

TE JURO!



Março
2014



6 Mar 2014

Eu: Sara, espero que você leve em consideração nossa amizade
Meu relacionamento com seu irmão nunca teve nada a ver com a
gente

Eu tentei, juro que tentei, e não tem nada a ver com ele

Guilherme é incrível, eu só não tô pronta ainda

Peço que pare de tomar as dores dele

Sei que não vai ser mais legal aparecer na sua casa

Mas somos todos maiores de idade e vacinados

Seja um pouco racional



Junho
2014



Editora HOJE <rh@editorahoje.com.br>
para mim

Sex, 6 Jun 2014

Bom dia, Nina. Tudo bom?

Espero que sim!

Sou Eloisa Sá, gerente de Recursos Humanos da Editora Hoje, e gostaria de avisar que seu currículo foi aprovado para estagiar conosco.

Caso tenha interesse de fazer parte da nossa equipe, por favor compareça no escritório na próxima segunda-feira, portando os documentos abaixo:

Identidade, CPF, 2 Fotos 3x4, Carteira de Trabalho e declaração da faculdade.

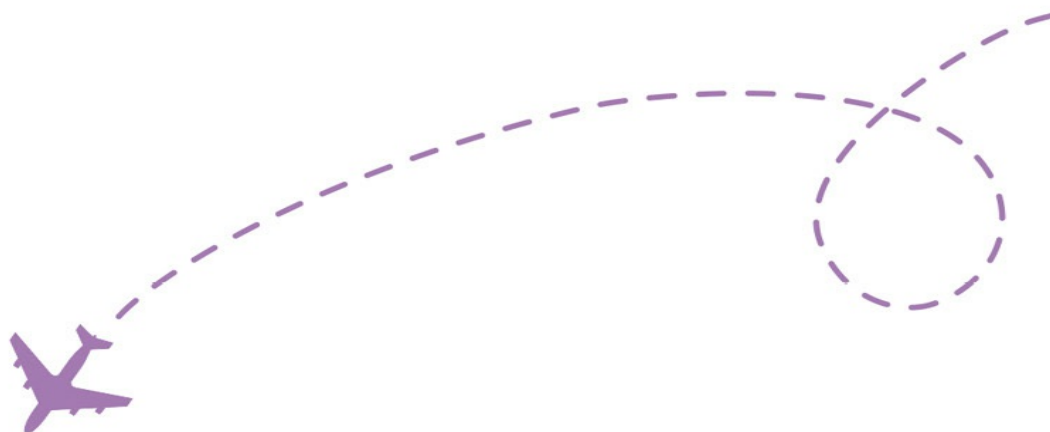
Te aguardamos

Att,

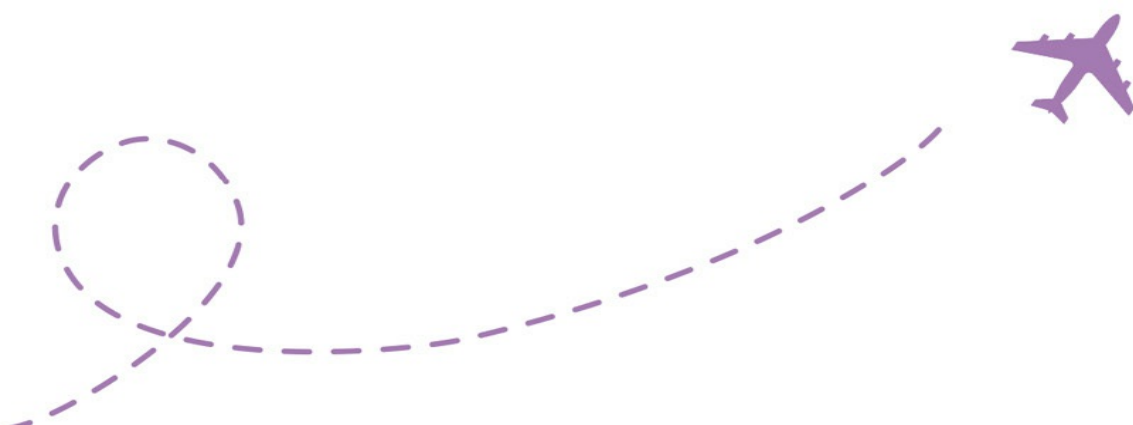
Eloisa Sá

Recursos Humanos

Editora HOJE.



Junho
2015



Editora HOJE <rh@editorahoje.com.br>

para mim

Qua, 10 Jun 2015

Bom dia, Nina.

Não esquece de passar no RH amanhã para podermos ir na contabilidade assinar sua efetivação.

Seja bem-vinda, oficialmente, à família HOJE!

Att,

Eloisa Sá

Recursos Humanos

Editora HOJE.



Setembro
2016



16 Set 2016

Eu: CHEGARAM AS FOTOS DA MINHA FORMATURA 10:23

Olha que coisa mais linda! 10:23

Chels, você fez muito sucesso nessa festa 10:24

Acho que nunca vou agradecer o suficiente por ter vindo para o Brasil me prestigiar desse jeito 10:24

Chels: Meu deus... 10:25

Voltei pra Austrália tem três semanas 10:25

E você não tem noção da saudade que tô sentindo desse lugar 10:25

OLHA ESSA FOTO! 10:28

Que arraso 10:28

Nós arrasamos muito 10:28

Eu: DEMAIS! 10:30

Nem acredito que me formei, amiga 10:30

Passou tão rápido, mas tão devagar... 10:30

Chels: Entendo bem, meu anjo 10:31

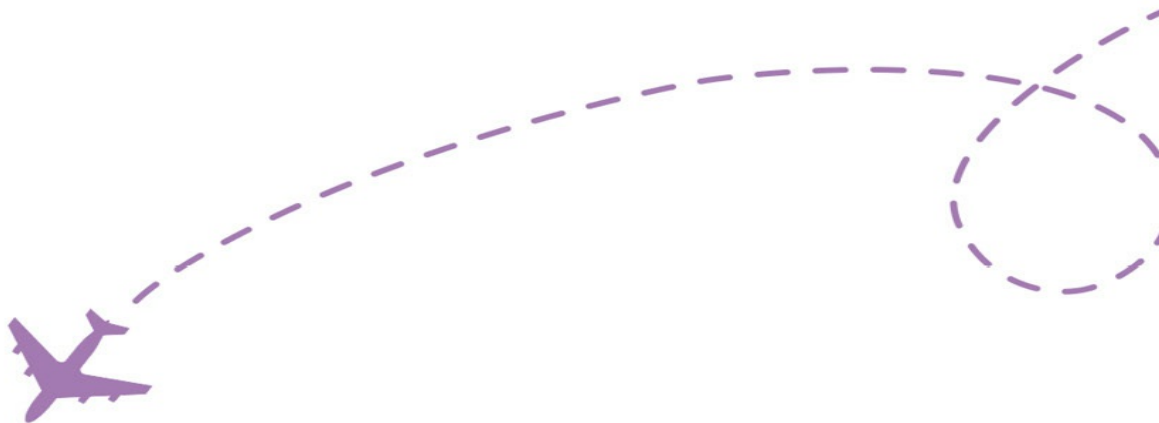
Faz três anos que me formei 10:31

O tempo voa! 10:31

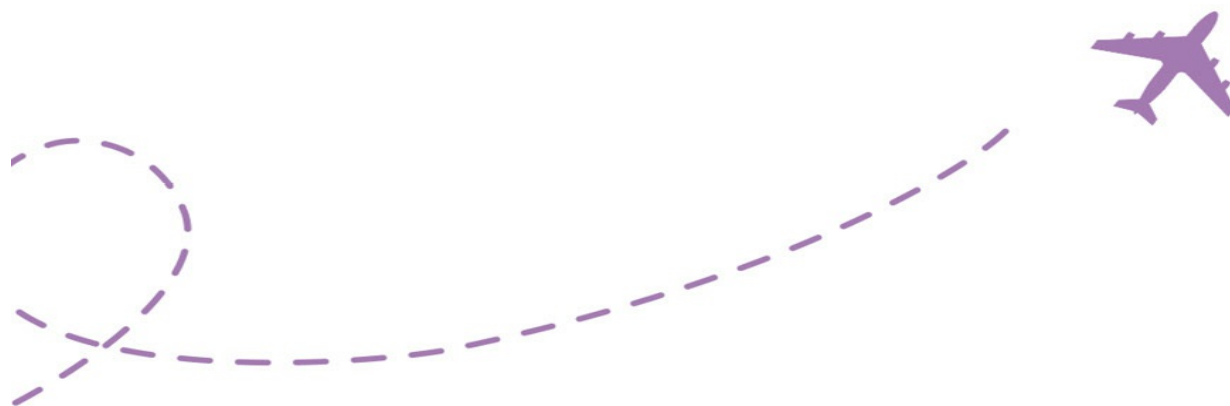
Eu: Sim... 10:31

Espero que a pós-graduação passe rápido, também 10:31

Chels: Ah, passa sim 10:33



Agosto
2017



4 de agosto do 2017

Julia,

Te escrevo essa carta do aeroporto.

Tudo tem acontecido tão rápido, que as vezes parece que estou dentro de um sonho surreal, e que vou acordar a qualquer momento.

Bem, a primeira coisa que você precisa saber, é que eu terminei com o Murilo no mesmo instante em que recebi a notícia que passei no processo seletivo. Já tentei relacionamento a distância uma vez e sabemos muito bem a merda que se deu disso. Enfim, foi como arrancar um band-aid: de uma vez só.

O que mais me assustou, é que eu nem chorei. Nem uma lágrima sequer. Chels disse que é uma evolução para mim, já que sou a pessoa mais chorona do mundo. Já eu penso que esse meu lado morreu, o que é triste. Como posso passar 8 meses da vida morando com uma pessoa e não sentir nada na hora de terminar um relacionamento?

Eu só peguei minhas coisas e fui embora.

Sem nem hesitar...

Acho que preciso visitar um psicólogo.

A segunda coisa que você precisa saber é que sair da "Hoje" não foi fácil. Três anos de casa não é nada perto da carreira que quero construir nessa nova editora, mas entregar as pontas foi igualmente doloroso. Sair de estagiária e chegar à posição importante que cheguei dentro da equipe de produção editorial foi uma conquista muito grande para alguém da minha idade. Muitas pessoas de lá acham que estou cometendo uma loucura em largar toda a segurança que tenho no Brasil e ir para outro país. Mas o que é a vida além de grandes loucuras? O seguro morreu de velho, como dizia nossa mãe.

Eu posso morrer amanhã, mas quero morrer sabendo que fiz tudo o que pude para ter uma vida incrível.

É por isso que estou nesse aeroporto hoje.

Despachei duas malas grandes com uma quantidade de pertences reduzida a nada e ao meu lado está a mala de mão com as coisas que decidi ser as mais importantes da minha vida.

É estranho fazer esse tipo de seleção. Estranho conseguir separar em três malas o que preciso para começar do zero em outro lugar. Porém, cá estou eu, com meus míseros 25 anos, pronta para recomeçar.

Queria que você tivesse esse tipo de pensamento antes, sabe. Será que recomeçar era uma opção para você? Se você estivesse aqui, será que me impediria de fazer o que estou fazendo?

Bem, obviamente nunca vou saber a resposta, e agora, muito menos. Meu voo foi chamado e preciso ir.

Volto com mais novidades em breve.

Acho que sempre pertenci a Londres de alguma forma.

Por isso estou voltando.

E dessa vez, para ficar...



Uma ligação interrompe a música que ouço enquanto caminho pelo estacionamento silencioso. Faço um malabarismo com a bolsa no ombro e a caixa que carrego nas mãos, conseguindo atender pelo fone sem derrubar nada.

Nem tenho a oportunidade de dizer “alô”.

— *Hey girl!* Conseguiu ouvir o programa hoje? Te mandei um beijo especial! — Chels diz, eufórica.

— Sim! Quase atropelai uma pessoa quando ouvi meu nome na rádio australiana! Você deveria me avisar dessas coisas, Chelsea!

Consulto o relógio mais uma vez, sentido o coração acelerado pelos passos rápidos e difíceis que dou em cima desses sapatos desconfortáveis. De repente, me lembro porque não gosto deles.

— Ah, tenho que fazer umas gracinhas para a minha amiga às vezes, né? — Ela ri com gosto do outro lado, e mesmo nos falando todos os dias, é impossível não sentir sua falta. — Você está correndo?

— Um pouquinho. Estou atrasada – entro no elevador e peço com gentileza para o rapaz ao meu lado apertar o botão do 17º andar para mim.

— Pelas minhas contas, está 10min atrasada.

Depois de cinco anos de amizade, até que enfim ela aprendeu a fazer contas de fuso-horário.

— Sim, mas estou com a sensação de que esqueci algo importante. *Argh*, odeio isso. Estou tentando lembrar desde que acordei.

— Se está de calcinha e sapatos, então está tudo certo. O resto você lembra durante o dia.

Reviro os olhos, sendo impossível não rir.

— Tá bom. Vamos nos falando até a hora do almoço – saio do elevador e empurro a porta dupla de vidro com os ombros, entrando no ambiente aquecido e aconchegante que tanto amo. — Cheguei agora, preciso desligar.

— Bom trabalho, *girl*!

— Dirija com cuidado para casa!

Mas ela já desligou.

Apoio a caixa na bancada da recepção, sorrindo para Erin e respirando fundo, já querendo jogar esses sapatos pela janela.

— Bom dia! Trouxe *muffins* do final de semana. Vou levar para a cozinha. Podem comer à vontade, ok?

Normalmente Erin recebe todo mundo com um bom dia acalorado, mas hoje há certo nervosismo e desespero em seu rosto, e isso me deixa desconfortável. Uma parte do meu cérebro manda descargas de alerta para o corpo, mas não consigo achar o problema.

— Você trouxe a impressão da primeira prova que Greg te pediu sexta-feira passada? — Ela fala baixo e com urgência, e nesse segundo reconheço o que não deveria ter esquecido *de jeito nenhum*. — Ele já está na sala de reunião com o autor e os responsáveis da equipe. Era para você estar lá!

Minha pressão cai imediatamente, e ao invés de surtar como faria

em qualquer outro momento da minha vida, ponho em prática o que aprendi em três anos trabalhando em produção: a capacidade de tomar decisões importantes em questão de segundos.

— *Fuck*, eu esqueci! Erin, leva os *muffins* para a cozinha, por favor? Vou na gráfica buscar as impressões. Tenta distrair ele para mim, diz que estou no banheiro, não sei!

Não é normal a presença de autores na sede da editora, ainda mais no andar da produção. Tento me lembrar com detalhes o que Greg me disse na sexta-feira antes de ir embora, mas parando para pensar, eu estava tão submersa na tradução de um original que agora existem vários espaços em branco onde deveriam existir informações importantíssimas.

Viro sobre os calcanhares para voltar como um furacão para o elevador e descer dois andares até a gráfica, mas sou impedida quando bato de frente com alguém. Dou dois passos para trás, assustada e pronta para pedir desculpas, mas encontro o sorriso amarelo e acolhedor de Matthew.

— Está procurando isso? — Ele pergunta, erguendo dois maços de folhas A4 impressas com a diagramação do livro que eu deveria ter acompanhado de perto, presas em grampos.

— Ah, Matt! Como você sabia? — pego os papeis e caminho apressadamente pelos cubículos até minha mesa, fugindo da sala de reuniões como o diabo foge da cruz.

— Fui buscar quando faltavam três minutos para as 9h e você não tinha chegado. — Ele para ao meu lado, perto demais, e não posso deixar de reparar no calor do seu corpo e em como seu perfume é bom.

— Você é o salvador da pátria! — sussurro, deixando a bolsa ao lado da mesa, ajeitando a saia de cintura alta e abotoando o blazer. Olho por cima de seu ombro para a porta da sala de reuniões que — por minha sorte — está fechada. As persianas estão abertas, mas não consigo ver muito daqui, além da mesa com algumas pessoas ao seu redor. — Não sei nem como agradecer.

Volto a pegar as impressões e vejo quando Greg abre a porta, colocando a cabeça para fora a procura de alguém — *de mim* — e me

achando.

— Nina! Está com as impressões? Precisamos de você!

— Sim, Greg! Já estou indo!

Procuro Mia em sua mesa de frente para a minha, mas o lugar está vazio. Gostaria de ter a oportunidade de perguntar a ela quem é o autor e do que exatamente se trata essa reunião que se apagou da minha mente como um *blackout*. Infelizmente, não tenho tempo.

Estou pronta para fazer minha entrada triunfal – e nada bela – como a atrasada do escritório, mas sinto Matt segurar meu braço com delicadeza. Paro no meio de um passo e olho para ele.

— Você poderia aceitar aquele café depois do expediente.

Sorrio, pois é impossível não achar suas investidas fofas. Desde que entrei para a equipe há cinco meses, Matthew tem tentado de todas as formas conseguir um “sim” para os seus convites. Não é como se eu nunca tivesse pensado nisso, afinal, metade das meninas desse escritório o acham um gato – inclusive Mia, que se tornou a pessoa mais próxima de mim – e sou obrigada a concordar. Com uns 1,80m, cabelo cor de areia bem aparado e um sorriso de derreter corações, Matt tem motivos para ser cobiçado.

Eu só não sinto nada por ele. Nada além de carinho, e sei que não é isso que ele quer de mim.

— Você deveria ser brasileiro – digo, continuando a minha caminhada para o vexame.

— Por quê? – ouço-o perguntar.

— Porque você não desiste nunca!

Ainda estou rindo quando passo pela porta da sala, mas me arrependo disso no momento seguinte, pois tem cinco pessoas me encarando, como se só esperassem por mim para dar continuidade a reunião.

Desfaço o sorriso, engulo em seco e arrumo a postura, chegando ao lado de Greg que está sentado na cabeceira da mesa, o lugar de respeito referente ao editor chefe.

— Desculpe o atraso – digo, tentando acalmar o coração acelerado.

— Houve um imprevisto com a gráfica.

Vejo sem precisar olhar direito que Mia, Ed e Jenna farão parte da

reunião, o que me deixa mais sem graça ainda. Jenna é a gerente editorial, estando somente um cargo abaixo de Greg, e para a minha sorte – ou puro azar – não vai muito com a minha cara. Ed é um dos designers gráficos e Mia, revisora/faz tudo, assim como eu.

— Tudo bem, Nina. Sente-se, por favor. Tome notas para atualizar o quadro de produção.

Dou a volta na mesa e me sento obedientemente ao seu lado, pegando o celular e abrindo a nota de texto para começar a digitar como uma louca. Estou fazendo o papel de sua assistente desde que Terry tirou licença maternidade há dois meses. No começo foi sem querer; comecei fazendo favores pequenos e querendo mostrar serviço, mas Greg viu isso como um bônus, aparentemente gostou da minha capacidade de estar em todos os lugares ao mesmo tempo e se ofereceu para aumentar o meu salário enquanto ela não volta.

Claro que topei. Se tenho um carro de segunda mão hoje, é por causa disso.

— Antes de continuarmos. – Ele diz, passando um dos textos para Jenna e o outro para o quinto componente da mesa, que muito provavelmente é o autor que não tive a oportunidade de reparar. Agora é impossível não fazer isso, pois estou sentada exatamente em sua frente, e antes que Greg termine a frase, ergo os olhos, e, *não...* — Deixe te apresentar o autor do “*Two Hearts Apart*”.

Não é possível não pode ser *não não não* eu ainda estou dormindo e isso é um pesadelo e eu *não* estou atrasada para ir trabalhar e essa reunião *não* está acontecendo pois o mundo está tombando e caindo e colidindo com milhares de outras galáxias pois esse tipo de coisa não deve acontecer *nem nos meus piores pesadelos*

Mas parece que está acontecendo

Pois o par de olhos que me encara, paralisado, é um espelho do meu choque e da minha descrença.

A certeza do nascer e pôr do sol é a mesma de que eu desmaiaria se estivesse em pé. Mas como estou sentada, sinto cada gota de sangue sair do meu rosto e ir para a ponta dos pés, me abandonando e dizendo “*você que se vire*”.

Meu corpo grita para que eu pisque, grita para que eu respire, grita

para que meu coração se acalme e que as funções cognitivas mínimas me façam responder à apresentação devidamente feita pelo meu patrão.

— Nina, – ele ainda está dizendo –, esse é o Daniel Wolf; Daniel, essa é a Nina, nossa mais nova peça essencial para a equipe editorial, importada diretamente do Brasil.

Era para ser uma piada, mas a vontade de chorar me pega com tudo quando ouço esse nome de novo, dito pela boca de outra pessoa.

Isso não está acontecendo.

Está?

A resposta é *sim*, pois recebo uma cotovelada de Mia, sentada ao meu lado, quando o silêncio se prolonga por alguns segundos. Por isso reúno todo meu autocontrole, respiro fundo e lhe dou meu melhor sorriso falso.

— Senhor Wolf, é um prazer conhecê-lo. Bem-vindo à *HarrySmith*.

Ele está transparente. Todo o sangue que um dia existiu em seu rosto, sumiu. Sentada bem diante dos seus olhos, está o fantasma de uma pessoa que nunca mais pensou ver na vida, e assim como eu, é incapaz de acreditar no que está acontecendo.

Infelizmente o tempo não o fez mal algum; pelo contrário, está mais bonito do que me lembro de quatro anos atrás. Andou malhando, com certeza, pois vejo ombros largos por baixo do blazer preto. O cabelo grande e enrolado foi substituído por um corte baixo, lhe dando um ar de seriedade que combina com a barba grande e bem alinhada.

Tudo nele ainda é ruivo.

Os olhos avelã – esses olhos que já me amaram e já me esqueceram – são uma incógnita enquanto me encara.

— É... hum... Agradeço a oportunidade de tirar essa história do papel. – Ele consegue dizer, e eu quero *morrer*.

Quero morrer, pois sua voz não mudou nada, e quero continuar morrendo pois isso me acerta como milhares de flechas no coração.

Volto meu foco para Greg, suplicando para que ele comece a falar e que essa reunião termine logo e eu vá embora desse lugar.

— Ótimo. Vamos dar continuidade.

Mantenho os olhos abaixados, anotando coisas no automático, sem

nem sequer ouvi-lo direito. Espero que ninguém note o quanto eu tremo enquanto seguro o celular com toda a força do mundo. Eles falam da preparação do texto, da diagramação, da revisão de primeira prova, da produção da capa, da possibilidade de um lançamento em final de março ou início de abril, e a todo momento sinto a presença gritante de seus olhos do outro lado da mesa, que não saem de cima de mim.

Parece que o ar da sala está acabando e ninguém percebe. Não consigo pensar em como deixei isso passar, em como esse título é familiar aos meus olhos, em como sei que já o vi em algum lugar desse prédio, mas, *como?!*

E o mais importante: *por que ele está aqui?*

Não discutimos processo de editoração com autores. Não há espaço para opiniões pessoais, e mesmo assim, ele não está falando nada além de “*sim, entendo*”, “*parece ótimo*”, “*claro, está muito bom*”.

Estou completamente aérea quando Greg se levanta, agradecendo a equipe e nos dispensando. Só então percebo que a reunião acabou – não sei quanto tempo depois – e preciso me levantar devagar, pois acho que se fizer qualquer movimento brusco, desmaio.

Não noto quando chego em minha mesa e me sento na cadeira, segurando o rosto com as mãos. Meu corpo está completamente dormente, submerso em um mar de confusão e sentimentos conflitantes que não consigo processar direito.

— Ei, você está bem? – dou um pulo quando Mia pergunta, pousando a mão em meu ombro. — Credo, parece que você viu um fantasma.

Solto o ar com força, erguendo os olhos para o grande quadro de produção no fundo da sala, com todas as obras que produzimos simultaneamente, e bem no meio, como se agora risse da minha cara, as letras gritam “*Two Hearts Apart – Diagramação*”. Ainda preciso atualizar essa merda, pois acabou de ir para a revisão de prova.

— Foi mais ou menos isso – olho por cima do ombro e vejo no final da grande sala Greg apresentando os departamentos para ele – alto, tão alto, tão... imponente. – Desde quando recebemos autores na editora? Desde quando Greg baba ovo de alguém assim? *Quem é esse*

cara? – sussurro, me inclinando para Mia que agora ocupa sua mesa na frente da minha.

Sei exatamente quem é esse cara. Quero dizer, sabia quem era esse cara, mas ainda não consigo juntar as peças e colocá-lo nessa cena específica em que está no *meu trabalho*, publicando a porra de um livro.

– Ué, você não sabe? – Ela parece surpresa. – Eles são amigos. Greg está querendo mostrar serviço. Parece que ele leu de verdade o livro do cara, nem foi a Jenna. Adele fez a preparação do texto e disse que é ótimo. Você imagina a Adele chorando? – nego com a cabeça lentamente, incapaz de associar a mulher de meia idade mais rabugenta do mundo, chorando. – Pois bem, ela chorou.

Mia para de paginar o bolo de folhas a sua frente e se inclina em minha direção, do jeito que faz quando quer contar uma fofoca.

– Não querendo fazer fofoca – *hum* –, mas ouvi Greg conversando com a Jenna sobre aplicarem a estratégia de marketing *best-seller*. Não acho de todo mal, já que ele tem nome e dinheiro no mercado. E se for tão bom quanto estão dizendo ser, não será necessário fazer muito.

Me recosto na cadeira e tento respirar fundo, pois a última coisa que preciso agora, é surtar.

Já surtando.

– Pensei que você soubesse; o título está em produção desde outubro. – Ela pega as folhas na sua frente e balança em minha direção. – Acho que vou descobrir se é bom em breve.

– *Você vai fazer a revisão da primeira prova?*

Ela assente, sorrindo como uma criança sapeca.

– Praticamente supliquei para Greg me dar esse livro.

– E qual é a história? – Não sei se quero saber.

– É o romance de um casal que se conhece em Londres, vivem um romance arrebatador, mas o tempo e a distância fazem de tudo para afastá-los – *não, ele não fez isso...* –, Ainda não sei o final, mas se você quiser o arquivo da diagramação tá na rede. Só dar uma lida.

Prefiro morrer, penso, mas não digo isso a ela.

Ao contrário, me levanto como se tivesse sido expulsa da cadeira e vou até a sala da Jenna, batendo na porta antes de entrar.

Só percebo o quanto estou arfando quando digo:

— Jenna, bom dia. Poderia me dar a lista dos projetos para atualizar o quadro e a planilha?

Ela ergue os olhos do computador, me mirando através do nariz longo e fino, e não sei se me julga ou se me amaldiçoa mentalmente.

Acho que são os dois.

— Esteve correndo? — pergunta, procurando o papel na mesa bagunçada.

— Não, eu... — pigarreo. — Precisa de mais alguma coisa?

Pego a lista que é erguida para mim e ando até a porta, rezando, pedindo, *suplicando* para que me peça para fazer qualquer coisa que seja fora do andar desse escritório.

— Tem algumas provas na gráfica, se quiser pegar para mim...

— Claro! Agora mesmo.

Saio de sua sala com os títulos grifados na lista de atualização, andando com confiança em passos firmes. Não tiro os olhos das portas duplas por nada nem ninguém desse mundo, e só solto o ar quando passo por elas. Chego no elevador quase correndo e fico apertando o botão de descer incessantemente, como se fosse adiantar sua chegada.

Preciso tanto sair desse lugar, *tanto*.

Meu rosto está quente, lágrimas ameaçando escapar, coração batendo às pressas contra o peito, tão audível quanto meus pensamentos gritantes. A realidade é um choque, e sei que não vou aguentar esperar pelo elevador, por isso viro para a direita e antes que perceba, estou passando pela porta da escada de emergência.

Desço somente um lance antes do meu pé escorregar nesses malditos sapatos e eu cair com tudo de bunda no último degrau. Não me dou o trabalho de me levantar, pois a queda física tem o mesmo resultado que a queda emocional: me fazer romper em lágrimas.

Não choro ao terminar um namoro de um ano e meio, morando com a mesma pessoa por oito meses, mas choro só de vê-lo na minha frente.

Que ótimo.

— Você está bem?

Ah, não

Ouçõ sua voz e os passos apressados na escada antes de vê-lo, e quero poder cavar um buraco bem agora e me enfiar nele, pois não basta Daniel me ver depois de quase cinco anos: ele tem que me ver sentada na escada, chorando e em frangalhos.

Gemo de constrangimento e desespero e escondo o rosto nas mãos, querendo que esse dia acabe.

— O que você está fazendo aqui?

Começo a tentar secar o rosto, mesmo sendo um trabalho em vão. Mas continuo tentando, pois quero fazer qualquer coisa que não seja olhar para ele. O que se torna uma tarefa difícil, pois Daniel se agacha na minha frente, claramente preocupado.

— Eu estava indo ao seu encontro no elevador e te vi entrando nas escadas de emergência. Ouvi você caindo, está tudo bem? Se machucou?

Odeio sua preocupação e seu tom de gentileza e seu cuidado e mesmo assim não sei por que afasto sua mão com um gesto rápido quando estende para me tocar.

— Não, o que você está fazendo *aqui*? No meu trabalho?

Olho diretamente para ele pela primeira vez, e meu coração é um maldito traidor por vacilar e morrer e se alegrar pela imagem do rosto que tanto conheci e tanto amei e tanto me machucou.

Porque ele me machucou, mesmo...?

É difícil lembrar enquanto Daniel me olha desse jeito.

É difícil fazer *qualquer coisa* quando Daniel me olha desse jeito.

— Eu não sabia que você trabalhava aqui – afirma, e cada palavra é um chute em meu estômago. — Não sabia nem que você estava na cidade, pelo amor de Deus!

Olho para o teto e foco em respirar devagar e tentar interromper a vertente de lágrimas que já faz um ótimo trabalho em me deixar parecendo uma idiota. E o silêncio se prolonga, pois engoli um dicionário inteiro e mesmo assim não sei o que dizer.

Daniel se ergue dos calcanhares somente para sentar ao meu lado. Tão perto – *tão longe* – e o quero tão longe – *tão mais perto* –, e nada nunca vai parecer o suficiente.

Meus ossos ardem com sua proximidade.

— Por que você escreveu isso, Daniel? — pergunto, sem conseguir me controlar. — De tantos rascunhos e tantas histórias para escrever, por que *essa*?

Ele não diz nada, e de repente estou desesperada para ver seus olhos. Desesperada para encontrar o tom avelã que me acalma e me destrói na mesma intensidade, e apesar de tudo — apesar de nunca mais querer vê-los, por me lembrar do que prometemos e nunca chegamos a ser — me viro para encará-lo, somente para ver que ele olha as mãos.

— Sinto muito — é só o que diz.

Solto uma risada forçada, apoiando a cabeça na parede e fechando os olhos. Fantasio que se fizer isso por alguns segundos, talvez acorde na minha cama, feliz por ser somente um pesadelo.

— Pretendia me contar alguma vez, ou deixaria virar um sucesso mundial para que descobrisse sozinha?

Uma respiração profunda.

— Iria te mandar uma cópia quando saísse — rio de novo, e quando não falo nada e nem abro os olhos, Daniel pergunta. — Está há quanto tempo na cidade?

— Cinco meses.

Silêncio.

— Não pensou em me procurar?

Olho em sua direção e me pergunto se ficou maluco de vez. Procuro algum sinal de brincadeira ou deboche em seu rosto, mas só há a curiosidade genuína.

Ele quer *mesmo* saber a resposta.

— Nós terminamos há quase cinco anos, Daniel. Por que acha que eu te procuraria?

Não tenho a intenção de ser grossa, mas sou mesmo assim, e me arrependo na hora em que vejo a dor atravessar seu rosto.

Daniel abaixa os olhos, volta a encarar as mãos. Quero ter alguma coisa para dizer, nem que seja uma palavra de desculpas, mas nada parece se encaixar no momento. Por isso ficamos em silêncio.

— Eu não lembro de uma briga ou uma razão específica... Olhando

para trás, 2013 foi um ano muito louco e agitado. Só lembro que... Eu te liguei e você não atendeu mais. Só mandou uma mensagem. – Ele olha para mim, vejo-o agonizar bem na minha frente. – Por que nós terminamos?

Respiro tão fundo que não sei como ainda existe oxigênio no mundo.

– Bem... Não foi da noite para o dia. Foi algo que aconteceu ao longo dos meses. A distância, meu intercâmbio não sendo aprovado, você ocupado com a empresa nova, reuniões, pouco tempo... – dou de ombros, percebendo o quão estranho é falar isso em voz alta. – No final quase não nos falávamos. Você não tinha tempo para nada e quando liguei para avisar que tinha conseguido o intercâmbio, você disse que estaria se mudando para Edimburgo e...

– Espera – sou arrancada do meu raciocínio e olho-o, assustada. – O que você disse?

Pisco várias vezes.

– Qual parte?

– A do intercâmbio.

Congelo.

Eu havia esquecido que ele nunca soube.

Engulo em seco.

– Sim, eu fui aprovada para vir estudar aqui. Quando te liguei para avisar, você disse que estava indo para a Escócia com a nova equipe da *Eye Route* e...

A frase morre em meus lábios.

Não tenho coragem de olhá-lo, mas ouço quando solta o ar com força.

– Eu disse que achava que nós não daríamos mais certo. Você disse que ia ligar aquele dia, não ligou, e quando ligou no dia seguinte, eu já estava conformada que não tinha mais lugar para mim na sua vida.

Ele passa um bom tempo em silêncio.

– Por que não me contou?

– E que diferença isso faria? Você deixaria de ir para a Escócia para ficar em Londres, ficar comigo? Deixaria de coordenar uma equipe inteira em outro país? Algo que notoriamente gostava tanto de fazer?

Seu rosto se contorce, dividido entre um sorriso e uma expressão de dor.

— Tem pouquíssimas coisas que eu não teria feito por você, Nina — é a primeira vez que o ouço dizer meu nome desde que entrei naquela sala de reuniões. É a primeira vez que ouço essa combinação de letras sair de seus lábios depois de cinco anos achando que nunca mais ouviria, e é só o que basta para meu corpo se desfazer em mil pedaços e meu cérebro estilhaçar todas as paredes que criei durante os anos para mantê-lo afastado de mim. — E passar a responsabilidade da Escócia para outra pessoa não era uma delas.

Não estou mais pensando.

Não estou mais *respirando* quando nossos olhos se encontram e neles vejo verdades nunca ditas, segredos nunca compartilhados, sentimentos enterrados e soterrados por anos de esquecimento. Quero tanto que me beije, quero tanto ser beijada, quero tanto estar em seus braços de novo, e sei que meu desejo está prestes a ser realizado quando vejo-o erguer a mão esquerda em direção ao meu rosto, se aproximando perigosamente de meus lábios, sentindo seu calor — *seu cheiro é o mesmo, ele é o mesmo* — mas minha visão periférica capta algo que não deveria estar ali e no segundo seguinte eu estou segurando seu pulso sobre o relógio. Antes que olhe para a sua mão, já sei. E mesmo querendo muito que não esteja lá, está.

Uma aliança de ouro enorme no dedo anelar.

Ele vê o que eu vejo. Olha para a mão, engole em seco e olha para mim de novo, se preparando para começar a explicar o que não tem explicação.

— Você está casado. — Não sei nem como consigo dizer enquanto me afasto e me levanto dos degraus e ando para trás até minhas costas encontrarem a parede.

— Estou, mas é complicado, eu...

— Você está casado e tentou me beijar um segundo atrás e... — sacudo a cabeça com força, pois é muita informação ao mesmo tempo e toda a capacidade que criei durante os anos de lidar com meus sentimentos foram para o caralho no segundo em que Daniel Wolf ousou pôr os pés de novo na minha vida.

— Nina, espera...

Ele tenta me deter, mas já estou descendo as escadas como se minha vida dependesse disso. Continuo descendo até achar o 15º andar, passando pela porta como um furacão. Não sei se ele está atrás de mim, mas entro na área da gráfica da editora e conheço esses corredores de máquinas melhor que ninguém, por isso traço-os com agilidade até achar os banheiros e me enfio dentro de um reservado como se o fechar de uma porta fosse resolver todos os meus problemas.

Como se o fechar de uma porta fosse me levar para um mundo em que eu não reencontro Daniel depois de tanto tempo. Um mundo, de preferência, em que ele não esteja casado.

Olho as horas e faço as contas mentalmente para ter certeza de que ainda é um horário razoável na Austrália, ligando para Chels. Quando ela atende, é minha vez de falar descontroladamente.

— Você não vai acreditar no que acabou de acontecer comigo.

Pelo tom de voz rouco e embargado, não imagino a quantidade de possibilidades ruins que passam por sua cabeça.

— *Aimeudeus*, quem você matou, Nina?

Engulo em seco, procurando as palavras certas.

— Quem, com dezenas de editoras grandes em Londres, acabou por ser autor publicado na editora em que *eu* trabalho? Quem, trazido diretamente do inferno, depois de cinco anos, apareceu na minha frente hoje?

Seu silêncio prolongado já diz tudo.

— Puta que pariu. Nina, diz que isso é uma piada.

— Só se for do universo, e de muito mal gosto.

— *Putá. Que. Pariu.* Me conta tudo.

Resumo muito rapidamente o que aconteceu, pois se der mais algum detalhe é capaz que eu volte a chorar como há alguns minutos, então ela não vai entender nada do que digo.

— Detalhe: é o romance de um casal que se conheceu em Londres e o tempo e a distância os atrapalharam. Tá acompanhando?

— *Son of a bitch.* Ele escreveu sobre vocês?

— É bem óbvio, né? Não tinha noção do projeto até hoje, e acho que

nem vai parar na minha mão, o que é ótimo. Não quero chegar perto desse livro de jeito nenhum.

Ela parece pensativa.

— Mas por que de toda essa raiva, meu anjo? É por que ele escreveu uma história sobre vocês? Entendo o seu choque de encontrar o grande amor da sua vida depois de anos mas...

— Ele não é o amor da minha vida...

— ... pensei que não tivesse mais sentimentos por ele, o que obviamente não é verdade, tendo em vista que está tendo um ataque de pelanca pelo telefone. — Ela fica em silêncio por alguns segundos.

— Acha que essa não é a chance de vocês se acertarem e pôr os pingos nos "is"?

— Não tem nada para ser acertado, Chelsea.

— Não é como se as coisas entre vocês tivessem recebido um ponto final, *baby*.

Absorvo suas palavras, digerindo-as com cuidado.

— Bem, não vai fazer diferença nenhuma agora.

Seco uma lágrima fujona, a imagem da aliança em seu dedo queimando atrás de minhas pálpebras.

— Por quê?

— Ele está casado.

— *WHAT?* — afasto o celular do ouvido pelo grito que quase me deixa surda.

— Sim... Uma grande aliança de ouro na mão esquerda – bato a cabeça na parede divisória dos reservados, querendo morrer. — Porque essas coisas acontecem comigo, Chels?

— Cinco anos de amizade e eu ainda não sei.

Ficamos em silêncio por um longo tempo, até decidir que já surtei o suficiente por hoje. Sei que deve ter passado bastante tempo para Daniel desistir de me procurar ou me esperar, então acho que é seguro sair do banheiro.

— Preciso voltar a trabalhar. Jenna deve estar se perguntando onde me enfiei com as provas dela.

— Tem certeza? Não quer conversar mais sobre o assunto? Entendo que deve ter sido um choque do cacete...

- Talvez mais tarde. Não sei se a ficha caiu direito.
 - Certo. Esfria a cabeça e pensa no que quer fazer. Sabe que pode me ligar a qualquer hora. Acho que sou a única sobrevivente que conhece esse drama do início ao fim.
 - É verdade... – suspiro. — Obrigada por ter permanecido, Chels.
 - De nada, sua boba. Sabe que eu te amo.
- Sorrio, pois disso eu tenho certeza, e ninguém pode nos tirar isso.
- Também te amo.



Consigo facilmente perder as contas das pessoas que passaram por minha vida nos últimos cinco anos, mas cabe nos dedos de uma mão os que ficaram. Agora, pensando com pesar, sei que o tempo foi um dos maiores fatores por me fazer perder contato com tantas pessoas queridas. E uma delas, infelizmente, é Emma.

Tentamos manter contato depois que eu e seu irmão terminamos, mas além do fuso-horário atrapalhar, Emma tinha seu curso de medicina e eu, o curso de produção editorial. Duas jovens passando por uma fase conturbada e ocupada gerou no afastamento mútuo, até nos tornarmos totalmente desconhecidas de novo.

Por isso não sei se vou ter alguma resposta quando envio uma mensagem em seu Messenger. Será que ela e Daniel têm conversado? Será que ele ligou para ela assim como liguei para Chels? Será que ele

falou para a esposa que reencontrou uma pessoa do passado e que isso foi muito louco?

Não consigo parar de pensar no seu maldito estado civil. Não é porque eu não consegui amar ninguém do mesmo jeito que o amei, que ele faria o mesmo. Daniel não tem nada a ver se não superei nosso término até hoje e aos trinta e dois anos é normal que um homem bem-sucedido seja casado.

Deus, será que ele já é pai?

Sacudo a cabeça para interromper os pensamentos e volto para o trabalho que está aberto na minha frente. Não deveria estar traduzindo um livro do francês para o inglês se não consigo me focar, por isso levanto e vou procurar outra coisa para fazer.

Atualizo as planilhas, o quadro de produção, envio o relatório para Greg por e-mail e vou até sua sala para reforçar o recebimento. Faço tudo isso e quando olho no relógio, ainda são 11h30. Solto um suspiro pesado, lembrando como o tempo pode passar devagar por aqui quando quer. E isso normalmente acontece quando *eu* não quero que passe devagar.

Olho para o quadro – o que tenho feito com muito mais frequência agora – e vejo o título do livro caçoando de mim, ainda na revisão da primeira prova.

— Ei, Nina – ouço Erin me chamar do outro lado da ampla sala quando estou pronta para perguntar a Mia o que tem achado do livro, já que consigo ver de onde estou que leu em torno de 60 páginas, mas viro na cadeira, esticando o pescoço para ver Erin segurar um grande e lindo jarro de flores em cima do balcão da recepção. — Isso acabou de chegar para você.

Ah, não... Matt não fez isso comigo...

Me levanto sem ter certeza se quero ter todos os olhos em cima de mim, mas vejo que isso já está acontecendo e nem dei um passo, então faço do mesmo jeito. Atravesso o extenso corredor, sentindo cada maldito olhar curioso em minhas costas. Não falamos muito de nossa vida pessoal aqui, mas é meio óbvio que sou solteira, e mais óbvio ainda que Matt vive dando em cima de mim.

Chego junto ao balcão a tempo de vê-lo aparecer na porta da

cozinha, segurando uma caneca de café. Olho-o com cara de “*eu vou te matar por me fazer passar vergonha*”, mas para minha surpresa, Matt nega com a cabeça, notoriamente desapontado consigo mesmo por não ter pensado nisso antes ou por ter outra pessoa marcando um território que – na cabeça dele – deveria ser seu.

— Não fui eu. – Ele diz, então a segunda possibilidade me deixa com as pernas bambas.

Engulo em seco e procuro pelo cartão, achando o pequeno envelope escrito “Nina” preso a uma rosa vermelha linda. Respiro fundo por um segundo e aprecio o cheiro maravilhoso das flores, tomando coragem para pegar o cartão e lê-lo.

Todo mundo parece prestar atenção.

Nina,

Sinto muito que nosso encontro tenha acabado daquela forma. Sinto que te devo uma explicação sobre o livro e sobre todo o resto. Poderíamos nos encontrar para conversarmos? Esse é meu número de telefone atual. Por favor, me ligue.

Daniel.

Leio o bilhete de novo e de novo, até ter decorado tudo. Esqueço completamente que estou no meio do escritório e que todo mundo me

olha. Esqueço até de respirar, e só acordo com Erin esticando os olhos para tentar descobrir quem é o admirador secreto.

— Vai ficar fazendo suspense, Nina? De quem é?

Ergo os olhos e tento sorrir, guardando o bilhete no envelope enfiando-o no bolso da blusa social.

— Um amigo que não via há muito tempo.

Não devo satisfação a ninguém, mas sinto que o clima vai ficar pesado o restante do dia se eu não falar nada, e parece colar, pois no segundo seguinte já deixei de ser o centro das atenções e todo mundo volta para o seu trabalho. Respiro de alívio e pego o pesado jarro de flores, voltando para a mesa.

Mia tem as sobranceiras erguidas quando me sento, pois ela é a pessoa que mais converso nos últimos cinco meses, e eu não ter mencionado um potencial *date* parece uma falta grave.

— Um amigo – digo, antes que pergunte.

— Hum... – é o que responde, mas sua expressão diz “sei, amigo”.

— Eu conheço?

— Não. – *Não só conhece como está lendo o livro dele.*

— Devo querer conhecer?

Reviro os olhos, sentindo na mesma hora a mesa vibrar e meu celular acender a tela, anunciando uma mensagem nova no Messenger.

Congelo.

Pego-o como se fosse fugir e desbloqueio a tela, vendo a foto de perfil de Emma na barra de notificações com sua mensagem.

Emma: Quem é vivo sempre aparece! 11:48

Quanto tempo, Nina 11:48

Como assim você está na cidade??? 11:48

Vamos nos ver, claro! 11:48

Eu: Ai, que bom 11:49

Pensei que você nem iria me responder 11:49

Fico tão aliviada por não estar chateada comigo 11:49

Como está sua agenda? 11:49

Vamos marcar 11:49

Emma: Hoje o dia está estranhamente calmo no meu plantão 11:51

Estou estagiando no University College Hospital 11:51

Tenho uma pausa 13h 11:51

Se tiver livre, podemos nos encontrar na cafeteria 11:51

Eu: Ótimo! 11:51

Vou tirar meu horário de almoço nesse horário 11:52

Espero não te atrapalhar 11:52

Emma: Que nada! 11:53

Me manda mensagem quando chegar 11:53

Ansiosa para te ver! 11:53

Nem posso acreditar que foi tão fácil assim.

Pego o bilhete de Daniel no bolso da blusa e leio mais algumas vezes, encantada que tenha sido escrito à mão, com sua caligrafia pesada. Me pego pensando que até aceito a explicação sobre o livro – por mais que não tenha muito a ser explicado – mas não entendo o que ele quis dizer com “sobre todo o resto”. De qualquer modo, salvo o seu número novo e arrumo alguma distração até dar 12h30, que é quando saio para o almoço.

Já estive em Londres em janeiro – exatamente cinco anos atrás – e o inverno não estava tão rigoroso quanto esse. Apreendi da pior forma possível como é importante usar as camadas certas de roupas para não ter uma hipotermia na rua, por isso fico uns três minutos dentro do carro esperando que o aquecedor faça o seu trabalho antes de colocar o hospital como destino e deixar que o GPS me guie pela cidade.

Depois de quatro meses andando somente de metrô, tirar minha habilitação dirigindo na mão inglesa foi um pouco complicado. Por ser habilitada no Brasil, só precisei fazer um teste prático, e fiquei repetindo mentalmente durante todo o caminho “*mão esquerda, mão esquerda, mão esquerda*”. No final eu estava segurando o volante com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos.

Agora dirigir com neve na pista é pior ainda. Quem tem habilidade e tem coragem de andar mais rápido que eu, me corta e segue em frente, enquanto fico para trás com minha segurança e vida bem preservadas.

Chego na construção gigantesca de vidro e aço e estaciono na vaga

mais próxima da entrada que encontro, me preparando psicologicamente para enfrentar o frio antes de sair.

Sigo as placas informativas e depois de me perder duas vezes, enfim acho a cafeteria. Tudo nesse lugar é branco, verde e azul. Para onde olho há grandes janelas de vidro e aço escovado. Enquanto me sento em uma rara mesa vazia, agradeço mentalmente pela editora nos oferecer um bom plano de saúde. Não quero nem imaginar o tamanho da conta ao sair de um lugar desse.

Mando uma mensagem para Emma avisando que já estou na cafeteria e aguardo ansiosa, sem saber para qual entrada olhar. Não sei exatamente o que vou conseguir desse encontro, mas na pior das hipóteses, matarei a saudade de uma pessoa que considero muito.

Passam uns cinco minutos quando vejo alguém se aproximar de mim com passos rápidos. Me viro na cadeira a tempo de vê-la chegar com um sorriso enorme no rosto, praticamente saltitando.

Agradeço por ter *stalkeado* suas fotos mais recentes no Facebook, pois caso contrário, teria ficado de boca aberta para a figura que me abraça forte. O rosto de adolescente de Emma não existe mais. Os traços finos e infantis ficaram para trás, dando ênfase nas características lindas e bem desenhadas de mulher que tomam conta de seu rosto e corpo. Com os cabelos ruivos puxados para trás em um rabo de cavalo e vestindo a roupa azul do hospital, Emma parece exausta, mesmo por trás do sorriso

— Quanto tempo. — Ela diz, ainda sem me soltar. — Pensei que nunca mais te veria.

Retribuo o abraço forte, agradecendo a mim mesma por ter tido a coragem de entrar em contato. Só agora, com Emma na minha frente, reconheço como senti sua falta.

— É tão bom te ver... — me afasto, a segurando pelos ombros. — Você parece tão... Adulta.

Ela ri alto, me puxando atrás de si pelo labirinto de mesas.

— Isso se chama estresse e poucas horas de sono. Vamos pegar algo para comer. Já estou de plantão há 24h e morrendo de fome.

Mesmo notoriamente exausta e sendo levada ao extremo todos os dias, Emma me diz que não tem nada que ame mais fazer na vida,

além de praticar medicina. Explica que está estagiando e que ano que vem fará a residência de cirurgia geral – afinal, decidiu. De alguma forma me vejo através de seus olhos, pois acho as familiaridades da produção editorial com medicina, e isso inclui o estresse e poucas horas de sono. Lógico que meu trabalho não salva a vida de ninguém, mas não consigo lembrar a última vez que saí no horário certo do escritório ou quantas noites passei em claro tendo que entregar um serviço urgente para o prazo ridículo estipulado por Greg.

Depois de tanto tempo sem contato, passamos facilmente os próximos vinte minutos conversando sobre amenidades da vida. Conto que estou na cidade a trabalho, por cinco meses, e ao contrário de Daniel, Emma não pergunta por que não a procurei, mesmo eu vendo o questionamento passar por seu rosto.

Quando o assunto acaba, sinto a língua coçar com a pergunta que quero fazer desde que a vi.

— Pode falar. — Emma diz, rindo, como se já soubesse que esse momento chegaria.

— Você sabia do livro? — é minha primeira pergunta.

Ela respira fundo, se ajustando na cadeira.

— Fiquei sabendo que seria publicado, mas não li. — Não duvido de sua sinceridade. — A vida de Daniel ficou tão louca quanto a minha quando a empresa deu certo. Você sabe disso, claro, mas o que quero dizer é que perdemos o contato por um tempo. Conversávamos pelo telefone às vezes, trocávamos mensagem, íamos visitar nossos pais no mesmo período para poder nos vermos, mas nunca conversamos sobre o livro. Por mais que eu saiba quando foi que ele escreveu.

Enrugo o cenho, curiosa.

— E quando foi isso?

Emma mexe no resto de salada que tem em seu prato, parecendo um pouco desconfortável.

— Vocês conversaram?

— Não muito...

É sua vez de ficar confusa.

— Então como ficou sabendo do livro? Ele não te contou?

Rio com sarcasmo.

— Eu disse que estou trabalhando em uma editora. Não soou nenhum alarme na sua cabeça? — aguardo uns segundos para que as coisas comecem a fazer sentido para ela. — Trabalho na *HarrySmith*, Emma. Cheguei na segunda-feira para trabalhar esperando que fosse mais um dia comum na minha vida, e dei de cara com Daniel na sala de reuniões sobre o maldito livro que escreveu sobre nós.

Sua mão tenta cobrir a boca aberta em formado de "O", completamente chocada.

— Espera, ele escreveu sobre vocês?

— Você não sabe *nada* do livro? — Ela nega, mais chocada ainda. — Um casal que se conhece em Londres e a distância os separa. Você já viu esse filme, antes, Emma.

— *Shit...* Juro que não sabia. — Ela encara o nada por alguns segundos, pensativa. — Isso significa que ela também não deve saber.

Espero por uma explicação de sua parte, o que não vem, então me atrevo a perguntar.

— Ela quem?

Emma ergue os olhos e me encara com pesar. Posso ver a raiva e desconforto e pena atravessar cada expressão de seu rosto. Não gosto desse olhar. Significa que está prestes a me dizer algo que não quer que eu saiba.

— A esposa dele — aguardo, o coração batendo como tambores em meus ouvidos. — Você sabe com quem ele é casado, Nina?

Nesse instante sinto um beliscão na boca do estômago e acho que posso vomitar o almoço que acabei de comer. Não tinha pensado nisso antes, mas agora que ouço seu tom e o pesar de suas palavras, só consigo pensar em *uma* pessoa.

E é bem pior do que pude imaginar.

Reconhecendo meu desconforto da recente descoberta, Emma aperta minha mão com força e começa a falar sem parar, como se qualquer coisa que dissesse agora fosse melhorar o que estou sentindo.

— Eu odiei tanto quando mamãe enfim conseguiu fazer o que tanto queria. Odiei tanto que Daniel estivesse passando por uma fase tão ruim que aceitou se submeter a essas coisas. Se submeter a *ela*. Eu sei

que parece péssimo, e até foi por uns dois anos, mas agora está tudo complicado, e ele conversa comigo quando temos a chance e eu sei que não está nada fácil entre eles. Deveria me sentir péssima por pensar nisso, mas não fico, pois estou feliz que eles estejam por um fio e aguardo ansiosa pelo momento que anunciem logo o divórcio. — Emma para e respira, esperando por uma reação minha, que não vem. — Clair vive mais em Paris do que aqui em Londres. Ela conseguiu se erguer na vida de modelo e não quis voltar quando ele precisou assumir parte da empresa aqui. E eu amei, porque ele veio mesmo assim. Ela aparece só às vezes, ou ele vai para lá de quinze em quinze dias: realmente não sei como andam as coisas agora. Mas, Nina. — Ela aperta minha mão com mais força, para que eu olhe em seus olhos. Sinto que posso começar a chorar a qualquer momento. — Eu acho que vocês precisam conversar. Tenho certeza de que meu irmão nunca superou você, e reconhecendo a dor em seus olhos agora, sei que você nunca o superou, também. Quando vocês estavam juntos eu só pensava que queria encontrar alguém que me olhasse como ele te olhava. Como queria achar um cara que me fizesse rir como você ria quando estava com ele. Vocês ainda são meu melhor casal, mesmo depois de cinco anos, só... Só acho que o *timing* de vocês não esteve certo, mas agora pode ser diferente...

Ouçó suas palavras com atenção, mas a todo momento penso que Clair esteve aqui o tempo todo, inclusive quando estávamos namorando, mas distantes um do outro. Penso nela lendo minhas mensagens, atrás do notebook quando ligávamos, dormindo na cama que passei dois meses, ocupando o espaço que deveria ser meu, até conseguir o que eu não consegui: o sobrenome dele.

— Nina, me desculpe... Não deveria ter te contado. Pensei que você já soubesse. — Emma começa a ficar desesperada. — Pensa com clareza: ele escreveu um livro sobre a história de vocês, e agora vai publicá-lo. Ele me explicou como o editor gostou, como estão animados e esperam um grande sucesso, de tão bom que é! — Agora ela suplica. — Por favor, conversem...

Tento engolir o nó que se formou em minha garganta e seco uma lágrima fujona.

— Preciso processar isso primeiro, Emma. Mas obrigada por ter me contado... Realmente não deu para conversarmos muito na segunda-feira.

Ela assente, notoriamente perturbada por ter me feito chorar por algo que eu já deveria ter imaginado no segundo em que vi a aliança no dedo dele.

No segundo seguinte ouço algo tocar nela, e percebo que é um bip quando Emma solta minha mão e lê a mensagem, ficando mais agitada.

— Não queria te deixar agora, mas chegou um trauma e eu preciso ir. — Ela se levanta, indecisa sem saber se deve ir mesmo ou se fica comigo. — Te ligo mais tarde, pode ser?

Assinto, tentando sorrir para que ela vá sem se preocupar.

— Claro. Liga sim, vamos conversar.

Emma me abraça de lado meio sem jeito e beija minha bochecha antes de sair como um furacão para o trauma que a aguarda.

E eu ainda fico aqui nessa cafeteria por uns quinze minutos, tentando colocar os pensamentos de tais descobertas em ordem.



Não sei por que me torturo desse jeito, mas continuo encarando seu bilhete escrito à mão que deixei colado no rodapé da tela grande do computador. Minha produtividade caiu 50% essa semana, sei que

Greg – e todo mundo – repara, pois a tradução que já era para estar pronta ainda se encontra pela metade.

Mia, ao contrário de mim, não parece ter problema nenhum na revisão da segunda prova que faz, já que não tira os olhos da impressão a sua frente, engolindo cada palavra como se fosse saciar sua sede. Já é quase final do expediente e ela não larga as folhas, anotando pequenas alterações com rapidez, até que ouço uma fungada baixa. Tiro os olhos da minha tela e presto atenção na figura mirrada na minha frente, pois não é possível que isso esteja acontecendo.

– Mia? Você está chorando?

Ela ergue a cabeça, notoriamente constrangida, limpando o rosto que está vermelho como um camarão, os olhos inchados e marejados.

– Estou... Esse livro é tão lindo... Você precisa ler.

Estou dividida entre entrar em desespero ou revirar os olhos. Por via das dúvidas, não faço nenhum dos dois, só observo enquanto ela abaixa a cabeça e continua, ansiosa para alcançar o final.

Quando dá 17h, os departamentos começam a ir embora aos poucos, e como de costume, permaneço em minha mesa. Preciso entregar esse texto com urgência, e se não acabar hoje, em plena sexta-feira, terei de me virar no final de semana em casa para que esteja pronto na segunda-feira.

Que saudade de ter minha mente focada e livre de qualquer preocupação. Que saudade de ter minhas tarefas feitas de uma vez só, com rapidez e agilidade.

Que saudade de não ser atormentada 24h por sentimentos sabotadores que tiram toda a minha concentração e compostura.

Emma me ligou aquela noite, mas decidi que não queria mais falar no assunto, por isso continuamos pondo a fofoca em dia, o que não durou nem dez minutos, já que ela estava *literalmente* caindo no sono do outro lado da linha depois de um plantão longo e exaustivo.

Noto quando Mia termina por volta das 17h30, pois estica as costas na cadeira e respira fundo, secando o rosto com um sorriso idiota nos lábios.

– E aí? – Me atrevo a perguntar.

— Se não entrar na lista do *The New York Times*, mudo meu nome.
Queda de pressão.

Finjo que ouvir isso não me abala, e continuo traduzindo o texto a minha frente com a maior atenção que posso ter no momento. Mia desliga seu computador, leva a revisão para serem feitas as emendas e volta para me dar boa noite e pegar sua bolsa.

Olho em volta e vejo as mesas apagadas de cada departamento, sobrando somente alguns viciados em trabalho como eu. Penso que poderia sair, ir para um bar com algum colega, curtir a sexta-feira, quem sabe até aceitar um dos diversos convites que Matt me fez, mas desanimo no mesmo segundo. Não estou com cabeça para isso.

Mas também não sei a quem estou tentando enganar quando digo que vou continuar traduzindo, pois no segundo em que Mia sai do escritório, abro a rede e procuro nas pastas de serviço o título que tem me perseguido há uma semana. Assim que abro, vejo o original com o texto preparado pela Adele e a diagramação de primeira prova feito pelo Ed. Abro esse e arrasto o cursor para baixo, passando pelo olho a folha de rosto, ficha catalográfica e enfim chegando na página de dedicatória.

“Para todos os que tiveram seu grande amor em mãos e os deixou partir.”

Fecho o arquivo como se fosse radioativo e desligo o computador com o apertar de um botão. Agora entendo o que Emma disse sobre Clair não saber do livro. Ela sabe da nossa história, sabe o que vivemos, o que faria se soubesse que seu marido escreveu um livro inteiro, de 375 páginas sobre outra mulher que não seja ela?

Não digo em voz alta, mas me sinto um pouco vitoriosa por isso, por mais que não tenha muita glória em ser a personagem cega de um livro que não faço ideia do final.

Pego o celular e abro o aplicativo de mensagens, procurando seu nome para uma nova conversa. Só de ver a pequena foto no topo da tela ao lado de seu nome faz meu coração derreter.

Como é possível que depois de todo esse tempo Daniel ainda tenha algum efeito sobre mim? Tive muito tempo para pensar, e Chelsea talvez tenha razão: não tivemos um ponto final decente. Por isso sofri tanto quando terminamos. Por isso quase morri quando nos

encontramos na segunda-feira. Por isso ainda sinto minhas pernas tremerem quando penso em seu sorriso.

E é por isso que sofro pelo seu casamento como se tivesse sido traída, por mais que a ideia seja ridícula.

Digito e envio sem pensar muito, caso mude de ideia:

Eu: Estou pronta para ouvir suas explicações 18:03

Não tenho tempo de bloquear o celular e aguardar por uma resposta sem morrer de ansiedade, pois vejo que ele fica on-line na hora e já está digitando.

Daniel: Claro 18:03

Onde te busco? 18:03

Sorrio, e nem sei por quê.

Eu: Ainda estou na editora 18:03

Daniel: Chego aí em 15min 18:03

Pego minhas coisas e vou para o banheiro, olhando a figura de bochechas coradas e olhos brilhantes que me encara de volta. De repente me sinto com vinte anos de novo. Tirando as mudanças óbvias – os cachos que antes eram curtos e agora quase alcançam a cintura, pesados demais para serem cachos e a vestimenta formal – não há muita coisa de diferente em mim. Reforço um pouco a maquiagem na esperança de disfarçar as olheiras de muitas horas na frente do computador – e agora de dias mal dormidos por pensamentos demais – e saio, me despedindo das poucas pessoas que agora fazem hora extra.

Não faço ideia do que irá desenrolar dessa noite. Talvez eu esteja cometendo um grande erro, mas uma parte minha quer mesmo ouvir tudo da boca de Daniel. Emma tem razão: deveríamos conversar.

Espero sentada na recepção do prédio comercial, rolando o *feed* do Facebook para tentar relaxar um pouco. Quando recebo sua mensagem de que está chegando, levanto e dou uma pequena checada no vidro fumê da porta, ajeitando a calça formal azul marinho e a blusa branca por dentro do blazer, reforçado pelo sobretudo grosso.

Respiro fundo para tomar coragem e passo pela porta apertando o casaco junto ao corpo pelo vento frio que me acerta em cheio. Imagino que o termômetro esteja marcando 2°C com sensação de -5°C. Por

sorte, poucos segundos depois uma SUV preta encosta no meio fio e a janela do motorista se abaixa para mostrar Daniel no volante com um meio sorriso obviamente nervoso.

Dou uma pequena corridinha até o lado do carona e entro batendo a porta como se minha vida dependesse disso. No mesmo instante levo as mãos na saída do aquecedor, quase gemendo de prazer ao sentir os nós dos dedos se desfazerem.

— Você nunca vai se acostumar com esse frio, né? — Ele pergunta, saindo com o carro.

— Não mesmo. Amo frio, mas o frio do Rio, que é 15°C no máximo.

Olho para o lado admirando por alguns segundos seu perfil pouco iluminado pelo painel do carro, e há um pequeno sorriso em seus lábios. Quase consigo sentir a tensão se dissipar, como se por um segundo nunca tivéssemos nos separado.

O pensamento de *não* estarmos juntos leva meus olhos para sua mão esquerda que segura o volante. O dedo anelar nu com uma marca fraca da aliança que um dia esteve ali faz meu estômago revirar. Será que ele anda sem ela ou tirou somente para me encontrar?

Isso muda alguma coisa?

Viro os olhos para a rua quando Daniel volta a falar, como se tivesse sido pega no flagra. Meu coração bate tão alto que tenho certeza de que ele pode ouvir por cima do som do motor.

— Me lembro bem. Aquela vez que você veio em janeiro nem estava tão frio assim, mas reclamava toda vez que tínhamos que sair.

Daniel cita a lembrança como se tivesse acontecido mês passado, e não a cinco anos atrás. Isso faz com que eu fique mais nostálgica, e não há mais nada que eu possa dizer depois disso, só:

— Sim...

Ficamos em silêncio, os dois com os olhos focados no trânsito pesado da sexta-feira à noite no centro de Londres. Quando paramos em um sinal fechado, ele se vira para mim, procurando algo para fazer.

— Emma disse que você foi visitá-la.

Fecho os olhos lentamente, agradecendo por estar escuro o suficiente para que ele não veja meu rosto vermelho.

— Traidora – brinco sem conseguir segurar o riso.

— Pois é. Ela me ligou na quarta-feira. Recebi um sermão, seu número de telefone e a exigência de que te ligasse para conversarmos.

Olho para ele no mesmo segundo em que o sinal abre e perco a visão de sua expressão referente a essa confissão. Processo as palavras por um tempo, até tomar coragem de perguntar.

— E por que não ligou?

Daniel dá de ombros.

— Te mandei flores com meu número, pedindo que me ligasse para conversarmos e você não fez. Não quis parecer invasivo ou te pressionar a nada. Esperei que entrasse em contato comigo quando estivesse pronta, e aqui estamos nós.

Ele para o carro no instante em que diz isso, e só então noto que estamos na frente de um restaurante. Em um piscar de olhos Daniel está fora do carro, entregando a chave para o manobrista enquanto dá a volta para abrir minha porta.

Faço isso antes dele, pois não estamos em um encontro, também não quero me lembrar de todas as coisas que fez com que me apaixonasse por ele antes.

É a primeira vez que fico em pé ao seu lado tão perto assim – sem sair correndo e surtando, como da última vez – e meu cérebro registra com deleite a realidade de sua altura, trazendo todas as vezes que precisei ficar na ponta dos pés para beijá-lo.

Afasto os olhos e fecho a porta, dando um passo para a calçada enquanto o manobrista sai com o carro, nos deixando sozinhos no frio. O restaurante parece ser caro o suficiente para ter um manobrista, e olho nervosa a fachada de madeira crua, telhado colonial salpicado de neve e iluminação amarela e aconchegante.

— Vamos?

Sou impulsionada pela vontade de entrar em um ambiente aquecido de novo, então caminho ao seu lado até a porta ser aberta para nós. Uma *hostess* nos leva até uma mesa perto da janela e sento antes que Daniel dê um passo em minha direção. Espero que com isso ele entenda que estou fugindo de seu papo de “*não meço esforços para impressionar uma garota*”.

Quando se senta à minha frente o observo com deleite – muito inconveniente – enquanto Dan tira o sobretudo preto e pendura nas costas da cadeira, ficando somente com a blusa de lã de gola rolê. Ele aceita o cardápio oferecido pela *hostess* que logo se retira.

— Posso pedir seu favorito?

Quero tacar esse enfeite de mesa nele e em seu sorriso de bom moço quando me pergunta isso, pois obviamente está jogando sujo desde o momento em que mencionou quando estive em Londres em janeiro de 2013 com ele, no lançamento de sua maldita empresa.

— Não estou com fome, na verdade – torço o guardanapo entre os dedos. — Nervosa demais para engolir qualquer coisa.

Sorrio para aliviar a tensão no mesmo instante em que o garçom chega, se apresentando com educação.

— Só vou querer um whisky, por favor. Duplo. Puro.

Daniel engole sua risada do outro lado da mesa e me olha com cuidado antes de pedir seu chá gelado.

— Dirigindo, você sabe – acrescenta. — Bem que queria te acompanhar no whisky.

Assinto.

O garçom se vai com nosso pedido e ficamos em silêncio, nos olhando com intensidade. Houve um tempo em que eu sabia exatamente o que Daniel pensava só de olhar em seus olhos, e acho que ainda restou algo disso, pois consigo sentir seu nervoso e ansiedade na mesma intensidade que a minha. Preciso resistir a vontade de erguer a mão sobre a mesa e pegar a sua, como costumava fazer com tanta naturalidade.

— Desculpe por ter surtado na segunda-feira – confesso com sinceridade. — Não era como se eu estivesse esperando te encontrar do nada.

Daniel ri.

— Tudo bem, eu entendo. Também surtei, só que um pouco mais tarde. — Ele diz como se não fosse nada demais, dando de ombros.

Nossa bebida chega e brindamos pateticamente o copo de whisky com o chá gelado. Dou um gole generoso no líquido âmbar que desce queimando, me aquecendo melhor por dentro e dando coragem para

enfrentar qualquer que seja o rumo dessa conversa.

— Então – digo –, por onde você quer começar?

Dan apoia os braços na mesa, se inclinando para a frente como se preparasse.

— O que você quer ouvir primeiro?

Ele não parece nervoso em me dar essa deixa, e isso faz com que a pergunta ferva em minha cabeça. Antes que eu pense melhor se devo fazê-la ou não, já a cuspi na mesa.

— Por que ela? – engulo minha língua e massagueio as têmporas, como se o gesto fosse me acalmar. — Não, você não precisa responder isso. Desculpe.

— Tudo bem, Nina – ergo os olhos, e ele não está nem mesmo constrangido. Só não digo que está relaxado porque seria absurdo demais. — Você quer a versão longa ou curta da história?

— Você não me deve explicações, Daniel – dou mais um gole no whisky, fazendo careta. — Eu só queria perguntar *uma* coisa.

— Qualquer coisa.

Engulo em seco, vendo minha coragem fugir para baixo da mesa.

— Aconteceu quando ainda estávamos juntos?

A pergunta o acerta como um tapa na cara, fazendo-o se encostar na cadeira, no mínimo ofendido.

— Não! Eu não sou esse tipo de cara, você sabe disso.

Dou de ombros.

— Eu sei. Mas ficamos muito tempo separados e...

— Isso não é justificativa. — Ele me corta.

— Pode não ser para você, mas muitos caras na sua posição teriam feito bem pior.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Então você acha que eu te traí enquanto estávamos juntos?

Sinto o peso de suas palavras, e sei o quanto isso soa mal.

— Não, mas é tudo o que penso desde que Emma me disse quem usa a outra aliança que deveria estar em seu dedo e agora tem o seu sobrenome – sinto o nó na garganta dar o seu primeiro sinal de vida e preciso de mais um gole de álcool para me controlar. — Você está casado com uma pessoa que esteve no seu passado muito antes de eu

chegar, e se a conheço bem, esteve presente durante todo o momento em que eu não estive; se não com você, rodeando a sua família. Então me diz por que eu não deveria achar essas coisas?

Ele está de braços cruzados, pensativo.

— Porque você confiava em mim e eu confiava em você. Por isso não aconteceu nada, nem quando estávamos juntos, nem um ano depois.

Quando fico em silêncio, Daniel bufa e passa a mão pelo cabelo curto, o fantasma de uma mania de que tinha quando ainda existia algum cabelo para isso.

— Olhando para trás agora, mal consigo me lembrar de como foi o ano de 2013 ou 2014. Tudo passou tão rápido, tão conturbado, que preciso fazer um esforço hercúleo para lembrar de eventos específicos — seus olhos tomam um tom profundo, conflitante, como se a sensação de tempo perdido o agoniasse de verdade. — Todas as mudanças, o aplicativo dando certo, responsabilidades de verdade, uma empresa tomando forma e se espalhando com tanta rapidez... Eu me perdi, Nina. — Seus olhos grudam nos meus quando dizem isso e sua dor me machuca. — Só pensava no próximo negócio a ser fechado e na próxima reunião e na próxima expansão... — há culpa e remorso em sua voz quando diz. — Eu nem entendi os seus motivos de terminar comigo na época, de tão cego que estava. Para mim você estava sendo egoísta e pensando somente em si. Perdi a cabeça ao nível de esquecer de todas as coisas que me faziam ser completamente apaixonado por você.

Abaixo os olhos por não aguentar a intensidade dos seus, e há tanto peso em suas palavras que me sinto angustiada.

— Você está certa. — Ele continua. — Clair não parou de rodear minha família. Estava sempre por perto, mas além de eu não estar com tempo para nada, ainda não tinha superado muito bem o que havia acontecido conosco. Até que... — Ele encara suas mãos, desconfortável pela primeira vez. — Até que no casamento do Martin eu bebi demais, estava me sentindo péssimo, sozinho, triste por ver que todos meus amigos estavam casados, menos eu, e fiz a besteira de deixar Clair entrar na minha vida de novo.

Estou morrendo bem no segundo em que suas palavras perfuram meu coração e minha alma e meu corpo e quero pedir para ele parar de falar, mas quero *tanto* saber no que isso deu e porque está aqui comigo hoje e não com sua esposa... Por isso fico calada, morrendo em silêncio, enquanto ouço a história de como o homem que nunca deixei de amar se casou com outra.

— Eu não estava pensando. Não estava raciocinando. Só deixei que tudo acontecesse e crescesse como um câncer. Só queria trabalhar até tarde, ver resultados, ver crescimento para a empresa. E minha mãe não desistiu até conseguir me vencer pelo cansaço, e quando me dei conta, estava morando em Paris, que odeio, com uma pessoa que deixei de conhecer há anos, fazendo trabalho de três em uma empresa que deveria ser de cinco.

Observo-o segurar a cabeça, notoriamente se perguntando como conseguiu chegar a esse nível. Meu coração se parte em mil pedaços com a cena.

— No final de 2016 voltei para Londres, vendi minha parte da empresa e saí da sociedade, decidindo trabalhar sozinho. Investi em uma loja on-line de departamentos, mantive meus investimentos na bolsa de valores, e foi na mesma época em que comecei a escrever o livro.

Daniel olha em meus olhos quando chega nessa parte, como se quisesse ter certeza de que estou ouvindo.

E eu estou ouvindo-o com cada célula do meu corpo.

— Precisei de três anos para me dar conta de tudo o que fiz de errado, Nina. Três anos para pôr a mão na consciência e perceber que perdi tudo ao tentar ser um empresário e ganhar dinheiro. Três anos para ver que fui muito mais feliz trabalhando na administração de uma escola de intercâmbio, onde tinha tempo de sobra para passar horas com você em uma ligação e não perder nenhuma mensagem que me enviava.

Só percebo que estou chorando quando sinto uma lágrima escorrer pela minha bochecha. Corro para secá-la, mas é em vão; logo vem outra atrás.

— Eu te procurei no Facebook. Você parecia feliz ao lado dele na

foto de perfil, e em todas as outras dos álbuns – noto que ele se refere ao Murilo. — Foi aí que ganhei mais forças para continuar o livro e em três meses já estava pronto. Dar um final aos personagens que viveram algo tão parecido com o que vivemos foi meu jeito de pôr um ponto final na nossa história, mesmo não tendo uma. Não tinha intenção de publicar, até que Greg pediu para ler o original. Sei que estava fazendo por educação, por ser meu amigo, mas quando me ligou 3h da manhã falando que era incrível e que seria uma honra publicar, eu só aceitei. Pensei que seria uma boa forma de dizer a você que o que vivemos foi bonito e importante o suficiente para dar vida aos personagens que não conseguiam me deixar dormir a noite.

Me estilhaço e me desfaço e me derreto em sua mão que se estica sobre a mesa e pega a minha, apertando-a com força. Agradeço por Daniel ter tido a coragem de fazer o que estive me privando a noite inteira. Seu toque é quente e cálido e carinhoso – como sempre – e não há nada nesse homem que me faça odiá-lo, isso inclui sua situação conjugal.

Percebendo que encaro a ausência de sua aliança na mão esquerda, Daniel continua:

— Acho que no fundo Clair sempre soube que eu não tinha superado você. Acho que se aproveitou da afeição da minha mãe e da amizade de nossos pais e não desistiu até conseguir o que tanto queria: fazer parte da família Wolf e posar bem nas fotos das suas campanhas de moda ao lado do empresário com certo nome no mercado. — Ele solta uma risada sem achar graça. — Tem no mínimo um mês que não nos vemos, acho que ela sabe que o assunto do divórcio vai surgir em breve. Só estou esperando que sua temporada de desfiles e campanhas acabe para pôr um ponto final nisso.

Não sei se estou conseguindo disfarçar meu alívio, pois era tudo o que eu queria ouvir. Era só o que precisava saber para respirar aliviada e pensar com mais clareza o que quer que vá acontecer. Pelo menos não preciso mais me sentir culpada por isso, e ao ouvir de sua boca a confissão de que não estava sendo ele mesmo cinco anos atrás – coisa que eu já sabia – é ainda melhor.

Por isso acho que estou sorrindo.

— Você ainda está com ele?

De início não entendo sua pergunta, mas depois de alguns segundos entendo que se refere a Murilo, então estou negando rapidamente com a cabeça. Foco em sua mão que ainda está junto com a minha, fazendo círculos delicados com o polegar contra minha pele.

— Não. Terminei no mesmo dia que soube que a *HarrySmith* havia me contratado – ergo os olhos, abrindo meu coração para ele quando digo. — Eu tentei seguir em frente, mas ninguém é você.

Sóis nascem e se põe atrás de seu sorriso e de seus olhos e Daniel está levantando e puxando sua cadeira para o meu lado, tão perto, tão quente, e suas mãos estão me puxando para junto de si e tudo acontece tão rápido que acho que estou morta e essa é a sensação de ser recebida no paraíso, pois seus lábios estão colados nos meus, dessa vez não existe nada para nos separar.

Sou jogada dentro de uma máquina do tempo e cuspidada em 2012 onde todo o meu mundo começou a girar em torno desses braços e desse cheiro e desse sentimento de me tirar do chão e me fazer acreditar que o amor é isso – isso aqui, esse agora – no beijo que continua o mesmo e na emoção que transborda desses olhos avelãs que me olham com admiração e reconhecimento.

Como se estivesse esperado a vida inteira para me ver de novo.

— Eu vou dar um jeito nessa bagunça toda... Prometo. – Daniel sussurra junto aos meus lábios, encostando sua testa na minha.

Não sei de onde tiro tanta força de vontade para me afastar um pouco, olhando-o completamente confusa e mexida com o momento.

O que está acontecendo? Quando vim parar em seus braços?

— O que isso significa? Digo, o que significa para *nós*?

Dan segura meu rosto, duas palmas quentes em minhas bochechas. Ele pensa na resposta por alguns segundos.

— Significa que *ainda existe* um “*nós*”. Que ainda podemos ficar juntos, fazer as coisas do jeito certo, que estamos em momentos diferentes de nossas vidas referente a cinco anos atrás, e que você não precisa partir em breve e que o que sempre quisermos está bem aqui, na nossa frente.

Sorrio, me identificando com cada palavra que sai dos seus lábios.

Me identificando com o sentimento, com as batidas irregulares do coração, com todas as possibilidades que pensei serem impossíveis para nós dois.

Mesmo assim, ainda tenho medo da queda, ainda mais agora que sei como dói quando atingimos o chão com tudo.

— Acho que precisamos ir com calma – consigo dizer. — Não vou a lugar nenhum, e nem você. Minha vida só começou aqui em Londres... Se quisermos fazer isso direito, precisamos ir com calma, certo?

Daniel assente, como se a ideia o acertasse só agora.

— Sim, claro. Você está certa...

Beijo-o de novo, só porque comecei – e parece tão certo – e não quero parar nunca mais, e porque aparentemente, posso.

— Quando a campanha ou sei-lá-o-que *dela* acaba? – Não consigo nem dizer seu nome.

— Hum, final de fevereiro, acho.

— Acho que conseguimos manter isso devagar por um mês, certo? Eu não... não vou me sentir muito confortável em saber que nada foi resolvido e...

Daniel me cala com mais um beijo.

— Eu entendo, não precisa se preocupar.

Assinto, incapaz de conter o sorriso idiota que se abre em meus lábios e me rasga ao meio e me dilacera pelos raios de sol que explodem para todos os lados. Agradeço a voz da Emma que não me deixou dormir a noite e a coragem que tive de ouvir suas verdades – tão dolorosas – tão essenciais. Não imagino o que seria de mim se não o desse a chance de se explicar. Enquanto Daniel me beija de novo – e de novo e de novo – só consigo pensar que todo o tempo valeu a pena.

Todo o tempo a sua espera sempre valeria a pena.

Agora eu sei disso.



Passo pela porta da gráfica e sou recebida pelo cheiro maravilhoso de papéis e tinta. O barulho constante das máquinas trabalhando chega ser como música para meus ouvidos. Na Editora HOJE não tínhamos nossa própria gráfica, então nunca tive a oportunidade de ver o processo de impressão do livro, o que me encantou quando cheguei na *HarrySmith*.

A sensação de ser uma das pessoas responsáveis por pegar um texto cru, cheios de erro de digitação e gramática, – ou até mesmo em outra língua –, lapidá-lo e moldá-lo até se tornar esse objeto de tanto deleite e apreço aos amantes da leitura, é incrível.

Por isso que quando venho aqui embaixo, demoro mais tempo do que deveria, e hoje há um bom motivo para isso.

— Esse já é a segunda prova? – pergunto para Marco, apontando para o livro de capa em tons de roxo que parece estar no processo final de cola da lombada.

Ele confere algo em seu computador e assente.

— Isso, segunda prova. Veio pegar ele?

— Ele e mais alguns outros. Jenna quer ver como anda a produção dos próximos lançamentos.

Arrumo em uma caixa as últimas provas para aprovação e aguardo por esse último com ansiedade, mantendo uma distância segura para

não ficar no meio de ninguém que tenta fazer seu trabalho.

— Você está diferente. — Marco comenta, tirando os olhos da produção só por um momento para me avaliar melhor. — Mudou alguma coisa no cabelo?

Sinto o rosto corar, mas já imagino o que ele quer dizer.

— Como assim?

Marco dá de ombros, terminando de dobrar as orelhas do livro que acabou de colar, estendendo-o para mim.

— Não sei, você está... *radiante*.

Engulo um sorriso e pego o livro, colocando-o na caixa junto com os outros. Não digo a Marco, mas estou mesmo radiante. Estou mesmo dormindo e acordando com o sol ao meu lado, por mais que estejamos em pleno inverno e não saiba o que é sol há três meses. Estou radiante pois faz quatro dias desde que Daniel e eu conversamos. Quatro dias que as coisas parecem estar caminhando em uma direção segura. Quatro dias que conversamos por mensagens e ligações e já saímos para jantar duas vezes.

Quatro dias em que acho que tudo vai ficar bem.

Mas o que digo para Marco, é:

— É impressão sua. Não fiz nada.

Entro no elevador e aperto o 17º andar com o cotovelo, ajeitando a caixa pesada em mãos. Durante todo o caminho fico encarando a capa roxa com o texto cursivo gritando “*Two Hearts Apart*” e o nome DANIEL WOLF em destaque em cima. Pela primeira vez desde que fiquei sabendo desse livro, não me sinto confrontada pela ideia. Pela primeira vez, me sinto aquecida por ter servido de inspiração para alguém a nível de sintetizar tantas palavras e colocá-las em um papel, pronto para levar ao mundo.

Por isso ao invés de ir direto para a sala de Jenna, dou uma paradinha na minha mesa e tiro o livro da caixa, deixando-o parcialmente escondido pela pilha de papeis que não me dei ao trabalho de organizar. Há outros oito títulos para ela analisar e decidir o próximo passo de cada um – seja para uma outra revisão ou direto para a produção em massa – então creio que não irá notar a ausência de um até o final do dia.

De volta a minha mesa dez minutos depois, escorrego a brochura para dentro da minha bolsa e pego o casaco e sobretudo nas costas da cadeira. Mia ergue os olhos quando percebe que estou prestes a sair.

— Se perguntarem fale que tive que resolver alguma coisa no banco. Você é ótima para inventar desculpa para mim, mesmo.

Ela me responde com uma piscadela de camaradagem, e já estou com o celular no ouvido quando entro no elevador.

Daniel atende no segundo toque.

— Ei, bom dia. Ia te mandar uma mensagem agora.

— Você está na empresa?

Sou o nervosismo em pessoa.

— Sim, acabei de chegar. Por quê?

— Me passa o endereço. Estou levando uma surpresa para você.

Ele não hesita em me passar os dados e nem pergunta uma segunda vez o que estou indo fazer em seu trabalho; só parece feliz o suficiente para me ver em uma plena terça-feira.

Estou morrendo de ansiedade para ver sua reação quando paro o carro quinze minutos depois no estacionamento do prédio comercial gigante em que sua empresa fica. Daniel foi modesto em dizer que *“investiu em uma loja on-line de departamentos”*, pois o que encontrei depois que fui pesquisar, foi um site grande e conceituado muito bem avaliado em rápida entrega e excelente atendimento. Se *“investir”* em algo significa comprar uma empresa que estava falindo e a remodelar para o sucesso, Daniel nasceu para ser empresário.

Me pergunto onde ficou escondido esse talento para os negócios durante tantos anos.

Quando saio do elevador no 32º andar vejo de cara a logo da empresa em 3D ao lado da grande porta de vidro. Respiro fundo na intenção de conseguir alguma coragem e entro, chegando no balcão negro da recepção. A menina do outro lado sorri com simpatia.

— Bom dia. Daniel Wolf, por favor.

— A senhora tem hora marcada?

— Sim, ele está a minha espera.

Ela digita algum número no ramal, me anuncia e pede, favor, que siga até o final do corredor, na última sala à esquerda. Sigo as

instruções e observo pelo caminho a agitação e concentração de vários trabalhadores focados em suas tarefas. Não consigo imaginar como é ser responsável por algo tão grande. Responsável por tantas vidas, ser o sustento de tantas famílias.

Estou com isso na cabeça quando chego na porta, e antes de bater, ela se abre para mim, revelando o homem engravatado de 1,85m que me espera, sorridente.

— Que surpresa ótima! — Ele diz, me puxando para dentro e fechando a porta. — Ia te chamar para almoçar hoje. Já que está aqui, poderíamos fazer isso, não?

Daniel me empurra contra a porta com gentileza, afastando meu cabelo do ombro para deixar um beijo quente em minha bochecha. Me derreto e me acendo na mesma intensidade que acho tudo isso ainda muito estranho. Às vezes acho difícil de acreditar que nos reencontramos, quem dirá que estamos juntos, de certa forma.

— Sim... — consigo responder, engasgada pela intensidade das ondas de calor que sua aproximação envia para o meio de minhas pernas. — Podemos almoçar.

Seu sorriso branco se amplia, e tenho certeza de que é por ver meu rosto corado e ouvir minha voz trêmula de um desejo que ainda não resolvemos.

Quando disse que éramos para ir com calma, aparentemente sexo estava no meio por predefinição, e me odeio por ter definido essas regras ridículas. Desde sexta-feira venho sonhando com o momento em que terei esse corpo incrível sobre o meu.

Engulo em seco quando Daniel se afasta, e só então tenho a oportunidade de ver sua sala de verdade. É ampla e cada centímetro passa seriedade. As janelas do chão ao teto atrás de sua mesa mostram uma Londres debaixo da camada contínua de nuvens pesadas, que hora cai chuva, hora cai neve, deixando o trânsito insuportável.

— Uau — digo, dando uma volta completa. — Eu não tinha acreditado, até agora.

— Acreditado no que?

Me viro para ele, que agora está apoiado na mesa preta e lustrosa, os pés cruzados no tornozelo de modo descontraído. Como alguém

em um terno consegue ser tão descontraído assim?

— Que você alcançou tudo isso aos 32 anos.

Daniel sorri, mas há certa dor por trás do gesto.

— Perdi muitas coisas no caminho. Às vezes chegar no topo não é tão glorioso assim.

Assinto para o seu comentário, pois é só o que consigo fazer diante disso. Me lembro com um estalo o que vim realmente fazer aqui e abro a bolsa, tirando o livro de dentro.

— A surpresa. A segunda prova em brochura, literalmente acabou de sair da gráfica.

Dan pega o livro da minha mão e sua expressão é impagável. Não consigo conter o sorriso enquanto observo-o com deleite analisar o projeto final de um livro que tem seu nome na capa. Ele o admira de todos os lados, lê os textos das abas, zomba de sua foto na mini biografia e folheia as páginas, sorrindo como uma criança que acabou de receber o presente que sempre sonhou.

Chego à conclusão de que essa é a cena mais linda que já vi em toda a minha vida.

— Ficou perfeito – diz, enfim. — Você se lembra daquela festa no terraço em que conversamos direito pela primeira vez, e eu te disse que gostava de escrever, que tinha vários projetos parados pela metade e que nem sabia se um dia ia conseguir finalizar um?

Assinto, a lembrança queimando em minha mente como se tivesse acontecido ontem.

— Eu disse que tinha certeza de que você finalizaria algum.

— E eu disse que tinha certeza de que você passaria para a universidade, quando me contou que estava na lista de espera.

Engulo em seco, dando um passo em sua direção sem que perceba. Daniel deixa o livro na mesa ao seu lado como se já não fosse tão importante assim, pegando minha mão em seguida.

— Parece que no final conseguimos tudo o que queríamos, não? – Me ouço dizer, mas parece que já estou em outro lugar quando ele me puxa para perto de si.

— Se “no final” você se refere aos últimos quatro dias, então sim. Consegui tudo o que queria.

Não tenho a oportunidade de reagir a essa declaração, pois no segundo seguinte estou em seus braços e Daniel está me beijando profundamente, desesperadamente, me sorvendo como se eu fosse um copo d'água e ele estivesse no deserto há cinco anos. Suas mãos estão em volta da minha cintura e sinto sua respiração pesada quando me gira nos braços e beija meu pescoço e minha garganta e me senta em sua mesa.

— Eu sei que deveríamos ir devagar — ele está dizendo —, sei que combinamos que faríamos tudo diferente dessa vez, mas *puta merda...*

Quero gritar e dizer que a ideia foi minha e que foi uma ideia muito, *muito idiota*. Quero que a sala pare de rodar e que sua boca volte para a minha, mas já que não consigo formular nenhuma palavra, puxo meu sobretudo sobre os ombros e vejo o segundo em que Daniel entende que estou tacando o foda-se, querendo que isso aconteça aqui *Agora*.

A urgência e a ansiedade fazem com que tropeçemos em galáxias enquanto me atrapalho para terminar de tirar o sobretudo e o casaco e suas mãos estão subindo por minhas pernas, os dedos firmes sobre a meia-calça grossa, se esgueirando para dentro de minha saia.

Entrelaço os dedos em sua nuca quando não acho cabelo suficiente para puxar, somente para me desfazer do gesto e acariciar seu peito quente sobre a camisa social, procurando algum lugar firme nesse mundo para me segurar, pois estou caindo no abismo sem fim de seus lábios e seu desejo e seu toque.

Que me
Incendeia

Solto um gemido rouco sem que perceba, e o som parece tirá-lo do eixo, pois no segundo seguinte puxa minha blusa de dentro da saia, abrindo os botões sem paciência, fazendo com que quase perca alguns no processo. Quando acaba, tiro seu paletó com a mesma urgência, desafrouxando a gravata.

Estou além da compreensão, além da racionalidade quando seus lábios beijam meus seios por cima do meu sutiã e me sorve e ofega contra minha pele, deixando rastros de beijo quente por onde passa.

— Não ouse se mexer. — Ele diz em busca de ar enquanto se afasta

com movimentos calculados, como se não tivesse pressa de ir a lugar nenhum, indo até a porta e fechando-a com a chave.

Só agora pareço me dar conta de onde estou – de onde estamos – e o que estamos prestes a fazer. Há dezenas de pessoas por trás dessa porta que tenho quase certeza *não* ser a prova de som. Mas é quando Daniel caminha em minha direção com a mesma calma, terminando de tirar a gravata e desabotoando a camisa, que percebo que nada no mundo pode me impedir de continuar. Por isso desabotoo meu sutiã e chuto os sapatos para longe, bem a tempo de vê-lo tirar a blusa pelos ombros e pôr a coxa entre minhas pernas, forçando a saia a subir até a cintura.

Beijo seus ombros e acaricio seus braços e me derreto e me desfaço em esse peito avantajado que não existia em seus vinte e sete anos. Imagino por uma fração de sanidade que toda sua frustração dos últimos anos pode ter ficado na academia, e em troca, ganhou esse corpo que tanto venero agora.

Daniel me empurra pelos ombros e preciso apoiar as mãos na mesa, derrubando várias coisas atrás de mim no processo, e antes que perceba, sua boca quente está envolvendo um dos meus mamilos enquanto segura o outro seio com propriedade, levando o pouco que resta da minha compostura.

Nesse segundo não sei como fui capaz de sobreviver todo esse tempo sem esse homem e essa boca e tudo o que seu conjunto é capaz de fazer comigo.

Não sei o que está acontecendo quando um bip eletrônico soa atrás de mim. É difícil raciocinar quando tem alguém fazendo círculos com a língua em meu mamilo endurecido, causando explosões de estrelas por trás das pálpebras e intensificando a dor que sinto entre as pernas. Mas no segundo seguinte congelo quando ouço:

— Senhor Wolf – o telefone diz, e estou com os olhos abertos como duas janelas escancaradas, pronto para afastá-lo, mas Daniel não se mexe —, os sócios já estão na sala para a reunião do meio-dia.

Ele demora longos segundos antes de tirar a boca do meu seio, me olhando com ferocidade. E não desvia quando estica o braço para atrás de mim, pressionando seu membro rijo – de propósito – entre

minhas pernas.

Engasgo um gemido quando ele diz com firmeza:

— Cancele.

Acho que é impossível meus olhos ficarem mais arregalados.

— Mas... Senhor Wolf, o Senhor Ellis já está aqui.

A hesitação de sua recepcionista é audível.

— Então chame o Phillip para assumir. E para qualquer um que perguntar por mim; não estou.

Não sei se isso é possível, mas estou três vezes mais excitada em vê-lo dispensar uma reunião – aparentemente bem importante – com tanta facilidade. Depois de tê-lo visto fazer exatamente o contrário anos atrás, esse gesto me toca de uma maneira diferente, e quando desliga a ligação após a menina dizer “*Sim, Senhor Wolf*”, puxo-o com urgência de volta para mim.

Beijo cada parte que está ao meu alcance e sinto quando suas mãos descem por minha coluna, achando o zíper da saia e o abaixando cegamente. Daniel envolve os dedos no cóis da meia-calça e em minha calcinha, puxando-as para baixo ao mesmo tempo.

Ofego quando o veio se afastar para tirá-las por minhas pernas, analisando cada parte do meu corpo nu sobre sua mesa, os olhos em puro desejo. Seguro seus ombros quando se abaixa na minha frente, descendo pelo meu corpo, decidido aonde quer me beijar.

E conhecendo-o bem, sei que não vai parar.

Mordo os lábios para segurar o gemido que é impossível de ser contigo, morrendo e sendo trazida de volta à vida de novo e de novo. Suas mãos mantêm minhas pernas afastadas e sua boca me explora e me reivindica como sua e acho que não tem forma mais linda de dizer o quanto me ama. Sou levada a todos os tipos de extremos até que meu corpo desiste de lutar e explodo em milhares de partículas de pura incredulidade e prazer a sua volta.

Ainda estou ofegante e tremendo e completamente maravilhada quando Daniel ressurgue a minha frente já com a calça desafivelada, e assim que seus olhos encontram os meus, ele me penetra sem hesitação.

— *Fuck* – é só o que consigo dizer, meu corpo entrando em

combustão de completo êxtase. Envolver meus braços em seus ombros e nos mexemos em sincronia enquanto ele aperta minha cintura com força, seus dedos enterrados em minha pele, puxando-me para si. Solto o ar com sua força, chocada por entender essa emergência e ferocidade como o tamanho do seu prazer. Havia me esquecido como Daniel consegue ser apaixonado e intenso na mesma medida, e agora ele está sendo intenso.

Intenso demais.

Quando para de repente, ofegante e cansado, encosta sua testa na minha. Uso esse tempo para engolir em seco, a boca precisando com urgência de um gole de água, a garganta arranhando pela respiração acelerada. Ainda sem sair de mim, Daniel passa os braços por minhas coxas e me ergue, indo até o sofá de couro no extremo oposto da sala, se sentando comigo por cima. Suas mãos acariciam meu rosto, meus braços, meus seios, e quase não reconheço a pessoa que me fodia dez segundos atrás.

Entendo que quer que eu assuma o controle, e é isso que faço. Seus olhos não desgrudam dos meus enquanto me movo devagar no começo, logo assumindo um ritmo constante. Daniel segura minhas mãos para me dar apoio e exala com força, começando a se mover junto comigo. Vejo o momento exato em que nossa ficha cai que isso está realmente acontecendo, que pertencemos um ao outro na mesma intensidade que antes, na mesma medida, pois seus olhos ficam sérios, e no instante seguinte ele está jogando a cabeça para trás, o corpo tremendo debaixo do meu até os últimos resquícios de sua ejaculação.

Me inclino para frente e beijo sua testa, seus olhos, suas bochechas, seus lábios, agradecendo em silêncio por mais uma vez me fazer a mulher mais completa desse mundo.



— O que você acha do Oliver?

Chels me pergunta pelo fone de ouvido enquanto tento dar um jeito nesse loft que parece estar de pernas para o ar. Não lembro a última vez que tive tempo de simplesmente parar e fazer uma faxina, então decidi tirar o sábado para fazer somente isso.

Isso e porque Daniel virá aqui hoje.

É estranho pensar que estamos realmente conseguindo ir devagar no que quer que isso seja. Tão devagar que faz duas semanas desde a conversa que tivemos, e é a primeira vez que ele colocará os pés no lugar que moro nos últimos cinco meses.

O que aconteceu em seu escritório só se repetiu uma vez, naquele mesmo final de semana, quando tive coragem de ir em seu apartamento. Agora é sua vez de vir me visitar – principalmente por eu ter ficado em choque ao achar o closet de Clair quando na verdade procurava o banheiro, dizendo-o que nunca mais colocaria os pés naquele lugar de novo. Nem por toda transa do mundo.

O espaço que chamo de meu é pequeno e minimalista no estilo industrial. Abriga uma cozinha minúscula, um jogo de sofá de dois lugares, uma bancada de trabalho com vista para as grandes janelas do século passado e a escada caracol que leva para o mezanino onde mal cabe a cama de casal. É perfeito para mim de todas as formas,

desde ser aconchegante e fácil de arrumar, até o preço que cabe no meu bolso.

— Que Oliver? – pergunto, descendo a escada com as roupas de cama emboladas nos braços, jogando-as no cesto de roupas sujas.

— O que eu conheci ano passado naquele evento da filial da minha rádio em Londres.

— Ah, o que você transou por uma semana inteira antes de voltar para a Austrália?

— Esse mesmo.

— Bem, não sei. – Me jogo no sofá, esticando os pés em direção ao aquecedor. — Não o conheci de verdade para ter alguma opinião formada. Só sei o que você me contou, então basicamente só sei o quão bom ele é na cama.

A ligação fica em silêncio, o que não é normal se tratando de Chelsea.

— Chels? O que houve? O que tem ele?

Ouçõ-a suspirar do outro lado.

— Nós estamos conversando desde que tudo aconteceu, mas não definimos nada, sabe, até porque relacionamentos a distância não funciona comigo e eu basicamente disse para o cara que não queria nada sério, mas...

Estou boquiaberta e sorrindo antes que ela termine seu raciocínio.

— Mas...?

— Mas acho que estou gostando dele de verdade. E quando estive aí em julho a emissora em que ele trabalha me ofereceu uma proposta muito boa. Eu meio que estou pensando muito nisso nos últimos dias.

Pisco, pisco de novo, abro a boca para falar algo, mas não sei o que dizer. Primeiro que Chels não é a pessoa mais aberta para falar de sentimentos, e assumir que gosta de um cara deveria ser comparado a um milagre. Segundo que ela nunca me contou sobre essa proposta da emissora em Londres, pois caso eu soubesse, teria a convencido a vir morar comigo há muito tempo.

— Espera, deixa eu ver se entendi: você tem um emprego certo aqui em Londres.

— Sim.

— E um cara que você gosta.

— Isso. E uma casa.

Engasgo.

— Uma *casa*?

— Sim. Herdei a casa da tia Heide quando ela faleceu. Parece que eu era a única sobrinha que ligava e a visitava com frequência.

Preciso juntar um pouco de autocontrole para não começar a xingá-la de todos os nomes, principalmente fazendo o bom uso do termo “idiota”.

— Chelsea, você me conta tudo, tipo, *tudo mesmo*, até o que eu não quero ouvir, então como que eu não estava sabendo dessas coisas?

Silêncio.

— Pensei que você soubesse.

Rio com ironia.

— Acho que me lembraria se minha amiga confessasse atração por um cara ou tivesse herdado uma puta casa na área rica de Londres.

Posso sentir sua hesitação daqui.

— Ok, eu não contei. Mas acho que é porque estive em negação... Tenho tudo o que preciso para tocar minha vida daí, mas... Parece meio radical, sabe? Simplesmente largar tudo aqui e ir – estou pronta para chamar sua atenção para o fato de eu ter feito exatamente isso, quando ela se apressa a completar. — Mas aí você foi e fez exatamente isso. E eu achei do caralho, sabe? Sempre pensei que eu fosse a mais louca de nós duas, mas você me surpreendeu, Nina. E é por isso que tenho andado tão pensativa sobre o assunto.

Sorrio, pois ouvir Chelsea admitir que tive mais coragem que ela para fazer algo soa muito como um elogio.

— Você me apoiou muito quando disse que estava concorrendo a vaga na editora. Foi uma das únicas pessoas que não me chamou de louca ou algo do tipo. Mas acho que não é só uma questão de coragem, Chels... É questão de agarrar todas as oportunidades que temos de fazer algo melhor.

Quando ela fala de novo, ouço sua voz embargada.

— Estou nessa rádio há cinco anos e não me vejo saindo do lugar. Parece que vou morrer como apresentadora de uma estação de música

para jovens delinquentes que nem ouvem mais rádio. Quem ouve rádio quando se tem *Spotify*, caralho? – Ela funga, e raramente vi Chels ser tão sincera consigo mesma. – Parece que meu sonho de seguir carreira televisiva ficou para trás há séculos.

— Ou está aqui em Londres, esperando por você – dou alguns segundos para que a ideia se assente em sua mente. — Esse Oliver trabalha na televisão, certo?

— É, mais ou menos. Não é nenhum papel super importante, mas sim, está um passo a minha frente.

— Então. O que você está esperando para vir? Eu fico ofendida, para falar a verdade. Sou sua melhor amiga e isso deveria ser motivo suficiente para querer vir para Londres. Você não está cansada de termos que calcular fuso-horário toda vez que vamos ligar ou mandar uma mensagem? Cansada de nos vermos uma vez no ano?

Chels suspira audivelmente do outro lado.

— É, você está certa.

Espero por uma continuação, que não vem.

— Estou certa *e...*?

— Está certa e eu vou ver se a oferta da emissora ainda está de pé para me receber. Está na hora de nós duas vivermos nosso romance juntas, certo?

Estou de pé em um pulo, segurando a cabeça como se ela pudesse sair correndo de tanta felicidade e incredulidade.

— Você está me dizendo que vai vir pra Londres? Tipo, *de vez*? Tipo, morar *de verdade*, pertinho de mim?

Sua gargalhada deixa meus olhos mais marejados do que já estão.

— Sim. Mesmo fuso, no máximo a trinta minutos de distância uma da outra. Acho que está na hora de eu definir minha vida. Chega de correr do destino. Credo, já vou fazer vinte e oito anos e não tenho nem um noivo!

Estou pulando tanto que não será surpresa se o vizinho debaixo vier reclamar.

— Aguardo ansiosa a sua chegada! Nem acredito que vou ter minha amiga e meu *boy* de volta.

— Falando em *boy*, – ela diz –, como andam as coisas? Já faz duas

semanas, né?

Me jogo de novo no sofá, agora ofegante.

— Sim, duas semanas. Ainda é estranho, sabe? Parece que estou dentro de um sonho e que tudo vai explodir em breve. Quando estou com ele parece que estou segurando o fôlego e respirando pela primeira vez em anos, tudo ao mesmo tempo – brinco com os fios soltos do meu casaco, estranhando colocar esses sentimentos em palavras pela primeira vez. — Acho que só vou acreditar quando os papéis do divórcio forem assinados. Enquanto isso ainda me sinto estranha. Como se não fosse sério o suficiente, sabe?

— Mas foi sério o suficiente para vocês transarem no escritório dele. Qual foi mesmo a palavra que você usou...? *Intenso*?

Solto uma gargalhada de nervoso, confirmando minha teoria que intimidade é uma merda.

— Cala a boca, Chels!

Ela também está rindo, e quando se recupera, diz:

— Mas eu entendo o que você quer dizer. Acho que também me sentiria estranha. Nina, eu sabia que essa vadia iria aprontar alguma coisa... Estive *stalkeando-a* no Instagram, e que mulher sebosa. *Argh*, você deveria ter deixado eu dar na cara dela quando tive a oportunidade.

— Se eu soubesse que tudo isso iria acontecer, eu teria deixado você dar na cara dela, Chels. Com certeza.

— Quem sabe ainda não tenho a oportunidade de fazer isso em breve...

Não digo a ela, mas fantasio a cena, e na minha mente eu mesma sou a autora da agressão.



17 de Fevereiro de 2018

Julia,

Enquanto te escrevo, Daniel está na cozinha passando café para nós. Quem, nos últimos cinco anos, pensou que uma cena dessa se repetiria? Eu

que não, e sei que muito menos você. É difícil de acreditar, eu sei, por isso fico admirando-o somente de calça de moletom, concentrado na tarefa como se nem estivesse no mesmo cômodo que eu.

Estamos tão diferentes, mas ao mesmo tempo ainda somos os mesmos. Constantemente me pego com o sentimento de que ainda estamos em 2012, em seu apartamento, vivendo aquele amor forte e inocente e avassalador. Mas nós amadurecemos – os dois passaram por fases diferentes da vida, que nos levou para esse exato momento em que ele traz uma caneca para mim, deixando um beijo quente em minha testa.

Nunca falamos de Clair, mas sua presença é gritante até no silêncio. A todo momento acho que ela irá ligar para ele, e na única vez que estive em seu apartamento, fiquei fantasiando a cena desastrosa dela chegar em casa e me pegar com seu marido.

Não há nada de glorioso nisso. Não há nada relaxante em saber que o homem ao meu lado é casado com uma pessoa que tanto desprezo. Por isso mantemos o assunto de lado e fingimos que não aguardamos ansiosos o fim do mês.

Nossa rotina continua corrida – ele ainda é um empresário, eu ainda faço parte da equipe de uma das maiores editoras de Londres, responsável pela produção de uns trinta títulos simultâneos – mas pela primeira vez parece que estamos na mesma página.

Parece que estamos na mesma sincronia.

Agora eu só espero ansiosa para que as próximas duas semanas passem rápido, para que Clair volte logo para Londres, para que ele enfim peça o divórcio e a papelada comece a rodar.

Enquanto isso, fico sozinha com essa sensação de ter me transformado em quem eu mais temia: uma adúltera.



O lançamento do seu livro foi marcado exatamente para daqui a três semanas, e Mia esteve certa quanto à fofoca que ouviu de Greg e Jenna: eles estão mesmo usando o marketing *best-seller* para promover o título. Vários exemplares foram enviados junto com outros projetos selecionados a parceiros exclusivos para a leitura antecipada, auxiliando assim o impulsionamento na internet em sites e redes sociais relacionados ao lado dos anúncios pagos. Depois que pesquisei sobre o livro por pura curiosidade sobre a divulgação, é só o que aparece em meu computador e celular. Desse jeito, não duvido que vire mesmo um sucesso mundial.

Ainda não li, e vivo me dando a desculpa que não tenho tempo, que preciso terminar um serviço, depois outro e mais outro, quando sei muito bem – e Daniel também – que tenho medo do que irei encontrar nessas páginas. Por isso me convenci que irei comprar o exemplar no dia do lançamento e então, lê-lo. Até lá, se tudo correr bem, seu divórcio já terá sido anunciado, pois essa é a última semana de fevereiro.

Por termos uma série de lançamentos em março, a gráfica e o setor comercial estão a todo vapor, enquanto nós da produção que perdemos cabeça com prazos apertados a serem cumpridos, relaxamos por uma semana de pouco serviço até a nova seleção de

títulos chegarem.

É sexta-feira e troquei mensagens com Daniel durante o dia tentando decidir o que iremos fazer, mas desde as 15h não recebo mais nenhuma resposta sua. Quando saio do escritório às 17h30, ligo para ele, mas dá desligado. Acho estranho, claro. Daniel é só mais uma das pessoas que não vive sem o telefone ao alcance da mão, ainda mais quando estamos constantemente trocando mensagens. Mesmo assim, começo a criar desculpas idiotas como “deve ter ficado sem bateria”, “esqueceu o celular no escritório”, ignorando o fato que não tenho um sentimento nada bom sobre isso.

Entro em meu carro e bato a porta, abrindo o Messenger para mandar uma mensagem. Se aconteceu alguma coisa com seu celular, ele ainda teria acesso ao notebook, certo?

Respiro com alívio quando vejo a bolinha verde ao lado de sua foto de perfil.

Eu: Aconteceu alguma coisa com o seu celular? 17h38

Está dando desligado 17h38

A mensagem é entregue, mas não é lida.

Fico tocando a tela a cada poucos segundos, esperando por alguma mudança milagrosa, que não acontece. Quando vejo que estou encarando o celular por cinco minutos, envio só mais uma, por desengano de consciência.

Eu: Estou indo para o loft 17h44

Me avise se decidir fazer alguma coisa hoje 17h44

Odeio ter esse tipo de pressentimento ruim, e odeio mais ainda ser madrugada na Austrália e não poder ligar para Chelsea.

Saio com o carro do estacionamento e a cada pequena parada que o trânsito de Londres me permite, eu desbloqueio o celular e aguardo por uma resposta, que não vem. A bolinha verde de “on-line” também desapareceu.

Taco o aparelho no banco do carona e tento focar 100% no trajeto, até que estaciono em frente ao prédio de três andares antigo, saindo com todos os meus pertences e correndo debaixo da chuva insistente até o interior aquecido.

Tento ligar de novo quando já estou em casa, tirando as camadas

incansáveis de roupa.

Desligado

Abro o app de mensagens antes de entrar no banho.

Nenhuma das que enviei desde as 15h chegaram.

Abro o Messenger quando termino de me vestir.

Mensagens enviadas, mas não lidas.

Off-line.

Tento ver algo na televisão, mas nada parece amenizar minha agonia. A essa altura não dou a mínima por ser madrugada na Austrália; simplesmente preciso falar com alguém que me acalme e tire todas as paranoias e pensamentos ruins que não param de rodear minha mente.

Ligo para Chels, mas também dá desligado

— Meu Deus, onde foi parar todo mundo nessa porra?!

Ando de um lado para o outro, ansiosa por ter algum controle dessa situação incontrolável. Meu estômago dói e penso ser de fome, mas quando abro a geladeira, sinto-o embrulhar de protesto.

Já passam das 19h30 quando não tenho sinal de ninguém, e em um ímpeto de coragem e desespero, ligo para Emma. A chamada toca várias vezes até ser atendida.

— Oi, Emma. Desculpe estar te ligando. Estou te atrapalhando?

— Oi, Nina. — Ela diz, seguida de um bocejo. — Não, tudo bem. Estava dormindo. Cheguei de um plantão duplo às 14h.

Estou agoniada demais para me sentir mal por acordá-la de seu sono tão raro e precioso.

— Me desculpe mesmo, você sabe que não sou de ligar. Mas queria saber se tem notícias do seu irmão. Ele parou de responder minhas mensagens às 15h e agora o celular está dando desligado. Mandeí mensagem no Facebook, mas não leu. Já estou imaginando várias tragédias.

Emma fica em silêncio por alguns segundos, como se processasse o tanto de informações que joga em cima dela.

— Não estou sabendo de nada, mas tenho certeza de que se algo ruim tivesse acontecido, nós já teríamos sabido. Notícia ruim chega rápido.

Solto um gemido de frustração, parte por ela estar certa, parte por eu querer respostas.

— Vou ligar para mamãe para ver se ela sabe de algo – diz, enfim se compadecendo do meu sofrimento. — Mas fica tranquila, não aconteceu nada.

Estou pronta para abrir a boca e dizer o quanto ela é maravilhosa e incrível e a melhor pessoa do mundo quando ouço minha campainha tocar. Meu coração dá um salto e três cambalhotas de alívio.

— Emma, acho que ele chegou aqui. Obrigada, de qualquer forma. Desculpe te acordar. — Quando termino a frase, já estou de frente para minha porta e encerro a ligação no mesmo instante em que a abro.

Meu coração dá um tranco, derrapa e cai com tudo no precipício sem fim. Nesse segundo eu tenho ciência que desejaria ver qualquer pessoa – *o próprio diabo* – menos a figura alta e esbelta e loira na minha frente.

Dou um passo para trás como se tivesse levado um tapa, querendo acordar desse pesadelo *agora*. Como *ela* está aqui e como soube onde moro e onde está Daniel e *o que diabos está acontecendo*?

— Olá, Nina. — Clair está dizendo, e porque há um sorriso falso e pré-ensaiado em seu rosto? — Quanto tempo.

Não digo nada, pois perdi toda e qualquer capacidade de gerar uma frase com sentido. Ela vê meu choque, sente meu desespero, e nem por isso seu sorriso se desfaz.

— O que você está fazendo aqui? — consigo articular essas preciosas seis palavras, pois é tudo o que eu gostaria de saber no momento.

Clair muda o peso do corpo para a outra perna e vira a cabeça um pouco para o lado, os cabelos loiros e compridos levemente bagunçado pelo clima úmido.

— Que jeito rude de receber uma visita. Não vai me convidar para entrar? Gostaria de conversar com você.

Sirenes soam em minha mente para todos os lados. Não consigo associar sua presença com a simpatia que sua voz e seus lábios transmitem, quando em seus olhos azuis há um perigo alarmante.

E não sei como ou *por que*, só viro de lado e abro o espaço para que ela entre. Sua bota de salto agulha faz barulho no chão de madeira

enquanto caminha os poucos passos para dentro, o sobretudo vermelho berrante não combina em nada com esse lugar. Clair para no meio da sala, olha em volta com cuidado, e quase posso ver sua mente formando o questionamento de como uma pessoa consegue viver em um lugar desse.

Paro logo atrás dela, que parece se lembrar que ainda estou aqui e vira, ainda sorrindo.

— Adorável.

Cada terminação nervosa do meu corpo está quente e tremendo e prestes a explodir caso ela não comece a falar o que está fazendo aqui, mas Clair não parece ter pressa nenhuma quando contorna a mesa de centro e senta sem ser convidada na beirada de uma das poltronas, apoiando a bolsa de grife nos joelhos.

Continuo de pé.

Na defensiva.

— O que você está fazendo aqui, Clair?

Dessa vez não sou tão paciente assim.

Ela observa as unhas bem feitas, quase indiferente enquanto fala:

— Eu sei o que vocês estão fazendo; você e meu marido. Não sei qual é o seu plano em voltar para Londres depois de tanto tempo e procurá-lo, mas peço que pare.

Meu rosto fica quente, a incredulidade pesando com um gosto amargo na boca. Meu coração bate tão forte contra o peito que faz minha respiração ficar rasa e superficial.

— Eu não *procurei* o Daniel. O livro dele vai ser publicado na minha editora – tento fazer minhas mãos fechadas em punhos pararem de tremer. — E acho que seu marido já tem idade o suficiente para saber o que é certo ou errado.

Ela me olha, inabalável, como se já viesse preparada para sair ganhando dessa conversa. Eu só ainda não sei como.

— Sim, você está certa. — Clair se levanta, dando dois passos em minha direção. — Mas Daniel também tem idade e é homem o suficiente para não ser capaz de pedir o divórcio quando sua esposa está grávida.

Para o tempo

Pare o mundo

Pare tudo no instante em que minhas costas encontram a parede, a força de suas palavras me acertando como um raio. Demoro para associar, incapaz de entender e acreditar no que está acontecendo, mas então vejo sua mão acariciar a barriga plana, e acho que vou vomitar.

Não consigo pensar.

Não consigo respirar.

— Oito semanas. — Ela continua dizendo mesmo sem eu ter perguntado. — Dei a boa notícia hoje. Imagino que tenha tentado entrar em contato com ele durante o dia, sem sucesso, certo?

Não respondo, pois o chão está se abrindo debaixo dos meus pés e eu estou sendo arrastada para meu próprio inferno particular repetidas vezes.

Clair dá os passos que nos separam e sou incapaz até mesmo de reagir quando seu rosto perfeito chega a centímetros do meu ouvido, sussurrando:

— Fique longe da minha família.

Cada palavra repleta de veneno penetra minhas células e reverberam por meus ossos, terminando de dilacerar o último resquício de sanidade que eu tinha. E ela se vai, encontrando o caminho da saída e batendo a porta atrás de si.

Minhas pernas vacilam e eu escorrego pela parede, caindo. Prendo a respiração pois me assusto com os sons que saem do fundo da minha garganta, e tenho medo de abrir a boca e começar a gritar.

Não posso chorar.

Não vou chorar.

Mas parece ser tarde demais para isso.

Não pode ser verdade, *não pode*, Clair está mentindo, blefando, veio aqui para me destruir e acabar com o pinga de esperança que eu tinha de ter um final feliz com Daniel e acabar com esse drama que vivo há tanto tempo.

Mas se é mentira, por que ele não me ligou? Por que desligou o celular? Por que não me responde?

Preciso de respostas e preciso de alguma confirmação para esse

pesadelo terrível que parece não ter fim. Me sinto exausta – fisicamente e emocionalmente – ao sentir o gosto amargo da decepção e da derrota e da infelicidade que agora parece tão familiar.

Parece que já passei por isso tudo antes. *E já passei* por tudo isso antes, e estou *cansada*.

Uso o pouco de forças que ainda tenho para ficar de joelhos e alcançar o celular que foi parar longe ao cair da minha mão. Tremo e soluço de forma patética, e a fraqueza e coragem e *falta de vergonha na cara* que tenho de abrir nossa conversa e digitar uma série de mensagens me deixa furiosa.

Eu: Isso é mentira, não é? 19:47

Diz pra mim que é mentira 19:47

Que isso não tá acontecendo 19:47

Que ela tá mentindo 19:47

Ela só quer nos ver separados 19:47

Sabe do livro, sabe que você iria pedir o divórcio 19:47

Daniel, por que ela veio me contar isso? 19:47

Por que você não me contou? 19:47

Cadê você agora, pelo amor de Deus? 19:47

Como pôde deixar que eu recebesse essa notícia desse jeito? 19:47

Se for verdade... 19:47

Se ela estiver esperando um filho seu... 19:47

O que será de nós? 19:47

Eu já sei a resposta para essa pergunta, só não quero acreditar. Como Clair bem disse: eu conheço o Daniel. Nós duas o conhecemos muito bem, e sabemos que ele não é o tipo de homem que abandona a esposa grávida, o casamento estando uma merda ou não.

Ele amando-a ou não.

E me odeio por estar chorando desse jeito e me sentir péssima e querer gritar e quebrar qualquer coisa que vejo pela frente. Me odeio por não ter ouvido meus instintos e ter ficado fora disso. Me odeio por amá-lo e me odeio por não conseguir deixar de amá-lo e quero abrir meu peito e arrancar esse coração em frangalhos que sangra e me causa tanta dor.

E quando meu celular anuncia uma chamada, me odeio mais ainda

por correr para atender, esperando pateticamente que seja ele.

E não é.

O nome de minha mãe brilha na tela, solto um gemido baixo e recuso a ligação logo em seguida.

Me arrasto para o sofá e só penso que posso deitar por uns três segundos, fechar os olhos e esperar que esse caos acabe logo, mas o telefone volta a tocar e algo dentro de mim acende como alerta, porque minha mãe não está acostumada a me ligar dia de semana.

E ela não insistiria na ligação se eu a cancelasse uma vez.

Por isso recobro um pouco de compostura, respiro fundo para tentar afastar os soluços e interromper o choro que parece não me pertencer mais, enfim atendendo.

— Mãe, desculpe, mas não é um bom momento agora.

No início há um silêncio profundo do outro lado da linha, mas quando ouço um choro dolorido e estilhaçado e arrasado, cada terminação do meu corpo congela, e sei que algo aconteceu.

Algo *ruim* aconteceu.

E ela não precisa articular nenhuma palavra para que eu entenda, pois só vi minha mãe chorando assim uma vez na vida – esse choro rouco, desolado, de fazer qualquer pessoa a sua volta querer chorar sem saber como consolá-la – e foi quando Julia morreu.

E só há mais duas pessoas nesse mundo que é capaz de fazê-la chorar assim. Uma sou eu, que estou desse lado da linha. E a outra é...

— O que houve com o pai, mãe?

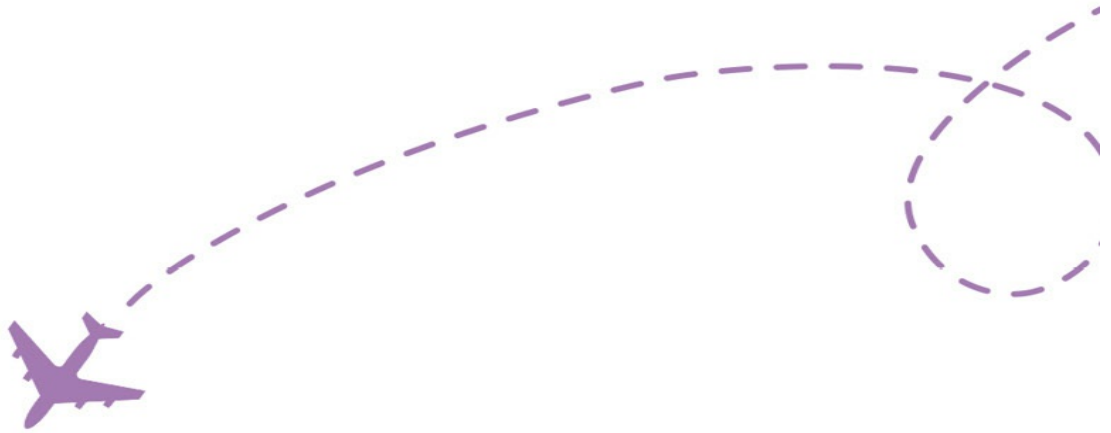
Estou sentada e alerta, prendendo a respiração e pedindo com todas as forças para que isso não seja verdade. Para que esse não acabe sendo o pior dia da minha vida.

Mas quando ela consegue dizer:

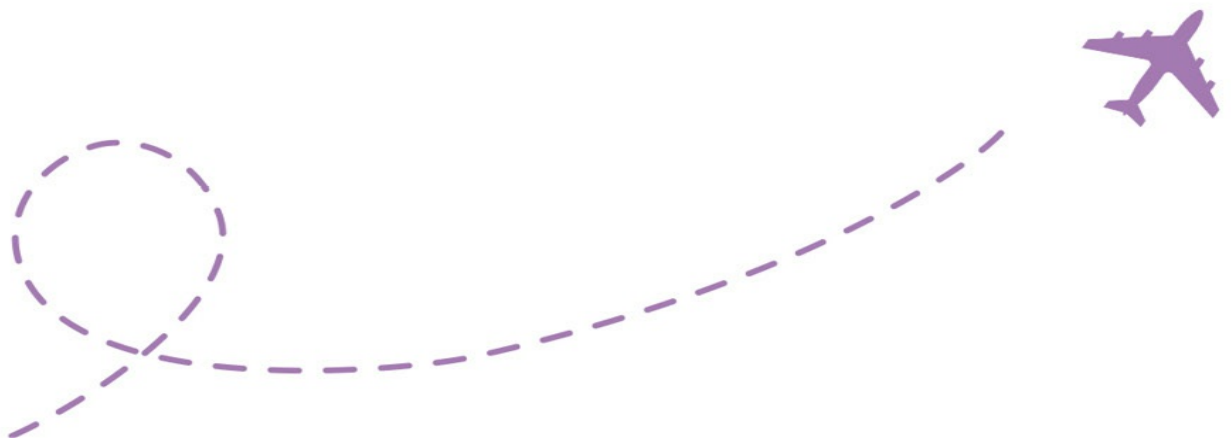
— Foi o coração... Ele... Ah, Nina...

Eu sei.

Não há mais volta.



Marco
2018



1 Mar 2018

Daniel Wolf

16 Ligações Perdidas

Daniel Wolf

23 Mensagens

Daniel: Nina, me desculpa 09:32

Eu perdi a cabeça ontem 09:32

Não estava esperando que ela chegasse 09:32

Seu voo era só para hoje 09:32

E ainda veio com uma bomba dessa para cima de mim 09:33

Também pensei que fosse mentira 09:33

Mas tem exames, ultrassom, testes positivos 09:33

Não sei como ela achou seu endereço 09:33

Ou como teve a coragem de aparecer aí 09:33

Eu sinto muito que tenha acontecido desse jeito 09:34

Nem associei as coisas direito 09:34

Minha cabeça está uma confusão 09:40

Não sei o que vou fazer... 09:40

Não sei o que se deve fazer em uma situação dessa... 09:40

Por favor, me atende 11:21

Vamos conversar 11:21

Fui em seu loft mas parece que você não está 14:37

Falei com seu vizinho e ele disse que te ajudou

a pegar um taxi debaixo dessa chuva desgraçada 14:37

Onde você foi com uma mala, Nina? 14:40

Por favor, não me diga que voltou para o Brasil 14:40

Não sei o que pensar 15:23

Não sei aonde ir 15:23

Acho que essa é a sensação de perdermos a cabeça... 16:44



2 Mar 2018

Chels: Ah, Nina 14:24

Eu sinto tanto, tanto mesmo 14:24

Minha intenção era te fazer uma surpresa 14:24

Por isso não disse que estava indo para Londres 14:24

Levei duas semanas programando tudo 14:24

La simplesmente bater na sua porta e te ver surtar

por ter me mudado para Londres sem te avisar 14:25

Mas quando pousei no aeroporto e liguei o celular 14:25

Vendo tantas ligações perdidas e todas essas mensagens 14:25

Meu coração partiu em dois 14:25

Você já estava no voo para o Brasil 14:26

Gostaria de estar aí com você

Te dar uma força

Mas não chegaria a tempo do sepultamento

Sei que deve estar ocupada

Dê um abraço em sua mãe por mim

Diga que mando meus sentimentos para ela

Para vocês duas

Eu sinto muito...



3 Mar 2018

Daniel: Vi sua publicação no Facebook

Sobre o sepultamento do seu pai

Você não sabe como eu gostaria de te abraçar agora

E dizer que vai ficar tudo bem, mesmo não tendo certeza disso

Sei que é muita coisa para assimilar

E entendo que não queria falar comigo agora

Por isso vou te dar espaço
Mas saiba que precisamos conversar
Eu ainda não sei o que fazer
Quando estiver pronta, por favor, me ligue



6 Mar 2018

Eu: Acho que não tem nada para ser conversado, Daniel 12:18
Voltei para Londres hoje 12:18
mas ainda parece que estou presa em um pesadelo 12:18
Não quero me meter na sua família 12:20
Não quero ser a destruidora de lares 12:20
E não tenho cabeça para pensar nisso agora 12:20
Realmente, é muita coisa para assimilar 12:21
Mas eu acabei de sepultar meu pai 12:21
E não sei se vou ter cabeça para pensar nessas coisas 12:21
Deseja bloquear Daniel Wolf?
Os contatos bloqueados não poderão mais
ligar ou enviar mensagens.
CANCELAR BLOQUEAR



24 de março de 2018

Julia,

Achei que saberia lidar com a morte de qualquer outra pessoa depois da sua. Pensei que já deveria ter aprendido a aceitar as coisas que a vida está disposta a tirar de nós, mas a morte do papai veio me provar que estive errada de novo.

Nessas horas percebemos como a vida é frágil. Como tudo pode mudar da noite para o dia. Como você pode estar aqui em um segundo, e no outro, puf, desapareceu. Não sou uma pessoa religiosa, mas fico pensando que deve

existir um lugar em que vocês estejam. Preciso me convencer que há algo além, que não simplesmente morremos e não existe mais nada. Preciso me convencer que vocês ainda estão aqui comigo, de alguma forma...

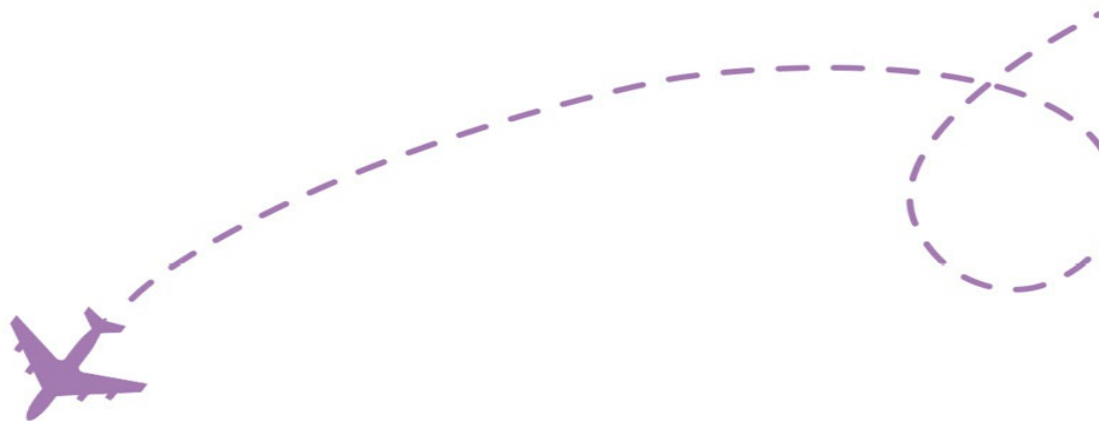
Mamãe me convenceu a voltar para Londres depois que eu disse que talvez ficasse no Brasil de vez. Sou a única pessoa que sobrou em sua vida, mas ela foi insistente em dizer que vai ficar bem com a tia Rita. Fiz com que ela promettesse que viria passar uns meses comigo quando o verão chegar. Sabemos que ela não é fã do frio, por isso planejo trazê-la em julho.

Chels acha que estou depressiva, só porque só saio de casa para ir trabalhar e estou sempre dormindo nas horas vagas. Parece que perder alguns quilos e não ter vontade de comer ou de fazer qualquer coisa é considerado depressão. Por isso me convenceu a morar com ela na casa que era de tia Heidi. É enorme, com três quartos, e depois de uma pequena reforma, deixará de ter cheiro de gente idosa e poeira em excesso.

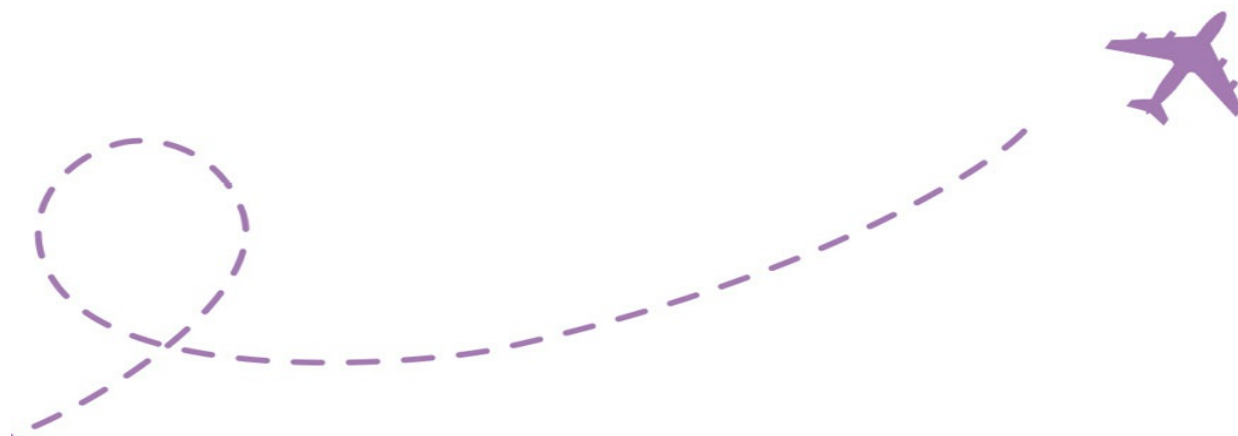
Sou muito grata por tê-la comigo nessas horas. Não imagino o que seria de mim em Londres em um momento como esse. Não consigo parar de pensar que nunca serei feliz na vida. Parece que cada passo que dou para frente, é o mesmo que dar três para trás.

É, talvez eu esteja depressiva.

Mas só um pouco, e não posso deixar Chels saber disso. Ela é um nojo quando admito que está certa.



Julho
2018



Daniel Wolf <danieltwolf@imail.com.uk>

para Nina Marques

Qui 12 Julh 2018

Eu sei que você não quer mais falar comigo.

Sei que decidiu seguir em frente, talvez achando que fez o melhor para mim ao me dar a escolha que pensou ser mais fácil. Ao pensar que saindo da minha vida eu deixaria de te amar.

Mas você está errada, Nina.

Não só não deixei de te amar, como acho que nunca deixarei.

Não sei se terei coragem de enviar esse e-mail que escrevo no meio da madrugada, mas acho que é o único jeito que tenho de tirar isso da cabeça. Não consigo parar de pensar em como as coisas poderiam ter sido diferentes se eu soubesse disso antes – se ao menos pudesse não ter sido idiota o suficiente para não suspeitar – mas consegui arrancar de Clair a verdade. Não sabia que um ser como ela era capaz de sentir culpa, mas acho que a gravidez a amoleceu, e agora, com 7 meses de gestação, me confessou que a vida que cresce em seu útero – e que aprendi a amar, mesmo não sendo do jeito que sonhei – não é minha.

Isso mesmo.

Não sou o pai biológico dessa criança que vai nascer em dois meses.

Parece que Clair também estava vivendo uma vida diferente em Paris. Não tem nem dois dias que ela confessou, chorando, com medo, arrependida. Que o pai é um francês bundão que não faz nem ideia que vai ser pai, e que seria horrível nesse quesito.

No fundo eu já sabia.

E eu a odiei por ter feito o que fez. Acho que nunca brigamos daquele jeito. Acho que nunca disse tantas verdades para ela. A culpei por ter feito você ir embora, por ser tão cruel e calculista e ter o único objetivo de me fazer infeliz e miserável.

Claro que depois pedi perdão por tudo o que disse, mesmo cada palavra sendo verdadeira. Sendo minha ou não, nossos pais estão em êxtase por serem avós, e odiaria tirar isso deles. Não sei nem se devo me sentir culpado por ter gerado sentimento e carinho por uma criança que nem nasceu ainda.

É uma menina.

E eu vou amá-la e protegê-la como se fosse minha.

E mesmo eu odiando Clair, sentamos e planejamos o futuro dela. Não somos mais um casal, se é que um dia chegamos a ser isso. O apartamento vai ficar com ela, vou arrumar outro lugar para ficar. Darei entrada no divórcio na semana que vem, e ninguém precisa saber. Quando o bebê nascer, ficarei com elas por alguns meses. Concordamos que a criança precisa ter a presença paterna, pelo menos no primeiro ano. Acho que cuidar, proteger e prover para essa criança é a única coisa que concordamos na vida.

E não deixo de pensar em você nem por um segundo sequer.

Não deixo de pensar que poderíamos ter ficado juntos.

Não deixo de querer arrumar alguma desculpa para aparecer na editora e te ver. Mas sei que não é justo simplesmente voltar para a sua vida do nada. Não é justo fingir que os últimos cinco meses não aconteceram, que podemos voltar ao que fomos.

Eu acho que podemos.

Mas nada será como antes.

Sabe qual é a coisa mais difícil sobre ter uma alma gêmea? Não é a distância, nem as noites intermináveis acordadas, esperando, rezando, torcendo para que aquele alguém tenha sido feito para você; a coisa mais difícil é o amor. É muito forte, e não podemos lutar contra isso.

Eu tentei. Acredite, eu tentei... mas sempre vou te amar.

E eu preciso que você saiba disso.

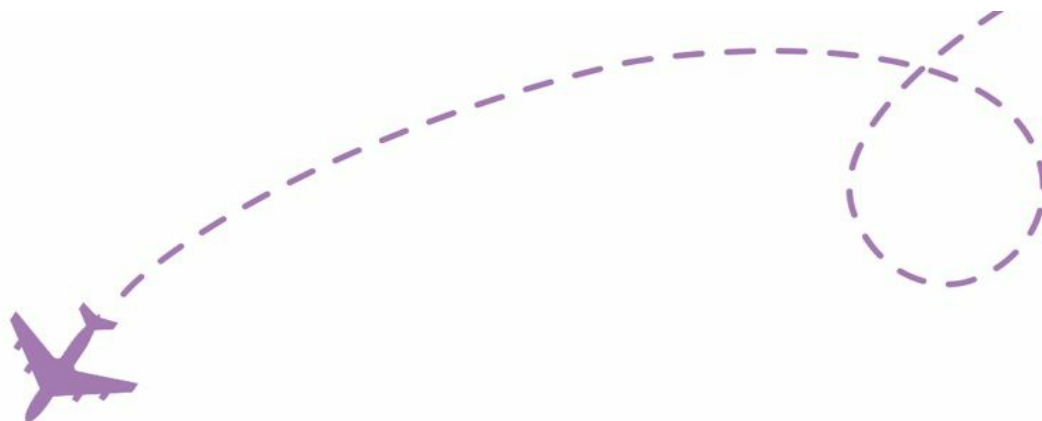
Tem certeza de que deseja apagar esse rascunho?

CANCELAR APAGAR

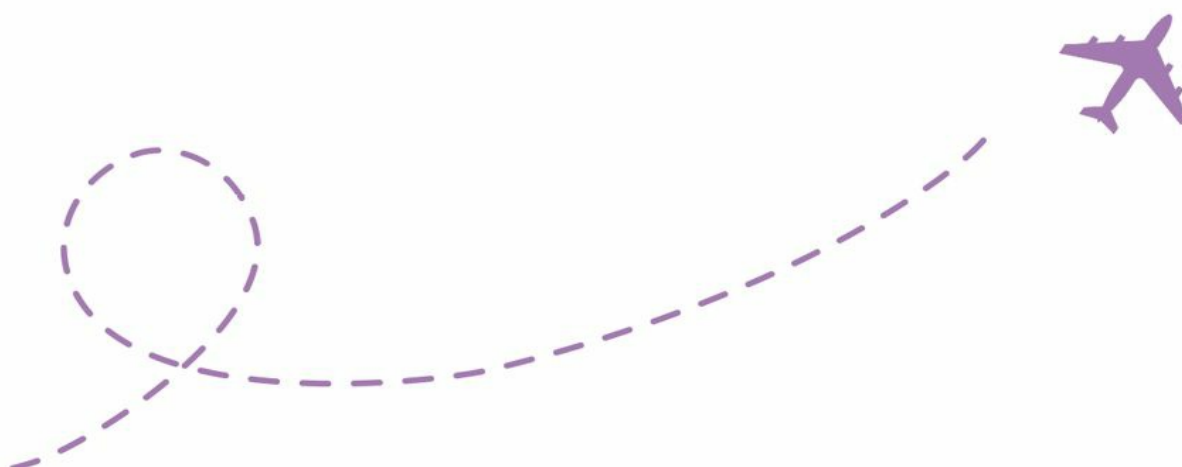
junto com seus familiares

CHELSEA GRAY
&
OLIVER JONES

*Têm o prazer de convidá-los para seu
casamento que acontecerá no sábado,
dia 6 de abril de 2019, às 14 horas no
Salão Pompadour do Hotel Café Royal.
A cerimônia e recepção se darão no mesmo local*



Abril
2019



7 Abr 2019

Chels: SÓ VOU MANDAR ESSA MENSAGEM E DESLIGAR O CELULAR PORQUE ESTOU INDO PARA MINHA LUA DE MEL COM MEU MARIDO MARAVILHOSO! 10:25

Vi você e Steven conversando 10:25

E depois os dois sumiram por algumas horas 10:25

É o que eu tô achando que é? 10:25

Oliver está me garantindo que ele é ótimo 10:26

Economista, tem grana, boa família 10:26

E SOLTEIRO 10:26

Mas isso você já deve saber, já que provavelmente trepou com ele no jardim 10:26

O que quero dizer é que talvez seja uma boa escolha para você investir 10:26

Investir de verdade, quero dizer 10:27

Não só para sexo 10:27

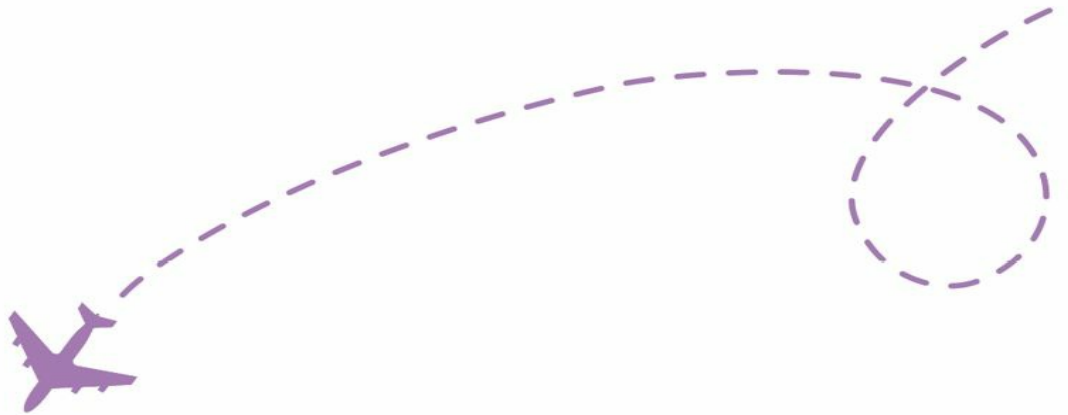
Amiga, eu tô CASADA 10:27

Você tem noção disso? 10:27

Se eu posso casar, você também pode 10:27

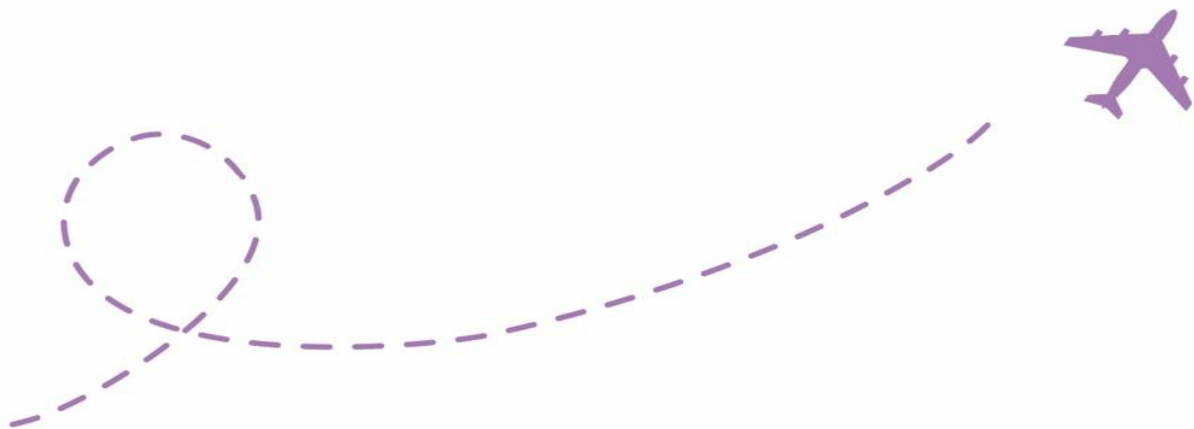
Investe nesse homem 10:27

E SEJA FELIZ!! 10:27



Dezembro

2019



4 Dez 2019

Chels: *“Papai e mamãe acabaram de descobrir que em breve chegarei para trazer mais felicidade e amor para suas vidas. Me disseram que padrinhos são anjos com quem eu posso rir, chorar e confiar pelo resto da vida. Tia Nina e Tio Steven, vocês aceitam ser meus padrinhos?” 19:32*

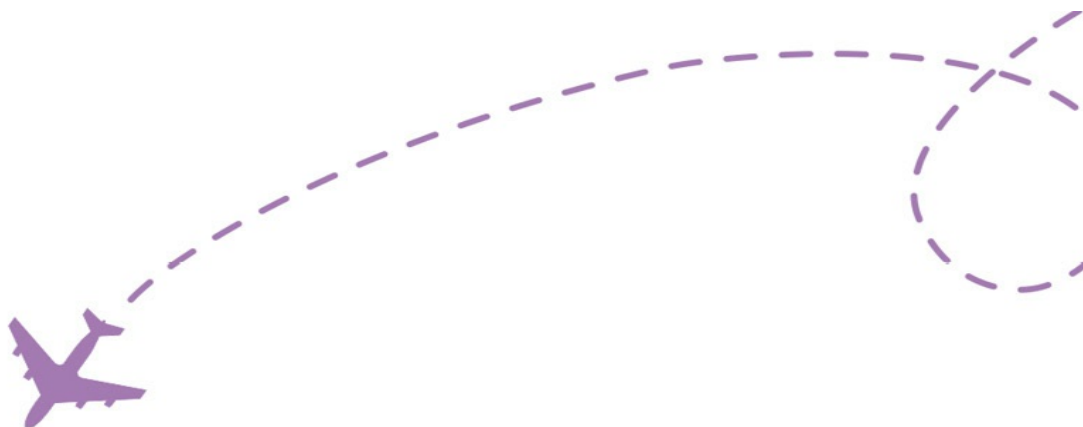
Nina Marques

Steven Bennett

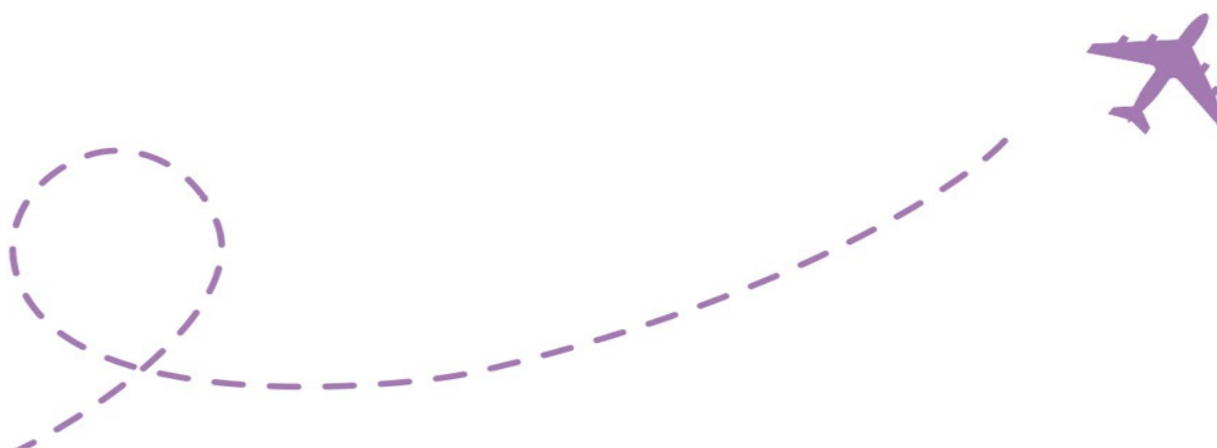
CONVIDAM PARA A CERIMÔNIA DE SEU
CASAMENTO QUE SERÁ REALIZADO NO DIA

11 de JULHO de 2020, às 13h

NOS JARDINS DO HIGHCLERE CASTLE



Janeiro
2024



“A vida é boa.”

Não consigo lembrar a última vez que pensei isso.

Foi quando...? 2021, 2022? Acho que em algum lugar de 2023 isso não passou mais pela minha cabeça.

Sim... acho que em 2022 eu ainda era feliz.

Sacudo a cabeça e não faço ideia de como vim parar aqui, nesse exato momento em que preciso fazer um esforço para lembrar através da melancolia a última vez que me senti feliz.

Pessoas não deveriam se sentir infelizes aos 32 anos, deveriam? Será que é alguma crise de idade?

Me sinto uma idiota quando penso essas coisas. Como posso achar que sou infeliz tendo tudo? Tenho uma ótima casa, o emprego dos sonhos, um marido, ainda sem filhos, porém tentando...

Então me lembro.

Claro, é isso que me deixa triste agora. É isso que serve de gatilho para fazer com que eu volte no tempo e procure o momento exato em que tudo começou a desandar para mim.

Não conseguir dar um filho para Steven.

Isso ou o fato do nosso casamento não ser o mesmo há um ano. Ou dois...

Preparo uma xícara de chá na casa silenciosa que agora parece grande demais para dois, e vejo a neve cair pela janela enquanto penso no dia em que nos conhecemos.

A lembrança me aquece e sorrio pelo evento incrível que se desenrolou do casamento de Chelsea. Sua família veio em peso da Austrália, grande, alegres, barulhentos, fazendo um contraste gritante com a família de Oliver; recatados, discretos, calados. Poderíamos dividir o salão em dois com muita facilidade, só pelo comportamento deles.

Ela foi a noiva mais lida que já vi na minha vida – depois de mim, claro – e não mediu esforços em escolher um vestido muito colado e muito decotado para a dama de honra – eu – e suas quatro madrinhas.

Já o tinha reparado antes enquanto conversava com outros homens, constantemente desviando os olhos para mim. Não sei se era o dia, ou o vestido que Chels pareceu ter escolhido de propósito ou todos os

drinks que já havia tomado naquela altura, mas eu estava me sentindo sexy, linda, reluzente, e cada vez que ele me olhava, todos esses sentimentos se intensificavam.

Me sentia a única mulher naquele salão lotado.

Quando Steven teve coragem de vir até mim, lá pelo meio da festa, eu estava no bar, pedindo meu enésimo drink. Alto, elegante, cabelos negros penteados para trás, um par de óculos de aro fino que combinavam perfeitamente com o ar intelectual que seu sorriso tímido trazia.

— Olá. Posso te pagar uma bebida?

Eu ri, apoiando o cotovelo no bar e olhando-o fascinada, bem a tempo de o barman colocar o drink na minha frente.

— Eles meio que são de graça – disse, pegando a taça e comendo o morango decorativo na borda, olhando em seus olhos azuis pela primeira vez na noite.

Naquele segundo eu soube que fisguei Steven, pois, como me confessou meses depois, não esperava esse tipo de atitude minha.

Por isso ele riu, corou, riu mais um pouco e fiquei ainda mais encantada com sua falta de jeito para a coisa.

E em como era lindo.

— Eu sei. Quis dizer em outro lugar.

Enruguei o cenho, achando graça.

— Sou a dama de honra do casamento da minha melhor amiga. Não posso abandonar a festa para tomar uma bebida com você.

Steven assentiu, encostando no bar e me olhando com a cabeça de lado, sem abandonar o sorriso sem graça nos lábios.

— Fiz tudo errado. Posso começar de novo?

Assenti, encorajando-o se afastar enquanto dava mais um gole no drink, me virando de costas e fingindo distração. Vi pelo canto dos olhos quando ele se afastou poucos passos e voltou, encostando ao meu lado como da primeira vez.

— Oi, eu sou Steven Bennett e estou te observando desde a cerimônia, certo de que é a mulher mais linda de toda a festa. Precisei da ajuda de três doses de whisky puro para tomar coragem e vir até aqui, então, por favor, poderia ser gentil comigo e não destroçar

minha autoconfiança?

Ri alto, certa de que o estilo “sem jeito” e “tímido” era somente um jogo, mas funcionou de qualquer jeito. Não precisamos conversar durante muito tempo para chegar à conclusão do que eu já sabia: Steven Bennett era bonito, bom de papo e muito divertido. E para mim eram motivos o suficiente para estarmos em um dos quartos do hotel, completamente suados e descabelados depois de uma transa insana.

Mas a última coisa que eu imaginei é que existiria algo além disso. Minha surpresa quando Steven ligou no dia seguinte me chamando para jantar foi notória, e soube que Chels e Oliver estiveram por trás disso tudo, mesmo a caminho de sua lua de mel no Caribe.

E eu aceitei, claro. Aceitei pois ele foi o único cara em uma série de transas sem sentido que me fez rir de verdade, me fez sentir bonita de verdade, querida.

Steven Bennett, economista, trinta e cinco anos, dono de sua própria empresa de compra e venda de ações. Engraçado, carismático, bonito; tudo bom demais para ser verdade. Fomos ao Gordon Ramsay Restaurant, tomamos vinho demais, rimos até ficarmos sem fôlego, caminhamos pela cidade barulhenta e ele me levou para sua casa, onde passamos diversas horas transando como uns loucos.

Pensei ser impossível alguém ser tão maravilhoso assim, e tivemos o segundo encontro. E o terceiro, quarto, quinto... Até que oito meses depois fiquei noiva na festa de natal de sua família, debaixo de um visgo.

Nevava horrores esse dia, mas era perfeito para o clima natalino. Stev me arrastou para debaixo do visgo e disse que eu era obrigada a beijá-lo. Ri por ser algo tão idiota, mas fiquei na ponta dos pés mesmo assim, apoiando as mãos espalmadas em seu peito e me inclinando para frente para beijá-lo, mas antes que pudesse encontrar seus lábios, ele puxou a caixinha do bolso do blazer sussurrou sem se afastar nem um milímetro.

— Nina Benevenuto Marques, quer se casar comigo e me fazer o homem mais feliz do mundo?

Acho que nunca fui tão feliz como nesse momento. Não exista

nenhuma outra palavra em meu vocabulário a não ser “*sim sim sim sim claro que sim!*”

— Steven Henry Bennett, eu aceito casar com você e ser a mulher mais feliz do mundo.

Cinco minutos depois voltamos para a sala onde toda sua família estava reunida, e ele gritou:

— Ela disse sim!

A comemoração foi incrível. Nunca me senti tão aceita e abraçada por sua família como naquele dia. Ao olhar para o lado e ver seu sorriso caloroso para mim, pensei que, enfim, minha vez tinha chegado.

Nos casamos no jardim do Highclere Castle, no verão de 2020 com chuva de pétalas brancas sobre nós. Foi tudo o que sempre sonhei e mais um pouco. Mamãe e tia Rita vieram, e não pude deixar de pensar em como gostaria que Julia e papai estivessem ali comigo.

— Eles estão aqui, querida. — Mamãe disse ao me abraçar, como se lesse minha mente. — Estão aqui e estão muito orgulhosos de você, assim como eu.

Foi um dia incrível para estar com quem se ama. Chels e Oliver com meu afilhado, Erik, que não tinha menos de um mês na época, Mia e seu marido, Greg, meu eterno pupilo e patrão, que havia me concedido o cargo tão desejado e merecido de Gerente Editorial.

11 de julho de 2020.

Dia do meu casamento.

Também o dia em que “*Two Hearts Apart*” foi adaptado e lançado nos cinemas. Sei disso pois recebi um convite exclusivo para a premier duas semanas antes.

Esse dia eu fui muito feliz.

Compramos uma casa em Chelsea, e por dois anos fomos o modelo de família perfeita. Demos jantares para amigos e familiares, festas de fim de ano, viajamos nas férias, fomos ao Brasil visitar minha mãe, Tailândia, Grécia, Maldivas, mas nenhum desses destinos maravilhosos pareceu ser suficiente para nos impedir de cair na rotina em menos de dois anos. Stev estava sempre chegando tarde, fazendo viagens de última hora, gritando ao telefone, perdendo a cabeça com

medo de perder dinheiro – mesmo tendo o suficiente para sustentar três gerações à frente – e levando toda a frustração de ser um economista importante para casa.

E eu fiz o mesmo: me joguei de cabeça no trabalho, dormindo em cima de projetos, passando noites em claro fazendo traduções e encarando as paredes silenciosas dessa casa.

E foi na Irlanda, pouco menos de um ano atrás, quando as coisas entre nós já não estavam muito boas e pensamos que precisávamos de umas férias para tentar nos reconectar como um casal, que Steven me acordou aos beijos – coisa que já não acontecia muito – e sussurrou ao meu ouvido:

– Nina, vamos ter um filho.

Me virei em seus braços, assustada, maravilhada, *esperançosa*.

– Stev... – sussurrei.

Naquela manhã nossa transa foi intensa e frenética e cheio de sentimentos que não compartilhávamos há muito tempo.

No primeiro mês, eu disse que *“nem todo mundo consegue no primeiro ciclo”*.

No segundo mês, disse *“a gente acabou de começar”*.

No terceiro, disse *“quem sabe a gente não dá sorte no quarto mês.”*

Mas não demos sorte. Nem no quarto, nem no quinto e muito menos no sexto.

Stev tentava esconder sua decepção ao perguntar se eu não estava esquecendo de tomar o ácido fólico, se estava me alimentando direito, se tinha parado de tomar os antidepressivos ou qualquer coisa idiota do tipo.

– Não se trata de eu estar tomando vitaminas ou comendo direito, Steven. Se trata de você estar em casa tempo o suficiente para fazermos isso acontecer. Eu ainda não aprendi a me fecundar sozinha.

Isso o pegou em cheio, e consegui tirar a pressão de ser a responsável por engravidar ou não de minhas costas por todo o mês de novembro, quando Steven esteve em casa todos os dias, e tentamos em todos eles.

Quando minha menstruação atrasou por quatro dias, comprei mais um teste – que a essa altura do campeonato teria sido mais fácil

comprar uma caixa fechada deles – e liguei para Chels assim que entrei no banheiro.

— Estou com o teste na mão.

— Agora?

— Sim.

— Já fez? – Ela parecia ansiosa

— Não, estou com medo.

Não sei se com mais medo do positivo ou do negativo.

— Faça agora. Vou ficar com você na linha.

— Ok...

Botei o celular no viva a voz e deixei na bancada, enquanto fazia xixi no palito.

— Steven está em casa?

— Não. Deve chegar à noite. Está vindo de Bruxelas.

— Ah, sim. Já mijou no palito?

Me sentei no chão ao lado da privada depois de lavar as mãos e peguei o celular de novo, olhando os segundos do cronometro passar.

— Sim. Fale comigo, qualquer coisa. Me distraia – disse e encostei a cabeça na parede, totalmente nervosa.

— Ah, sim. Erik aprendeu a falar “morango”, e é sua palavra preferida agora. Tudo é “morango” para ele, mesmo eu e Oliver tentando explicar que não é bem assim. Você acredita que essa criança já tem três anos? Passa tão rápido! Mês que vem ele já vai para a escola e não estou sabendo lidar.

— Três anos, já? Meu Deus... Isso me lembra que já faz três anos que estou casada. Dá para acreditar, Chels? Três anos... Quem diria que as coisas dariam errado em tão pouco tempo?

— Ei, não fale assim! Isso é só uma fase, vai passar! Também tive meus momentos ruins com Oliver, e você sabe disso.

Soltei um suspiro pesado e pensei no quanto estava de saco cheio dessa fase ruim que não parecia acabar nunca. Como estava de saco cheio de tentar ser a cola desse casamento, de tentar ser compreensiva com as viagens longas e excessivas, com os atrasos para os jantares, com a falta de compromisso quando algo se tratava de mim...

Pensei em como achava que Steven estava me traindo...

Mas não disse nada.

Ao invés disso, ouvi ela dizer:

— Nina, já deu o tempo.

Engoli em seco.

— Eu sei... Estou com medo.

— Vai dar tudo certo, independente do resultado. Prometo.

— Tudo bem...

Nisso tomei coragem, preendi a respiração e olhei.

— E aí?

Acho que não consigo mais fazer isso, pensei.

— Uma linha.

— Ah, sinto muito, Nina. — Ela disse, gentil. — Vai acontecer em breve, tenho certeza.

— Eu sei...

Naquela noite, quando Steven chegou de mais uma viagem, me encontrou deitada no sofá com a sala escura, chorando baixinho. Não precisou perguntar o que havia de errado; ele já sabia. Por isso só se sentou ao meu lado e me abraçou forte.

— Acho que tem alguma coisa errada comigo — disse enfim, entre soluços.

— Não tem nada de errado com você. — Ele disse, carinhoso. — Nós vamos descobrir o que houve, ok?

Isso foi a pouco menos de um mês, e agora lembro com riqueza de detalhes a vez que achei que estava grávida, há doze anos, e quase morri e matei Daniel do coração.

Daniel...

Tenho pensado muito nele ultimamente. Pensando no que teria acontecido de diferente caso aquele teste tivesse dado um positivo.

Tenho pensado tanto nele que chega doer. Tanto, que tive a coragem de pesquisar sobre sua vida na internet. Não consegui achar nada além do livro e do filme de sucesso que teve, e de outro romance que tentou publicar, mas que não fez tanto sucesso assim. Achei sobre o seu divórcio, enfim, de dois anos atrás. Achei o perfil do Instagram de Clair, repleto de fotos de sua vida glamourosa de modelo e raríssimas fotos de uma criança loira, que agora deve estar com cinco

anos.

Mais nada.

Não sei por onde anda, o que faz, e no momento não consigo fazer nada além de encher minha mente com o que deveria, teria, poderia ter sido. O que teria sido de nós se isso não tivesse acontecido? Estaríamos casados? Eu seria enfim a nova Senhora Wolf?

Eu estaria *feliz*?

Me arrependo também de não ter ido na *premier* do filme dele.

Agora, quase cinco anos depois do lançamento do livro, enfim tomo coragem para ler. Estou na bancada da cozinha presa nos últimos capítulos, enquanto nem percebo que a xícara de chá esfria ao meu lado. Não consigo tirar os olhos das páginas, e só percebo que estou chorando quando a vista embaça e uma lágrima cai na página. Seguro um soluço e fecho o livro de súbito, me perguntando como não pude ler isso antes.

“*Two Hearts Apart*” conta a história de um casal que se conheceu em Londres, e a vida fez de tudo para mantê-los separados, mas os anos se provam capazes de os deixar juntos novamente. Os dois passam por altos e baixos, encontros e despedidas, e não consigo deixar de arfar com a semelhança de nossa história. Literalmente um baseado em fatos. A escrita de Daniel é tão envolvente e cativante que sinto toda a angústia de seu personagem, Louis, como se fosse a minha. O jeito que descreve seu amor por Anna e tudo o que é capaz de fazer para ficarem juntos – inclusive ir atrás dela em seu país natal, em uma cena épica de reencontro, a qual estou chorando agora – que dá vontade de entrar dentro do livro, pegar a mão dos dois e dizer “*anda, fiquem logo juntos. Vocês se amam e merecem ser felizes*”.

Encaro a capa roxa e me pergunto se quem lesse nossa história teria vontade de fazer o mesmo.

Acho que sim.

Olho no relógio e percebo que estou atrasada, por isso enfio o livro na bolsa e saio com pesar, mesmo debaixo da neve que não para de cair, e vou até a clínica pegar os exames que fizemos, eu e Stev. Ele não está, como sempre, por isso vou ter que enfrentar isso sozinha.

Aguardo por trinta minutos na sala da espera quieta, enquanto leio

mais algumas páginas do livro, cada vez mais próxima do fim, até que sou chamada pelo Doutor Nelson, responsável pelo nosso acompanhamento. Ele me convida para entrar em seu consultório, indica o lugar a sua frente e sorri de modo forçado, sem me convencer.

— Sr. Bennett não estará conosco hoje?

— Infelizmente, não. Sou só eu.

— Ok... Vamos ver.

Doutor Nelson abre os envelopes lacrados, lê as inúmeras folhas de exames, olha a foto da ultra que fiz, *analisa, analisa, analisa*.

— Bem, Nina, temos um caso clássico de ovário policístico. — Ele diz, como se eu entendesse tudo. — De modo simples, seus ovários estão sendo afetados por uma grande quantidade de androgênio, um hormônio que dificulta a maturação dos óvulos, prejudicando a ovulação.

Silêncio.

— E...? Isso quer dizer que nunca vou conseguir engravidar?

— Não, significa que você tem dificuldades para isso, mas não é impossível. Nesse caso, indicamos tratamento hormonal e de fertilidade para termos algum tipo de sucesso.

Algum tipo de sucesso.

Mais tentativas.

Mais lutas.

O cansaço cai sobre meus ombros como uma presença física. Não deixo de pensar por toda a pressão psicológica e emocional que passei até agora, todo o esforço para fazer algo que não tenho nem tanta certeza assim se quero fazer...

Não sei o que eu esperava disso, na verdade. Depois de seis meses tentando engravidar sem sucesso, tinha que ter alguma coisa errada comigo ou com Steven, e agora está claro que o problema sou eu. No mesmo segundo penso em todos os problemas hormonais que tive a vida toda e não me dei ao trabalho de procurar. Penso nos ciclos descontrolados, nas menstruações atrasadas sem motivo, nos contraceptivos específicos que tinha que tomar...

A resposta esteve na minha cara o tempo todo, só não quis aceitar.

Por isso não sei se vou ser capaz de continuar fazendo isso – continuar tentando – mas não digo nada. Aprumo os ombros, ergo a cabeça e respiro fundo, querendo que isso acabe o quanto antes.

A partir daqui Doutor Nelson começa a explicar todos os tipos de tratamento de fertilidade e como é feito, como podemos começar e quais são as taxas de sucesso e quais os efeitos que terei sobre o meu corpo... Mas me fiz o favor de parar de ouvir há muito tempo.

Não tenho mais cabeça para isso.

Vinte minutos depois saio da clínica com todos os exames dentro de um envelope e o folheto explicando detalhadamente todas as baboseiras que o médico disse sobre os tratamentos.

Entro no carro e bato a porta forte demais, percebendo que quero ir para qualquer lugar, menos voltar para aquela casa grande, vazia e silenciosa. Por isso dou partida e fico dirigindo por Londres por quarenta minutos, até estacionar em frente à cafeteria que já foi considerada minha favorita, doze anos atrás.

Sorrio com a lembrança dos dias de verão ensolarado onde havia mesas espalhadas pela calçada e pessoas sorridentes e em meu coração habitava um sentimento tão bom e puro e agradável do que pensei ser amor verdadeiro. A fachada da cafeteria é a mesma, mas não há mesas na calçada nem pessoas sorridentes, muito menos um sentimento bom e puro habitando meu coração.

Tudo o que habita em mim hoje é tristeza, e um leve sentimento de derrota.

Passo pela porta dupla e sou recebida pelo ambiente aquecido, tomado pelo cheiro de café fresco e bolos assados, exatamente do jeito que me lembrava. A onda de nostalgia bate com tanta força que é como um soco na boca do estômago. Fico por longos segundos parada no mesmo lugar, até a pessoa de trás pedir licença para passar, e sou obrigada a acordar para a vida.

Deixo o casaco no hall e começo a tirar as luvas, olhando rapidamente em volta à procura de um lugar. Acho uma mesa vazia embaixo das janelas amplas e vou até lá, me sentando de costas para a entrada. Pego o livro da bolsa e volto a ler as últimas páginas enquanto espero o atendimento, achando um bom meio de ignorar

tudo o que aconteceu na última hora. Porém, nem a leitura consegue prender meus olhos que escapam a todo o momento para o envelope gordo com a logo da clínica estampado nele.

Não sei como contar para Steven que sim, tem algo de errado comigo, e não, não estou nem um pouco confortável em me submeter a tratamentos extremos para quem sabe, conseguir um óvulo que preste para ser fecundado com o espermatozoide dele.

Reviro os olhos bem no momento em que a garçonete chega, e peço um cappuccino com uma fatia de *red velvet*. O pedido não demora a chegar e me permito respirar fundo o cheiro incrível do café exclusivo desse lugar antes de tomar um gole e me perder em mais nostalgias, voltando a atenção para o final do livro que me aquece o coração.

Daniel escreveu com os mais ricos detalhes o último encontro de Louis e Anna, que depois de tanto tempo, enfim conseguem ficar juntos. Ninguém morre, ninguém está doente, ninguém se mata; a história é envolvente e cativante pelo simples fato de ser *realista*. A vida é uma bosta e merda acontece o tempo todo, e tenho certeza de que fez todo leitor lembrar daquele amor que teve em algum momento da vida, e que voltou a encontrar depois de alguns anos. E quando leio a última frase, carregado de significado enquanto os mocinhos se abraçam e se beijam de forma emocionante na Tower Bridge, me pego pensando que realmente existem pessoas que estão destinadas uma a outra, e que não importa o que aconteça, elas sempre vão se encontrar.

Fecho o livro e encaro a rua em seu constante movimento, mesmo com a paisagem branca da neve que não para de cair. Meu coração dói ao pensar que Daniel escreveu esse final fantasiando o *nosso* final, que não chegamos a ter. Será que perdemos nossa chance para sempre?

Penso em Steven, e me entristeço. Nossa história foi linda enquanto durou, e não sei o quanto ela ainda resta para ser contada...

Por impulso pego uma caderneta que não sai de dentro de minha bolsa e começo a escrever mais uma de minhas cartas para Julia. Anos e anos se passam e essa não deixa de ser a melhor forma que encontro de pôr meus pensamentos em dia e desabafar, de certa forma. Na metade da segunda folha eu desisto e começo outra carta, percebendo

com surpresa que a escrevo para Daniel. Paro, leio, releio, e me pergunto como diabos vim parar aqui, no café que costumávamos vir, escrevendo uma carta para ele.

Dou crédito ao momento difícil que estou passando agora, ao livro cheio de significados que acabei de ler, ao lugar que me remete boas lembranças e ao fato de ele não sair de minha cabeça no último mês, então continuo a escrever. Escrevo como se estivesse falando com ele agora, como se pudesse explicar tudo o que de bom foi para mim, e no quanto gostaria de saber se teríamos sido felizes juntos. Termino, arranco as folhas e as dobro duas vezes, escrevendo “Daniel Wolf” na face branca.

No mesmo segundo que faço isso, em meio a todo falatório ambiente, ouço a risada mais alegre e gostosa que ouvi em toda a minha vida. Uma risada viva e contagiante de criança contente. O som me pega em cheio, e não poderia existir momento pior – ou melhor – para ouvi-la. O humor negro do universo é deprimente.

Mesmo assim, de forma involuntária, estou sorrindo quando viro o rosto em direção ao som e percebo que vem logo a minha frente, com somente uma mesa de distância.

Uma menina de aproximadamente 4 anos está sentada no colo de um homem e ri enquanto ele faz cosquinha nela. É algo rápido, mas ela continua rindo por longos segundos. Tem cabelos loiros com pequenos cachos nas pontas, bochechas rosadas pelo frio e está enfiada em um casaco vermelho vivo. Ainda estou sorrindo para a cena quando o homem ergue a cabeça e com a mão livre alcança o copo de café a sua frente, erguendo-o para tomar. Mas ele para no meio do caminho quando me vê, e demoro cinco segundos para associar que me encara.

Minha primeira reação é desviar o olhar. Finjo que estou olhando para qualquer coisa que não seja sua filha, até porque deve ser estranho ficar encarando crianças dos outros. Mas meu coração está mais acelerado e dessa vez sei que não é pelas lembranças. Esse tipo de aceleração não tem nada a ver com lembranças.

São só parecidos. Você está tomada pela influência do lugar e das memórias e da notícia e não para de pensar nele faz um tempo. Agora você está vendo-o

em tudo quanto é lugar, e ok. Não se desespere. Caras ruivos não são raros em Londres. Relaxa.

Mas quando me acalmo e viro os olhos lentamente em sua direção, vejo que ainda me encara, dividido em assustado, surpreso e confuso.

Emocionado.

Esperançoso.

E eu estou petrificada.

Todas as mudanças que aconteceram comigo – tudo que me tornei e me transformei e o tempo fez, esteticamente, aparentemente, fisicamente, aconteceram com ele. A imagem de cinco anos atrás se desmancha em minha cabeça e estou substituindo o cabelo curto por um pouco longo e cacheado, de novo. A barba farta por uma uniforme e baixa. O porte largo continua o mesmo, mas duvido que ainda malhe como antes.

E os mesmos olhos avelãs me encarando, chocados.

Eu quero rir e chorar e correr em sua direção e abraçá-lo para ter certeza de que não é um sonho, mas estou petrificada demais, incrédula demais, os dois sem conseguir piscar com medo de um fantasma do passado desaparecer.

Não sei por quanto tempo estamos nos encarando, mas acordo quando a garçonete volta para perguntar se preciso de mais alguma coisa. Olho para minha mesa que está uma bagunça, e não sei se deveria fazer isso, mas junto todos os papeis, o livro e o envelope da clínica e peço para que ela, por favor, me sirva outro cappuccino naquela mesa, obrigada.

Levanto e sinto as pernas trémulas. Sinto seus olhos sobre mim cada passo que dou, e quando enfim chego perto o suficiente, acho que seria mesmo capaz de me jogar em seus braços.

Mas não o faço.

— Posso me sentar? – pergunto, e Daniel acorda para a realidade, piscando diversas vezes.

— Sim, por favor, fique à vontade.

Boto toda minha bagunça em cima da mesa e trato de guardar o chumaço de folhas dobradas que, ironicamente, é uma carta que acabei de escrever para ele.

Tenho vontade de rir.

Estive pensando nele todo esse tempo, fazendo suposições sobre o reencontro que a vida poderia nos proporcionar, e como se fosse conjurado, surge na minha frente. Literalmente.

O humor do universo chega ser doentio.

— Parece que a vida continua nos empurrando para cima um do outro, não é mesmo? – pergunto, e não sei de onde tiro tanta presença de espírito, pois era para eu estar surtando, *bem agora*. — Estava pensando em você agora mesmo – ergo o livro como prova.

Para quem acabou de descobrir que é basicamente estéril e por puro acaso reencontrou – pela segunda vez – o cara que fez perder o sono por anos, até que estou me saindo muito bem.

Daniel ainda parece aéreo, mas ri mesmo assim. Passa a mão pelo rosto, pisca, toma um gole de café, mas não consegue tirar os olhos de mim.

— Enfim leu, hein? Depois de o quê? Cinco anos?

— Cinco anos... – abro a boca para tentar justificar minha atitude em bloqueá-lo em tudo depois da notícia de Clair e com a morte do meu pai. Pedir desculpas por não ter dado a oportunidade de conversarmos, chegando a um acordo decente, agindo como adultos... Mas não o faço, e fecho a boca de novo, respirando fundo. — Acho que é o tempo de pausa do universo.

Muitas emoções, Nina. Se controla.

Ele ri, mas não sei se acha muita graça.

— Faz sentido. E o que achou do livro?

Procuro as palavras por muito tempo, mas não sei exatamente o que dizer. Quero falar que achei incrível e que me emocionei, como todos falaram que iria me emocionar, e que uma parte minha espera que o final de Louis e Anna seja o nosso.

Mas só digo:

— Me identifiquei do início ao fim – é uma piada de duplo sentido, então rimos, um pouco sem graça.

— Papai, mais. – A menina em seu colo diz, e pela primeira vez desde que sentei à mesa, volto a notá-la.

Ela parece um anjo, minúscula e linda em seu colo, mas reparo que

estranhamente não parece nada com ele. Em uma família onde o gene ruivo é tão expressivo, a criança loira na minha frente não carrega nem mesmo os olhos do pai.

Mas não falo nada e sorrio mesmo assim, pensando involuntariamente que foi por conta dela que não pudemos ficar juntos da última vez.

Parece responsabilidade demais para uma criança tão pequena.

— Oie – digo, e ela sorri pra mim.

— Filha, se apresente para a amiga do papai. Qual é o seu nome?

Ela pula em seu colo e parece excitada por algum motivo.

— Meu nome é Hazel Wolf – diz sem dificuldade nenhuma, e sinto meu coração parar.

— Seu nome todo, querida. Como te ensinei.

— Hazel Nina Wolf.

Estou morrendo e morta e mortíssima da vida quando ouço e entendo cada palavra saindo dos lábios dessa criança que não faz ideia da história que seu nome carrega, e no segundo seguinte estou encarando Daniel, que observa minha reação com cuidado, sorrindo de canto a canto.

— Qual é o seu nome? – Hazel pergunta.

Engulo em seco e tento tirar o choque da cara para não assustar essa menina linda que tenta ser simpática comigo. Estou com o coração na boca e preciso respirar algumas vezes para conseguir respondê-la.

— Eu me chamo Nina, também. Não é uma coincidência?

— Papai, ela tem o meu nome! – Ela diz, mais animada ainda.

— Na verdade, é você que tem o nome dela. E Hazel também é a cor preferida de Nina.

— É? Por quê?

— Porque ela é uma pessoa muito importante na minha vida, assim como você. – Daniel sorri para Hazel, que o olha com atenção e admiração, como se fosse o maior herói de sua vida.

Assim como eu o encaro agora, de coração aquecido.

— Eu vou *te matar* – sussurro para ele quando volta a me olhar, pois estou a um passo de cair no berreiro.

— Vai nada – diz, e sorri. E quero morrer agora mesmo. Hazel se

cala com outro pedaço do bolo, e vejo que Daniel olha o envelope que deixei em cima da mesa. — Está tudo bem com você?

— Ah, sim – digo, soltando uma grande quantidade de ar, tentando controlar as emoções que têm todo o objetivo de me derrubar hoje. — Quero dizer, mais ou menos. Aparentemente sou estéril. Ok, não *estéril*, estéril, mas tenho certa dificuldade para engravidar.

Nisso noto que ele observa os dois anéis no meu dedo anelar; uma aliança de noivado e outra de casamento. Daniel engole em seco e tenta parecer solidário.

— Tentando há muito tempo?

— Quase um ano.

— Sinto muito... – diz, e parece sincero ao fazê-lo. — Como vai a vida de casada?

Essa pergunta é para saber se estou bem, feliz, contente com meu casamento, e sei disso pois teria feito o mesmo há cinco anos, se ele mesmo não tivesse me deixado tão claro que sua relação com Clair foi um erro do início ao fim.

Por isso dou de ombros, indiferente.

— Acho que três anos é o suficiente para notarmos que não temos tudo o que queremos, certo?

A pergunta paira no ar, pois ele não sabe como responder, então tento continuar o assunto

— Ele é economista, está sempre viajando. No final a gente se acostuma a ficar sozinho em uma casa grande e silenciosa.

Daniel assente, pois me fez passar pela mesma coisa, muitos anos atrás. A única diferente é que não estávamos casados nem morávamos na mesma casa.

— E você, como está? Escrevendo muito? Fez três anos que o filme foi lançado, né? Muito sucesso?

— Não escrevo mais. O livro e o filme ainda rendem uma boa quantia em direitos autorais, e concordei com Clair que iria tudo para a poupança da faculdade de Hazel. No final conseguimos terminar em bons termos e não precisei declarar falência por isso.

Rimos, mesmo sendo drástico. Divórcios podem ser bem drásticos, e temo que esteja perto de passar por um.

— Como está Emma? Não falo com ela há anos – percebo só agora que morro de saudades dela.

— Está bem. É uma baita cirurgiã. Está feliz. Cansada o tempo todo, mas feliz. Ah, e ela se casou. Com um cardiologista. No final vão formar uma grande família de médicos.

É quase difícil de acreditar na notícia. Por um segundo, me pergunto quando o tempo passou, pois não consigo pensar na Emma de dezessete anos que queima em minha mente, casada.

— Uau. Emma casada... Nunca iria imaginar isso. Para mim ainda é aquela adolescente de dezessete anos.

— Sim... Vai fazer 29 em poucos meses. Deus, como o tempo voa.

E ficamos assim, em silêncio por longos minutos, totalmente nostálgicos, até seu telefone tocar. Ele atende de imediato.

— Oi. Sim, só parei para comer algo com ela. Tudo bem, já estamos indo. Sim. Pode deixar. Tchau – e desliga –, Preciso deixar Hazel com a Clair. Essa semana é dela – diz ao começar a arrumar as coisas, e parece dividido em saber se diz ou não o que passa por sua cabeça. — Ei, tem alguma coisa para fazer mais tarde?

Meu coração bate com tudo contra o peito, e quero dizer imediatamente que não, que estou completamente disponível e vou continuar assim até Steven voltar Deus sabe quando de sua viagem, mas sei que não posso... Já vivemos essa história antes, e não sei se sou capaz de passar por todo esse drama de novo.

Já vivemos coisa o suficiente para saber que tudo o que acontece entre nós, está destinado a acabar. Já provamos que somos como fogo e pólvora perto um do outro, e nunca tivemos um desfecho conclusivo, mesmo depois de todos esses anos.

Não sei se seria uma boa ideia dar corda a esse sentimento, que uma vez adormecido dentro de mim, não terá problema nenhum em renascer – e que já está renascendo, só de vê-lo na minha frente – e me fazer perder a razão de novo.

— Sim. Pior que tenho – digo enfim, tomando coragem. — Steven chega hoje de viagem – *mentira*.

Vejo a decepção em seu rosto, mas ele assente mesmo assim.

— Mas podemos ir nos falando – *merda, cala a boca* –, Pode me dar

seu telefone, se quiser.

— Claro, anota aí.

Vejo que minhas mãos tremem levemente ao digitar o número que ele me dita, e salvo seu nome pela terceira vez na vida em minha agenda.

Alguma parte de mim deseja que nunca mais tenha que apagá-lo.

— Pronto – pego a carteira para pagar tudo, e como de costume, ele se nega. — Nada disso. Eu sempre fico de pagar a próxima e nunca pago. Essa é por mim.

Contra fatos não há argumentos, então contra sua vontade Daniel deixa que eu pague a conta. Levantamos juntos e seguro sua bolsa enquanto ele veste o casaco de neve em Hazel, que agora longe de seu colo parece menor ainda.

Sorrimos na porta sem saber como nos despedirmos, meu coração protestando de todas as formas, insistindo para que eu diga algo, para que faça-o ficar, para que aceite essa oportunidade do universo, me prometendo que dessa vez vai ser diferente.

Mas eu sei que não vai, por isso só aceno para os dois e digo um “até mais”, deixando que cada um de nós sigamos por caminhos diferentes.

Quando entro no carro e bato a porta, demoro para dar partida e sair da vaga, pensando em como as coisas não devem ser por puro acaso. Como pode ser? Estive pensando em Daniel há semanas, hoje mais que tudo, e por um simples cruzar de caminho, nos encontramos de novo, cinco anos depois, do modo mais aleatório possível.

Como das outras duas vezes.

Seguro a cabeça com as mãos, sentindo enfim o sentimento me acertar em cheio, como um soco no estômago. Não consigo parar de pensar em Anna, e no que ela faria. O que Louis estaria sentindo depois de um encontro desse? O que os dois fariam a seguir?

Estou prestes a enlouquecer, mas me chamo para a realidade, pois é só um livro. É isso que repito para mim durante todo o caminho de volta para casa: *é só um livro. Anna e Louis não existem. São personagens da cabeça de Daniel. Não existem, não existem...*

Passo pela porta de casa e começo a acender todas as luzes, na

esperança da angústia passar, mas só aumenta. Ando de um lado para o outro e não sei o que fazer. Meu coração diz que devo ligar para ele agora e dizer tudo o que sinto, que enfim nossa hora chegou, mas não consigo.

Não posso.

Não... Posso?

Pego o celular e aperto o número da discagem rápida. Preciso de um pouco de realidade, só isso... Só um pouco de realidade para voltar à razão e não fazer nenhuma besteira hoje.

O telefone toca várias vezes, até que é atendido e ouço uma falação horrível no fundo.

— Nina, estou em uma reunião, o que houve?

Respiro fundo, e recebo a dose de realidade errada que precisava no momento. Não sei quantas vezes ouvi essa maldita frase da boca dos homens que já amei.

— Fui à clínica hoje, Stev. Pegar os resultados do exame – espero que isso chame sua atenção e deixe de lado o trabalho somente uma vez. Por mim.

Tremo tanto que meu corpo inteiro parece que vai entrar em choque.

— E aí? O que deu? – Ele não se afasta da zoeira que ocorre no fundo, e mal consigo escutá-lo. Duvido que consiga me ouvir, também.

— Isso é importante, poderia se afastar só um pouco? – tento manter a paciência, mas estou por um fio, com os nervos e sentimentos à flor da pele.

Falta muito pouco para que a vontade que tenho de gritar me vença, crescendo em meu peito como um vulcão em erupção.

— Tá, espera um pouco – um segundo –, ei, preciso atender essa ligação, não fechem o negócio sem mim, volto em um minuto. – Três segundos, e enfim silêncio. — Pronto, pode falar. O que o médico disse?

— O exame mostrou que tenho ovário policístico. Meu corpo produz muito um tipo de hormônio que não deixa os óvulos ficarem maduros ou coisa do tipo...

— E o que isso quer dizer? Você não consegue engravidar?

— Consigo, talvez, com tratamento de fertilidade.

Silêncio.

— Ok, vamos fazer.

Silêncio.

— Fazer o que? – estou confusa.

— Vamos fazer o tratamento, ué – ouço alguém gritando algo de longe do outro lado da ligação. — EU JÁ VOU! – Steven grita de volta, e estremeço da cabeça aos pés, afastando o telefone do ouvido.

— Você não quer nem saber o que eu acho? Não acha que deveríamos conversar sobre?

Silêncio.

— Você quer ter um filho, não é? Para termos precisa fazer o tratamento. Então vamos fazer o tratamento.

O tom de impaciência em sua voz vai ficando mais claro, e percebo que não sou obrigada a aturar isso.

— Não, Steven. *Você* quer ter um filho, e cada dia que passa percebo o quanto *eu* não quero. Pelo menos não com você. Não quero criar uma criança sozinha. Não quero ter que largar minha carreira para virar mãe, porque você *nunca está em casa*. Nunca está para mim, quanto mais para uma criança. E estou de saco cheio de engolir sapos e seus desaforos e a mesma desculpa de sempre; “*esse é o meu trabalho, você quer que eu faça o quê?*”. — Agora estou chorando e soluçando enquanto jogo toda essa bomba de sentimentos em cima dele. — Bem, para começar, eu gostaria que você fosse um marido! Então, não, eu não quero! Não quero ser furada como um rato de laboratório, não quero que enfiem hormônios em mim até que saiam pelos meus ouvidos, não quero mais ter que passar *mais uma noite* sozinha nessa casa e não quero passar mais um dia casada com você!

O silêncio do outro lado agora é maior.

Posso sentir o choque do outro lado da linha.

— Em duas horas eu vou sair da reunião, voltar pra Londres, e a gente conversa, ok? Você está passando por muita coisa, entendo, mas não há necessidade disso. Temos nossos problemas, mas podemos resolver.

Não há necessidade disso...?

— Não podemos, não. Pois já estamos há mais de um ano tentando “resolver” as coisas. Então pode ficar na sua reunião e fechar quantos negócios quiser; não vou estar aqui quando você voltar.

— Nina, espera...

— Adeus, Steven.

Digo isso já na porta de casa e desligo o telefone antes que ele fale mais alguma coisa. Estou tomada por uma onda de adrenalina e choro sem perceber. Volto para o carro e ligo imediatamente para o número que acabei de salvar na agenda, saindo da garagem de ré sem pensar duas vezes.

Na segunda chamada, Daniel atende.

— Oi, estranha. Pensei que demoraria mais para ligar.

— Daniel, eu quero que você me escute, e escute com atenção; eu cansei de correr contra o destino. Cansei de lutar com o universo, que hora nos une, hora nos afasta. Cansei de jogar de acordo com a regra da vida e deixar tudo seguir seu fluxo normal. Isso acaba *hoje*, está me ouvindo? Acaba hoje, porque preciso pensar na minha felicidade e no meu futuro e no que quero para *mim*, e tudo isso envolve você. Te encontrar hoje não foi puro acaso. Estar pensando em você não foi puro acaso. *Nossa história não foi puro acaso*, e que se dane quem errou e quem acertou; eu te amo, e estou dirigindo feito uma louca para ir ao seu encontro agora. Você vem ou não?

Não há nem um segundo de hesitação;

— Aonde? Me diz o lugar que estou a caminho – ouço o arfar de sua respiração enquanto provavelmente corre.

Isso, isso sim é felicidade. Esse é o sentimento do qual venho tentando me lembrar o dia inteiro. Isso que faz meu peito explodir em milhares de sentimentos diferentes, que não me deixa acreditar que enfim isso está acontecendo, que o final de Louis e Anna será o mesmo que o nosso.

Dessa vez eu estava fazendo as escolhas, e eu escolhia Daniel.

— Tower Bridge. Sem dúvida – estou rindo e sorrindo e gargalhando, e ouço sua risada emocionada do outro lado, junto agora com o barulho do motor do carro.

— Fica comigo na linha. Não desliga, eu quero ouvir a sua voz. Quero saber que está indo ao meu encontro...

— Não vou a lugar nenhum – digo enfim, incapaz disfarçar o sorriso. — Não vou a lugar nenhum, *nunca mais*.

Sigo em alta velocidade pela Grosvenor Road e já posso ver a Vauxhall Bridge se aproximar a minha direita.

— Vou passar pela Vauxhall Bridge agora. Dez minutos estou aí.

— Já estou na New Kent... Mal posso esperar para te ver... Eu te amo tanto... Por que demoramos tanto tempo para encararmos isso?

— Eu não sei! Somos dois completos idi... – noto um segundo tarde demais que o sinal do cruzamento da ponte está fechado, e ultrapasso.

Levo o pé ao freio, mas a pista está escorregadia demais por causa da neve, e me vejo ser jogada contra o volante, depois para trás, para o lado, e estou girando no ar em câmera lenta.

E a última coisa que consigo pensar antes de tudo virar escuridão, é: *“somos dois completos idiotas por perdermos tanto tempo”*.



“Querido Daniel,

Acabei de ler seu livro, “Two Hearts Apart”, e não consigo parar de sentir inveja da Anna por ter conseguido seu final feliz, mesmo depois de tanta coisa ter dado errado. É normal esperar a calmaria depois da tempestade? Se sim, por que parece que estamos vivendo um furacão há doze anos?

E quando a calmaria vai chegar?

Tenho pensado muito em você ultimamente. Pensando no que fomos, no que deixamos de ser, no que poderíamos ter sido, e não deixo de achar que a vida é injusta até nos melhores momentos. Sim, fomos felizes, mesmo que em um curto espaço de tempo, vivemos nosso romance até o último segundo, mas será que foi o suficiente? Por que meu coração ainda sangra e chora e está em um eterno purgatório por não te ter do jeito que quero?

Isso um dia vai ter fim?

Se tivesse a oportunidade de te ver de novo, diria que você foi a melhor coisa que me aconteceu. Não me arrependo de nada que fiz na vida – ok, talvez ter te deixado ir, DUAS VEZES! – mas o que é a vida além de uma sequência de erros que nos levam ao acerto? Nesse caso, ainda não cheguei ao acerto, mas espero um dia conseguir.

Se tivesse a oportunidade de dizer minhas últimas palavras, elas seriam: eu te amo e fica comigo para sempre? Porque não aguento mais viver nesse eterno sofrimento de você continuar indo, e eu continuar ficando, assistindo enquanto leva pedaços de mim com você. Por que como diz um dos meus autores brasileiros preferidos, “Daqui a 50 anos eu ainda vou saber seu nome e vou me lembrar de todas as vezes que você me fez sorrir. Na minha memória, tão congestionada – e no meu coração – tão cheio de marcas e poços – você ocupa um dos lugares mais bonitos.”

Você cresceu em mim de uma forma única, e habita até hoje. Gostaria de dizer o quanto te amo, e o quanto viverá em mim para sempre.

E caso tenhamos a chance de nos encontrarmos novamente, prometo que não deixarei de dizer essas coisas. Prometo que se a vida nos juntar, será para sempre.

*Com amor,
Sua Nina.”*

Volto a dobrar as páginas do jeito que estavam quando me entregaram, e observo meu nome na face da folha, com sua letra cursiva e delicada.

Daniel

Quase consigo ouvi-la dizer isso agora, mas só há o silêncio.

Silêncio.

Isso é tudo o que ouço desde que a ligação caiu no meio de sua

frase. Penso que nunca poderei saber o final dela. Penso que nunca mais poderei ouvir seus lábios pronunciarem meu nome de novo

E dizer o quanto me ama.

Encaro a neve cair pela janela, e sinto que não posso aguentar mais isso. Não posso acreditar que esperamos uma vida inteira para aceitarmos nosso destino, e *isso* acontecer.

Seco as lágrimas que se recusam a ficarem nos olhos, e volto a sentar na cadeira desconfortável ao seu lado. Cubro o rosto com as mãos e tento parecer firme. Os bipes dos aparelhos são os únicos sons desse quarto silencioso, e meu coração se estilhaça cada vez que olho para ela.

O rosto antes perfeito e angelical está coberto por hematomas e sangue preso, junto com um corte profundo na sobrancelha esquerda até a têmpora, agora suturado. Há tantos tubos saindo de seu corpo que não sei para que serve metade deles. Perna direita engessada e um curativo enorme no meio do peito, decorrente da cirurgia de emergência para parar a hemorragia interna.

— As próximas horas serão cruciais – disse Emma. — É importante que ela acorde da anestesia. Seu corpo passou por muito trauma, e tivemos algumas complicações na cirurgia, mas tudo ocorreu bem. Agora ela precisa acordar. Nina precisa lutar por ela mesma.

E é por isso que estou aqui. Pego sua mão – tão gelada, tão pequena – e levo aos lábios, soprando para esquentá-las. Seus pés são gelados assim, não suas mãos. Elas não podem ficar geladas...

— Nina, me escute – digo, e quase não sai nada além de uma voz estilhaçada. — Eu preciso que você fique. Preciso que fique por mim, por nós. A nossa história não termina aqui. Não posso dizer adeus a você agora, não com seus trinta e dois anos, está me ouvindo? Você tem uma vida inteira pela frente, uma vida inteira *ao meu lado*. Vamos morrer de mãos dadas, um ao lado do outro, de velhice, enrugados e cheio de netos, ok? Vamos ter dias maravilhosos e nada mais vai nos separar, porque doze anos já foi o suficiente para provar que não pertencemos a nenhum outro lugar, além do lado um do outro. Então, por favor... – perco o controle, e volto a chorar com o peito aberto que sangra e se desfaz e despedaça para todos os lados. Encosto a testa em

sua mão, e só consigo repetir “*por favor, fique. Fique, eu amo você. Fique, por favor, por favor, por favor, por favor, fique.*”

Devo estar à beira da loucura, pois estou aqui há quase vinte e quatro horas, e acho que pirei de verdade quando sinto um espasmo de leve em sua mão.

Ergo a cabeça de imediato e encaro os aparelhos a procura de algum sinal, mas tudo está igual. Volto a encarar sua mão pequena, ainda na minha, e então não estou sonhando

Nem alucinando

Nem ficando louco

Porque Nina tenta de novo, e sua mão responde ao meu toque, agora um pouco mais forte.

E estou chorando

E sorrindo

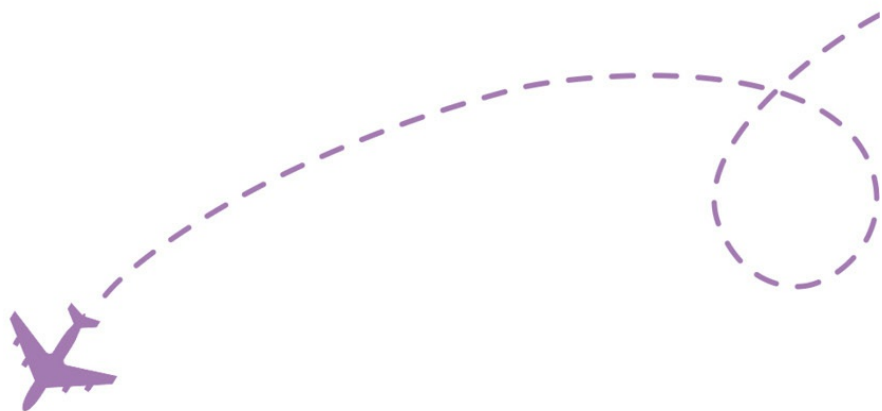
E me levantando e segurando seu rosto com delicadeza entre todos os hematomas

Porque seus olhos estão semiabertos, e entre tanta dor e dificuldade, ela diz:

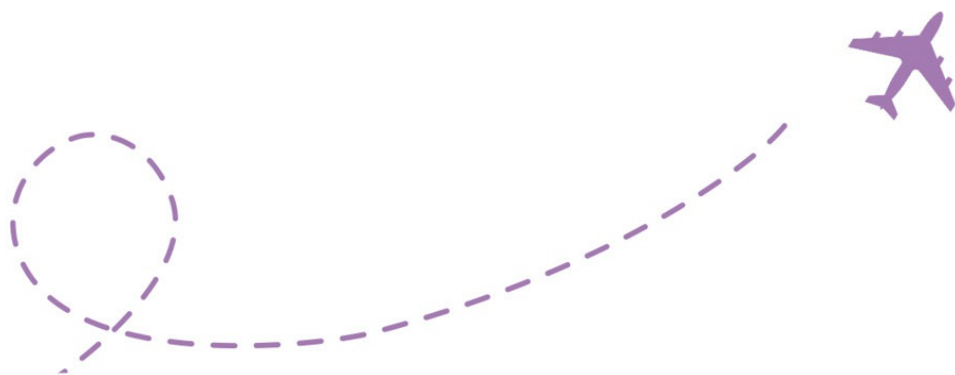
— Eu não vou a lugar nenhum.

1 Avelã, em inglês.

2 Dois Corações Separados



Junho
2012



— Tudo bem. — Daniel encosta sua testa na minha de novo, me envolvendo em seus braços. Só então noto que tremo levemente, não sabendo se é de frio.

— Vamos viver um dia de cada vez, ok? Quando você quiser, a gente conversa sobre isso.

Assinto, enterrando o rosto em seu peito enquanto cruzo os braços em suas costas largas, querendo gravar cada segundo com riqueza de detalhes.

— Vem, dance comigo.

Rio sem achar graça nenhuma enquanto Daniel me afasta da grade, mantendo-me junto ao seu corpo.

— Não, estamos em público.

— Esquece eles. Dance comigo e finja que o mundo não existe.

Indo contra toda minha timidez, faço exatamente o que ele pede. Fechos os olhos, repouso a cabeça em seu peito e deixo que me balance de um lado para o outro ao som do violino, quase não tirando os pés do chão.

E esse é o exato momento em que me dou conta de que não há mais volta.

teie por algo que não existe. Eu e Clair deixamos de existir há muito tempo. Espero que entenda que agora só quero que exista eu e você.

Há a promessa do amor, mesmo que não dita. Há a promessa do para sempre, mesmo sendo uma ilusão. Há o tempo correndo contra nós, não ao nosso favor. Há nossa caminhada conjunta, de mãos dadas, para o abismo que é o fim inevitável de apenas algumas semanas que delimita o agora e o nunca.

Mas não quero pensar nisso agora, mesmo sabendo que me arrependerei de não ter prevenido toda a dor que está por vir.

Nesse momento, só quero que exista eu e ele.

morte em meus lábios.

— Depende. Do prazo da matrícula, se conseguimos adiar a passagem alguns dias... Depende. — Sua mão ainda acaricia meu cabelo, um leve lembrete de que ainda está aqui. — Mas não precisamos ver isso agora, ok? Amanhã começamos a pensar nisso.

Amanhã.

A palavra nunca pareceu tão incerta para mim.

— Está sim. Isso não é um adeus, lembra?

— É um até logo – repito sua frase, fechando os olhos na tentativa de me apegar ao sentido dela.

— Isso. Logo nos veremos de novo.

Assinto e encosto sua testa na minha, fechando os olhos por cinco segundos, tentando fazer com que essa realidade e sua calma me alcancem.

— No três? – Dan sussurra, e eu assinto. — Um...

— Dois... – estou sufocando.

— Três...

Ele me dá o último beijo,

E estou morrendo,

Pego minha mala de mão,

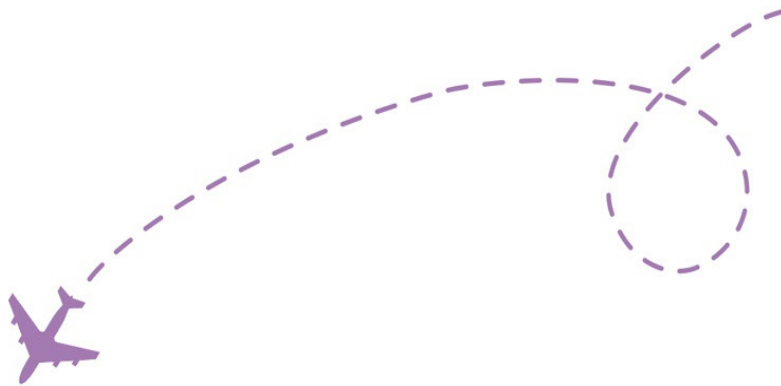
Não quero ir embora,

Viro as costas para a pessoa mais incrível que conheci,

E acho que nunca mais o verei de novo,

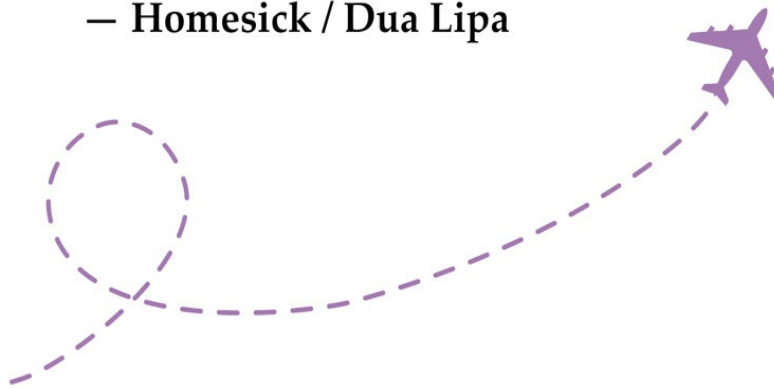
E entro na área de embarque sem olhar para trás,

E agora não tem mais volta.



*You give me a reason
Something to believe in
I know, I know, I know
You give me a meaning
Something I can breathe in
I know, I know, I know
It's a bittersweet feeling
Longing and I'm leaving
I go, I go, I go
But I wish I was there with you
Oh, I wish I was there with you*

— Homesick / Dua Lipa



Pelo que entendi você gostaria de transferir a sua graduação para outro país, correto?

Nesse caso, infelizmente, o Escritório de Relações Internacionais da universidade não consegue te ajudar. Nossa atribuição se restringe apenas para transferência acadêmica do tipo Intercâmbio “sanduíche”. Você teria que atender aos requisitos da *Kings College London* ou qualquer outra universidade de destino, sem qualquer interferência da ERI.

Caso tenha interesse no Intercâmbio, pedimos que fique de olho em nosso site, pois os editais são lançados no final do ano, para ser atendido para o próximo período letivo, no caso, 2013.1.

Já voltamos ao funcionamento, caso precise tirar alguma dúvida pessoalmente.

Espero ter ajudado.

Att,
Diretoria.

e planos de trabalhar na televisão. Por isso sempre que tenho a chance, faço piada sobre seu futuro trabalho, e aparentemente ela não gosta da ideia de ser a garota do tempo, pois passa os próximos três segundos me xingando de todos os nomes.

— Você me respeita! — finaliza, enfim, caprichando no drama ao jogar o cabelo para trás mais uma vez.

Eu amo essa garota.

— Como estão as coisas com o enferrujado?

— Ah, estão bem. Levamos um banho de água fria sobre a transferência, como te disse. Esse intercâmbio “sanduíche” é legal, pois posso fazer até dois semestres do curso lá, mas tenho que cursar o primeiro e o último semestre aqui.

— Mas vocês estão conseguindo lidar com a distância?

— E quais opções temos? — solto um suspiro pesado. — Semana que vem faz dois meses que voltei e nós conversamos, nos vemos com regularidade, mas não é a mesma coisa. Ainda sinto

Elijah acabou de me confirmar 04:05

Parece que os peixes grandes estão agora na sala da diretoria conversando os detalhes 04:06

Se for verdade, não sei se vou querer ficar 04:06

Você está sempre me dizendo para fazer o que gosto, sair desse emprego medíocre e procurar algo na minha área, e acho que é isso mesmo que vou fazer 04:06

Jack e Martin estão com um projeto de investimento e estavam conversando comigo sobre 04:07

Tenho um dinheiro guardado e se fizer acordo com a nova empresa que comprar a instituição de ser mandado embora, pego o dinheiro do seguro e invisto com eles 04:07

O que você acha? 04:07

Eu: Oi, amor 07:42

Bom dia 07:42

Jesus, quanta mensagem 07:42

Espera, vou ler todas e responder
07:42

Então... 13:36

Nina Benevenuto Marques... 13:37

Eu comprei passagens para passar as festas de fim de ano com você 13:37

Eu: VOCÊ O QUE? 13:37

Daniel: Sim, vou dia 21 de dezembro e volto dia 4 de janeiro 13:37

Eu: AAAAAAAAAAAAAA
AAAAAAAAAAAAAAH 13:37

Daniel: É pouco tempo, eu sei 13:37

Eu: AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA
AAAAAAAAAAAAAAH 13:37

Daniel: Mas o Eye Route vai ser lançado no final do mês 13:38

Então vou precisar estar aqui para todos os tramites 13:38

Eu: NÃO ME IMPORTO 13:38
Pelo menos eu vou te ver! 13:38
Pensei que todos as indiretas que joguei não serviriam de nada! 13:38

no último mês por causa do Eye
Route 13:10
Acho que me levar com ele para
passar
as 3 semanas foi o jeito de se redi-
mir 13:10
Espero que não me arrependa 13:10

Chels: E por que se arrependeria? 13:12

Eu: Exatamente pelos motivos que
citei acima 13:12
Ele anda muito ocupado 13:12
O app vai ser lançado oficialmente
semana que vem 13:12
Vai ser um mês intenso 13:13
Não sei se ter que dar atenção para
a namorada 13:13
que você não vê em 5 meses é o
ideal 13:13
quando seu futuro depende de um
investimento 13:13
tão grande dar certo 13:13

Chels: Entendo... 13:14

Bem, a vida é feita de sacrifícios 13:14

E vocês sabem bem disso 13:14

6 Jan 2013

Chels: UAAAL 19:42

E esse casalzão???? 19:42

Que foto linda, Nina! 19:42

Como está a festa de lançamento? 19:42

Eu: Está melhor do que eu imaginava 19:45

É coisa pequena, mais para a mídia, mesmo 19:45

Tem uma equipe do The Times aqui 19:45

Não tô nem acreditando 19:45

Chels: Amiga, acho que você estará casada com um multimilionário em breve 19:47

Não se esqueça dos pobres, por favor 19:47

Eu: hahahaha 19:50

Que nada 19:50

Tem muita coisa para rolar, ainda 19:50

Estou feliz o suficiente por Emma

Siau com a data sim 03:27
Utima secta de carnaval 03:27
São 3h da manhã aqui então voxe
deve ta indo trabalha 03:28
Eu vou dormir 03:28
Ainda tô bêbada 03:28
Bjs 03:28

Daniel: Você ficou das 14h às 3h da
manhã na rua, Nina? 04:02
Espero que não tenha feito nada que
vá se arrepender mais tarde 04:02

Eu: Oi 12:21
Sim, cheguei 3h em casa, mas antes
disso passei na casa da Sara pra to-
mar banho 12:21
E a única coisa que me arrependo
de ter feito
foi ter vomitado no taxi 12:26
Mas não era isso que você esperava,
né? 12:26

Daniel: Só esperava que você não
me deixasse preocupado 12:28

Eu: Como das vezes que você fica

mora a responder 18:20

Chels: Coragem, mesmo 18:21

Passei de não confiar em homem branco

para não confiar em homem nenhum
18:21

Eu: Ah, mas aquele Rick era um
idiota, mesmo 18:22

Não desista do amor, amiga 18:22

Uma hora dá certo 18:22

Chels: Estou de férias do amor 18:22

Agora quero focar no meu estágio na
rádio e me formar 18:23

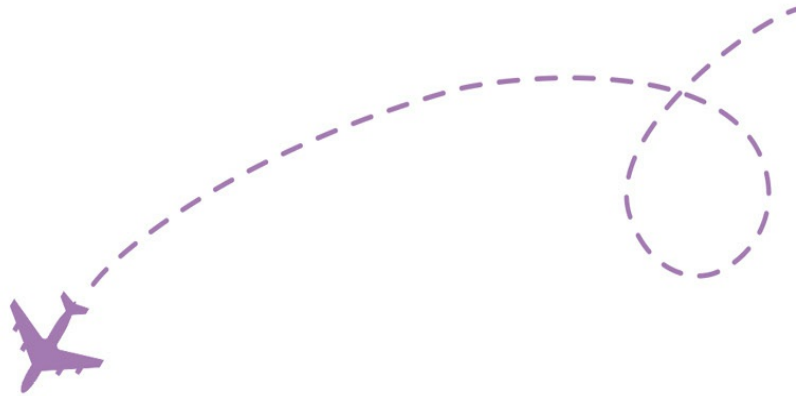
Eu: Está gostando da experiência?
18:23

Chels: Não é a televisão 18:23

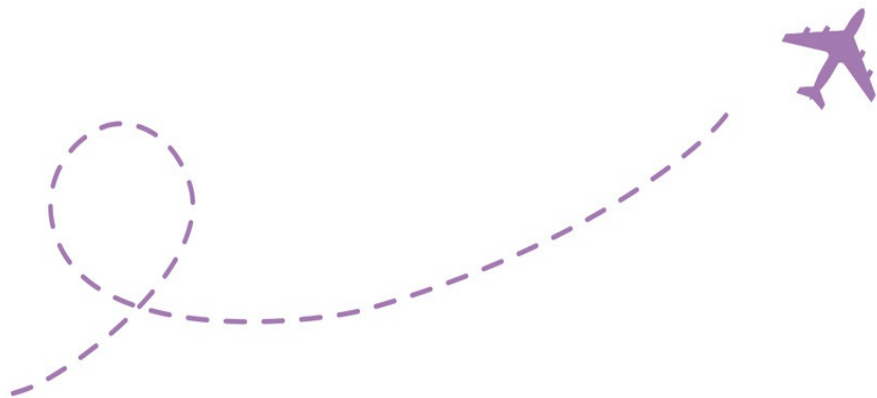
Mas temos que começar de algum lugar, né 18:23

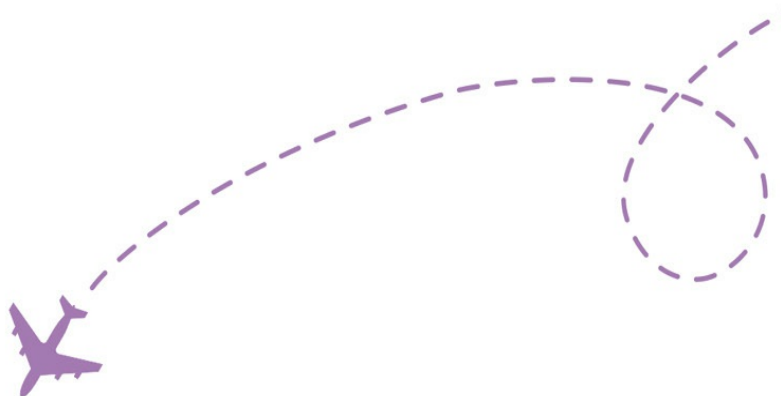
Até que estou gostando 18:24

Dando o meu melhor para ser efetivada
18:24

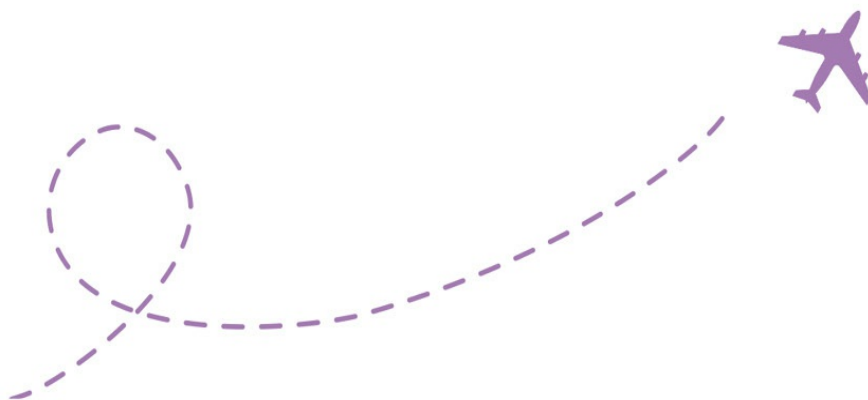


Abril
2013





Maio
2013



10 Mai 2013

Eu: Obrigada pelas flores 07:38
E pela cesta de café da manhã 07:38
Esperto da sua parte deixar uma
carta que foi
escrita em janeiro com a minha mãe
para que me entregasse só hoje 07:38
É bem do feitio dela esconder cartas
por muito tempo hahahaha 07:38

Daniel: Ah, então você recebeu tudo
07:45

Graças a deus 07:45

Estava preocupado de dar alguma coisa
errada 07:45

Sendo assim 07:45

FELIZ ANIVERSÁRIO! 07:45

Quando escrevi essa carta em janeiro
não tínhamos passado nem por metade
das coisas que passamos desde que Eye
Route foi lançada, mas como bem men-
cionei, as coisas não serão fáceis, mas
valerão a pena 07:48

Sinto muito não estar aí para te presen-
tear e te encher de beijos nesse dia tão
especial 07:48

Escócia seja uma boa experiência para você. Mas não há mais lugar para mim, Dan...

Ele engole em seco, o primeiro sinal em um ano de que é capaz de chorar.

— Você tem certeza disso?

Essa dor que sinto

— Não — *deve ser a dor* — Mas não vejo mais espaço para mim na sua vida — *de um coração partido*.

Agora eu entendo

— Vamos, cara! O carro está esperando! — A pessoa fantasma diz e Dan respira fundo passando a mão nos olhos para afastar qualquer vestígio de emoção.

— Posso te ligar mais tarde?

O sentido da palavra “coração partido”

— Tá.

Ele parece contrariado de ter que ir logo agora, mas assente.

— Preciso ir. Vou te ligar!

Porque dói tanto que parece que seu coração realmente abriu em dois e sangra sem parar.

Daniel Wolf encerrou a chamada



25 Jun 2013

Daniel Wolf

4 Ligações Perdidas

Daniel: Nina, podemos conversar? 15:26

Pode me atender, por favor? 15:26

Eu: Não estou em condições de falar agora 19:30

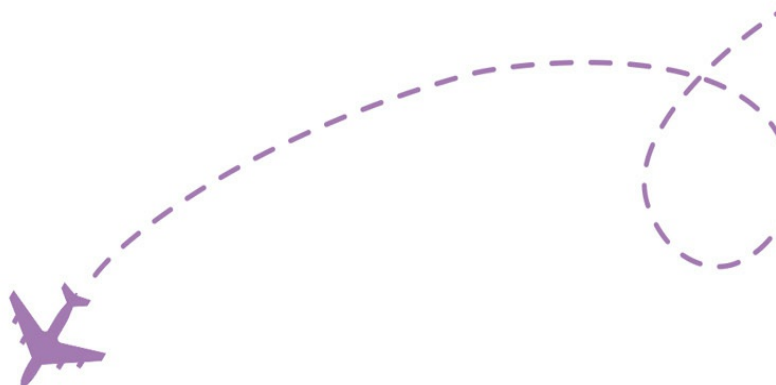
Mas você não ter ligado ontem quando disse que ligaria só confirmou todo meu ponto de vista 19:30

Daniel: Me desculpe! 19:31

As coisas saíram do controle, eu sei 19:31

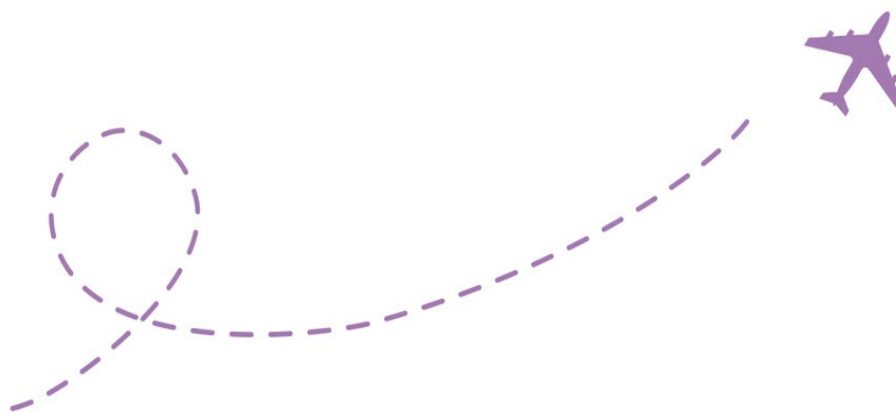
Mas eu posso dar um jeito 19:31

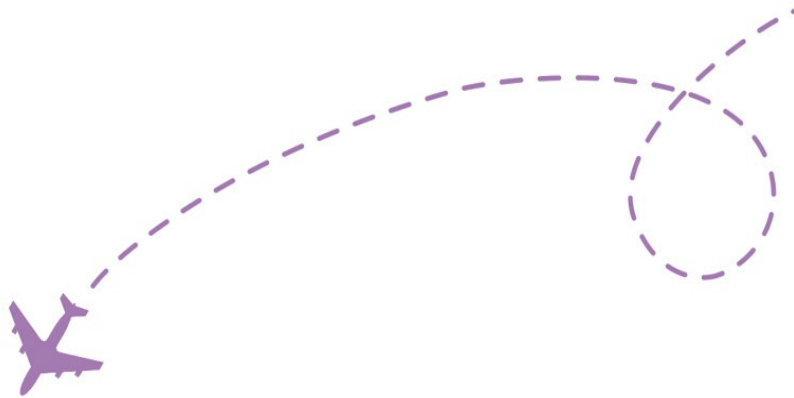
Eu: Não 19:33



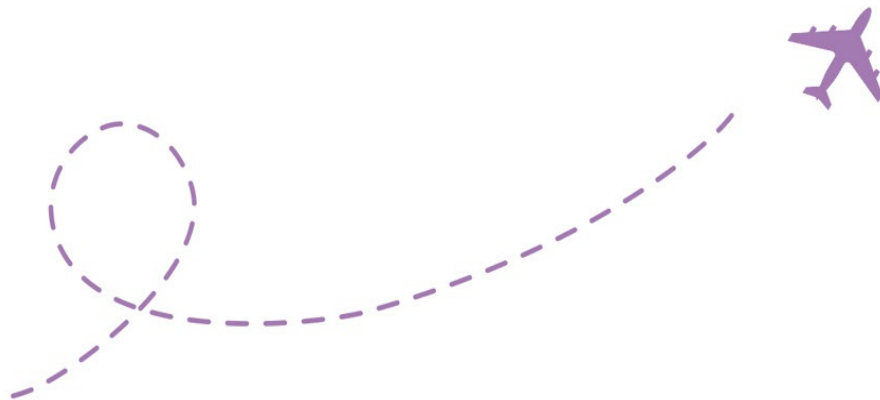
Julho

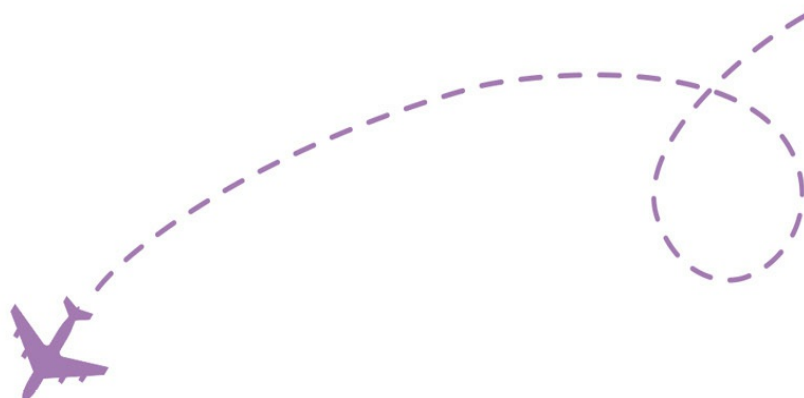
2013



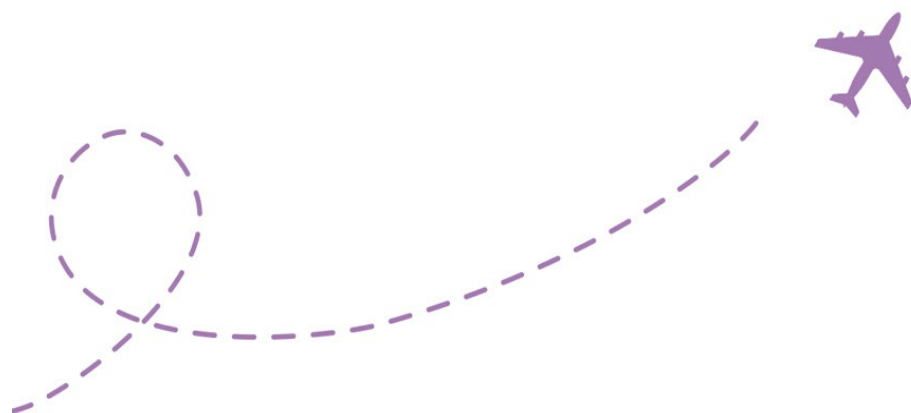


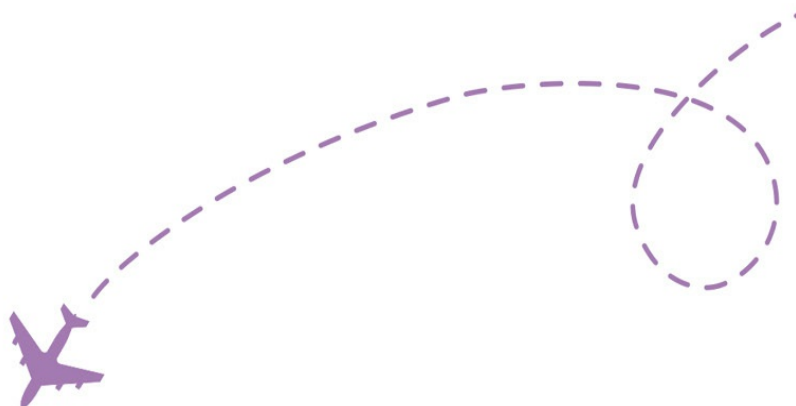
Agosto
2013



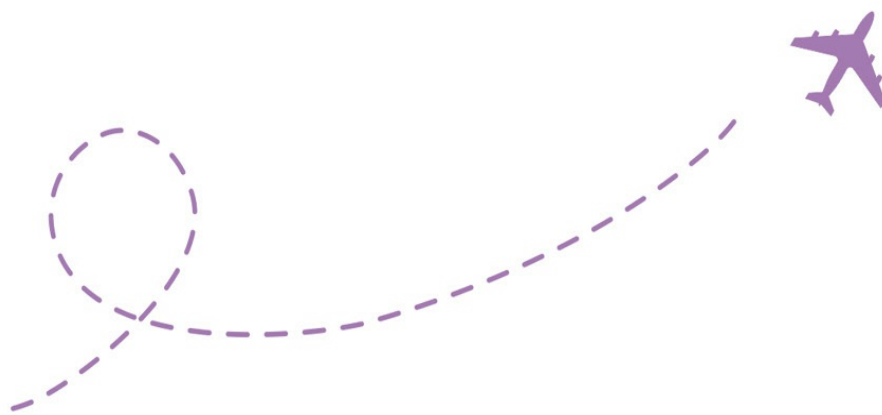


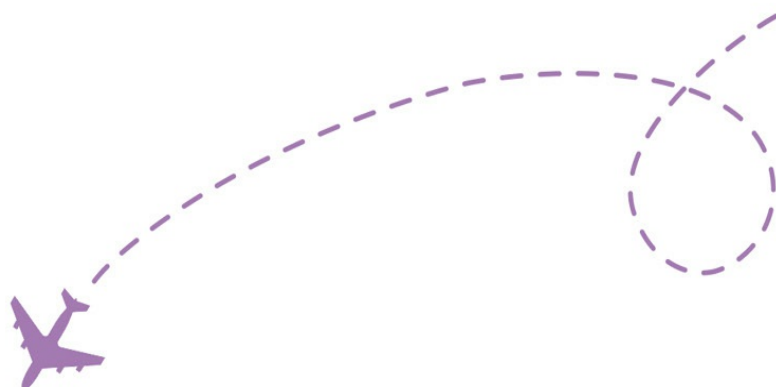
Setembro
2013





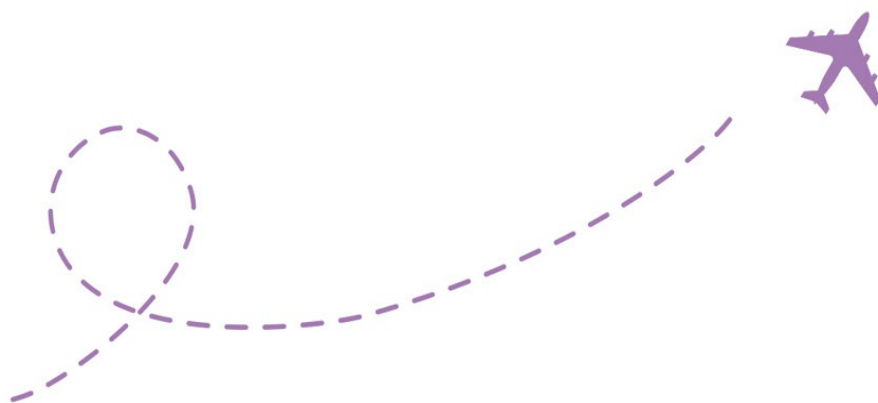
Outubro
2013

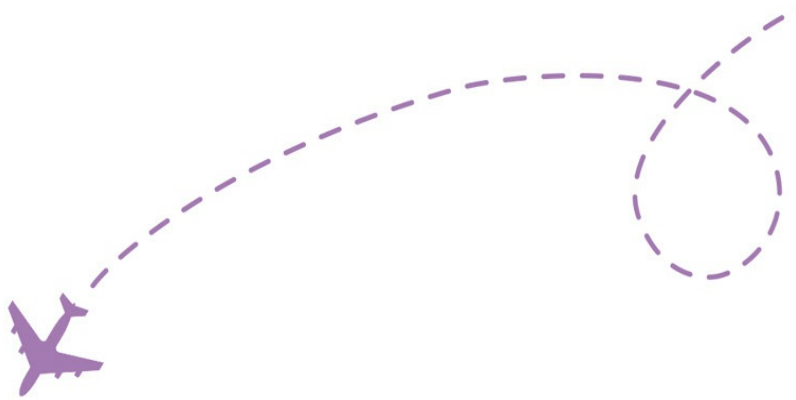




Dezembro

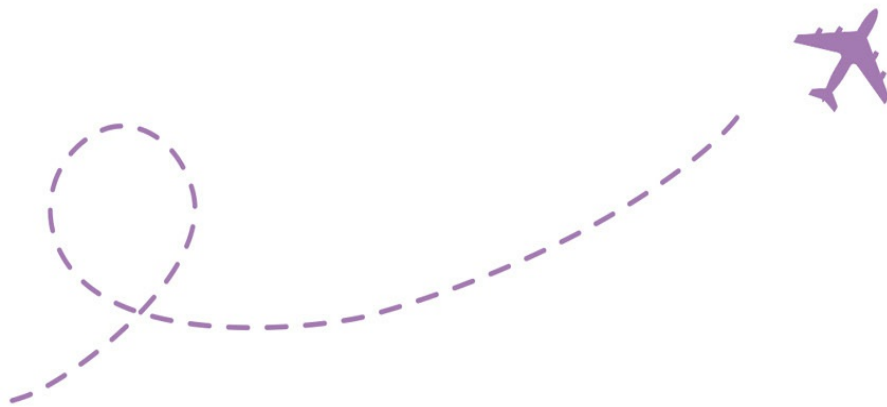
2013

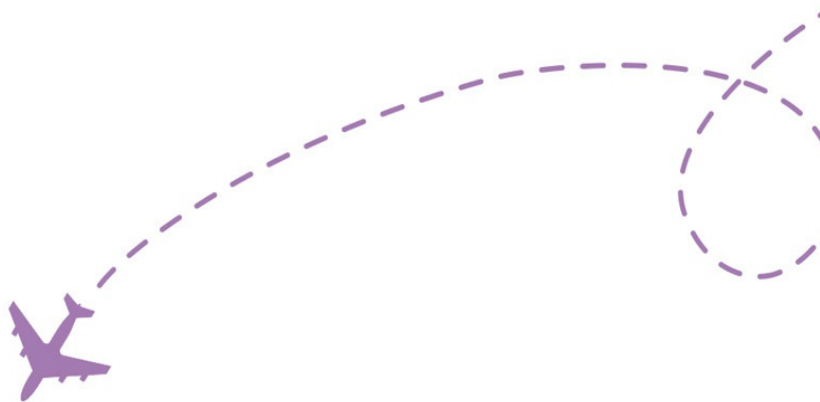




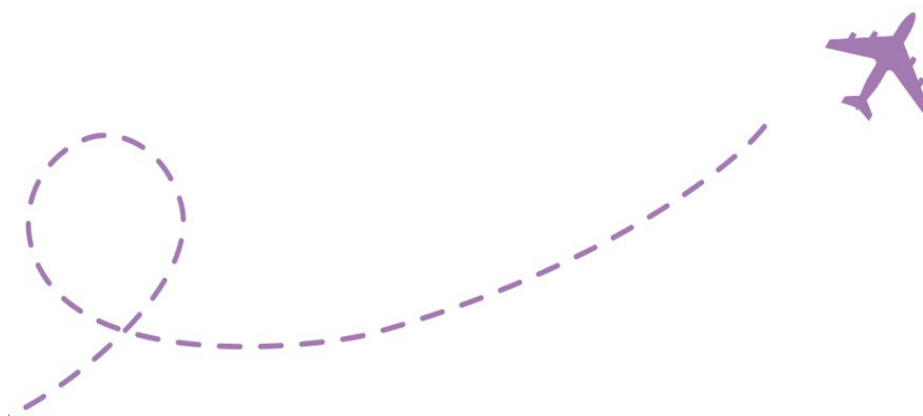
Marco

2014





Junho
2014



Editora HOJE <rh@editorahoje.com.br>
para mim
Qua, 10 Jun 2015

Bom dia, Nina.

Não esquece de passar no RH amanhã para podermos ir na contabilidade assinar sua efetivação.

Seja bem-vinda, oficialmente, à família HOJE!

Att,
Eloisa Sá
Recursos Humanos
Editora HOJE.

de esperança que eu tinha de ter um final feliz com Daniel e acabar com esse drama que vivo há tanto tempo.

Mas se é mentira, por que ele não me ligou? Por que desligou o celular? Por que não me responde?

Preciso de respostas e preciso de alguma confirmação para esse pesadelo terrível que parece não ter fim. Me sinto exausta – fisicamente e emocionalmente – ao sentir o gosto amargo da decepção e da derrota e da infelicidade que agora parece tão familiar.

Parece que já passei por isso tudo antes. *E já passei* por tudo isso antes, e estou *cansada*.

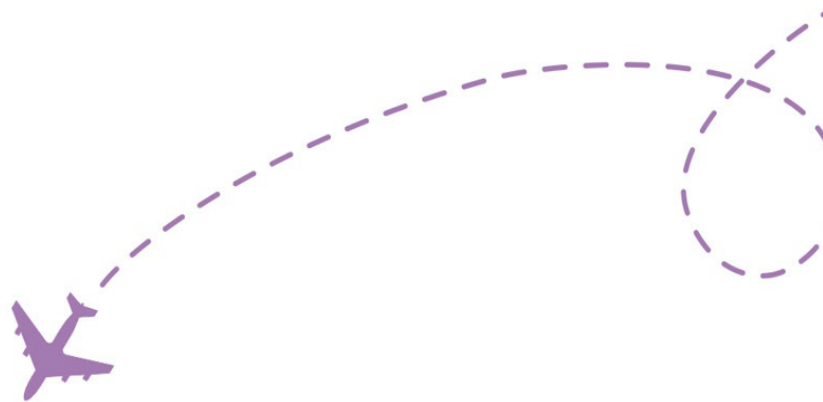
Uso o pouco de forças que ainda tenho para ficar de joelhos e alcançar o celular que foi parar longe ao cair da minha mão. Tremo e soluço de forma patética, e a fraqueza e coragem e *falta de vergonha na cara* que tenho de abrir nossa conversa e digitar uma série de mensagens me deixa furiosa.

Eu: Isso é mentira, não é? 19:47
Diz pra mim que é mentira 19:47

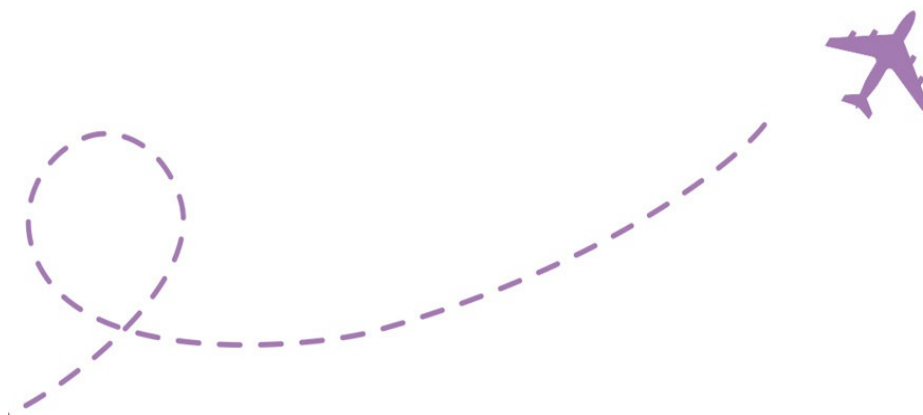


3 Mar 2018

Daniel: Vi sua publicação no Facebook
Sobre o sepultamento do seu pai
Você não sabe como eu gostaria de te
abraçar agora
E dizer que vai ficar tudo bem, mesmo
não tendo certeza disso
Sei que é muita coisa para assimilar
E entendo que não queria falar comigo
agora
Por isso vou te dar espaço
Mas saiba que precisamos conversar
Eu ainda não sei o que fazer
Quando estiver pronta, por favor, me
ligue



Julho
2018



Daniel Wolf <danieltwolf@imail.com.uk>

para Nina Marques

Qui 12 Julh 2018

Eu sei que você não quer mais falar comigo.

Sei que decidiu seguir em frente, talvez achando que fez o melhor para mim ao me dar a escolha que pensou ser mais fácil. Ao pensar que saindo da minha vida eu deixaria de te amar.

Mas você está errada, Nina.

Não só não deixei de te amar, como acho que nunca deixarei.

Não sei se terei coragem de enviar esse e-mail que escrevo no meio da madrugada, mas acho que é o único jeito que tenho de tirar isso da cabeça. Não consigo parar de pensar em como as coisas poderiam ter sido diferentes se eu soubesse disso antes – se ao menos pudesse não ter sido idiota o suficiente para não suspeitar – mas consegui arrancar de Clair a verdade. Não sabia que um ser como ela era capaz de sentir culpa, mas acho que a gravidez

avós, e odiaria tirar isso deles. Não sei nem se devo me sentir culpado por ter gerado sentimento e carinho por uma criança que nem nasceu ainda.

É uma menina.

E eu vou amá-la e protegê-la como se fosse minha.

E mesmo eu odiando Clair, sentamos e planejamos o futuro dela. Não somos mais um casal, se é que um dia chegamos a ser isso. O apartamento vai ficar com ela, vou arrumar outro lugar para ficar. Darei entrada no divórcio na semana que vem, e ninguém precisa saber. Quando o bebê nascer, ficarei com elas por alguns meses. Concordamos que a criança precisa ter a presença paterna, pelo menos no primeiro ano. Acho que cuidar, proteger e prover para essa criança é a única coisa que concordamos na vida.

E não deixo de pensar em você nem por um segundo sequer.

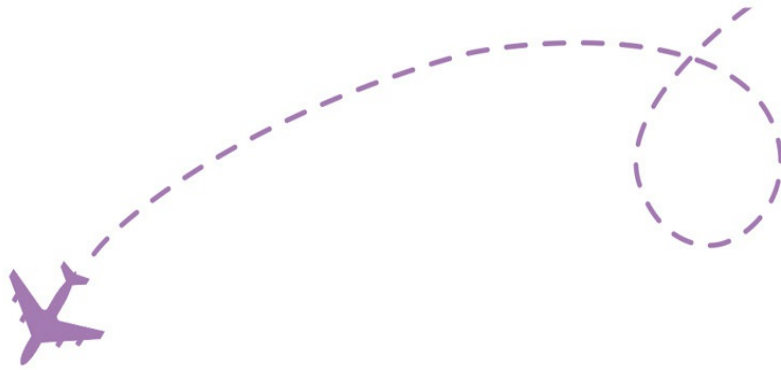
Não deixo de pensar que poderíamos ter ficado juntos.

Não deixo de querer arrumar alguma desculpa para aparecer na editora e

junto com seus familiares

CHELSEA GRAY
&
OLIVER JONES

*Têm o prazer de convidá-los para seu
casamento que acontecerá no sábado,
dia 6 de abril de 2019, às 14 horas no
Salão Pompadour do Hotel Café Royal.
A cerimônia e recepção se darão no mesmo local*



Abril
2019

